

O EVANGELHO DE
Sri Ramakrishna

por M.



volume III

O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por

M. (Mahendranath Gupta)
(*Um discípulo direto de Sri Ramakrishna*)

Original em Bengali

Traduzido para o inglês por
Swami Nikhilananda

Vol. III

Traduzido do inglês por
Leda Marina Bevilacqua Leal

2004

“Translated from *The Gospel of Shri Ramakrishna*, as translated into English by Swami Nikhilananda and published by the Ramakrishna-Vivekananda Center of New York. U. S. Copyright, 1942, Swami Nikhilananda.”

O Evangelho de Shhri Ramakrishna é uma tradução literal para o português da edição de 1979 do *The Gospel of Sri Ramakrishna*, traduzido do bengali pelo Ramakrishna-Vivekananda Center de New York, U. S. Copyright 1942, Swami Nikhilananda.

A presente tradução foi feita com autorização formal do Ramakrishna-Vivekananda Center of New York, a quem agradecemos a oportunidade de tornar acessível a todos os leitores da língua portuguesa, essa obra monumental, que retrata a mensagem espiritual desse grande Ser que em vida, foi a Encarnação do Puro Amor e Pura Espiritualidade.

Leda

Todos os direitos reservados.

Segunda edição revisada

CAPÍTULO XXXVI

O ANIVERSÁRIO DO MESTRE

Domingo, 22 de fevereiro de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado na varanda nordeste de seu quarto em Dakshineswar. Eram mais ou menos oito horas da manhã. Muitos devotos, entre eles Narendra, Rakhal, Girish, Baburam e Surendra estavam presentes. Celebravam o aniversário do Mestre, que havia ocorrido na segunda-feira anterior. M. chegou saudando-o. O Mestre fez-lhe um sinal para que se sentasse próximo a ele.

Narottam cantava o kirtan. Shri Ramakrishna estava em êxtase parcial. O tema era o encontro de Krishna no campo com Seus amigos pastores. Krishna ainda não havia chegado e os pastores estavam ansiosos por Ele. Um deles disse que Mãe Yashoda havia impedido Krishna de vir. Com voz decidida, Balai disse que traria Krishna com o som de seu chifre. O amor de Balai por Krishna não conhecia limites. A música prosseguia. Os pastores e pastoras ouviam a flauta de Krishna e foram tomados de emoção espiritual.

Subitamente os olhos de Shri Ramakrishna caíram em Narendra, que estava sentado muito perto dele. Pôs-se de pé e entrou em samadhi; permaneceu ali tocando o joelho de Narendra com o pé. Retomando a consciência, sentou-se novamente. Narendra saiu do quarto. A música continuava.

Shri Ramakrishna murmurou a Baburam: “Há kshir no quarto. Dê um pouco a Narendra.”

Será que o Mestre via Narendra como a personificação de Deus?

Depois do kirtan, Shri Ramakrishna voltou para o quarto. Afetuosamente começou a dar doces a Narendra.

Girish acreditava que o Próprio Deus havia nascido na pessoa de Shri Ramakrishna.

Girish (*ao Mestre*): “Suas atitudes são as mesmas de Krishna. Ele também ocultava muitas coisas de Sua mãe Yashoda.”

Mestre: “Verdade. Isto porque Krishna era uma Encarnação de Deus. Quando Deus nasce como homem, age assim. Veja, Krishna levantou com facilidade o monte Govardhan com a mão, mas fez Nanda acreditar que Ele achasse pesado carregar um banquinho.”

Girish: “Sim, senhor; agora entendo.”

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Eram mais ou menos onze horas. Ram e outros devotos queriam vesti-lo com roupa nova. O Mestre disse, “Não, não”. Apondo para um homem educado à inglesa, disse, “O que ele vai dizer?” Ao pedido sincero dos devotos disse, “Bem, já que insistem, terei de concordar.”

Os devotos preparavam a comida do Mestre no quarto. Pediu a Narendra que cantasse, o que ele fez.

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa escura caverna de montanha.
No colo do escuro infinito, nas grandes ondas de Mahanirvana.
A paz flui serena e inesgotável.
Tomando a forma do vazio, agasalhada no manto da escuridão.
Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?
Do Lótus de Teus Pés que afugentam o medo, brilham Teus raios de amor;
O Rosto de Teu Espírito resplandece com uma gargalhada terrível e estrondosa!

Quando Narendra cantou o verso, “Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?” Shri Ramakrishna entrou em samadhi profundo e perdeu toda a consciência exterior. Depois de muito tempo, quando estava retomando consciência parcial, os devotos sentaram-se no tapete e colocaram um prato de comida defronte dele. Ainda tomado de emoção divina começou a comer arroz com a mão. Disse a Bhavanath. “Dê-me comida”. Devido

a seu êxtase, Não podia usar a mão direita. Bhavanath começou a alimentá-lo. Shri Ramakrishna não podia comer muito. Ram disse-lhe: “Nityagopal comerá de seu prato”.

Mestre: “Por que de meu prato? Por que?”

Ram: “Por que não?”

Nityagopal também estava em êxtase. O Mestre colocou um pouco de comida em sua boca.

Alguns devotos de Konnagar chegaram de barco. Entraram no quarto de Shri Ramakrishna, cantando o kirtan; em seguida saíram para fazer uma refeição ligeira. Narottam estava no quarto. O Mestre disse-lhe e aos outros devotos: “A música dos devotos de Konnagar estava insípida. A música deve ser tão viva que faça todos dançar. Deve-se cantar assim:

Veja Nadia tremendo
Sob as ondas do amor de Gauranga!

E com ela, estes versos:

Olhem que chegaram os dois irmãos¹ que choram ao cantar o nome de Hari.
Os irmãos que, em troca das agressões que recebem, dão aos pecadores o amor de Hari. ...

E esses também:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!
Ouvi falar de quão bondosos vocês são,
E portanto, vim vê-los. ...”

Os devotos comiam prasad. Era uma festa suntuosa. Shri Ramakrishna perguntou a M.: “Você não convidou os Mukherjis? Peça a Surendra para dar de comer aos músicos.”

Bepin Sarkar chegou. Os devotos apresentaram-no ao Mestre. Shri Ramakrishna sentou-se e disse aos devotos. “Façam-no sentar e dêem-lhe folhas de betel.” Disse humildemente a Bepin: “Sinto muito não poder conversar com o senhor. Há muita gente hoje.”

Apontando para Girindra, Shri Ramakrishna disse a Baburam: “Dê-lhe um tapete.” Nityagopal estava sentado no chão. O Mestre pediu a um devoto para lhe dar um também.

O médico Nahendra de Sinthi chegou. O Mestre sorrindo, pediu a Rakhai com um sinal, para que o médico tomasse seu pulso.

Virando-se para Ramlal, o Mestre disse, “Seja amável com Girish Ghosh e conseguirá entrada grátis para o teatro.”

Narendra estivera conversando por muito tempo com Hazra, no pórtico. Desde a morte de seu pai, Narendra vinha enfrentando problemas financeiros. Entrou no quarto e sentou-se.

Mestre (*a Narendra*): “Você estava com Hazra? Vocês dois estão no mesmo barco. Você conhece o ditado sobre dois amigos: ‘Você está longe de seu país e ele está longe de sua amada.’ Hazra, também, precisa de mil e quinhentas rupias.” (*Risada*).

“Hazra disse: ‘Narendra conseguiu cem por cento de sattva embora haja nele um brilho cor de rosa de rajás. Mas eu tenho cento e vinte e cinco por cento de sattva pura.’ (*Todos riem*).

“Digo a Hazra, ‘Você se compraz somente em raciocinar, por isso é tão seco.’ Ele retruca, ‘Não sou seco porque bebo o néctar do sol.’

“Falando de bhakti pura, digo a Hazra, ‘Um verdadeiro devoto não ora a Deus por dinheiro ou opulência.’ Hazra responde: ‘Quando a maré da graça divina desce, os rios transbordam e mais, lagoas e canais enchem-se. Pela graça de Deus obtém-se não somente devoção pura, mas também, os seis poderes sobrenaturais e dinheiro.’ ”

Narendra e muitos devotos estavam sentados no chão. Girish entrou no aposento e juntou-se a eles.

¹ Gauranga e Nityananda.

Mestre (*a Girish*): “Considero Narendra como Atman. Obedeço-lhe.”

Girish: “Há alguém a quem o senhor não obedeça?”

Mestre (*sorrindo*): “Ele tem uma natureza masculina e eu, a de uma mulher. É uma alma nobre e pertence ao domínio de Brahman Indivisível.”

Girish saiu para fumar.

Narendra (*ao Mestre*): “Conversei com Girish Ghosh. É certamente um grande homem. Estivemos falando a seu respeito.”

Mestre: “O que vocês disseram de mim?”

Narendra: “Que o senhor é iletrado e nós, eruditos. Ah, falamos sobre coisas assim!” (*Risada*).

Mani Mallick (*ao Mestre*): “O senhor tornou-se um pundit sem ter lido um livro.”

Mestre (*a Narendra e outros*): “Deixe-me dizer-lhes isto: real e verdadeiramente não lamento não haver lido a Vedanta e outras escrituras. Sei que a essência da Vedanta é que somente Brahman é real e o mundo ilusório. E qual é a essência do *Gita*? É o que você obtém repetindo a palavra dez vezes. Então é revertida em ‘tagi’, que se refere à renúncia. O estudante deve ouvir de seu guru, a essência das escrituras e, em seguida, praticar austeridade e devoção. Um homem necessita da carta que recebeu de casa enquanto não conhecer seu conteúdo. Depois de ler, entretanto, sai para obter as coisas pedidas. Assim também, que necessidade há de escrituras se vocês conhecem sua essência? O passo seguinte é a prática da disciplina espiritual.”

Girish entrou no quarto.

Mestre (*a Girish*): “O que estavam falando de mim? Como, bebo e me alegro.”

Girish: “O que deveríamos estar falando a seu respeito? O senhor é um santo?”

Mestre: “Não, nada disso. Na verdade, não sinto que sou santo.”

Girish: “Não sou igual ao senhor, nem de brincadeira.”

Mestre: “Uma vez fui à chácara de Jayagopal Sen com uma roupa franjada de vermelho. Keshab estava lá. Olhando para as franjas vermelhas, Keshab disse: ‘O que é isto? Um tipo de cor hoje! Essa exibição de franjas vermelhas!’ Eu disse: ‘Tenho que jogar um encanto em Keshab; daí esta ostentação.’ ”

Narendra ia cantar novamente. Shri Ramakrishna pediu a M. para tirar o tanpura da parede. Narendra levou muito tempo afinando-o. O Mestre e os devotos ficaram impacientes. Binode disse: “Ele vai afiná-lo hoje e cantar outro dia.” (*Risada*).

Shri Ramakrishna riu. Disse: “Sinto como que quebrando o tanpura em pedaços! O que é isto? Só ‘Tong – Tong!’ Então ele vai praticar: ‘Tana-nana-nere-num!’”²

Bhavanath: “Todo o mundo sente-se aborrecido assim antes de começar uma apresentação musical.”

Narendra (*ainda afinando*): “Se você não o compreende.”

Mestre (*sorrindo*): “Aí está! Ele acaba com nossas queixas!”

Narendra começou a cantar. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Nit-yagopal e os outros devotos estavam no chão.

Narendra cantou:

Ó Mãe, Tu, meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração!
Dia e noite Tu me pões em Teu colo.
Por que mostras ternura a este filho indigno? ...

Depois cantou:

Ó alaúde meu de uma simples corda!
Cante o nome abençoado da Mãe.
Porque Ela é o alívio de minha alma. ...

E novamente:

² Som de um instrumento de corda.

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa escura caverna da montanha. ...

Em êxtase, Shri Ramakrishna desceu e sentou-se perto de Narendra. Começou a conversar, ainda em êxtase

Mestre: “Devo cantar? Que vergonha! (*A Nityagopal*) O que você diz? Deve-se ouvir cantar para despertar o espírito interior. Depois, nada mais importa.

“Ele acendeu o fogo. Isto é bom. Agora, tudo é silêncio. É bom também. Estou em silêncio: vocês fiquem também em silêncio. A coisa é mergulhar no Elixir da Felicidade.

“Devo cantar? Bem, posso. Água é água, parada ou formando ondas.”

Narendra estava sentado perto do Mestre. Vivia constantemente preocupado com as dificuldades financeiras em casa. Tinha agora vinte e três anos. Shri Ramakrishna olhava para ele atentamente.

Mestre (*a Narendra, sorrindo*): “Sem dúvida alguma você é ‘Kha’. Mas tem que se preocupar com ‘contas’; esse é o problema.”

Por “contas”, o Mestre quis mencionar as dificuldades financeiras de Narendra, em sua casa.

Mestre: “Krishnakishore costumava dizer que era ‘Kha’. Um dia visitei-o em sua casa e encontrei-o muito preocupado. Perguntei-lhe: ‘O que houve? Por que está preocupado?’ Krishnakishore respondeu: ‘O coletor de impostos esteve aqui. Disse-me que minhas panelas e frigideiras seriam vendidas em leilão judicial, se eu não pagasse meus impostos. É por isso que estou preocupado.’ Dei uma risada, dizendo: Como é isso? Certamente você é “Kha”, o akasha. Deixe que os malvados levem suas panelas e frigideiras. O que isto é para você?

(*A Narendra*): “Assim digo que você é ‘Kha’. Por que está tão preocupado? Não sabe o que Shri Krishna disse a Arjuna, ‘Se você tiver um dos oito siddhis, poderá ter um pequeno poder, mas não Me realizará. Com os siddhis poderá obter força, dinheiro e similares, mas não, Deus.

“Vou dizer-lhe algo mais. Vá além de conhecimento e ignorância. As pessoas dizem que fulano de tal é um jnani, mas na realidade não é assim. Vashishtha foi um grande jnani, mas mesmo assim foi tomado de dor pela morte dos filhos. A isto Lakshmana disse a Rama: ‘É surpreendente, Rama. Até Vashishtha está tão pesaroso!’ Rama disse: ‘Irmão, aquele que tem conhecimento, também tem ignorância. Aquele que é consciente da luz é, também, consciente da escuridão. Aquele que conhece o bem, conhece também o mal. Aquele que conhece a felicidade conhece também a infelicidade. Irmão, vá além da dualidade, além do prazer e da dor, além do conhecimento e da ignorância.’ (*A Narendra*) Portanto, estou lhe pedindo para ir além de conhecimento e ignorância.”

Shri Ramakrishna voltou para seu pequeno divã. Os devotos estavam sentados no chão. Surendra sentou-se próximo dele. O Mestre lançou-lhe um olhar carinhoso e começou a dar-lhe conselhos.

Mestre (*a Surendra*): “Venha aqui de vez em quando. Nangta costumava dizer que um jarro de latão deve ser polido diariamente senão fica manchado. Deve-se viver constantemente na companhia de santos.

“A renúncia a ‘mulher e ouro’ é para sannyasins. Não é para vocês. De vez em quando deve ficar em solidão e chamar por Deus com o coração anelante. Sua renúncia deve ser mental.

“A não ser que um devoto seja do tipo heróico, não pode dar atenção a ambos, Deus e o mundo. O rei Janaka levou uma vida de chefe de família somente depois de ter atingido perfeição através de austeridade e oração. Lutou com duas espadas, uma do Conhecimento outra, da ação.”

O Mestre cantou:

Este mundo é uma mansão de alegria.
Aqui posso comer, aqui posso beber e divertir-me.
O poder de Janaka era único.
O que lhe faltava do mundo ou do Espírito?
Agarrando-se tanto a um quanto a outro.
Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

Mestre: “Para você, como Chaitanya disse, as disciplinas a serem praticadas são, bondade para com todos os seres vivos, serviço aos devotos e o cantar o nome de Deus.

(A *Surendra*) “Por que lhe digo tudo isso? Você trabalha no escritório de um comerciante. Digo-lhe isto porque tem muitos deveres a cumprir.

“Você mente no escritório. Então por que como a comida que me oferece? Porque faz caridade com seu dinheiro; dá mais do que recebe. ‘A semente do melão é maior do que a fruta’, diz o provérbio.

“Não posso comer nada oferecido por pessoas avarentas. Sua riqueza é dilapidada assim: primeiro com litígios; segundo com ladrões e assaltantes; terceiro com médicos; quarto com extravagância dos maus filhos.

“Que você dê dinheiro para caridade é muito bom. Aqueles que têm dinheiro devem fazer caridade. A riqueza do avarento esfumaça-se, mas o dinheiro de uma pessoa caridosa é economizado. Ela o gasta com propósito honesto. Em Kamarpukur vi os fazendeiros abrindo canais para irrigar os campos. Às vezes a água precipita-se com tal força, que as valas por todo o campo são inundadas e as colheitas destruídas. Assim os agricultores fazem buracos aqui e ali, nas valas. Uma vez que a água sai através dos buracos, as valas não são destruídas pela força da água. Além disso, a água que escoar deposita argila nos campos, aumentando a fertilidade e proporcionando colheita mais abundante. Aquele que dá em caridade alcança grandes resultados. Alcança os quatro frutos: dharma, artha, kama e moksha.”

Os devotos ouviam com grande atenção as palavras de Shri Ramakrishna.

Surendra: “Não posso meditar bem. Repito o nome da Mãe Divina de vez em quando. Deitado na cama, repito Seu nome e adormeço.”

Mestre: “Isso basta. Lembra-se d’Ela, não?”

“Há dois tipos de yoga: mano yoga e karma yoga. De acordo com as instruções do guru, fazer atos piedosos como adoração, peregrinação e serviço aos seres vivos, chama-se karma yoga. Os deveres que Janaka cumpriu são também chamados karma yoga. Chama-se mano yoga, a meditação e a contemplação dos yogis.

“Às vezes digo a mim mesmo no templo de Kali, ‘Mãe, a mente não é nada mais do que Tu.’ Portanto Mente Pura, Buddhi Puro e Atman Puro são uma e só coisa.”

Era o entardecer. Muitos devotos saudaram Shri Ramakrishna e foram para casa. O Mestre foi para o pátio oeste. Bhavanath e M. estavam com ele.

Mestre (*a Bhavanath*): “Por que vem aqui tão raramente?”

Bhavanath (*sorrindo*): “Eu o visito cada quinze dias. Outro dia vi o senhor na rua, por isto não vim aqui.”

Mestre: “O que quer dizer? Por que só ver? Tocar e falar são também necessários.”

O culto da tarde havia começado nos templos. Era o oitavo dia da quinzena brilhante da lua; as cúpulas do templo, o pátio, os jardins e as árvores brilhavam à luz da lua. O Ganges fluía para o norte, com um som murmurante. Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã, absorvido na contemplação da Mãe Divina.

O culto da tarde terminou. Um ou dois devotos ainda estavam no templo. Narendra já havia ido embora. Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, na varanda nordeste de seu quarto. M. estava ali olhando-o. Subitamente ele disse a M.: “Ah, como é doce a música de Narendra!”

M.: “Sim, senhor. Aquela canção que começa com ‘Na densa escuridão é particularmente bela.’”

Mestre: “É verdade. Aquela canção tem um significado profundo. Parte de minha mente ainda está atraída para ela.”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “A meditação no escuro está prescrita nos Tantras.”

Girish Ghosh chegou e ficou perto de Shri Ramakrishna.

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
Desnuda da cor mais negra
Ilumina o Lótus do Coração ...

Shri Ramakrishna estava tomado de fervor divino. De pé, com um braço descansando em Girish, cantou:

Por que eu deveria ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas?
 Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?
 Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoção,
 Se repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas?
 Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais. ...

Então cantou:

De uma vez por todas, agora compreendi;
 Do Uno³ que conhece isto bem, aprendi o segredo de bhava.
 Um homem veio a mim de um lugar onde não existe noite;
 E agora não posso mais distinguir entre dia e noite.
 Rituais e devoção tornaram-se sem proveito para mim.

Meu sono está perturbado, como posso dormir?
 Porque agora estou bem desperto na yoga sem sono.
 Ó Mãe Divina, torne-me por fim uno contigo no sono da yoga⁴.
 Embalei adormecido meu sono para sempre.

Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e a liberação;
 Conhecendo o segredo de que Kali é uma com o mais elevado Brahman.
 Pus de lado, de uma vez por todas, tanto a retidão quanto o erro.

Como Shri Ramakrishna olhou para Girish e seu fervor divino tornou-se mais intenso.

Cantou:

Entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe.
 Será que ainda tenho medo da Morte?
 No tufo de cabelo em minha cabeça,
 Prendi o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.
 Vendi meu corpo no mercado do mundo.
 E com ele comprei o nome de Shri Durga. ...

Intoxicado de Deus, Shri Ramakrishna repetiu os versos:

Vendi meu corpo no mercado do mundo.
 E com ele comprei o nome de Shri Durga.

Olhando para Girish e M., disse: ‘O fervor divino enche meu corpo e rouba-me a consciência.’

“Aqui ‘consciência’ significa consciência do mundo exterior. Necessita-se do Conhecimento da Realidade e de Brahman.

“Bhakti, amor a Deus, é a única coisa importante. Um tipo de bhakti tem motivo atrás de si. Há, também, um amor sem interesse, devoção pura, um amor a Deus que não procura retorno. Keshab Sen e os membros do Brahmo Samaj não conheciam o amor desinteressado. Nesse amor não há desejo; nada mais é do que puro amor aos Pés de Lótus de Deus.

“Há outro tipo de amor, conhecido como urjhita bhakti, amor a Deus que, por assim dizer, transborda. Quando desperto, o devoto ‘ri e chora, dança e canta.’ Chaitanyadeva é o exemplo desse amor. Rama disse a Lakshmana, ‘Irmão, se você vir em qualquer lugar manifestação de urjhita bhakta, pode estar certo de que estou lá.’

Girish: “Tudo é possível por Sua graça. O que eu era antes? Veja o que sou agora.”

³ Deus, a quem o poeta adorava como Mãe Divina.

⁴ Samadhi, que faz uma pessoa parecer adormecida.

Mestre: “Você tem tendências latentes que estão se manifestando agora. Nada acontece a não ser em seu tempo próprio. Tome o caso de um paciente. Estava quase bom, sem tomar remédios, quando o médico receitou uma erva e pediu para que ele bebesse o suco. Depois de tomar o remédio, ficou totalmente curado. Agora, ficou curado com o remédio, ou por si mesmo? Quem pode dizer?”

“Lakshmana disse a Lava e Kusha ⁵: ‘Vocês são apenas crianças, não conhecem o poder de Rama. Ao toque de Seus pés, Ahalya ⁶ que havia sido transformada em pedra, retomou sua forma humana’. Lava e Kusha disseram: ‘Reverenciado senhor, sabemos disso. Ouvimos a história. A pedra tornou-se Ahalya pelo poder das palavras do santo.’ O sábio Gautama disse-lhe: ‘No Tetrayuga, Rama passará por esta cabana. Você se tornará novamente um ser humano ao toque de Seus pés.’” Agora, quem pode dizer se o milagre aconteceu para que se cumprissem as palavras do sábio ou por causa da santidade de Rama?

“Tudo acontece pela vontade de Deus. Se sua consciência espiritual foi despertada neste lugar, saiba que sou somente um instrumento. ‘A tia Lua é tia de todo o mundo.’ Tudo acontece pela vontade de Deus.”

Girish (*sorrindo*): “O senhor disse ‘pela vontade de Deus?’ O que estou dizendo é a mesma coisa.”(*Todos riem*).

Mestre (*a Girish*): “Sendo puro, pode-se rapidamente realizar Deus. Há diversas pessoas que não alcançam o conhecimento divino. Primeiro, um homem perverso, segundo, quem está muito preocupado com a pureza exterior e terceiro, quem duvida.”

Shri Ramakrishna enalteceu o êxtase de Nityagopal.

Três ou quatro devotos permaneceram próximos de Shri Ramakrishna na varanda e ouviram suas palavras sobre o exaltado estado do paramahansa. O Mestre disse: “Um paramahansa está sempre consciente de que somente Deus é Real e tudo o mais ilusório. Somente o cisne tem o poder de separar o leite da mistura de leite e água. A língua do cisne segrega um ácido que separa o leite da mistura. O paramahansa também possui esse suco que é seu amor por Deus. Isso separa o Real da mistura do Real e irreal. Através dele o paramahansa torna-se consciente de Deus e O vê.”

Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1885

Shri Ramakrishna estava na casa de Girish Ghosh em Bosepara Lane, Calcutá. Eram mais ou menos três horas quando M. chegou e prosternou-se ante ele. O Mestre ia ver uma peça no Star Theatre. Conversava com os devotos sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: “O homem experimenta três estados de consciência: vigília, sono e sono profundo. Aqueles que seguem o caminho do conhecimento explicam os três estados. Segundo eles, Brahman, está além dos três estados. Está também além dos corpos denso, sutil, causal e além dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Todos esses são maya, como o reflexo num espelho. A reflexão não é de jeito algum a substância real, somente Brahman é a Substância e tudo o mais ilusório.

“Os conhecedores de Brahman dizem mais, que é a identificação da alma com o corpo que cria a noção de dualidade. Naquele estado de identificação, o reflexo parece real. Quando esta identificação desaparece, um homem realiza, ‘Eu sou Ele; eu sou Brahman.’”

Um devoto: “Então devemos todos seguir o caminho da discriminação?”

Mestre: “Raciocar é um dos caminhos; é o caminho dos vedantistas. Mas há um outro caminho, o caminho de bhakti. Se um bhakta chorar ansiosamente pelo Conhecimento de Brahman, ele também o obterá.⁷ Estes são os dois caminhos: jnana e bhakti.

⁵ Os dois filhos de Rama.

⁶ Bela e dedicada esposa de um grande sábio chamado Gautama. Indra, rei dos céus, impressionado pela beleza dela, seduziu-a fazendo-se passar por seu marido. O marido, sabedor desse acontecimento, amaldiçoou-a e transformou-a em pedra, mas disse que o toque dos pés de Rama a faria voltar à sua forma humana. Indra, também, recebeu sua parte na maldição, tendo como resultado, mil erupções em seu corpo. Daí, ser conhecido como o “deus de mil olhos”.

⁷ Usualmente o ideal de um bhakta é a visão do Deus Pessoal.

“Pode-se alcançar o Conhecimento de Brahman por qualquer um dos dois. Alguns re-têm bhakti mesmo depois de realizar Brahman, a fim de ensinar a humanidade. A Encarnação de Deus é um deles.

“Um homem não pode facilmente livrar-se do ego e da consciência de que o corpo é a alma. Isto torna-se possível somente quando, pela graça de Deus, alcança samadhi – nirvikalpa samadhi, jada samadhi.

“O ego das Encarnações volta para elas quando desce do plano de samadhi; mas é o ‘ego de Conhecimento’ ou o ‘ego de Devoção’. Por meio do ‘ego do Conhecimento’ ensinam os homens. Shankaracharya manteve o ‘ego do Conhecimento’.

“Por meio do ‘ego de Devoção’ Chaitanyadeva provou o amor divino e desfrutou a companhia dos devotos. Falava sobre Deus e cantava Seu nome.

“Já que não se pode facilmente livrar-se do ego, o bhakta não explica os estados de vigília, sonho ou sono profundo. Aceita todos os estados. Além disso, aceita os três gunas -- sattva, rajas e tamas. O bhakta vê que somente Deus tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. Vê também, que Deus Se revela aos Seus devotos numa forma tangível, que é a personificação do Espírito.

“O bhakta toma refúgio em vidyamaya. Procura companhia santa, sai em peregrinação e pratica discriminação, devoção e renúncia. Diz que, já que um homem não pode facilmente livrar-se de seu ego, deveria deixá-lo; que fique como servo de Deus, devoto de Deus.

“O bhakta também atinge o Conhecimento da Unidade; vê que nada existe a não ser Deus. Não olha o mundo como um sonho, mas diz que foi o Próprio Deus quem Se tornou tudo. Num jardim de cera, pode-se ver diversos objetos, mas tudo é feito de cera.

“Um homem realiza isto somente quando sua devoção a Deus amadurece. Tem-se icterícia quando muita bile se acumula. Neste caso vê-se tudo amarelo. Por ter meditado constantemente em Krishna, Radhika viu tudo como Krishna; além disso até sentiu que ela própria havia se tornado Krishna. Se um pedaço de chumbo for mantido muito tempo num lago de mercúrio transforma-se em mercúrio. A barata torna-se imóvel se meditar constantemente no verme kumira; perde seu poder de locomover-se. Por fim transforma-se num verme kumira. Da mesma maneira, meditando constantemente em Deus, o bhakta perde seu ego, realiza que Deus é ele, e que ele é Deus. Quando a barata transforma-se em kumira tudo é alcançado. Instantaneamente obtém-se a liberação.

“Enquanto Deus retiver o ego de um homem, este deve estabelecer uma relação definitiva com Deus, considerando-O Mestre, Mãe, Amigo ou atitudes assim. Passei um ano como uma donzela – a donzela da Mãe Divina, a Personificação de Brahman. Costumava vestir-me como mulher e usava uma argola no nariz. Pode-se conquistar a luxúria se assumir a atitude de uma mulher.

“Deve-se adorar a Adyashakti, que deve ser propiciada. Somente Ela assumiu todas as formas femininas. Por isso considero todas as mulheres minha mãe. A atitude de considerar a mulher como mãe é muito pura. Os Tantras mencionam, também, o método vamachara⁸. Mas este método não é bom; pode ocasionar uma queda do aspirante. O devoto mantendo um objeto de prazer perto dele, tem razão de ficar temeroso.

“Considerar a mulher sua mãe é como jejuar no dia do ekadashi, sem tocar sequer numa gota de água; nessa atitude não há qualquer prazer sensual. Pode-se também, observar o ekadashi que permite que se coma fruta. Pode-se também, comer luchi e curries! Mas minha atitude é não tocar sequer numa gota de água, enquanto mantenho o jejum. Adorei Shodashi⁹ como minha mãe; considerei todas as partes de seu corpo, como as de minha mãe. Esta atitude de olhar Deus como Mãe, é a última palavra em sadhana. ‘Ó Deus, Tu és minha Mãe e eu, sou Teu filho’ – esta é a última palavra em espiritualidade.

“A maneira de viver do sannyasi é como observar o jejum ekadashi sem sequer tomar uma gota de água. Se ele se apega no prazer, então terá motivo para ter medo. ‘Mulher e ou-

⁸ Literalmente, “caminho da mão esquerda”. Segundo essa atitude, o aspirante esforça-se para conquistar a luxúria, satisfazendo-a.

⁹ Literalmente, “virgem de dezesseis anos”. A adoração a uma virgem é uma disciplina prescrita nos Tantras.

ro' é o prazer. Se um monge sente prazer nisso, estará engolindo seu próprio cuspe. Há diferentes tipos de prazer: dinheiro, riqueza, nome e fama e prazeres dos sentidos. Não é bom para um sannyasi, sentar-se na companhia de uma devota, ou mesmo, falar com ela. Isso o prejudica e também, os outros não poderão aprender com ele; não pode dar exemplo para a humanidade. Um sannyasi conserva o corpo para ensinar a humanidade.

“Sentar-se perto de uma mulher ou falar com ela durante muito tempo, também foi descrito como uma espécie de relacionamento sexual. Há oito tipos: ouvir uma mulher e gostar de sua conversa, falar de uma mulher, falar baixo com ela, guardar alguma coisa pertencente a ela e tocá-la. Portanto um sannyasi não deve saudar a esposa jovem de seu guru, tocando seus pés. Estas são regras para um sannyasi.

“Mas é bem diferente com os chefes de família. Depois do nascimento de um ou dois filhos, marido e mulher devem viver como irmãos. Os outros sete tipos de relacionamento sexual não os atingem muito.

“Um chefe de família tem várias dívidas: dívidas com os deuses, com os pais e com os rishis. Tem dívida também, com a esposa. Deve torná-la mãe de um ou dois filhos, e sustentá-la se for uma esposa casta.

“Chefes de família não sabem quem é uma boa ou má esposa, quem é vidyashakti ou avidyashakti. Uma vidyashakti, uma boa esposa tem pouca luxúria e cólera; dorme pouco. Empurra a cabeça do marido para o lado. Está cheia de afeto, bondade, modéstia e outras qualidades nobres. Essa esposa serve a todos, considerando todos os homens, seus filhos. Além do mais, ajuda a aumentar o amor do marido por Deus. Não gasta muito dinheiro senão seu marido terá que trabalhar muito e assim, não terá tempo para pensar em Deus.

“Mulheres masculinizadas têm traços diferentes. São traços maus; olhos de soslaio e vazios, olhos de gato, mandíbulas saltadas como os de um bezerro e peito de pombo.”

Girish: “Qual o caminho para pessoas como nós?”

Mestre: “Bhakti é a única coisa que importa. Bhakti tem aspectos diferentes, sátívico, rajásico e tamásico. Aquele que tem bhakti sátívica é muito modesto e humilde, mas o homem com bhakti tamásica parece-se como um assaltante e sua atitude para com Deus é, ‘Ó Deus, estou cantando o Teu nome, como posso ser pecador? Ó Deus, Tu és minha própria Mãe, deves revelar-Te a mim’.”

Girish (*sorrindo*): “É o senhor que nos ensina bhakti tamásica.”

Mestre (*sorrindo*): “Há certos sinais da visão de Deus. Quando um homem vê Deus, entra em samadhi. Há cinco espécies de samadhi. Primeiro sente-se o Mahavayu ¹⁰, como uma formiga subindo. Segundo, sente-se que Ele é como um peixe nadando na água. Terceiro, como uma serpente sinuosa arrastando-se. Quarto, sente-se que Ele sobe como um pássaro voando – voando de um galho para outro. Quinto, como um macaco dando um grande salto. O Mahavayu chega à cabeça de um só salto e então, ocorre o samadhi.

“Há duas outras espécies de samadhi. Primeiro o sthita samadhi, quando o aspirante perde totalmente a consciência do exterior; permanece nesse estado durante muito tempo, talvez muitos dias. Segundo, o unmana samadhi que consiste em retirar a mente subitamente de todos os objetos dos sentidos e uni-la a Deus.

(A M.) “Compreendeu?”

M.: “Sim, senhor.”

Girish: “Pode-se realizar Deus por meio da sadhana?”

Mestre: “As pessoas têm realizado Deus por diversas maneiras. Algumas por muita austeridade, adoração e devoção; alcançaram a perfeição por seus próprios esforços. Algumas nasceram perfeitas, como, por exemplo, Narada e Shukadeva. São chamados nityasiddhas, eternamente perfeitas. Há, também, os que alcançaram a perfeição subitamente: é como um homem que inesperadamente entra na posse de uma grande fortuna. Também há exemplos de pessoas que realizaram Deus em sonho, ou pela graça divina.”

Dizendo isso, Shri Ramakrishna cantou, intoxicado pelo fervor divino:

Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?

¹⁰ Grande corrente nervosa que, subindo, é sentida na coluna espinal.

Ó, é uma pena que minha mente tola não veja o que é verdadeiro!...

Shri Ramakrishna permaneceu em êxtase por alguns momentos. Girish e os outros devotos estavam sentados diante dele. Poucos dias antes Girish havia sido muito rude com o Mestre no Star Theatre, mas agora estava calmo.

Mestre (*a Girish*): “Seu estado é muito bom; é de paz. Orei por você à Mãe Divina. ‘Ó Mãe, faz com que ele se torne pacífico para que não me maltrate.’ ”

Girish (*a M.*): “Sinto como se alguém estivesse apertando minha língua. Não posso falar.”

Shri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Esquecia-se dos homens e dos objetos em sua volta. Esforçava-se para trazer a mente para o mundo relativo. Olhava para os devotos.

Olhando para M., disse: “Todos vêm a Dakshineswar. Que venham. A Mãe tudo sabe.” A um rapaz da vizinhança perguntou: “O que você pensa? Qual é o dever do homem?” Todos permaneceram em silêncio. Disse a Narayan: “Não quer ser aprovado nos exames? Mas, meu filho, um homem livre de grilhões é Shiva; enredado nos grilhões é jiva.”

Shri Ramakrishna ainda estava intoxicado por Deus. Havia um copo d’água perto dele. Bebeu a água. Disse a si mesmo, “Bem, beber água neste estado!”

Ainda não era o entardecer. Shri Ramakrishna conversava com Atul, sentado à sua frente. Atul era irmão de Girish e advogado na Corte Suprema de Calcutá. Perto dele estava sentado um vizinho brahmin.

Mestre (*a Atul*): “Tudo o que quero lhe dizer é o seguinte. Siga ambos; cumpra seus deveres no mundo e cultive o amor a Deus.”

Brahmin: “Somente um brahmin pode alcançar a perfeição.”

Mestre: “Por que você pergunta isso? Está dito que na Kaliyuga os shudras alcançam o amor a Deus. Há exemplos de Shavari, Ruhidas, o intocável Guhaka e outros.”

Narayan (*sorrindo*): “Brahmins e shudras – todos são um.”

Brahmin: “Pode um homem realizar Deus em uma vida?”

Mestre: “Há alguma coisa impossível para a graça de Deus? Suponhamos que se traga luz para um quarto que esteve no escuro durante mil anos; será que ela vai tirar a escuridão pouco a pouco? O aposento ilumina-se imediatamente. (*a Atul*) Do que se necessita é uma intensa renúncia. Deve-se ter uma espada desembainhada. Quando um homem tem essa renúncia, considera seus parentes cobras venenosas, e seu lar, um poço profundo.

“Deve-se orar a Deus com intenso anelo. Deus só escuta a prece se ela for sincera.”

Todos permaneceram em silêncio, refletindo sobre as palavras de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Atul*): “O que o está preocupando? É porque não tem aquela firmeza, aquele intenso desassossego por Deus?”

Atul: “Como podemos manter nossas mentes fixas em Deus?”

Mestre: “Abhyasayoga, yoga da prática. Deve-se praticar todos os dias, chamando por Deus. Não é possível ser bem sucedido em apenas um dia, mas por meio da prece diária, consegue-se sentir aquele anelo por Deus.

“Como uma pessoa pode sentir essa inquietude se estiver imerso no mundanismo dia e noite? Outrora Jadu Mallick gostava de conversa espiritual mas agora não mostra tanto interesse. Cerca-se de aduladores dia e noite e deixa-se levar por assuntos mundanos.”

Anoiteceu. Um lampião foi aceso no aposento. Shri Ramakrishna cantou os nomes divinos. Cantava e orava. Dizia, “Cantem o nome de Hari, repitam o nome de Hari, cantem o nome de Hari.” Novamente disse, “Rama! Rama! Rama!” Em seguida, “Ó Mãe! Tu sempre desfrutas Teus jogos eternos. Diz-nos, Ó Mãe, qual é o caminho? Tomamos refúgio em Ti, tomamos abrigo a Teus Pés.”

Notando Girish inquieto, Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por um momento. Pediu a Tejchandra para se sentar perto dele, o que ele fez. O rapaz sussurrou a M. que teria que ir embora logo.

Mestre (*a M.*): “O que ele disse?”

M.: “Disse que tinha que ir para casa.”

Mestre: “Por que atraio tanto esses rapazes? São como recipientes puros intocados pelo mundanismo. Não se pode assimilar instrução se a mente estiver voltada para o mundanismo. O leite pode ser guardado com segurança, num jarro novo, mas azeda, se for mantido

num pote onde foi feita a coalhada. Pode-se lavar mil vezes uma xícara na qual se tenha colocado uma mistura de alho, mas não se pode retirar o cheiro.”

Shri Ramakrishna chegou ao Star Theatre, na rua Beadon, para ver a representação de *Vrishaketu*¹¹. Sentou-se num camarote, olhando para o sul. M. e outros devotos estavam perto dele.

Mestre (*a M.*): “Narendra veio?”

M.: “Sim senhor.”

A apresentação começou. Karna e a esposa Padmavati sacrificaram o filho para agradar a Deus, que havia se aproximado deles sob o disfarce de um brahmin, para testar sua caridade. Nesta cena um dos devotos deu um reprimido suspiro. Shri Ramakrishna também expressou pesar.

Depois da peça Shri Ramakrishna foi para o “lobby” do teatro onde Girish e Narendra já se encontravam lá. O Mestre ficou perto de Narendra e disse, “Cheguei”.

Shri Ramakrishna sentou-se. A orquestra tocava.

Mestre (*aos devotos*): “Sinto-me feliz ouvindo o concerto. Os músicos costumavam tocar no sanai em Dakshineswar, e eu entrava em êxtase. Notando isto, um certo sadhu disse, “Este é um sinal do Conhecimento de Brahman.” “

A orquestra parou de tocar e Shri Ramakrishna começou a conversar.

Mestre (*a Girish*): “O teatro lhe pertence?”

Girish: “É *nosso*, senhor.”

Mestre: “ ‘Nosso’ é bom, mas não é bom dizer ‘meu’. As pessoas que dizem ‘eu’ e ‘meu’, são egoístas, de mentalidade estreita.”

Narendra: “O mundo inteiro é um teatro.”

Mestre: “Sim, sim, é verdade. Em alguns lugares vê-se o jogo de vidya e em outros, o de avidya.”

Narendra: “Tudo é jogo de vidya.”

Mestre: “Certo, certo, mas um homem compreende isto quando tem o Conhecimento de Brahman, mas para um bhakta, aquele que segue o caminho do amor divino, ambas existem – vidyamaya e avidyamaya.

“Por favor cante um pouco.”

Narendra cantou:

No Mar de Consciência Bem-aventurada, levantam ondas de amor divino.
Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!
Ó como é maravilhoso!

Ondas fascinantes da doçura de Deus, sempre novas e sempre encantadoras.
Levantam-se na superfície cada vez assumindo formas sempre novas.
Então uma vez mais na Grande Comunhão todos se fundem, como as muralhas.
De tempo e espaço dissolvem-se e desaparecem.
Dance então, Ó mente!
Dance na alegria com os braços levantadas, cantando o santo nome de Hari.

Quando Narendra cantou as palavras, “Então uma vez mais na Grande Comunhão fundem-se”, Shri Ramakrishna disse-lhe, “Isto é realizado depois de se alcançar o Conhecimento de Brahman, então tudo é vidya, Brahman como você diz.”

Quando Narendra cantou o verso, “Dance na alegria com os braços levantadas, cantando o santo nome do Hari”, o Mestre disse-lhe, “Cante este verso duas vezes.”

Depois da canção Shri Ramakrishna retomou a conversa.

¹¹ Vrishaketu era filho de Karna, herói do *Mahabharata*, igualmente famoso por sua caridade e heroísmo. Karna sacrificou o filho para cumprir uma promessa.

Girish: “Devendra Babu não veio. Ele diz com o orgulho ferido, ‘Não temos qualquer substância dentro de nós, nenhum enchimento de leite condensado. Estamos cheios somente de pasta de lentilhas. Por que deveríamos ir lá?’”

Mestre (*surpreso*): “Ele diz isto? Nunca ninguém falou assim antes.”

Shri Ramakrishna tomou uma refeição ligeira e serviu um pouco para Narendra.

Jatin Deva (*ao Mestre*): “O senhor sempre diz, ‘Narendra, coma isto! Coma aquilo!’ Será que nós somos tolos? Somos como uma palha, deixados na praia pela maré alta?”

Shri Ramakrishna amava Jatin afetuosamente. Jatin visitava o Mestre de vez em quando, em Dakshineswar onde ocasionalmente, passava a noite. Pertencia a uma família aristocrática de Sobhabazar. O Mestre disse, rindo, a Narendra, “Ele está falando de você.”

Shri Ramakrishna riu e mostrou sua afeição a Jatin, tocando seu queixo. Disse a Jatin, “Venha a Dakshineswar. Vou dar-lhe de comer.”

O Mestre foi ver a peça. Sentou-se num camarote. Riu da conversa da ajudante. Depois de um certo tempo, ficou abstraído e murmurou algumas palavras a M.

Mestre (*a M.*): “Bem, o que Girish diz é verdade?”

Girish vinha se referindo a Shri Ramakrishna como uma Encarnação Divina.

M.: “Sim, senhor, deve ser verdade, senão por que atrairia nossas mentes?”

Mestre: “Veja, uma mudança está se operando em mim. O velho estado mudou. Não posso tocar qualquer metal agora.”

M. ouviu estas palavras maravilhado.

Mestre: “Há um significado muito profundo nesse novo estado.”

Estaria o Mestre insinuando que o Deus-homem não pode suportar qualquer associação com riqueza?

Mestre (*a M.*): “Bem, notou alguma mudança em mim?”

M. “Em que aspecto, senhor?”

Mestre: “Nas minhas atividades.”

M.: “Suas atividades aumentam à medida que as pessoas o conhecem.”

Mestre: “Vê? O que eu disse anteriormente está se tornando verdade.”

Depois de algum tempo disse: “Pode me dizer porque Paltu não pode meditar bem?”

Shri Ramakrishna estava pronto para voltar a Dakshineswar. Havia comentado com um devoto, a respeito de Girish. “Você pode lavar mil vezes uma xícara que tenha contido uma solução de alho, mas será possível tirar totalmente o cheiro?” Girish ficou ofendido com este comentário e quando o Mestre estava de saída, Girish perguntou-lhe:

Girish: “Será que este cheiro de alho desaparecerá?”

Mestre: “Sim.”

Girish: “Assim o senhor diz.”

Mestre: “Todo cheiro vai embora quando o fogo for aceso. Se esquentar uma xícara cheirando a alho, livrar-se-á do cheiro, ela se torna como nova.

“O homem que diz que jamais terá êxito, nunca o terá. Aquele que se sente liberado está liberado, está realmente liberado; aquele que pensa que está atado, realmente permanece atado. Aquele que, com força diz, ‘Estou livre’, certamente o está, e aquele que diz dia e noite, ‘Estou atado’, certamente está .



CAPÍTULO XXXVII

MESTRE E NARENDRA

Domingo, 1º de março de 1885

SHRI RAMAKRISHNA, em samadhi profundo, estava sentado no pequeno divã. Mahimacharan, Ram, Manomohan, Nabai Chaitanya, M. e outros devotos estavam sentados numa esteira estendida no chão. Observavam o Mestre atentamente.

Era o dia do Dolayatra, festival religioso hindu. Shri Krishna e Radha são as figuras centrais desta celebração; suas imagens são colocadas num balanço e movimentadas de vez em quando. Um pó vermelho cai nas imagens. Mais tarde amigos e parentes jogam o pó uns nos outros. Este festival é celebrado quando começa a primavera, num dia de lua cheia, dia duplamente sagrado, por sua associação com o nascimento de Shri Chaitanya.

Os devotos viram que o Mestre retornava 'à consciência do mundo, embora a mente ainda pairasse no campo da visão de Deus. O Mestre disse a Mahimacharan, "Meu caro senhor, por favor, fale-nos alguma coisa sobre o amor de Deus."

Mahima cantou os versos do *Narada Pancharatra*:

Que necessidade há de penitência, quando Deus é adorado com amor?
Qual a utilidade da penitência, se Deus não é adorado com amor?
Qual a necessidade de penitência se Deus é visão dentro e fora?
Qual a utilidade de penitência se Deus é visto dentro e fora?

Ó Brahmana! Ó meu filho. Cesse de fazer penitências.
Corra para Shankar, o Oceano de Sabedoria Celestial.
Obtém d'Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,
Que rompe os grilhões que prendem você ao mundo.

Mahima disse: "Enquanto o grande sábio Narada praticava austeridade, subitamente ouviu uma voz vinda do céu, repetindo aqueles versos."

Mestre: "Há dois tipos de devotos: jivakotis ou homens comuns, e Ishvarakotis ou Mensageiros Divinos. A devoção do jivakoti é chamada vaidhi, formal, isto é, conforme as escrituras. Adora Deus com certos artigos, repete o nome de Deus um determinado número de vezes e assim por diante. Este tipo de devoção, como o caminho do Conhecimento, leva à jnana yoga de Deus e ao samadhi. Os jivakotis não voltam do samadhi ao plano relativo.

"Mas o caso do Ishvarakoti é diferente. Segue o processo de 'negação' e 'afirmação'. Primeiro nega o mundo, realizando que ele não é Brahman, depois, afirma o mesmo mundo, vendo-o como uma manifestação de Brahman. Para uma ilustração, um homem querendo subir ao terraço, primeiro nega que os degraus sejam feitos do mesmo material que o terraço, mas ao atingir o terraço, vê que eles são feitos dos mesmos materiais: tijolo, cal e pó de tijolo. Então pode ou subir ou descer os degraus ou ficar no terraço, como lhe aprouver.

"Shukadeva estava absorvido em samadhi – em *nirvikalpa samadhi*. Já que Shuka deveria recitar o *Bhagavata* para o rei Parikshit, o Senhor enviou-lhe o sábio Narada. Narada viu-o sentado como uma coisa inerte, absolutamente inconsciente do mundo à sua volta. Narada cantou quatro vezes sobre a beleza de Hari, com acompanhamento de vina. Quando cantou o primeiro verso, o cabelo do corpo de Shuka ficou eriçado. Em seguida, derramou lágrimas porque viu a forma de Deus, a Personificação do Espírito, dentro no coração. Assim, Shukadeva viu a forma de Deus, mesmo depois do jada samadhi. Era um Ishvarakoti.

"Hanuman, depois de ter a visão de Deus com e sem forma, permaneceu firmemente devotado à forma de Rama, a Encarnação da Consciência e Felicidade.

"Prahlada às vezes realizava 'eu sou Ele', outras que era o servo de Deus. Como pode uma pessoa viver sem o amor de Deus? É por isso que ela deve aceitar o relacionamento amo e servo, sentindo que Deus é o Amo, e ela própria o servo. Isso a habilita a desfrutar a Felicidade de Hari. Nessa atitude sente que Deus é a Felicidade e ela, aquele que desfruta.

“O ‘ego de Devoção’, o ‘ego de Conhecimento’ e o ‘ego de uma criança’ não prejudicam o devoto. Shankaracharya manteve o ‘ego de Conhecimento’ O ‘ego de uma criança’ não está apegado a nada. A criança está além dos três gunas, não está sob o controle de nenhum deles. Num dado instante é vista zangada; no momento seguinte, tudo passou. Às vezes faz uma casa de brinquedo e no logo, esquece-se de tudo. Gosta dos companheiros, mas se ficar longe alguns dias, esquece-se deles. Não está sob o controle de quaisquer um dos gunas – sattva, rajás e tamas.

“O bhakta sente, ‘Ó Deus, Tu és o Senhor e eu, Teu devoto’. Este ‘eu’ é o ‘ego de bhakti’. Por que esse amante de Deus retém o ‘ego de Devoção’? Já que não pode livrar-se do ego, então que ele permaneça como o servo de Deus, o devoto de Deus.

“O senhor pode raciocinar mil vezes, mas não pode livrar-se do ego. O ego é como um jarro e Brahman é como o oceano – uma expansão infinita de água por todos os lados. O jarro está colocado dentro desse oceano. A água está tanto dentro como fora; a água está em todos os lugares; o jarro, contudo, permanece. Este jarro é o ego do devoto’. Enquanto o ego permanecer, ‘tu’ e ‘eu’ permanecemos, e aí também, permanece o sentimento. ‘Ó Deus, Tu és o Senhor e eu, Teu devoto; Tu és o amo e eu, Teu servo’. Pode-se raciocinar um milhão de vezes, mas não se pode livrar-se dele. Mas é diferente se não houver jarro.”

Narendra entrou no quarto e saudou o Mestre. Começaram a conversar. Logo o Mestre levantou-se do divã e sentou-se no chão, onde uma esteira havia sido estendida. Nesse ínterim, o quarto ficara cheio de gente, tanto devotos como visitantes.

Mestre (*a Narendra*): “ Como está? Soube que visita Girish com assiduidade. É verdade?”

Narendra: “Sim, senhor, vou lá de vez em quando.”

Havia alguns meses que Girish vinha visitando Shri Ramakrishna. O Mestre disse que ninguém podia sondar a profundidade da fé de Girish. E seu anelo por Deus era tão intenso quanto sua fé era profunda. Em casa estava sempre absorvido no pensamento de Shri Ramakrishna. Muitos devotos do Mestre o visitavam; falavam somente em Shri Ramakrishna. Mas Girish era um chefe de família que havia tido muitas experiências mundanas, e o Mestre sabia que Narendra iria renunciar ao mundo, que iria deixar de lado ‘mulher e ouro’, tanto mental quanto externamente.

Mestre: “Você visita Girish freqüentemente? Não importa o quanto se lave uma xícara que tenha contido uma mistura de alho, um pouco do cheiro certamente permanecerá. Os jovens que vêm aqui são almas puras – intocadas por ‘mulher e ouro’. Homens que se associaram durante muito tempo com ‘mulher e ouro’, cheiram a alho. São como mangas picadas por corvos. Essas frutas não podem ser oferecidas à Divindade no templo e mesmo uma pessoa hesita em comê-las. Tome o exemplo de um jarro novo e outro no qual tenha sido feita coalhada. Tem-se receio de manter o leite no segundo jarro porque muitas vezes azeda.

“Devotos chefes de família como Girish, formam uma classe por si mesma. Querem yoga e também, bhoga. Sua atitude é como a de Ravana que queria desfrutar das donzelas do céu e, ao mesmo tempo, realizar Rama. São como os asuras, demônios, que desfrutaram de muitos prazeres e também, realizaram Narayana.”

Narendra: “Mas Girish abandonou suas antigas amizades.”

Mestre: “Sim, sim. Ele é como um boi castrado na velhice. Vi certa vez em Burdwan, um boi movendo-se em volta das vacas. Perguntei ao condutor do carro de bois, ‘O que é isto? Um boi? Que estranho!’ Respondeu-me, ‘Verdade, senhor, mas foi castrado na velhice e assim, não abandona suas antigas tendências.’

“Num certo lugar estavam sentados alguns sannyasins. Aconteceu passar por ali uma jovem. Todos continuaram meditando em Deus como antes, exceto um que lançou olhares para ela. Antes de se tornar monge havia sido pai de três filhos.

“Se for feita uma mistura de alho numa xícara, não será difícil retirar o cheiro dela? Pode uma árvore sem valor como o babui, dar mangas? Claro que isso pode vir a ser possível através dos poderes ocultos de um yogi, mas pode qualquer um adquirir esses poderes?

“Quando as pessoas mundanas têm tempo para pensar em Deus? Um homem queria contratar um pundit que pudesse explicar-lhe o *Bhagavata*. Seu amigo disse: ‘Conheço um pundit excelente, mas há uma dificuldade: está muito ocupado com o cultivo da terra. Possui quatro arados e oito carros de boi e está sempre ocupado com eles, não tem tempo livre.’ A

isso o homem disse: ‘Não me interessa com um pundit que não tem tempo livre. Não estou buscando um erudito do *Bhagavata* ocupado com arados e bois. Quero um que possa realmente explicar-me o livro sagrado.’

“Havia um rei que costumava ouvir todos os dias, de um pundit, a explicação do *Bhagavata*. Diariamente, ao final do estudo, o pundit perguntava ao rei: ‘Ó rei, compreendeu o que li?’ A esta pergunta o rei dava sempre a mesma resposta, ‘Senhor é melhor que o senhor primeiro compreenda.’ Todos os dias, quando o pundit regressava para casa, pensava a respeito do significado das palavras do rei. Era um homem piedoso devotado à oração e à meditação. Gradualmente caiu em si, e compreendeu que a única coisa real no mundo são os Pés de Lótus de Deus, e que tudo o mais é ilusório. Sentiu desapego pelo mundo, e passou a viver como monge. Quando estava deixando a vida do mundo, enviou-me um homem ao rei, com a mensagem, ‘Sim, Ó rei! Agora compreendi.’

“Mas será que desprezo as pessoas mundanas? Claro que não. Quando as vejo, aplico o Conhecimento de Brahman, a unidade de Existência. O Próprio Brahman tornou-Se tudo; todos são o Próprio Narayana. Olhando todas as mulheres como as muitas formas da Mãe Divina, não vejo diferença entre uma mulher casta e uma mulher da rua.

“Ó! Não encontro fregueses que desejem coisas melhor do que kalai. Ninguém quer abandonar ‘mulher e ouro’. O homem, iludido pela beleza da mulher e poder do dinheiro, esquece-se de Deus, mas aquele que viu a beleza de Deus, mesmo a posição de Brahma, o Criador, parece insignificante.

“Um homem disse a Ravana, ‘Você tem ido a Sita, sob diversos disfarces, por que não vai a ela sob a forma de Rama?’ ‘Mas’, respondeu Ravana, ‘quando medito em Rama no meu coração, as mais lindas mulheres – donzelas celestiais como Rambha e Tilottama – não me parecem melhores do que as cinzas da pira funerária. Até mesmo ter o ‘status’ de Brahma parece-me insignificante, isso para não falar da beleza da mulher de outro homem.’

“Ó! Acho que todos os clientes aqui procuram o simples kalai. A não ser que a alma seja pura, não pode ter amor verdadeiro por Deus e devoção exclusivamente voltada para o ideal. A mente corre para os diversos objetos.

(A *Manomohan*¹) “Você pode se ofender com as minhas palavras, mas disse a Rakhal, ‘Prefiro ouvir que você se afogou no Ganges, a saber que aceitou o emprego de uma pessoa e tornou-se seu servo.’

“Um dia uma moça do Nepal veio aqui. Cantou canções religiosas com acompanhamento de esraj. Quando alguém perguntou-lhe se era casada, respondeu asperamente, ‘O que? Sou a donzela de Deus! A quem mais vou servir?’

“Como pode um homem vivendo no meio de ‘mulher e ouro’ realizar Deus? É muito difícil para ele levar uma vida desapegada. Primeiro é escravo de sua esposa, segundo, do dinheiro e terceiro, do patrão a quem serve.

“Quando Akbar era imperador de Delhi, vivia um ermitão numa cabana na floresta. Muitas pessoas visitavam o santo. Sentiu um grande desejo de receber bem seus visitantes, mas como poderia fazê-lo, sem dinheiro? Decidiu, então, ir ao imperador pedir ajuda, uma vez que o portão do palácio de Akbar estava sempre aberto aos homens santos. O ermitão chegou no palácio na hora em que o imperador fazia sua prática espiritual diária. E sentou-se no canto do aposento. Ouviu o imperador concluir sua adoração com a prece, ‘Ó Deus, dá-me dinheiro, dá-me riquezas’ e assim por diante. Quando o ermitão ouviu isto, quis retirar-se mas o imperador fez-lhe um sinal para que o esperasse. Quando a prática terminou, Akbar disse-lhe, ‘Você veio para me ver. O que é isto, ir-se embora sem me dizer nada?’ ‘Sua Majestade não parecia preocupar-se com isso’, respondeu o ermitão. ‘Tenho que ir agora.’ Em vista da insistência do imperador, o ermitão disse, ‘Muitas pessoas visitam minha cabana e por isso, vim aqui pedir-lhe algum dinheiro.’ ‘Então’, disse Akbar, ‘por que ia embora sem falar comigo?’ O ermitão respondeu, ‘Achei que o senhor, também, era um mendigo. Orava a Deus por dinheiro e opulência, portanto disse a mim mesmo, ‘Por que devo mendigar de um mendigo? Se tenho que pedir, peço a Deus.’ ”

Narendra: “Hoje em dia Girish Ghosh pensa somente em assuntos espirituais.”

¹ Um discípulo chefe de família, cuja irmã era casada com Rakhal.

Mestre: “Isto é muito bom, mas por que é tão insolente? Por que usa uma linguagem tão vulgar comigo? No meu atual estado mental não posso suportar essa grosseria. Quando um raio cai próximo a uma casa, os objetos pesados no seu interior não são muito afetados, mas as vidraças tremem. Atualmente não posso suportar tanta rudeza. Um homem que vive no plano de sattva não pode suportar barulho e tumulto. Por isso Hriday foi despedido. Foi a Mãe Divina que o mandou embora. No final de sua estada aqui chegou a extremos; tornou-se insolente e grosseiro. (A Narendra) Você concorda com Girish sobre mim?”

Narendra: “Ele disse que acreditava que o senhor fosse uma Encarnação de Deus. Nada falei em resposta a seus comentários.”

Mestre: “Mas como é grande a sua lei! Não acha?”

Os devotos ouviam atentamente as palavras do Mestre que continuava sentado na esteira com M. a seu lado, e Narendra à sua frente. Os devotos estavam à sua volta.

Depois de alguns minutos de silêncio, disse a Narendra afetuosamente, “meu filho, você não alcançará Deus sem renunciar a ‘mulher e ouro’.” Ao dizer isso uma grande emoção surgiu em seu coração. Fixando em Narendra um sincero e afetuosamente olhar, cantou²:

Temos medo de falar, contudo, tememos ficar calados.
Nossas mentes, Ó Radha, quase crêem que estamos a ponto de perdê-lo!
Contamo-lhe o segredo que sabemos –
O segredo pelo qual nós mesmos e outros com nossa ajuda
Passamos por muitos períodos de perigos,
Agora tudo depende de você.

Shri Ramakrishna parecia temeroso de que Narendra o deixasse. Narendra olhou para o Mestre, com lágrimas nos olhos.

Um visitante que estava ali pela primeira vez, ouviu e viu tudo. Disse ao Mestre, “Senhor, se uma pessoa deve renunciar a ‘mulher e ouro’, o que o chefe de família deve fazer?”

Mestre: “Você pode desfrutar de ‘mulher e ouro’. O que se passou entre nós não lhe diz respeito.”

Mahimacharan, um devoto chefe de família, ouviu tudo e ficou em silêncio.

Mestre (*a Mahima*): “Vá em frente. Continue. Descobrirá uma floresta de sândalo. Vá mais longe e encontrará uma mina de prata. Vá ainda mais longe e verá a mina de ouro. Não pare aí. Vá em frente e alcançará as minas de rubis e diamantes, portanto digo, vá em frente.”

Mahima: “Mas, senhor, algo nos puxa para trás. Não podemos nos mover.”

Mestre (*com um sorriso*): “Por que? Corte as rédeas. Corte-as com a espada do nome de Deus. ‘Os grilhões de Kala, Tempo, são cortados pelo nome de Kali.’ ”

De vez em quando o Mestre lançava a Narendra um olhar benevolente. Disse. “Agora você se tornou um médico experiente?” Citando um verso sânscrito disse, “Aquele que matou somente cem pacientes é um noviço na medicina, mas torna-se um especialista depois de matar mil!”

Estava o Mestre sugerindo que Narendra, embora ainda jovem, tinha tido muitas experiências dolorosas na vida?

Narendra sorriu e manteve-se em silêncio.

Era de tarde. Os devotos, sentados em volta do Mestre, ouviam Nabai Chaitanya cantando. Subitamente o Mestre deixou o aposento, mas a música continuou. M. acompanhou o Mestre.

² Era um período muito crítico para Narendra. Desde a morte do pai, vinha sofrendo extrema pobreza. Amigos e parentes eram indiferentes ou traiçoeiros. Sua mente racional não podia conciliar a existência da miséria humana, com a misericórdia de Deus. Poucos dias antes deste encontro com o Mestre, a caminho de casa, quase exausto depois de uma procura inútil de emprego, sentou-se na soleira de uma casa, esperando que uma pancada de chuva passasse. Recebeu então uma revelação na qual encontrou a solução de todos os seus conflitantes problemas. Sentiu-se renovado, realizando a irrealidade do mundo e decidiu imediatamente tornar-se monge. Viera ao Mestre para se despedir dele, mas não lhe falara de sua intenção, contudo, nada podia ser escondido de Shri Ramakrishna, daí a canção abaixo:

Shri Ramakrishna atravessou o pátio e entrou no templo de Radhakanta. Inclinou-se ante as imagens. M. seguiu-o. Havia um pouco de pó vermelho numa bandeja. O Mestre ofereceu um pouco de pó às imagens e inclinou-se novamente.

Em seguida prosseguiu em direção ao templo de Kali. Subindo os sete degraus, parou no pórtico aberto, e olhou para a imagem. Em seguida entrou no santuário, ofereceu pó vermelho à Mãe Divina e saudou-a. Quando deixava o templo, perguntou a M., “Por que você não trouxe Baburam com você?”

Shri Ramakrishna voltou a seu quarto, acompanhado de M. e outro devoto que carregava a bandeja com o pó vermelho. Ofereceu um pouco a todas as imagens de deuses e deusas no quarto, mas não as de Jesus Cristo e a si mesmo. Então jogou pó em Narendra e outros devotos. Todos tomaram a poeira de seus pés.

Na sombra fria da tarde que se aprofundava, os devotos andavam de um lado para outro no jardim do templo, deixando o Mestre e M. no aposento. O Mestre sussurrou a M., “Todos dizem que meditam bem. Por que é diferente com Paltu? O que você pensa de Narendra? É totalmente puro. Agora mesmo está enfrentando muitos problemas familiares difíceis e por isso, seu progresso espiritual está um pouco prejudicado; mas não será assim por muito tempo.”

Narendra discutia com um vedantista na varanda. De vez em quando o Mestre saía para vê-lo. À medida que os devotos reuniam-se no aposento, pediu a Mahima para recitar um hino. Mahima cantou um verso do *Mahanirvana Tantra*:

Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração.
O Indiferenciado, que é adorado por Hari, Hara e Brahma....

Mahima cantou outros hinos mais e por fim, um de Shiva, de Shankaracharya, que comparava o mundo a um poço profundo e agreste. Mahima era chefe de família.

O hino dizia:

Ó Grande Deus! Ó Tu Uno Auspicioso, com a lua brilhando em Teu diadema!
Matador de Madana³ Portador do tridente! Uno imóvel! Senhor do Himalaia!
Ó Consorte de Durga, Senhor de todas as criaturas! Tu que afastas o peso daqueles que tremem!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Bem-Amado do coração de Parvati! Ó Tu, Divindade com diadema em forma de lua!
Ó Vamadeva, Uno que existe por Si próprio! Ó Rudra, Portador do arco!
Senhor de todos o seres! Senhor de todos os exércitos. Ó Tu, Senhor de Parvati!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.
Ó Deus de garganta azul! Shiva, cujo emblema é o touro! Ó Uno de cinco faces!
Senhor dos mundos, que usas serpentes em volta dos pulsos. Tu Auspicioso Uno!
Ó Shiva, Ó Pasupati⁴, Ó Tu, Senhor de Parvati!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Senhor do Universo! Ó Shiva Shankara! Ó Deus dos Deuses!
Tu que susténs o rio Ganges em Teus cabelos emaranhados.
Tu, o Mestre de Pramatha e Nandika.⁵ Ó Hara, Senhor do mundo!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Rei de Kasi, Senhor do campo de cremação de Manikarnika!
Ó poderoso Herói, Tu destruidor do sacrifício de Daksha⁶! Ó Uno que penetra tudo!
Ó Senhor dos hospedeiros! Ser Onisciente! Que é o único Morador de cada coração! Ó Senhor!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

³ Deus do amor.

⁴ Senhor dos seres.

⁵ Ajudantes de Rama.

⁶ Sogro de Shiva.

Ó Grande Deus! Uno Compassivo! Ó Divindade Benigna!
 Ó Byomakesa!⁷ Uno de garganta azul! Ó Senhor dos hospedeiros!
 Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Tu que moras no Monte Kailasha! Tu, cuja montaria é um touro!
 Ó Conquistador da morte! Ó Uno de Três Olhos! Senhor dos três mundos!
 Bem-Amado de Narayana! Conquistador da luxúria! Tu, Senhor de Shakti!
 Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Senhor do Universo! Refúgio do mundo inteiro! Ó Tu de infinitas formas!
 Alma do universo! Ó Tu em que repousam as virtudes infinitas do mundo!
 Ó Tu, adorado por todos! Uno misericordioso! Ó Amigo do pobre!
 Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Mestre (*a Mahima*): “Por que você chama o mundo de um poço profundo ou uma floresta impenetrável? Um aspirante pode pensar assim no começo, mas como pode ter medo de agarrar-se firmemente em Deus? Então ele acha que –

Este Mesmo mundo é a mansão de alegria;
 Aqui posso comer, aqui posso beber e divertir-me. ...

“Por que você ficaria com medo? Agarre-se firmemente a Deus. Que importa que o mundo seja uma floresta de espinhos? Calce sapatos e ande sobre eles. A quem temer? Você não terá que fazer novamente o papel de ‘ladrão’ no jogo de ‘esconde-esconde’, uma vez que tocou a ‘vovó’.⁸

“O rei Janaka costumava esgrimir com duas espadas – uma do Conhecimento e outra, da ação. Nada pode assustar um exímio jogador.

(*A M.*): “Minha mente ainda está atraída ao que ele acabou de cantar.”

Shri Ramakrishna referia-se aos hinos cantados por Mahima.

Nabal Chaitanya e os outros devotos começaram a cantar. O Mestre juntou-se a eles, dançando, embriagado com o amor divino. Depois disse: “Esta é a coisa necessária, cantar o nome de Deus. Tudo o mais é irreal. Só o amor e a devoção são reais e as outras coisas não têm qualquer consequência.”

Mais tarde Shri Ramakrishna dirigiu-se ao Panchavati. Perguntou a M. sobre Binode, um estudante da escola de M., que de vez em quando experimentava êxtase ao pensar em Deus. O Mestre amava-o muito.

Enquanto voltava para o quarto com M. perguntou: “Bem, alguns falam de mim como uma Encarnação Divina. O que pensa a respeito?” O Mestre voltou para o quarto e sentou-se no pequeno divã. Repetiu a pergunta a M. Os outros devotos estavam sentados à distância e não podiam acompanhar a conversa.

Mestre: “O que você está dizendo?”

M.: “Penso assim também. O senhor é como Chaitanya.”

Mestre: “É uma manifestação completa de Deus, ou parte? Diga-me quanto.”

M.: “Não sei, senhor, mas a verdade é que há no senhor uma Encarnação do Poder Divino. Não há dúvida que somente Deus mora no senhor.”

Mestre: “É verdade. Chaitanya também desejava realizar Shakti, o Poder Divino.”

Narendra estava empenhado numa discussão calorosa. Ram que havia recentemente se recuperado de uma doença, juntou-se a ele.

Mestre (*a M.*): “Não gosto dessas discussões. (*A Ram*) Quer parar com isso? Você não tem passado bem. Tudo bem, devagar, devagar; não fique tão exaltado. (*A M.*) Não gosto dessas discussões. Costumava chorar e orar à Mãe Divina, dizendo: ‘Ó Mãe, um homem diz que é isso, enquanto que outro diz que é aquilo. Diz-me, ‘Ó Mãe, qual a verdade.’ ”

⁷ Um dos nomes de Shiva.

⁸ A alusão é ao jogo indiano de “esconde-esconde”, no qual aquele que dirige, conhecido como “vovó”, cobre com um pano os olhos dos jogadores e esconde-se. Os jogadores devem encontrá-la. Se qualquer jogador a tocar, a venda é retirada dos seus olhos e ela se retira do jogo.

Sábado, 7 de março de 1885

Às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava em seu quarto em Dakshineswar, conversando com os devotos. Baburam, Naren mais jovem, Paltu, Haripada, Mohinimohan, um jovem brahmin que passara uns dias com o Mestre e outros devotos estavam presentes.

A Santa Mãe, esposa de Shri Ramakrishna vivia no nahabat. Às vezes vinha ao quarto do Mestre para atender suas necessidades. Mohinimohan trouxera de Calcutá, a esposa e a mãe de Nabin para irem ao templo. As senhoras estavam com a Santa Mãe; esperando uma oportunidade para visitar o Mestre quando os devotos deixassem o quarto.

Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, olhava os jovens. Sua face brilhava de alegria.

Nesta ocasião Rakhhal não estava vivendo em Dakshineswar com o Mestre. Desde que voltou de Vrindavan estava morando em sua casa.

Mestre (*sorrindo*): “Rakhhal agora está desfrutando de sua ‘pensão’. Desde que voltou de Vrindavan tem estado em casa. A esposa está lá, mas ele me disse que não aceitaria nenhum trabalho, mesmo que lhe fosse oferecido um salário de mil rupias.

“Rakhhal deitava-se aqui e dizia que não se importava nem com a minha companhia. Estava passando por um estado espiritual exaltado.

“Bhavanath é casado mas passa a noite em conversa espiritual com a esposa. O casal passa a maior parte do tempo falando somente de Deus. Disse-lhe: ‘Divirta-se com sua esposa de vez em quando.’ ‘O que?’, disse zangado. ‘Devemos nós também, ceder à frivolidade?’”

Shri Ramakrishna começou a falar de Narendra.

Mestre (*aos devotos*): “Não sinto pelo jovem Naren, o mesmo anelo que senti por Narendra.

(*A Haripada*): “Vai à casa de Girish Ghosh?”

Haripada: “Sim, vou lá com muita frequência. É nosso vizinho.”

Mestre: “Narendra também vai?”

Haripada: “Sim, vejo-o lá às vezes.”

Mestre: “O que ele está respondendo a Girish?” [Girish Ghosh referia-se a Shri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus.]

Haripada: “Narendra foi derrotado em sua argumentação.”

Mestre: “Não, Narendra diz, ‘Girish Ghosh tem uma fé forte, por que eu deveria contradizê-lo?’ ”

O irmão do enteado do juiz Anukal Mukhopadhyaya estava no quarto. O Mestre perguntou-lhe, “Conhece Narendra?”

Irmão: “Sim, senhor. É um jovem muito inteligente.”

Mestre (*aos devotos*): “Deve ser um homem bom porque gosta de Narendra. Narendra esteve aqui outro dia, e cantou com Traikolya Sannyal, mas naquele dia seu canto pareceu-me enfadonho.”

Baburam era estudante no curso vestibular na escola onde M. ensinava.

Mestre (*a Baburam*): “Onde estão seus livros? Não está cuidando dos estudos?” (A. M.) “Ele quer segurar ambos.”⁹

“Isto é muito difícil. O que se ganha conhecendo Deus parcialmente? Vashishthadeva, embora um grande sábio, ficou arrasado com a morte dos filhos. Isto causou estranheza a Lakshmana que perguntou a Rama, a razão. Rama disse, ‘Irmão, o que há estranho nisso? Quem tem Conhecimento, tem também, ignorância. Irmão, vá além de conhecimento e ignorância.’ Se um espinho entra na sola do pé, você apanha outro espinho para retirar o primeiro. Em seguida, joga ambos fora. Assim também, utiliza-se o espinho do conhecimento para remover o espinho da ignorância; vai-se além de Conhecimento e ignorância.”

Baburam (*sorrindo*): “É o que desejo.”

Mestre (*sorrindo*): “Mas, meu filho, pode você obtê-lo aferrando-se a ambos? Se quiser isto então saia.”

Baburam (*sorrindo*): “Tire-me do mundo.”

⁹ Deus e o mundo.

Mestre (*a M.*): “Rakhal viveu comigo, mas foi diferente, o pai deu o consentimento. Se esses rapazes ficarem aqui haverá problemas.

Mestre (*a Baburam*): “Você não tem força mental; não tem muita coragem. Veja como o jovem Naren fala, ‘Vou embora para sempre’.”

Shri Ramakrishna levantou-se do pequeno divã e sentou-se no meio dos jovens no chão. M. sentou-se a seu lado.

Mestre (*a M.*): “Procuro quem tenha renunciado totalmente a ‘mulher e ouro’. Ao encontrar um jovem, penso que talvez venha a morar comigo, mas todos põem empecilhos.

“Um fantasma procurava um companheiro. Diz-se que um homem que morre no sábado ou na terça-feira, torna-se um fantasma. Por isso toda vez que o fantasma via alguém cair do telhado ou tropeçar e desmaiar na estrada, num desses dias, corria para ele, na esperança de que, por morte acidental, ele viesse a se tornar um fantasma e ser seu amigo. Mas sua má sorte era tal, que todos reviviam. O coitado não conseguiu ter um companheiro.

“Veja, Rakhal, sempre dá a esposa como desculpa. Diz, ‘O que vai ser dela?’ Quando toquei o peito de Narendra, ele ficou inconsciente e depois gritou, ‘Ó, o que fez comigo? Não sabe que tenho pai e mãe?’

“Por que Deus me fez levar esse tipo de vida?¹⁰ Chaitanyadeva tornou-se um sannyasi para que todos pudessem saudá-lo. Quem saudar uma Encarnação Divina pelo menos uma vez na vida, obtém liberação.”

Mohinimohan havia trazido uma cesta de doces para Shri Ramakrishna.

Mestre: “Quem trouxe esses doces?”

Baburam apontou para Mohinimohan.

Shri Ramakrishna tocou os doces, pronunciando a palavra “OM”, e comeu um pouco. Depois distribuiu-os entre os devotos. Para surpresa de todos, deu de comer ao jovem Naren e outros rapazes, com as próprias mãos.

Mestre (*a M.*): “Isto tem um significado. Há maior manifestação de Deus nos homens de coração puro. Outrora quando costumava ir a Kamarpukur, dava de comer a alguns jovens com minhas próprias mãos. Chine Sankhari dizia, “Por que ele não nos dá de comer assim? Mas como é que eu podia? Levaram uma vida imoral. Quem iria alimentá-los?”

Shri Ramakrishna estava muito feliz com seus devotos de alma pura; Estava sentado no pequeno divã, imitando, com muita graça, uma kirtani. Os devotos riam muito. A kirtani está vestida luxuosamente, coberta de jóias. Canta de pé, com um lenço colorido na mão. De vez em quando tosse para chamar atenção das pessoas e assoa o nariz, levantando a argola. Quando um senhor respeitável entra no aposento, ela o saúda com palavras, continuando a canção. De vez em quando puxa o sari de seus braços para mostrar as jóias.

Os devotos torciam-se de rir com as imitações de Shri Ramakrishna. Paltu rolava no chão. Apontando para ele, o Mestre disse a M., “Olhe aquele menino! Está morrendo de rir.” Disse a Paltu com um sorriso, “Não conte isso a seu pai, senão ele perderá o pouco de respeito que tem por mim. Veja, ele é um ‘inglês’.”

Mestre (*aos devotos*): “Há pessoas que se entregam a todo tipo de mexericos durante suas práticas diárias. Como sabem, não é permitido conversar nesta hora e então fazem todos os tipos de sinais, conservando os lábios fechados. Em vez de dizerem, ‘Traga isto’, ‘Traga aquilo’, fazem sons como ‘Huh’, ‘Uuh’. Todas essas coisas elas fazem. (*Risada*).

“Há, também, outras que pechinçam o preço do peixe, enquanto passam as contas. Com um dedo apontam o peixe, indicando, ‘aquele, por favor’. Destinam esta hora para seus negócios! (*Risada*)

“Há mulheres que vêm ao Ganges para tomar banho e, em vez de pensar em Deus, tagarelam sobre um sem número de coisas, ‘Que jóias você ofereceu por ocasião do casamento do seu filho?’ – ‘Fulano de tal voltou da casa de seu padrasto?’ – ‘Sicrano está muito doente’ – ‘Fulano foi ver a noiva. Esperamos que oferecem um grande dote e que haverá uma grande festa’. Harish não pode ficar nem mesmo uma hora sem mim’ – ‘Minha filha, não pude vê-la todos esses dias, pois estive tão ocupada com o noivado da filha de Fulana’.

“Vejam, vieram banhar-se no rio sagrado e contudo, deixam-se levar por todos os tipos de conversas mundanas.”

¹⁰ Evidentemente Shri Ramakrishna referia-se à sua vida monástica.

O Mestre começou a olhar intensamente para Naren mais jovem e entrou em sama-dhi. Será que via o Próprio Deus no devoto de alma pura?

Os devotos, em silêncio, observavam a figura de Shri Ramakrishna, imóvel em sama-dhi. Minutos antes houve muita risada no quarto, mas agora, havia um silêncio profundo, como se não houvesse ninguém. O Mestre sentou-se de mãos postas como na fotografia.

Depois de algum tempo sua mente começou a descer ao plano relativo. Soltou um longo suspiro e tornou-se inconsciente do mundo exterior. Olhou para os devotos e começou a conversar com eles sobre seu progresso espiritual.

Mestre (*a Naren mais jovem*): “Tenho estado ansioso para vê-lo. Será bem sucedido. Venha aqui de vez em quando. Bem, o que prefere – jnana ou bhakti?”

Naren mais jovem: “Bhakti pura.”

Mestre: “Mas como pode você *amar* alguém que não conhece? (*Com um sorriso, apontando para M.*) Como pode amá-Lo se não o conhece? (*A M.*) Quando alguém de alma pura anseia por bhakti pura, deve haver algum significado.

“Não se procura bhakti sem razão, sem tendências inatas. Esta é a característica de prema bhakti. Há uma outra espécie de bhakti, chamada jnana-bhakti, amor a Deus baseado no raciocínio.

(*Ao Naren mais jovem*): “Deixe-me olhar para seu corpo; tire a camisa. Peito razoavelmente largo, será bem-sucedido. Venha aqui de vez em quando.”

Shri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Falou afetuosamente aos outros devotos, sobre o futuro deles.

Mestre (*a Paltu*): “Você também será bem-sucedido, mas isto tomará um pouco de tempo.

(*A Baburam*): “Por que o atraio para mim? É somente para evitar problemas.

(*A Mohinimohan*): “Quanto a você, está muito bem. Há, contudo, um pouco a ser feito. Quando isto acontecer, nada permanecerá – nem dever, nem trabalho, nem o próprio mundo. É bom livrar-se de tudo?”

Enquanto Shri Ramakrishna falava, olhava para Mohini com carinho, como que esquadrihando seus sentimentos mais íntimos. Estaria Mohini realmente imaginando se não seria bom renunciar tudo por Deus? Depois de algum tempo Shri Ramakrishna disse, “Deus prende o pundit do *Bhagavata* ao mundo com um único elo; caso contrário, quem ficaria para explicar o livro sagrado? Ele mantém o pundit preso para o bem dos homens. Foi por isso que a Mãe Divina o manteve no mundo.”

Agora Shri Ramakrishna falou ao jovem brahmin.

Mestre: “Desista de conhecimento e raciocínio; aceite bhakti. Somente bhakti importa. É o terceiro dia de sua estada aqui?”

Brahmin (*com as mãos postas*): “Sim, senhor.”

Mestre: “Tenha fé, confie em Deus e não terá que fazer nada. Mãe Kali fará tudo.

“A jnana penetra até o pátio exterior, mas bhakti pode entrar no pátio interno. O Ser Puro é intocável. Tanto vidya quanto avidya estão n’Ele, mas Ele é intocado. Às vezes há no ar um cheiro bom, às vezes mau, mas o ar em si mesmo permanece inalterado.

“Uma vez Vyasadeva queria atravessar o Jamuna. As gopis também estavam presentes. Desejavam ir para a outra margem do rio para vender coalhada, leite e creme, mas naquele momento não havia barco. Todas estavam preocupadas como atravessar o rio, quando Vyasa lhes disse, ‘Estou com fome’. As pastoras o alimentaram com leite e creme. Ele quase acabou com a comida. Então Vyasa disse ao rio, ‘Ó Jamuna, se não comi nada, que suas águas se separem e possamos atravessar’. Assim aconteceu. O rio dividiu-se em dois e um caminho surgiu entre as águas. Seguindo aquele caminho, as gopis e Vyasa cruzaram o rio. Vyasa havia dito, ‘Se eu não comi nada’. Isto significa que o homem verdadeiro é o Atman Puro. O Atman é intocado e está além da Prakriti. Não tem fome nem sede; não conhece nascimento ou morte, não envelhece nem morre. É imutável como o Monte Sumeru.

“Aquele que atingiu este Conhecimento de Brahman é um jivanmukta, liberado enquanto ainda vive. Compreende corretamente que o Atman e o corpo são duas coisas separadas. Depois de realizar Deus uma pessoa não identifica o Atman com o corpo. Estão separados, como a polpa e a casca do coco, quando o leite seca. O Atman move-se, por assim dizer, dentro do corpo. Quando o ‘leite’ da mentalidade mundana tiver secado, obtém-se o Autoco-

nhecimento. Sente-se, então, que o Atman e o corpo são duas coisas separadas. A polpa de uma amêndoa verde ou de uma noz de betel não pode ser separada da casca, mas quando estão maduras, o suco seca e a polpa separa-se da casca. Depois de alcançar o Conhecimento de Brahman, o 'leite' da mentalidade mundana seca.

“É extremamente difícil alcançar o Conhecimento de Brahman. Não é obtido simplesmente falando-se d'Ele. Alguns fingem tê-lo. (*Sorrindo*). Houve um homem que era um mentiroso mas costumava dizer que tinha o Conhecimento de Brahman. Quando alguém quis provar que estava mentindo, disse, 'Ora! Esse mundo é realmente um sonho. Se tudo é irreal, pode a própria verdade ser real? A verdade é tão irreal como a falsidade.' ” (*Todos riem*).

Shri Ramakrishna sentou-se com os devotos na esteira. Sorria. Disse aos devotos, “Por favor, façam massagem em meus pés de forma suave”. Atenderam a seu pedido. Disse a M.: “Há um grande significado nisso”.¹¹ Pondo a mão no coração, o Mestre disse, “Se há algo aqui, por meio deste serviço a ignorância e a ilusão dos devotos serão totalmente destruídas.”

De repente Shri Ramakrishna ficou sério, como se fosse revelar um segredo.

Mestre (*a M.*): “Não há ninguém estranho aqui. No outro dia, quando Harish estava comigo, vi Satchidananda sair desse envoltório¹². Disse, 'Encarno-Me em cada época'. Pensei que eu mesmo estava dizendo estas palavras devido à imaginação. Permaneci quieto e observei. Novamente o próprio Satchidananda falou, 'Chaitanya também adorava a Shakti.' ”

Os devotos ouviam essas palavras com admiração. Alguns imaginaram que o Próprio Deus estava sentado diante deles, na forma de Shri Ramakrishna. O Mestre parou por um momento e depois disse, dirigindo-se a M.: “Vi que é a manifestação mais completa de Satchidananda, mas desta vez o Poder Divino estava manifestado através da glória de sattva”.

Os devotos estavam maravilhados.

Mestre (*a M.*): “Agora mesmo estava dizendo à Mãe, 'Não posso falar muito'. Também lhe disse, 'Que a consciência interior das pessoas seja despertada com um só toque!' Vejam, tal é o poder de Yogamaya que Ela pode lançar um encanto. Assim Ela fez em Vrindavan. Foi por isso que Subol¹³ foi capaz de unir Shri Krishna e Radhika. Yogamaya, o Poder Primordial que tem o poder de atração. Apliquei em mim aquele poder.

(*A M.*) “Bem, pensa que aqueles que vêm aqui estão realizando algo?”

M.: “Sim.”

Mestre: “Como sabe?”

M. (*sorrindo*): “Todos dizem, 'Aquele que vai a ele não volta para o mundo.' ”

Mestre (*sorrindo*): “Uma rã foi apanhada por uma cobra d'água. A cobra não podia nem engolir a rã, nem soltá-la. Como resultado, a rã sofria muito. Coaxava continuamente e a cobra também sofria, mas se a rã tivesse sido apanhada por uma serpente, teria ficado quieta depois de coaxar uma ou duas vezes.” (*Todos riem*).

(*Aos jovens devotos*) “Leiam a *Bhaktichaitanyachandrika* de Trailokya. Peçam-lhe um exemplar. Ele escreveu muito bem sobre Chaitanyadeva.”

Um devoto: “Será que ele vai nos dar?”

Mestre (*sorrindo*): “Por que não? Se um fazendeiro tiver uma boa colheita de melões, pode facilmente dar dois ou três. (*Todos riem*). Será que Trailokya vai lhe dar o livro de graça?”

(*A Paltu*) “Venha aqui de vez em quando.”

Paltu: “Sim, virei sempre que puder.”

Mestre: “Virá me ver em Calcutá, sempre que eu for lá?”

Paltu: “Sim, vou tentar.”

Mestre: “É a resposta de uma mente calculista.”

Paltu: “Se não disser, 'Vou tentar', posso ser um mentiroso.”

Mestre (*a M.*): “Não me importo com as mentiras desses rapazes. Não são livres.

(*A Haripada*) “Por que Narendra Mukherji não tem vindo aqui ultimamente?”

Haripada: “Não sei.”

¹¹ Fazer massagem em seus pés.

¹² Corpo de Shri Ramakrishna.

¹³ Um dos companheiros de Shri Krishna.

M. (*sorrindo*): “Ele está praticando jnana yoga!”

Mestre: “Não, não é isso. No outro dia prometeu-me enviar sua carruagem para me levar ao teatro a fim de assistir a peça sobre Prahlada, mas não a mandou. Por isso não veio.”

M.: “Um dia encontrei Mahima Chakravarty e conversei com ele. Parece que Mahendra o visita.”

Mestre: “Mas Mahima fala também sobre bhakti. Adora recitar o hino! ‘Qual a necessidade de penitência se Deus é adorado com amor?’”

M. (*sorrindo*): “Ele diz isso porque o senhor o faz dizer.”

Girish Chandra Ghosh sempre falava aos devotos sobre o Mestre.

Haripada: “Hoje em dia Girish Ghosh tem muitas visões. Antes de ir para casa, permanece absorvido em estados espirituais e tem muitas visões.”

Mestre: “Pode ser verdade. Chegando ao Ganges vemos barcos, navios etc.”

Haripada: “Girish Ghosh diz, ‘De agora em diante vou ocupar-me unicamente com o meu trabalho. De manhã, bem cedo, quando o despertador tocar, vou me sentar com a caneta e o tinteiro, e escrever o dia todo.’ Toma uma resolução, sem dúvida, mas não pode levá-la avante. Logo que o visitamos começa a falar do senhor. O senhor pediu-lhe para mandar Narendra aqui de carruagem. Disse. ‘Alugarei uma carruagem para Narendra’.”

As cinco horas o Naren mais jovem se preparava para voltar para casa. Shri Ramakrishna ficou a seu lado na varanda e transmitiu-lhe diversas instruções. Em seguida o rapaz saudou o Mestre e partiu. Muitos devotos também se despediram.

Shri Ramakrishna, sentado no pequeno divã, conversava com Mohini. A esposa de Mohini quase havia enlouquecido de pesar com a morte do filho. Às vezes ria, às vezes chorava, mas na presença de Shri Ramakrishna sentia-se em paz.

Mestre: “Como está sua esposa agora?”

Mohini: “Fica sossegada sempre que vem aqui, mas às vezes em casa, fica violenta. No outro dia quase ia se matando.”

Ao ouvir isto, Shri Ramakrishna pareceu muito preocupado. Mohini disse-lhe humildemente, “Por favor dê-lhe alguns conselhos.”

Mestre: “Não lhe permita cozinhar, isto aquecerá o cérebro cada vez mais. Mantenha-a na companhia de outras pessoas, de forma que possam vigiá-la.”

Era o entardecer. Nos templos continuavam os preparativos para o culto vespertino. Foi aceso um lampião no quarto do Mestre e queimou-se incenso. Sentado no pequeno divã Shri Ramakrishna saudou a Mãe Divina cantando Seu nome com uma voz doce. Não havia ninguém no quarto, a não ser M., sentado no chão.

Shri Ramakrishna e M. levantaram-se. O Mestre pediu-lhe para fechar as portas o que ele fez e ficou no pórtico, ao lado de Shri Ramakrishna. O Mestre disse que queria ir ao templo de Kali. Apoiando-se no braço de M., desceu até o terraço do templo. Pediu a M. para chamar Baburam e sentou-se.

Depois de visitar a Mãe Divina, o Mestre voltou para o quarto, pelo pátio, cantando, “Ó Mãe! Rajarاهشvari!”

Shri Ramakrishna entrou em seu aposento e sentou-se no pequeno divã. Estivera passando por um estado mental extraordinário, não podia tocar qualquer metal. Havia dito alguns dias antes, “Parece que a Mãe Divina está removendo de minha mente todas as idéias de posse.” Vinha comendo folhas de plantano e bebendo água num copo de cerâmica. Não podia tocar um jarro de metal, por isso pedira aos devotos alguns jarros de cerâmica. Se tocasse em pratos ou jarros de metal, a mão doía como se estivesse sido picada por um peixe pontiagudo.

Prasanna trouxera alguns potes de cerâmica, mas eram muito pequenos. O Mestre disse com um sorriso, “Esses potes são muito pequenos, mas ele é um bom rapaz. Uma vez pedi-lhe que tirasse as roupas e ele ficou nu em minha frente. Que menino ele é!”

Tarak de Belgharia chegou com um amigo e inclinou-se profundamente ante Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã. O quarto estava iluminado por um lampião a óleo. Alguns devotos estavam sentados no chão.

Tarak tinha mais ou menos vinte anos e era casado. Os pais não lhe permitiam visitar Shri Ramakrishna. Vivia a maior parte do tempo em sua casa perto de Bowbazar. O Mestre gostava muito dele. Seu amigo tinha uma natureza tamásica; parecia caçoar do Mestre e das idéias religiosas.

Mestre (*ao amigo de Tarak*): “Por que não vai visitar os templos?”

Amigo: “Ó, já os vi anteriormente.”

Mestre: “Há algum mal que Tarak venha aqui?”

Amigo: “O senhor sabe melhor.”

Mestre (*apontando para M.*): “Ele é diretor de um colégio.”

Amigo: “Ó!”

Shri Ramakrishna perguntou sobre a saúde de Tarak e conversou muito tempo com ele. Tarak estava de saída. Shri Ramakrishna pediu-lhe para tomar cuidado com muitas coisas.

Mestre: “Meu bom homem, tome cuidado. Tome muito cuidado com ‘mulher e ouro’. Uma vez que mergulhar na maya de ‘mulher’, não será capaz de se levantar. É o rodameio de Vishalakshi¹⁴. Quem cair nele não mais pode sair. Venha aqui de vez em quando.”

Tarak: “As pessoas em minha casa não me deixam.”

Um devoto: “Suponhamos que a mãe de alguém lhe diga, ‘Não vá a Dakshineswar’. Suponhamos que o amaldiçoe dizendo, ‘Se for, estará bebendo meu sangue!’”

Mestre: “Uma mãe que diz isto, não é uma mãe; é a encarnação de avidya. Não há pecado em desobedecê-la. Ela obstrui o caminho do filho em direção a Deus. Não há qualquer mal em desobedecer os pais velhos para o bem de Deus. Para o bem de Rama, Bharat não obedeceu à sua mãe Kaikeyi¹⁵. As gopis não obedeceram aos maridos, quando foram proibidas de visitar Krishna. Prahlada desobedeceu o pai por Deus. Vali não levou em consideração as palavras de Shukracharya, seu instrutor, a fim de agradar Deus. Bibhishana foi contra os desejos de Ravana, seu irmão mais velho, para agradar Rama, mas você deve obedecer a seus familiares em todos os outros assuntos. Deixe-me ver sua mão.”

Shri Ramakrishna segurou a mão de Tarak e pareceu sentir seu peso. Pouco tempo depois, disse, “Há um pequeno desvio em sua mente que passará. Ore um pouco a Deus, e venha aqui de vez em quando. Sim, passará. Foi você quem alugou a casa de Bowbazar?”

Tarak: “Não senhor, meus pais.”

Mestre (*sorrindo*): “Eles ou você? É por temer o ‘tigre’?”

Tarak tinha uma esposa. Queria o Mestre dizer que mulher é um tigre para o homem?

Tarak saudou Shri Ramakrishna e despediu-se. O Mestre deitou-se no pequeno divã. Parecia preocupado com Tarak. Subitamente disse a M.: “Por que me preocupo tanto com esses rapazes?” M. ficou em silêncio, pensando. O Mestre perguntou-lhe, “Por que não fala?”

A esposa de Mohini entrou no quarto e sentou-se num canto. Shri Ramakrishna falou com M. a respeito do amigo de Tarak.

Mestre: “Por que Tarak trouxe aquele rapaz com ele?”

M.: “Talvez quisesse um companheiro de viagem. É longe de Calcutá e por isso trouxe um amigo.”

O Mestre subitamente dirigiu-se à esposa de Mohini e disse: “Devido à morte natural, uma pessoa torna-se um espírito mau. Cuidado. Deixe isso bem claro em sua mente. É isto a que você chegou depois de ouvir e ver tanto?”

Mohini estava de saída. Saudou Shri Ramakrishna. Sua esposa, também, saudou o Mestre, que ficou de pé perto da porta. A esposa de Mohini falou-lhe, baixinho:

Mestre: “Não quer ficar aqui?”

Esposa de Mohini: “Sim, quero ficar uns dias com a Santa Mãe, no nahabat. Posso?”

Mestre: “Pode, mas você fala em morrer. Isto me assusta, o Ganges está tão perto!”



¹⁴ Um riacho perto de Kamarpukur.

¹⁵ Devido às maquinacões de Kaikeyi, seu enteado, Rama, foi exilado para a floresta, para que Bharat se tornasse rei, mas Bharat recusou-se a subir ao trono.

CAPÍTULO XXXVIII

COM OS DEVOTOS EM CALCUTÁ

11 de março de 1885

NA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA, 11 de março, Shri Ramakrishna e alguns discípulos foram a casa de Balaram Bose. Balaram era realmente bendito entre os discípulos chefes de família do Mestre. Shri Ramakrishna muitas vezes descrevia-o como um rasaddar, ou provedor de suas necessidades, designado pela Mãe Divina, para cuidar dele. Sua casa, em Calcutá, fora muitas vezes santificada com a presença do Mestre. Ali freqüentemente ele mergulhava em samadhi, dançando, cantando ou falando sobre Deus. Os discípulos e devotos do Mestre que não podiam ir a Dakshineswar, iam visitá-lo lá para receber instruções espirituais. Muitas vezes pediu a Balaram para convidar jovens discípulos como Rakhhal, Bhavanath e Narendra, dizendo, “Essas almas puras são as verdadeiras manifestações de Deus. Alimentá-las é alimentar o Próprio Deus. Nasceram com atributos divinos especiais. Servindo-os estará servindo o próprio Deus.” Sempre que o Mestre estava na casa de Balaram, os devotos reuniam-se lá. Era o principal vinhedo do Mestre em Calcutá, onde os devotos tinham oportunidade de se conhecerem.

M. ensinava numa escola da vizinhança. Muitas vezes trazia os jovens estudantes para visitar o Mestre na casa de Balaram. Naquele dia, tendo sabido da chegada de Shri Ramakrishna, M. foi lá ao meio-dia, na hora de recesso na escola. Encontrou o Mestre repousando na sala de visitas depois do almoço. Diversos jovens estavam no quarto. M. prosternou-se diante do Mestre e sentou-se a seu lado.

Mestre (*afetuosamente*): “Como pode vir agora? Não tem trabalho na escola?”

M.: “Vim diretamente da escola. Agora não tenho nada importante para fazer.”

Um devoto: “Não, senhor; ele está gazeteando.” (*Todos riem*)

M. disse a si mesmo: “Ó! Na verdade foi como se uma força invisível tivesse me arrastado até aqui.”

O Mestre, parecendo um tanto pensativo, pediu a M. para aproximar-se. Disse, “Por favor, torça minha toalha e ponha meu casaco ao sol”. Então continuou: “Minhas pernas e pés doem. Por favor faça massagem neles, suavemente.”

M. sentiu-se muito feliz com o privilégio de poder prestar estes serviços ao Mestre.

Shri Ramakrishna disse a M.: “Pode dizer-me porque tenho me sentindo assim nos últimos dias? É-me impossível tocar qualquer metal. Quando toquei a taça de metal senti como se estivesse sido ferrado por um peixe pontiagudo. Senti uma dor atroz por todo o braço, e quando tive de usar um jarro de água de latão, tentei levá-lo coberto com a toalha, mas no momento que o toquei, senti a mesma coisa no braço. Era uma dor insuportável! Por fim orei à mãe Divina, ‘Ó Mãe, nunca mais farei isto. Por favor perdoa-me desta vez.’

“Naren mais jovem visita-me com freqüência. Você acha que as pessoas em sua casa são contra? Ele é muito puro e não sabe o que é prazer carnal.”

M.: “É um ‘grande receptáculo’.”

Mestre: “É verdade. Além disso, diz que se lembra das coisas espirituais depois de ouvi-las somente uma vez. Disse-me, ‘Em minha infância costumava chorar porque não podia ver Deus.’ ”

O Mestre e M. estavam assim conversando sobre o jovem devoto, quando alguém lembrou M. da escola.

Mestre: “Que horas são?”

Um devoto: “Dez para uma.”

Mestre (*a M.*): “É melhor ir agora, está ficando tarde. Você deixou suas obrigações. (*A Latu*) “Onde está Rakhhal?”

Latu: “Voltou para casa.”

Mestre: “O quê? Foi embora sem me ver?”

Depois das aulas, M. voltou para a casa de Balaram e encontrou o Mestre sentado na sala de visitas, cercado pelos devotos e discípulos. Entre eles estavam Girish, Suresh, Balaram, Latu e Chunilal. O rosto do Mestre brilhava com um sorriso que se refletia nas faces alegres dos que estavam no quarto. Pediram a M. para que se sentasse ao lado do Mestre.

Mestre (*a Girish*): “É melhor você perguntar isso a Narendra e ver o que ele diz.”

Girish: “Narendra diz que Deus é infinito; não podemos nem mesmo dizer que as coisas e as pessoas que vemos são partes de Deus. Como pode o Infinito ter partes? Não pode.”

Mestre: “Por maior e infinito que Deus seja, Sua Essência pode manifestar-Se através do homem por Seu simples desejo. A Encarnação de Deus como homem não pode ser explicada por analogia. Deve-se sentir isso por si mesmo e realizá-Lo pela percepção direta. A analogia pode dar-nos somente um pequeno vislumbre. Ao tocar os chifres, patas ou cauda de uma vaca, de fato tocamos na própria vaca, mas para nós o mais importante a respeito de uma vaca é o leite, que vem pelo úbere. A Encarnação Divina é como o úbere. Deus encarna-Se como homem, de tempos em tempos, para ensinar devoção e amor divino às pessoas.”

Girish: “Narendra diz, ‘É possível conhecer tudo de Deus? Ele é infinito’.”

Mestre (*a Girish*): “Quem pode compreender tudo sobre Deus? Não é dado ao homem conhecer qualquer aspecto de Deus, grande ou pequeno. Qual a necessidade de conhecer tudo a respeito de Deus? Basta somente realizá-Lo. Vemos o Próprio Deus se virmos Sua Encarnação. Suponhamos que uma pessoa vá ao Ganges e toque suas águas. Ela dirá: ‘Sim, vi e toquei o Ganges’. Para dizer isso não lhe é necessário tocar a extensão total do rio, de Haridwar a Gangasagar. (*Risada*).

“Se eu tocar seus pés, certamente que é o mesmo que tocar em você. (*Risada*). Se uma pessoa vai ao oceano e tocar somente um pouco da água, certamente tocou o próprio oceano. O Fogo, como elemento, existe em todas as coisas, mas está presente na madeira em maior grau.”

Girish (*sorrindo*): “Se procuro fogo, é claro que vou a um lugar onde posso obtê-lo.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, fogo como elemento, está presente na madeira, mais do que em qualquer outro objeto. Se alguém procura Deus, procure-O no homem; Ele manifesta-Se mais no homem do que em qualquer outra coisa. Se vir alguém dotado de amor divino, transbordando de prema, louco por Deus, intoxicado com Seu amor, saiba com certeza que Deus encarnou-Se através dele.

(*A M.*) “Não há dúvida de que Deus existe em todas as coisas; mas as manifestações de Seu poder são diferentes em seres diferentes. A maior manifestação de Seu poder é através de uma Encarnação. Também em algumas Encarnações existe completa manifestação do Poder de Deus. É a Shakti, o Poder de Deus que nasceu como Encarnação.”

Girish: “Narendra diz que Deus está além de nossas palavras e pensamentos.”

Mestre: “Isto não é totalmente certo. Ele é, sem dúvida, incognoscível pela mente comum, mas pode certamente, ser conhecido pela mente pura. A mente e o intelecto tornam-se puros no momento em que se liberam do apego a ‘mulher e ouro’. Mente pura e intelecto puro são a mesma coisa. Deus é conhecido pela mente pura. Os sábios e profetas dos tempos antigos não viram Deus? Realizaram por meio de sua consciência interior a Consciência que Tudo penetra.”

Girish (*com um sorriso*): “Derrotei Narendra na discussão.”

Mestre: “Ó não! Ele me disse, ‘Se Girish Ghosh tem tanta fé na Encarnação de Deus como homem, o que posso lhe dizer? Não é conveniente intrometer-me nessa fé.’”

Girish (*com um sorriso*): “Senhor, estamos muito livres e à vontade conversando, mas M. está sentado ali de boca fechada. O que se passa em sua cabeça? O que diz disto?”

Mestre (*com uma risada*): “Há um adágio popular que aconselha as pessoas a tomarem cuidado com o seguinte: um homem de língua solta, um homem cuja mente não pode ser sondada nem mesmo pelo mergulhador mais experiente, um homem que coloca as folhas sagradas de tulsí nas orelhas como sinal de santidade, uma mulher que usa um longo véu para proclamar sua castidade e com a água fria de um reservatório coberto de limo verde, que causa febre tifóide em quem nela se banha. São coisas perigosas, mas é diferente com M. É um homem sério.” (*Todos riem*).

Chunilal: “As pessoas começaram a murmurar sobre a conduta de M. O Naren mais jovem e Baburam, Naran, Paltu, Purna e Tejchandra também são seus alunos. Diz-se que ele

traz esses rapazes para o senhor e por isso, negligenciam os estudos. Os responsáveis por esses jovens culpam M.”

Mestre: “Mas quem acredita em suas palavras?”

Estavam assim conversando quando Naren entrou no quarto e inclinou-se profundamente diante do Mestre. Era um estudante de dezessete ou dezoito anos, de pele clara. O Mestre amava-o muito e estava ansioso por vê-lo e dar-lhe de comer. Por diversas vezes no templo de Dakshineswar o Mestre chorara silenciosamente por Naran. Considerava-o a manifestação do Próprio Narayana.

Girish (*à vista de Naran*): “Eis aí! Quem lhe disse isto? Agora compreendemos que M. está na raiz de todo mal-entendido.” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Parem! Segure a língua. Já há um mau comentário sobre ele.”

Em seguida a conversa voltou-se para Narendra.

Um devoto: “Por que ele agora não vem com tanta frequência?”

Mestre (*citando um provérbio*): “As preocupações do homem com pão e manteiga são simplesmente assombrosas; fazem até Kalidasa perder o juízo.”

Balam: “Narendra visita com frequência o amigo Annada Guha da família de Shiva Guha.”

Mestre: “Sim, ouvi dizer. Narendra e seus amigos encontram-se na casa do funcionário do governo e dirigem os encontros do Brahma Samaj lá.”

Um devoto: “O nome do funcionário é Tarapada.”

Balam (*sorrindo*): “Os brahmins dizem que Annada Guha é muito egoísta.”

Mestre: “Jamais ouçam o que os brahmins dizem. Vocês conhecem sua natureza muito bem. Se um homem não lhes dá dinheiro, eles o chamam de mau mas por outro lado, se um é generoso, o chamam de bom. (*Todos riem*). Conheço Annada. É um bom homem.”

A sala de visitas estava cheia de devotos. O Mestre queria ouvir algumas canções. A pedido de Tarapada cantou a respeito de Krishna:

Ó Kesava, concede Tua graça
A Teus infelizes servos aqui!
Ó Kesava que aprecias
Caminhar pelos matos e bosques de Vrindavan!

Ó Madhava, Feiticeiro de nossa mente!
Doce Uno, que ousas roubar nossos corações,
Tocando suavemente Tua flauta!

(Entoa, Ó mente, o nome de Hari,
Cante em voz alta o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!)

Ó Tu, Eterna Juventude de Braja,
Domador da feroz Kaliya.
Destruidor do medo dos aflitos!

Bem-Amado de olhos curvados
E diadema de arqueadas pernas de pavão.
Que enfeitiças o coração de Shri Radha!

Tu, Poderoso que levantaste o Govardhan.
Todos enfeitado de flores silvestres,
Ó Damodara, Flagelo de Kamsha!

Ó Tu Escuro, que brincas alegremente
Com as doces donzelas de Vrindavan.
(Entoe, Ó Mente, o nome de Hari

Cante em voz alta o nome de Hari!)
Louve o nome do Senhor Hari!)

Mestre (a *Girish*) “Ah! É uma linda canção. Foi você quem a escreveu?”

Um devoto: “Sim, ele escreveu todas as canções para sua peça *Chaitanyalila*.”

Mestre: “Esta realmente alcançou seu objetivo.”

A pedido de Shri Ramakrishna, Tarapada cantou mais duas canções. Na primeira Nitai exorta as pessoas a dividir o amor de Radha por Shri Krishna:

Venham todos! Tomem o amor de Radha!
A maré alta de seu amor flui;
Não durará por muito tempo.
Ó, venham então! Venham todos!
Em torrentes incontáveis flui dela;
É sua na medida que vocês a desejam.

Toda feita de amor, ela despeja amor
Indistintamente para cada um;
Seu amor embriaga o coração
Com felicidade celestial e emociona a alma.
Ó venham e cantem o nome do Senhor Hari,
Atraídos por seu amor, Ó, venham todos!

Em seguida cantou sobre Gauranga:

Quem és Tu, Gaur de matiz dourada?
Que sacias a sede da minha alma?
Tu levantas a tormenta do mar do Amor.
E dificilmente posso estabilizar o meu barco.

Uma vez como pastor de Vrindavan
Tu cuidaste das vacas;
Em Tuas mãos seguravam a flauta
Que tanto seduzia as gopis.

Levantando o Monte Govardhan em Teus braços
Tu protegeste Vrindavan de todo o mal;
E nos pés feridos das gopis.
Tu Te humilhaste em amor arrependido.

Os devotos insistiram para que M. cantasse, mas M. era tímido e, em voz baixa, pediu-lhes que o desculpassem.

Girish(*ao Mestre*): “Senhor, não conseguimos encontrar uma maneira de persuadir M. a cantar.”

Mestre (*aborrecido*): “Sim, pode abrir a boca na escola, mas é tomado de vergonha quando alguém lhe pede para cantar!”

M. sentindo-se muito deprimido, ficou em silêncio.

Suresh Mitra, um amado discípulo chefe de família do Mestre, estava sentado mais afastado. O Mestre lançou um olhar carinhoso para ele e disse-lhe, apontando para Girish, “Você diz ter levado uma vida atribulada, mas aqui está um que ganha de você.”

Suresh (*com um sorriso*): “Sim, senhor, nesse assunto ele é meu irmão mais velho.” (*Todos riem*).

Girish (*ao Mestre*): “Bem, senhor, não tive nenhuma educação durante minha infância, mas ainda assim, dizem que sou uma pessoa instruída.”

Mestre: “Mahimacharan estudou muito as escrituras. Um grande homem. (A M.) “Não é verdade?”

M.: “Sim, senhor.”

Girish: “O quê? Sabedoria de livros? Já vi o suficiente. Não posso me enganar mais.”

Mestre (*com um sorriso*): “Conhecem minha atitude? Livros, escrituras etc. somente mostram o caminho para alcançar Deus. Depois de encontrar o caminho, que necessidade há de livros e escrituras? Chega a hora de agir.

“Um homem recebeu uma carta de casa informando-o de que alguns presentes deveriam ser enviados a seus parentes. Foi detalhada a lista de artigos. Ao comprá-los verificou que havia perdido a carta. Começou a procurá-la ansiosamente, no que foi ajudado por outras pessoas. Durante muito tempo continuaram procurando. Quando, por fim, a carta foi encontrada, a alegria do homem não teve limites. Com grande ansiedade abriu-a e leu-a. Dizia que ele deveria comprar dez libras de doces, uma peça de roupa e outras coisas. Como não precisava mais da carta, porque ela já havia servido a seu propósito, jogou-a fora e saiu para comprar as coisas. Por quanto tempo essa carta foi necessária? Enquanto o conteúdo não foi conhecido. Quando foi conhecido, começou a realizar o objetivo.

“Nas escrituras encontra-se o caminho para a realização de Deus. Depois de se obter toda informação a respeito do caminho, deve-se começar a trabalhar. Só, então, pode-se alcançar o objetivo.

“O que servirá a um homem ter erudição? Um pundit pode ter estudado muitas escrituras, pode recitar muitos textos sagrados, mas se ainda estiver apegado ao mundo, se interiormente ama ‘mulher e ouro’, neste não assimilou o conteúdo das escrituras. Para ele o estudo das escrituras é inútil.

“O almanaque prevê a quantidade de chuva durante o ano. Pode-se espremer o livro, mas não se obterá sequer uma gota d’água – nem mesmo uma simples gota.” (*Risada*).

Girish (*sorrindo*): “O que o senhor disse sobre espremer o almanaque? Será que uma simples gota vai sair dele?” (*Todos sorriem*).

Mestre (*som um sorriso*): “Os pundits falam alto, mas onde sua mente está fixa? Em ‘mulher e ouro’, no conforto material e no dinheiro. O abutre voa alto no céu, mas os olhos estão fixos na carniça, Está sempre procurando por carniças, carcaças e corpos mortos.

(*A Girish*) Narendra é um rapaz de classe superior. É o melhor em tudo: em música vocal e instrumental e nos estudos. Também tem controle sobre os órgãos dos sentidos. É veraz e tem discriminação e desapego. Tantas virtudes numa só pessoa! (*A M.*) “O que me diz? Não é ele bom de uma forma fora do comum?”

M.: “Sim, senhor, ele é,”

Mestre (*à parte à M.*): “Girish tem grande sinceridade e fé.”

M. olhou para Girish e ficou maravilhado com sua tremenda fé. Girish vinha visitando Shri Ramakrishna há pouco tempo, e já reconhecera seu poder espiritual. Para M., ele parecia um amigo familiar e um parente, unido a pelo forte laço de espiritualidade. Girish era uma das pedras preciosas do colar de devotos do Mestre.

Narayan perguntou ao Mestre se ele cantaria. Shri Ramakrishna cantou à Mãe Divina:

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama
Ternamente dentro de ti, Ó mente;
Que só tu e eu A contemplemos,
Não permitindo a ninguém mais intrometer-se.

Ó mente, em solidão desfrute d’Ela,
Mantendo fora todas as paixões.
Conserva apenas a língua, para que de vez em quando,
Possas gritar, “Ó Mãe! Mãe!”

Não deixe que o sopro dos baixos desejos
Entre e se aproximem de nós,
Mas mande o conhecimento verdadeiro ficar em guarda.
Alerto e vigilante para sempre.

Novamente cantou, como se fosse uma das almas aflitas do mundo:

Ó Mãe, sempre Bem-Aventurada Tu és,
Não prives Teu filho indigno da Bem-Aventura!
Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus.
O Rei da Morte me repreende com uma forma terrível
Diz-me, Ó Mãe, o que devo lhe dizer? ...

Depois cantou sobre a felicidade da Mãe Divina:

Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!
Embriagada com um trago de vinho celestial, Ela cambaleia, contudo não cai. ...

Os devotos ouviam as canções em silêncio profundo. Depois de algum tempo Shri Ramakrishna disse, “Estou com um pequeno resfriado. Por isso não cantei bem.”

Gradualmente foi escurecendo. A sombra da noite caiu sobre Calcutá. Por um momento o barulho da intensa metrópole foi silenciado. Gongos e conchas anunciavam o culto da tarde em muitos lares hindus. Os devotos de Deus puseram de lado os deveres mundanos e dirigiram as mentes para oração e meditação. Essa junção de dia e noite, esse crepúsculo místico, sempre levava o Mestre ao êxtase.

Os devotos sentados no quarto olharam para Shri Ramakrishna, quando começou a cantar o doce nome da Mãe Divina. Em seguida começou a orar. Qual a necessidade de oração para uma alma em constante comunhão com Deus? Não preferia ensinar os mortais errantes como orar? Dirigindo-se à Mãe Divina, disse, ‘Ó Mãe, entrego-me à Tua misericórdia; tomo refúgio em Teus Sagrados Pés. Não quero conforto; não anseio por nome e fama; não procuro os oito poderes ocultos. Sê graciosa e conceda-me amor puro por Ti, um amor não influenciado pelo desejo, não maculado por motivos egoístas – um amor ansioso pelo devoto só pelo próprio amor. Concede-me o favor, Ó Mãe, de que eu não possa ser iludido por Tua maya que enfeitiça o mundo, que eu jamais fique apegado ao mundo, a ‘mulher e ouro’, convocados por Tua inescrutável maya! Ó Mãe não há ninguém, a não ser Tu a quem eu possa considerar meu. Mãe, não sei adorar; sou sem austeridade, não tenho nem devoção nem conhecimento. Sê graciosa Mãe, e por Tua infinita misericórdia, concede-me amor por Teus Pés de Lótus.’”

Cada palavra desta oração, pronunciada do fundo de sua alma, levantou as mentes dos devotos. A melodia de sua voz e simplicidade infantil de seu rosto tocaram profundamente seus corações.

Girish convidou o Mestre para ir à sua casa, dizendo que ele deveria ir naquela mesma noite.

Mestre: “Não acha que será tarde?”

Girish: “Não, senhor. O senhor pode voltar a hora que quiser. Terei de ir ao teatro esta noite para resolver um problema lá.”

Eram nove horas da noite quando o Mestre ficou pronto para ir à casa de Girish. Uma vez que Balaram havia preparado uma ceia para ele, Shri Ramakrishna disse a Balaram, “Por favor mande-me a comida que preparou para mim, para a casa de Girish. Quero comê-la lá.” Não queria ferir os sentimentos de Balaram.

Enquanto o Mestre descia do segundo andar da casa de Balaram, entrou em êxtase. Parecia embriagado. Narayan e M. estavam a seu lado; um pouco atrás vinham Ram, Chuni e outros devotos. Mal chegou ao andar térreo, ficou totalmente tomado. Narayan adiantou-se para segurá-lo pela mão, com medo de que ele perdesse o equilíbrio e caísse. O Mestre expressou aborrecimento com este gesto. Minutos mais tarde disse a Narayan afetuosamente: “Se me segurar pela mão as pessoas pensarão que estou bêbado. Vou andar sozinho.”

A casa de Girish não ficava longe. O Mestre passou o cruzamento da Alameda Bose para. Subitamente começou a andar mais rapidamente. Os devotos ficaram para trás. Agira Narendra vinha a uma certa distância. Em outros tempos a alegria do Mestre teria sido sem limites simplesmente em pensar em Narendra ou à simples menção do seu nome, mas agora nem mesmo uma palavra trocou com o querido discípulo.

Quando o Mestre acompanhado dos devotos, entrou na alameda onde Girish morava, foi capaz de pronunciar alguma coisa. Disse a Narendra, “Você está bem, meu filho? Não pude falar com você.” Cada palavra que o Mestre pronunciava estava cheio de infinita ternura. Ainda não havia chegado à porta da casa de Girish, quando subitamente parou e disse, olhando para Narendra, “Quero lhe dizer uma coisa. ‘Isso’ é um e ‘aquilo’ é outro.” Quem poderia saber o que estava passando naquele momento no íntimo de sua alma?

Girish estava de pé à porta para dar as boas vindas ao Mestre. Assim que Shri Ramakrishna entrou na casa, Girish caiu a seus pés e permaneceu ali no chão como um pedaço de

madeira. Ao aceno do Mestre, levantou-se e tocou os pés do Mestre com a testa. Shri Ramakrishna foi levado à sala de visitas no segundo andar. Os devotos seguiram-no e sentaram-se, ansiosos por ter uma visão do Mestre e ouvir cada palavra que saía de seus lábios.

Quando Shri Ramakrishna estava a ponto de sentar-se no lugar reservado para ele, viu que havia um jornal em cima dele. Fez um sinal para alguém pegá-lo. Como um jornal tem assuntos mundanos – assuntos banais e escândalos – ele o considerava impuro. Depois que tiraram o jornal, sentou-se. Nityagopal aproximou-se e inclinou-se ante o Mestre.

Mestre: “Ora, você não tem vindo a Dakshineswar há muito tempo.”

Nityagopal: “Verdade, senhor. Não tenho podido ir lá. Não tenho passado bem. Tenho tido dores em todo o corpo.”

Mestre: “Como está agora?”

Nityagopal: “Não muito bem, senhor.”

Mestre: “Traga a mente para baixo uma ou duas notas.”

Nityagopal: “Não gosto da companhia das pessoas. Dizem de tudo a meu respeito. Isto às vezes me assusta, mas logo sinto grande força interna.”

Mestre: “Isto é natural. Quem mora com você?”

Nityagopal: “Tarak¹, está sempre comigo mas, às vezes, me irrita.”

Mestre: “Nangta contou-me que vivia em seu mosteiro, um asceta que adquirira poderes ocultos. Costumava andar com os olhos fixos no céu, mas quando um de seus companheiros o deixou, ficou desolado.”

Novamente o Mestre entrou em êxtase. Pensamentos estranhos pareciam influenciar sua mente e ele ficou sem falar. Depois de um certo tempo, disse, “Tu vieste? Também estou aqui.” Quem poderia compreender estas palavras?

Muitos de seus devotos estavam no quarto: Narendra, Girish, Ram, Haripada, Chuni, Balaram e M. Narendra não acreditava que Deus pudesse encarnar-Se num corpo humano, mas Girish discordava dele. Tinha a fé abrasadora de que, de tempos em tempos, o Senhor todo Poderoso, por Seu Inescrutável Poder, assume um corpo humano e desce à terra para servir a um propósito divino.

O Mestre disse a Girish: “Gostaria de ouvir você e Narendra debaterem em inglês.”

A discussão começou em bengali. Narendra disse: “Deus é infinito. Como nos é possível compreendê-Lo? Mora em cada ser humano. Não se trata de caso d’Ele manifestar-Se somente através de uma pessoa.”

Shri Ramakrishna (*afetuosamente*): “Concordo inteiramente com Narendra. Deus está em todos os lugares, mas deve-se lembrar-se de que há diferentes manifestações de Seu Poder, em seres diferentes. Em alguns lugares há manifestação de sua avidyashakti, e em outros, de Sua vidyashakti. Através de diferentes instrumentos o Poder de Deus manifesta-Se em graus diferentes, maiores ou menores. Por isso, todos os homens não são iguais.”

Ram: “Qual a utilidade desses argumentos fúteis?”

Mestre: (*asperamente*): “Não! Não! Há um significado em tudo isso.”

Girish (*a Narendra*): “Como sabe que Deus toma um corpo humano?”

Narendra: “Deus está ‘além de palavras ou pensamentos’.”

Mestre: “Não, isto não é verdade. Ele pode ser conhecido pelo buddhi puro, que é o mesmo que o Eu Puro. Os profetas de outrora perceberam diretamente o Eu Puro por meio de seu buddhi puro.”

Girish (*a Narendra*): “A não ser que o Próprio Deus ensine os homens por meio de Sua Encarnação humana, quem mais ensinará os mistérios espirituais? Deus toma um corpo humano para ensinar os homens o conhecimento e o amor divinos. Senão, quem o fará?”

Narendra: “Ora, Deus mora em nosso coração; e nos ensinará de dentro dele.”

Mestre (*ternamente*): “Sim, sim. Ele nos ensinará como nosso Guia interno.”

Gradualmente Narendra e Girish ficaram envolvidos numa calorosa discussão. Se Deus é Infinito, como pode ter partes? O que Hamilton disse? Quais os pontos de vista de Herbert Spencer, de Tyndall, de Huxley? E assim por diante.

Mestre (*a M.*): “Não gosto destas discussões. Por que eu haveria de discutir? Vejo com clareza que Deus é tudo. Ele Próprio tornou-Se tudo. Vejo que tudo que é, é Deus. Ele é

¹ Discípulo de Shri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Shivananda.

tudo; da mesma maneira, Ele está em tudo. Cheguei a um estado em que minha mente e intelecto fundem-se no Indivisível. Ao ver Narendra, minha mente se perde na consciência do absoluto. (A *Girish*) O que você diz?”

Girish (*com um sorriso*): Por que me pergunta? Como se eu tivesse compreendido tudo exceto aquele ponto!” (*Todos riem*).

Mestre: “Assim também não posso pronunciar uma palavra a não ser que desça ao menos dois degraus do plano de samadhi. A explicação não-dualista da Vedanta de Shankara é verdadeira, e assim é a interpretação não dualista qualificada de Ramanuja.”

Narendra: “O que é não-dualismo qualificado?”

“Mestre: “É a teoria de Ramanuja. De acordo com ela, Brahman, ou o Absoluto, é qualificado pelo universo e seus seres vivos. Esses três – Brahman, o mundo e os seres vivos – juntos, formam o Uno. Tome o exemplo da fruta bel. Um homem queria conhecer o peso da fruta. Separou a casca, a polpa e as sementes. Mas pode um homem conhecer o peso somente pesando a polpa? Tem que pesar juntas a polpa, a casca e as sementes. À primeira vista parece que a coisa real na fruta é a polpa e não, as sementes ou a casca. Analisando descobre-se que a casca, as sementes pertencem à mesma coisa a que a polpa pertence. Da mesma maneira, na discriminação espiritual deve-se em primeiro lugar seguir o método ‘Isto não, isto não’: Deus não é o universo, Deus não é os seres vivos; somente Brahman é real e tudo o mais irreal. Então realiza-se, como na fruta bel, que a Realidade da qual tiramos a noção de Brahman, é a verdadeira Realidade que desenvolve a idéia dos seres vivos e do universo. Nitya e Lila são os dois aspectos de uma e mesma Realidade; logo, segundo Ramanuja, Brahman é qualificado pelo universo e seres vivos. É a teoria do Não-dualismo Qualificado.

(A M.) “Vejo Deus diretamente. Por que vou raciocinar? Eu, de minha parte, vejo claramente que Ele Próprio tornou-Se tudo; que Ele Próprio tornou-Se o universo e todos os seres vivos.

“Mas sem o despertar de nossa consciência interna, não podemos alcançar a Consciência que Tudo Penetra. Por quanto tempo o homem raciocina? Enquanto não tiver realizado Deus, simples palavras de nada servem. Quanto a mim, vejo claramente que Ele mesmo tornou-Se tudo. A consciência interna deve ser despertada pela graça de Deus, e por meio deste despertar, o homem entra em samadhi. Muitas vezes esquece-se de que tem um corpo. Livra-se do apego a ‘mulher e ouro’, e não desfruta de qualquer conversa que não seja a respeito de Deus. As conversas mundanas lhe causam dor. Por meio do despertar da consciência interior, realiza-se a Consciência que Tudo penetra.”

A discussão terminou. Shri Ramakrishna disse a M.: “Tenho observado que um homem adquire o conhecimento de Deus através do raciocínio e da meditação; mas sempre adquire Conhecimento sobre Deus quando Deus Se revela a ele, Seu devoto. Se o Próprio Deus revela a natureza da Encarnação Divina – como Ele Se diverte sob a forma humana – então o devoto não tem que raciocinar ou receber qualquer explicação. Sabe como é? Suponhamos que um homem esteja num quarto escuro. Risca um fósforo contra a caixa, e de súbito, a luz aparece. Assim também, se Deus nos der um vislumbre da luz divina, todas as nossas dúvidas serão destruídas. Pode-se reconhecer Deus pelo simples raciocínio?”

“Shri Ramakrishna pediu a Narendra que se sentasse a seu lado. Afetuosamente perguntou-lhe sobre sua saúde, demonstrando-lhe grande afeição.

Narendra (*ao Mestre*): “Meditei em Kali durante três ou quatro dias, mas nada aconteceu.”

“Mestre: “Tudo a seu tempo, meu filho. Kali não é outra, senão Brahman. Aquele que é chamado Brahman é, na verdade, Kali. Ela é a Energia Primordial, e quando Ela cria, preserva ou destrói, chamo-A Shakti ou Kali. O que você chama Brahman, chamo Kali.

“Brahman e Kali não são diferentes. São como o fogo e seu poder de queimar; se uma pessoa pensa em fogo, deve pensar em seu poder de queimar. Se uma pessoa reconhece Kali, deve, também, reconhecer Brahman, da mesma maneira que se uma pessoa reconhece Brahman deve reconhecer Kali. Brahman e Seu Poder são idênticos. É Brahman a quem me dirijo como Shakti ou Kali.”

Era noite avançada. Girish pediu a Haripada para chamar uma carruagem, pois tinha que ir ao teatro. Como Haripada já estava de saída, o Mestre disse-lhe com um sorriso: “Preste atenção, não se esqueça de trazer uma carruagem.”(*Todos riem*).

Haripada (*sorrindo*): “Sim, senhor. Estou saindo só para isso. Como posso esquecê-lo?”

Girish: “Tenho que ir ao teatro e deixar o senhor aqui!”

Mestre: “Não, não. Deve segurar ambos. O rei Janaka cumpriu ambos: os deveres: religiosos e mundanos e ‘bebeu o leite de uma xícara transbordante’.” (*Todos riem*)

Girish: “Tenho pensado em deixar o teatro para os jovens.”

Mestre: “Não, não. Está tudo bem. Está fazendo bem a muitos.”

Narendra murmurou: “Há pouco tempo Girish chamava Shri Ramakrishna, Deus, uma Encarnação, e agora, sente-se atraído pelo teatro!”

Narendra estava sentado ao lado do Mestre, que olhava para ele intensamente. De repente aproximou-se mais do seu bem-amado discípulo. Narendra não acreditava em Deus sob a forma humana; mas o que isto importava? O coração de Shri Ramakrishna inundava-se cada vez mais de amor por seu discípulo. Tocou o corpo de Narendra e disse, citando uma canção:

Você² sente que seu orgulho está ferido?
Que assim seja, nós também, temos nosso orgulho.

Em seguida o Mestre disse a Narendra, “Enquanto um homem discutir sobre Deus, ainda não O realizou. Vocês dois estão discutindo, não gostei.

“Por quanto tempo se ouve barulho e alvoroço numa casa onde se está dando uma grande festa? Enquanto os convidados não estiverem comendo. Assim que a comida é servida e as pessoas começam a comer, três quartos do barulho desaparecem. (*Todos riem*). Quando a sobremesa é servida há ainda menos barulho, mas quando os convidados comem a coalhada, não se ouve nada mais, a não ser ‘sup, sup’. Quando a refeição acaba, os convidados retiram-se para dormir e tudo fica quieto.

“Quanto mais se aproxima de Deus, menos se raciocina e discute. Quando O alcança, todos os sons, todo raciocínio e todas as discussões chegam ao fim. Entra-se em samadhi – sono em comunhão com Deus no silêncio.”

O Mestre acariciava suavemente o corpo de Narendra e com afeição tocou seu queixo, pronunciando com doçura, as palavras sagradas, ‘Hari Om! Hari Om! Hari Om!’ Estava rapidamente perdendo a consciência do mundo exterior. Sua mão estava no pé de Narendra. Ainda naquele estado, gentilmente acariciou o corpo de Narendra. Vagarosamente uma mudança ocorreu em sua mente. De mãos postas disse a Narendra, “Cante uma canção, por favor, para que eu me sinta bem, senão, como poderei sustentar-me sob as pernas?” Novamente ficou mudo, imóvel como uma estátua. Em seguida sentindo-se intoxicado de amor divino, disse, “Ó Radha, olhe onde anda! Caso contrário, cairá no Jamuna. Ah! Quão louco está com o amor de Krishna!”

O Mestre estava em estado de arrebatamento. Citando uma canção disse:

Diga-me, amiga, onde está o bosque
Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?
Seu perfume me alcança mesmo aqui,
Mas estou cansado e não posso andar mais.

Então o Mestre esqueceu-se totalmente do mundo exterior. Não notava ninguém no aposento, nem mesmo seu bem-amado Narendra, sentado a seu lado. Nem sabia onde ele mesmo estava sentado. Estava totalmente imerso em Deus. Subitamente pôs-se de pé, exclamando, “Embriague-me com o Vinho do Amor Divino!” Ao sentar-se outra vez, murmurou, “Vejo uma luz chegando, mas não sei de onde vem.”

Narendra cantou:

Senhor, Tu tiraste todo meu pesar com a visão do Teu rosto,
E a magia de Tua beleza enfeitiçou minha mente;
Contemplando-Te, os sete mundos esquecem a tristeza interminável,
O que direi, então de mim, alma infeliz e humilde? ...

² Estas palavras são dirigidas a Radha, a Bem-Amada de Krishna, por suas companheiras, as gopis.

Ao ouvir a canção, Shri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo. Os olhos estavam fechados e o corpo paralisado.

Descendo desse êxtase, olhou em volta e disse, “Quem me levará ao templo?” Parecia um menino confuso com a ausência do companheiro.

Já era tarde e a noite estava escura. Os devotos aproximaram-se da carruagem que chegara para levar o Mestre a Dakshineswar. Com muito cuidado ajudaram-no a entrar, pois ainda estava em êxtase profundo. A carruagem partiu e os devotos ficaram olhando-o com os olhos cheios de carinho.

Logo os devotos voltaram para casa, enquanto um vento suave do sul acariciava seus rostos. Alguns cantavam baixinho os versos da canção:

Senhor, Tu tiraste meu pesar com a visão de Teu rosto,
E a magia de Tua beleza enfeitiçou minha mente.

6 de abril de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa de Balaram, conversando com M. Era um dia muito quente e há muito passava das três horas. Viera a Calcutá para visitar Devendra alguns discípulos jovens.

Mestre (*a M.*): “Dei minha palavra que estaria aqui às três horas. Daí eu vim, mas está fazendo muito calor.”

M.: “Sim, senhor, o senhor deve ter sofrido muito.”

Os devotos abanavam Shri Ramakrishna.

Mestre: “Vim por Baburam e Naren mais jovem. Por que não trouxe Purna?”

M.: “Ele não gosta de reuniões. Tem medo que o senhor o elogie diante dos outros, e seus parentes fiquem sabendo.”

Mestre: “Sim, é verdade. Não vou mais fazer isto no futuro. Bem, entendi que você esteja dando instrução religiosa a Purna. É bom.”

M.: “Na verdade a mesma coisa está escrita num dos livros da escola. Diz:

Com toda tua alma ama Deus que está lá em cima;
E como a ti mesmo, ama teu vizinho.

Se os responsáveis não estão satisfeitos com tais ensinamentos, não podemos fazer nada.”

Mestre: “Não há dúvida de que muitas coisas como esta estão escritas nos livros, mas os próprios autores não assimilam o que escrevem. Este poder de assimilação, obtém-se associando-se com pessoas santas. As pessoas só escutam a instrução quando é dada por um sadhu que realmente renunciou ao mundo. Não ficam muito impressionadas pelos escritos ou palavras de um simples erudito. Suponhamos que um médico tenha a seu lado um jarro grande de melado e peça a seus pacientes que não comam melado; os pacientes não darão muita atenção a seu conselho.

“Bem, como acha que Purna está? Entra em êxtase?”

M.: “Não, não notei nele qualquer sinal exterior dessa emoção. Um dia falei-lhe aquelas palavras do senhor.”

Mestre: “Que palavras?”

M.: “O senhor nos disse que se um homem é um ‘pequeno receptáculo’ não pode controlar sua emoção espiritual, mas se é um ‘grande receptáculo’ experimenta uma emoção intensa sem demonstrar externamente. O senhor disse que um grande lago não é perturbado quando um elefante entra; mas se um elefante entra num pequeno lago, a água se esparrama pelas margens.”

Mestre: “Purna não mostrará sua emoção externamente; não tem esse tipo de temperamento. Os outros sinais dele são bons. O que acha?”

M.: “Os olhos são muito grandes e proeminentes.”

Mestre: “Simples olhos brilhantes não bastam. Os olhos de uma pessoa dedicada a Deus são diferentes. Perguntou-lhe o que ele sentiu depois de me encontrar?”

M.: “Sim, senhor, falamos sobre isso. Disse-me que nos últimos quatro ou cinco dias, sempre que pensa em Deus, ou repete Seu nome, lágrimas fluem dos olhos e os pelos do corpo eriçam-se – tal é a sua felicidade.”

Mestre: “Verdade! É tudo o que ele precisa.”

O Mestre e M. ficaram em silêncio por alguns minutos. Logo M. disse: “Ele está esperando – .”

Mestre: “Quem?”

M.: “Purna. Talvez esteja parado à porta de sua casa. Quando qualquer um de nós passar por lá, vem correndo e nos saúda.”

Mestre: “Ah! Ah!”

Shri Ramakrishna estava descansando, reclinado contra um almofadão. M. havia trazido um menino de doze anos, estudante de sua escola. Seu nome era Kshirode.

M.: “É um bom menino. Gosta muito de conversas espirituais.”

Mestre (*sorrindo*): “Seus olhos se parecem com os de um cervo.”

O rapaz saudou Shri Ramakrishna, tocando-lhe os pés e os acariciou suavemente.

Mestre (*a M.*): “Rakhal está em casa agora; tem um abcesso e não está bem. Estou sabendo que a esposa espera um filho.”

Paltu e Binode estavam sentados em frente de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Paltu, sorrindo*): “O que você disse a seu pai? (*A M.*) Ele contestou o pai quando este lhe proibiu de vir aqui. (*A Paltu*) O que disse?”

Paltu: “Disse-lhe, ‘Sim, vou vê-lo. Há algum mal nisso?’ (*O Mestre e M. riem*) ‘Vou lhe dizer mais, se for necessário.’ ”

Mestre (*a M., sorrindo*): “Não, não! Será que ele deve ir tão longe?”

M.: “Não, senhor, não deve ir tão longe.” (*Shri Ramakrishna ri*).

Mestre (*A Binode*): “Como está? Por que não tem vindo a Dakshineswar?”

Binode: “Quase vim, mas fiquei com medo de adoecer outra vez já que não me sinto bem.”

Mestre: “Venha comigo a Dakshineswar. O ar é muito bom, recuperará a saúde.”

Naren mais jovem entrou no quarto. Shri Ramakrishna estava saindo para lavar as mãos e o rosto. Naren mais jovem seguiu-o com a toalha; queria despejar a água para o Mestre. M. estava com eles.

Mestre: “Hoje está muito quente.”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Como pode viver num quarto tão pequeno? Não fica muito quente no andar de cima?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Além disso, sua esposa está nervosa. Deve mantê-la num quarto fresco.”

M.: “Sim, senhor. Pedi-lhe para dormir no andar de baixo.”

Shri Ramakrishna voltou para a sala de visitas e sentou-se.

Mestre (*a M.*): “Por que não foi a Dakshineswar no último domingo?”

M.: “Senhor, não havia ninguém mais em casa. Minha esposa não se sentia bem, e não havia ninguém para cuidar dela.”

Shri Ramakrishna estava na carruagem, a caminho da casa de Devendra, na Alameda Goswami. Naren mais jovem, M., e um ou dois devotos estavam com ele. O Mestre sentia muita falta de Purna e começou a falar do jovem discípulo.

Mestre (*a M.*): “Uma grande alma! Se não o fosse, como pode ele me induzir a fazer japa para seu bem-estar? Mas Purna não sabe nada disso.”

M. e outros devotos estavam maravilhados com estas palavras.

Mestre: “Teria sido ótimo se o tivesse trazido aqui, hoje. Por que não o trouxe?”

Vendo Naren mais jovem rir, o Mestre e os outros devotos também riram. O Mestre disse a M., rindo e apontando para Naren, “Olhe para ele! Olhe! Quão ingênuo parece quando ri, como se não soubesse de nada. Jamais pensa em três coisas: terra, esposa e dinheiro. Deus não pode ser realizado a não ser que a mente esteja totalmente livre de ‘mulher e ouro’.”

A carruagem dirigia-se para a casa de Devendra. Certa vez Shri Ramakrishna havia dito a Devendra em Dakshineswar: “Tenho pensado em visitar sua casa um dia”. Devendra

havia respondido, “A mesma idéia me passou pela cabeça hoje, e vim aqui para lhe pedir esse favor. O senhor deve agraciar minha casa neste domingo.”, “Mas”, o Mestre disse, “você tem um salário pequeno. Não convide muitas pessoas. O aluguel da carruagem também custará muito.” Devendra, rindo, respondera, “O que importa se meu salário é pequeno? Podemos endividar-nos para ter manteiga!” A essas palavras Shri Ramakrishna riu por muito tempo.

Logo a carruagem chegou à casa de Devendra. Shri Ramakrishna disse-lhe: “Devendra, não faça arranjos complicados para minha comida. Qualquer coisa simples está boa. Hoje não estou me sentindo muito bem.”

Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas no andar térreo da casa de Devendra. Os devotos sentaram-se à sua volta. Anoitecia. O aposento estava iluminado. Naren mais jovem, Ram, M., Girish, Devendra, Akshay, Upendra e outros devotos estavam presentes. Sempre que o Mestre olhava o jovem devoto, o rosto brilhava de alegria. Apontando para o devoto, Shri Ramakrishna disse aos demais: “Ele está totalmente livre de apego ‘a terra, esposa e dinheiro, as três coisas que enredam um homem ao mundo. A mente que mora nessa três coisas, não pode ficar fixa em Deus. Também teve uma visão (*Ao devoto*) Diga-nos, o que viu?”

Devoto (*rindo*): “Vi um monte de esterco. Alguns estavam sentados nele e outras, mais afastados.”

Mestre: “Foi a visão da condição infeliz das pessoas mundanas que se esqueceram de Deus. Ela mostrou que todos esses desejos estão desaparecendo de sua mente. Precisa alguém preocupar-se com alguma coisa, se a mente estiver desapegada de ‘mulher e ouro’? Que estranho! Somente depois de muita meditação e japa, pode ficar livre desses desejos, e quão rapidamente ele nos pode tirar de sua mente! É uma coisa fácil livrar-se da luxúria? Eu mesmo senti uma sensação estranha no meu coração, seis meses depois de ter começado minha prática espiritual. Joguei-me ao chão debaixo de uma árvore e chorei amargamente. Disse à Mãe Divina, ‘Mãe, se chegar a isso, certamente cortarei minha garganta com um fação!’

(*Aos devotos*) “Se a mente estiver livre de ‘mulher e ouro’, o que pode deter um homem? Desfruta somente da Felicidade de Brahman.”

Sashi³ vinha visitando Shri Ramakrishna há pouco tempo. Estudava no Vidyasagar School para se formar em bacharel. O Mestre começou a conversar sobre ele.

Mestre (*aos devotos*): “Aquele rapaz pensará em dinheiro por algum tempo, mas há alguns que jamais o farão. Alguns não se casarão.”

Os devotos em silêncio ouviam o Mestre.

Mestre: “É difícil reconhecer uma Encarnação Divina, enquanto a mente não estiver totalmente livre de ‘mulher e ouro’. Um homem pediu a um vendedor de beringelas para avaliar um diamante. Disse, ‘Posso dar-lhe nove quilos de beringelas, nada mais.’ ”⁴

Ao ouvir estas palavras todos os devotos riram. Naren mais jovem riu alto. Shri Ramakrishna notou que ele havia rapidamente compreendido o sentido das palavras.

Mestre: “Que mente sutil ele tem! Nangta também podia compreender as coisas assim – num estalo – o significado do *Gita*, do *Bhagavata* e de outras escrituras.

“Renunciar a ‘mulher e ouro’ desde a infância! Assombroso! É a sorte de alguns. Uma pessoa sem essa renúncia é como uma manga atingida pelo granizo. Essa fruta não pode ser oferecida à Divindade e até mesmo um homem vacilaria comê-la.

“Há pessoas que em sua juventude, cometeram muitos pecados, mas na velhice cantam o nome de Deus. Bem, é melhor do que nada.

“A mãe de um certo Mallick, que pertencia a uma família muito nobre, perguntou-me se as prostitutas seriam um dia, salvas. Ela mesmo levava este tipo de vida e por isso estava perguntando. Eu respondi. ‘Sim, elas também serão salvas, desde que chamem Deus com o coração anelante e prometam não repetir seus pecados.’ O que se pode conseguir com o simples cantar do nome de Hari? Deve-se chorar sinceramente.”

O kirtan começou com acompanhamento de tambores e pratos. O cantor era profissional. Cantou sobre a iniciação de Shri Gauranga como monge, por Keshab Bharati:

³ Sashi mais tarde tornou-se discípulo monástico do Mestre, com o nome de Swami Ramakrishnananda.

⁴ Essa história está relatada no capítulo XXXIX.

Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati!
Gora em sua graça incomparável,
Derramando lágrimas em milhares de torrentes! ...

Shri Ramakrishna entrou em êxtase ao ouvir a canção. O músico cantou novamente, descrevendo o sofrimento da pastora em Vrindavan, por sua separação com Shri Krishna. Procurava seu Krishna no carramanchão de madhavi⁵.

Ó madhavi, dê-me de volta meu Doce Uno!
Dê-me, dê-me de volta meu Doce Uno!
Devolva-O porque Ele é meu,
E faça-me seu escravo para sempre.
Ele é a minha vida, como a água é para o peixe;
Ó madhavi, você O esconde em seu peito!
Sou uma menina simples e ingênua,
E você roubou meu Bem-Amado.
Ó madhavi, morro pelo meu Doce Uno;
Não suporto viver sem Ele.
Sem meu Madhava⁶ morrerei;
Ó, devolva-O, devolva-O para mim!

De vez em quando Shri Ramakrishna cantava com os músicos, improvisando versos:

Quão longe daqui está Mathura,
Onde mora o Bem-Amado de minha alma?

Shri Ramakrishna entrou em samadhi, o corpo imóvel. Ficou assim por longo tempo. Gradualmente voltou à consciência do mundo exterior. Ainda em estado espiritual, começou a falar, às vezes dirigindo-se aos devotos, às vezes à Mãe Divina.

Mestre: “Mãe, peço-Te, atraia-o para Ti. Não posso mais preocupar-me com ele. (A M.) Minha mente está um pouco inclinada para seu cunhado.

(A *Girish*) “Você diz muitas palavras ofensivas e vulgares, mas isso não importa. É melhor que essas coisas saiam. Há algumas pessoas que ficam doentes por causa do envenenamento do sangue e quanto mais o sangue envenenado saia, é melhor para elas. Quando o upadhi de um homem está sendo destruído faz, por assim dizer, um grande barulho. A madeira crepita quando queima; mas não há mais barulho quando termina a queima.

“Você ficará cada dia mais puro. Melhorará a cada dia. As pessoas ficarão maravilhadadas. Pode ser que eu não venha mais; mas isso não importa. Terá êxito por si mesmo.”

O estado espiritual do Mestre intensificou-se. De novo conversou com a Mãe Divina.

Mestre: “Mãe, que mérito há em tornar bom um homem que já é bom? Ó Mãe, o que Tu vás ganhar matando quem já está morto? Só se Tu puderes matar alguém que ainda está de pé a Tua frente e que mostrarás Tua glória.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio uns minutos. Subitamente disse com a voz levemente alteada, “Vim de Dakshineswar. Estou indo, Mãe!” Era como se uma criança tivesse ouvido o chamado de sua mãe à distância e respondera. Novamente ficou imóvel, absorvido em samadhi. Os devotos olharam para ele sem pestanejar. Ainda em êxtase disse, “Não comerei mais *luchi*”. Nesse momento alguns sacerdotes vaishnavas da vizinhança saíram.

Shri Ramakrishna, muito alegre, começou a conversar com os devotos. Era abril e o dia estava muito abafado. Devendra fez sorvete e ofereceu ao Mestre e aos devotos. M. disse baixo, “Bis! Bis!” Todos riram. Vendo o sorvete, Shri Ramakrishna parecia uma criança.

Mestre: “O kirtan foi muito bom. A canção descreveu lindamente o estado de espírito das gopis. ‘Ó madhavi, devolva-me meu Doce Uno.’ As pastoras de Vrindavan estavam embriagadas com o amor por Krishna. Que maravilha! Loucas por Krishna!”

⁵ Trepadeira da primavera com flores muito perfumadas.

⁶ Um nome de Krishna.

Um devoto, apontando para o outro, disse, “Ele tem a atitude das gopis.”

Ram: “Não, tem ambas – a atitude de amor terno e a de conhecimento austero.”

Mestre: “Do que estão falando?”

Shri Ramakrishna perguntou por Surendra.

Ram: “Mandei-lhe um recado, mas não veio.”

Mestre: “Ele fica muito cansado com o trabalho árduo do escritório.”

Um devoto: “Ram Babu vem escrevendo sobre o senhor.”

Mestre (*sorrindo*): “O que está escrevendo?”

Devoto: “Um artigo sobre ‘A Bhakti do Paramahamsa’.”

Mestre: “Bom! Isto tornará Ram famoso.”

Girish (*sorrindo*): “Diz que é seu discípulo.”

Mestre: “Não tenho discípulo. Sou o servo do servo de Rama.”

Algumas pessoas da vizinhança haviam chegado, mas não agradaram o Mestre. Disse, “Que espécie de lugar é este? Não encontro uma única alma piedosa aqui.”

Devendra levou Shri Ramakrishna para os aposentos internos e ofereceu-lhe uma refeição ligeira. Em seguida o Mestre voltou para a sala de visitas com uma expressão feliz e sentou-se. Os devotos sentaram-se à sua volta. Upendra ⁷ e Akshay ⁸ sentaram-se ao seu lado e fizeram massagem nos seus pés. O Mestre elogiou as mulheres da família de Devendra, dizendo, “São muito boas. Vieram do interior, portanto, são muito piedosas.”

O Mestre estava absorvido em grande alegria. Cantou:

A não ser que um homem seja simples, não pode reconhecer Deus, o Uno Simples ...

Novamente cantou:

Pare, Ó monge errante!

Fique aí com sua tigela de pedinte na mão.

E deixe-me olhar sua face radiante. ...

Uma vez mais:

Um pedinte veio até nós, sempre absorvido em estados divinos;

Santo para os hindus e para os muçulmanos. ...

Girish saudou o Mestre e despediu-se. Devendra e outros devotos levaram o Mestre até a carruagem. Vendo que um dos vizinhos adormecera no banco do pátio, Devendra acordou-o e ele, esfregando os olhos, disse, “O Paramahamsa veio?” Todos riram. Chegara antes de Shri Ramakrishna e, com o calor intenso, pusera uma esteira no banco; deitara e dormira.

A carruagem de Shri Ramakrishna prosseguiu em direção a Dakshineswar. Disse a M., “Tomei muitos sorvetes, traga-me quatro ou cinco bolas quando vier a Dakshineswar. Agora minha mente está atraída para esses rapazes: Naren mais jovem, Purna e seu cunhado.”

M.: “Refere-se a Dwija?”

Mestre: “Não, ele está bem; quero dizer o irmão mais velho.”

A carruagem seguiu para o templo de Kali em Dakshineswar.

⁷ Mais tarde um editor famoso em Calcutá.

⁸ Autor da vida de Shri Ramakrishna, em versos, em bengali.

CAPÍTULO XXXIX

REMINISCÊNCIAS DO MESTRE

12 de abril de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado com os devotos na sala de visitas de Balaram, em Calcutá. M. chegou às três horas. Girish, Balaram, Naren mais jovem, Paltu, Purna Mahendra Mukherji e outros devotos estavam presentes. Pouco tempo depois Trailokya Sannyal, Jayagopal Sen e outros membros do Brahma Samaj chegaram. Havia muitas devotas sentadas atrás de um biombo, entre as quais a esposa de Mohini que quase enlouquecera com a morte do filho. Outras almas angustiadas como ela, costumavam visitar o Mestre em busca de paz de espírito.

Shri Ramakrishna descrevia aos devotos, os vários incidentes de sua sadhana e as fases de sua realização espiritual.

Mestre: “Durante a sadhana, ao meditar, de fato eu via uma pessoa sentada perto de mim com um tridente na mão. Ameaçava ferir-me com a arma se eu não fixasse a mente nos Pés de Lótus de Deus, avisando que atravessaria meu peito se minha mente se desviasse de Deus.

“A Mãe Divina punha-me em tal estado que, às vezes minha mente descia de Nitya para Lila e às vezes, subia de Lila para Nitya.

“Às vezes quando a mente descia à Lila, meditava dia e noite em Sita e Rama. Naquela época contemplava com muita frequência, as formas de Sita e Rama. Ramlala¹ era meu companheiro habitual. Às vezes eu O banhava e, outras, O alimentava.

“Costumava também ficar absorvido no ideal de Radha e Krishna e via Suas formas. Ou também, ficava absorvido em Gauranga, a harmonização de dois ideais: Purusha e Prakriti. Em tais momentos via sempre a forma de Gauranga.

“Logo uma mudança operou-se em mim. A mente deixou o plano de Lila e ascendeu a Nitya. Não distinguia entre o tulsi sagrado e a planta comum, sajina. Não mais desfrutei das formas de Deus. Disse a mim mesmo: ‘Elas vêm e vão.’ Elevei a mente acima delas. Retirei todos os quadros de deuses e deusas do quarto e comecei a meditar no Purusha Primordial, o Satchidananda Indivisível, considerando-me Seu ajudante.

“Pratiquei todos os tipos de sadhana. Há três tipos de sadhana: sátivica, rajásica e tamásica. Na sadhana sátivica o devoto chama Deus com grande anseio ou simplesmente repete Seu nome, não quer nada em retribuição. A sadhana rajásica prescreve muitos rituais: purashcharana, peregrinações, panchatapa, adoração com dezesseis artigos e outros. A sadhana tamásica é a adoração a Deus com a ajuda de tamas. A atitude do devoto tamásico é assim: ‘Salve, Kali! O que? Tu não Te revelas a mim? Se não o fizeres, cortarei a garganta com a faca!’ Nesta disciplina não se observa pureza convencional; é como algumas disciplinas prescritas pelos Tantras.

“Durante o período da sadhana tive inúmeras visões maravilhosas. Distintamente percebi a comunhão do Atman. Uma pessoa parecida comigo, entrou no meu corpo e começou a comungar com cada um dos seis lótus². As pétalas desses lótus estavam fechadas, mas quando cada uma delas experimentava a comunhão, a flor murcha florescia e levantava-se. Assim floresceram os lótus nos centros de Muladhara, Svadhithana, Anahata, Vishuddha, Ajna e Sahasrara. As flores murchas levantavam-se. Via todas essas coisas diretamente.

“Ao meditar, costumava pensar na chama que não se movia de um lampião, colocado num lugar sem vento.

“Em meditação profunda o homem não está totalmente consciente do mundo exterior. Um caçador apontava para um pássaro. Um cortejo de casamento passou perto dele, com os parentes do noivo e amigos, música, carruagens e cavalos. Levou muito tempo para que o

¹ Imagem de metal do Menino Rama, dada a Shri Ramakrishna, durante o período de sua sadhana, por um santo vaishnava.

² Referência aos lótus de seis centros, através dos quais a Kundalini sobe.

cortejo passasse pelo caçador, mas ele estava inconsciente deste acontecimento. Não sabia que o noivo já passara por ele.

“Um homem pescou sozinho num lago. Depois de algum tempo, a bóia começou a mover-se. De vez em quando a ponta tocava a água. O pescador segurava a vara firmemente, pronto para puxá-la, quando uma pessoa que passava pelo local disse, ‘Senhor, pode me dizer onde mora o sr. Bannerji?’ Não recebeu qualquer resposta do pescador, que justamente naquele momento acabava de puxar a vara. Repetidamente o estranho disse-lhe em volta, ‘Senhor pode me dizer onde mora o sr. Bannerji?’ Mas o pescador estava ausente de tudo que se passava à sua volta, as mãos tremiam, os olhos fixos na bóia. O estranho, aborrecido, foi embora. Quando já havia se afastado, a bóia do pescador afundou e com um puxão na vara, trouxe o peixe. Enxugou o suor do rosto com a toalha e gritou para o estranho, ‘Hei!’ disse ele, ‘Venha aqui! Ouça!’ Mas o homem não virou o rosto. Depois de muito chamá-lo, contudo, voltou e disse ao pescador, ‘Por que está gritando por mim?’ ‘O que me perguntou?’ disse o pescador. O estranho disse, ‘Repeti a pergunta tantas vezes e agora, está me pedindo para repeti-la uma vez mais!’ O pescador respondeu, ‘Naquele momento minha bóia estava a ponto de afundar, por isso, não ouvi uma palavra do que me disse.’

“Uma pessoa pode alcançar essa concentração durante a meditação de maneira que não veja nada, não ouça nada. Não será consciente nem mesmo se lhe tocarem. Uma cobra pode rastejar em seu corpo, mas não perceberá. Um não será consciente do outro.

“Em meditação profunda os órgãos dos sentidos param de funcionar e a mente não tem consciência do exterior. É como fechar a porta do pátio externo de uma casa. Há cinco objetos dos sentidos: forma, gosto, cheiro, toque e som. São todos deixados fora.

“No começo da meditação os objetos dos sentidos aparecem diante do aspirante, mas quando a meditação se aprofunda, não mais o perturbam. São deixados fora. Quantas coisas vi durante a meditação! Vi claramente diante de mim, uma pilha de rupias, um xale, uma travessa de doces e duas mulheres com argolas no nariz. ‘O que você quer? Perguntei à minha mente. ‘Quer desfrutar de alguma dessas coisas’ ‘Não’, respondeu a mente, ‘Não quero nenhuma delas. Quero somente os Pés de lótus de Deus.’ Vi o interior e o exterior das mulheres, como se vê os objetos através de um aposento cercado de vidro. Vi como é dentro: entranhas, sangue, sujeira, vermes, fleuma e coisas assim.”

Girish Chandra Ghosh costumava dizer de vez em quando, que podia curar doenças pela força do nome de Mestre.

Mestre (*a Girish e outros devotos*): “Pessoas de mente estreita procuram poderes ocultos – poderes de cura, ganhar uma causa na justiça, andar sobre a água e coisas assim, mas um devoto verdadeiro não quer nada a não ser Seus Pés de Lótus. Um dia Hriday disse-me, ‘Tio, por favor peça à Mãe alguns poderes, alguns poderes ocultos.’ Tenho a natureza de uma criança. Enquanto praticava japa no templo de Kali, disse a Ela, ‘Mãe, Hriday pediu-me para orar a Ti por alguns poderes ocultos.’ A Mãe Divina imediatamente mostrou-me, numa visão, uma prostituta de aproximadamente quarenta anos, que apareceu e ficou de costas para mim. Tinha as cadeiras grandes e usava um sari bordado de negro. Logo ficou coberta de sujeira. A Mãe mostrou-me que poderes ocultos são tão abomináveis como a sujeira daquela prostituta. Por isso fui ter com Hriday e o repreendi, dizendo, ‘Por que você me ensinou essa oração? Foi por sua causa que tive essa experiência.’

“Pessoas com um pouco de poder oculto adquirem coisas como nome e fama. Muitas delas querem seguir a profissão de guru, ganhar o reconhecimento das pessoas e fazer discípulos e devotos. Os homens dizem desse guru, ‘Ah! Ele está se divertindo muito. Quantas pessoas o visitam! Tem muitos discípulos e seguidores. Sua casa está cheia de móveis e outras coisas. As pessoas dão-lhe presentes. Tem tanto poder que pode alimentar muitas pessoas, se quiser.’

“A profissão de instrutor é como a de uma meretriz. É a venda de si próprio por uma ninharia de dinheiro, honra e conforto material. Por coisas tão insignificantes não é bom prostituir o corpo, mente e alma, meios pelos quais pode-se atingir Deus. Uma vez um homem disse a respeito de uma certa mulher, ‘Ah! Está tendo grandes momentos agora. Está tão bem! Alugou um quarto e guarneceu-o com um divã, colchão, travesseiro e muitas outras coisas! E quantas pessoas ela controla! Eles a estão sempre visitando.’ Em outras palavras, a mulher

agora tornara-se uma prostituta, portanto, sua felicidade agora é grande. Antes era uma empregada na casa de um senhor, agora, é uma prostituta. Arruinou-se por uma ninharia.

“Quantas outras coisas vi durante a meditação! Uma vez estava meditando debaixo da árvore bel, quando ‘Pecado’ apareceu diante de mim e tentou-me por diversas maneiras. Veio sob a forma de um soldado inglês. Queria dar-me riqueza, honra, prazeres do sexo, poderes ocultos etc. Comecei a orar à Mãe Divina. Estou lhe contando algo muito secreto. A Mãe apareceu. Disse-lhe: ‘Mata-o, Mãe!’ Lembro-me ainda daquela forma da Mãe, Sua beleza que enfeitiça o mundo. Veio sob a forma de Krishnamayi³, mas era como seu olhar movesse o mundo.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Continuando com as recordações, disse, “Quantas visões tive! Mas não tenho permissão para contá-las. Alguém fechou minha boca. Costumava não fazer distinção entre o tulsi sagrado e a insignificante folha sajita. O sentimento de diferença foi totalmente destruído. Uma vez estava meditando sob o baniano, quando me mostraram um muçulmano⁴ com uma longa barba. Veio a mim com arroz num prato de barro. Deu de comer aos outros muçulmanos e para mim deu alguns grãos. A Mãe mostrou-me que há somente Um e não, dois. Ele tornou-se o mundo e os seres vivos. Da mesma maneira foi Ele quem Se tornou a comida.

(A *Girish, M. e outros*) “Tenho a natureza de uma criança. Hriday disse-me, ‘Tio, peça à Mãe alguns poderes ocultos’. Imediatamente fui ao templo pedi-los. Naquela época Deus colocou-me em tal estado que tinha que ouvir aqueles que viviam comigo. Sentia-me como uma criança que vê a escuridão em toda sua volta, a não ser que haja alguém com ela. Sentia como se fosse morrer se Hriday não estivesse perto. Mesmo agora sinto-me naquele estado mental. Enquanto falo com vocês meu espírito interior está despertando.”

Ao pronunciar estas palavras Shri Ramakrishna quase entrou em samadhi, perdendo a consciência de tempo e espaço, mas com muita dificuldade conseguiu se controlar. Disse aos devotos, “Ainda os vejo, mas sinto como se tivessem estado aqui o tempo todo. Não me lembro quando vieram ou onde estão.”

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por alguns momentos. Logo retomando parcialmente a consciência disse, “Tomarei um pouco d’água.” Muitas vezes depois do samadhi dizia coisas assim, para trazer a mente ao plano normal de consciência. Girish era um recém-chegado e não sabia desse fato, por isso, ofereceu-se para trazer a água. Shri Ramakrishna pediu-lhe que não o fizesse, dizendo, “Não, meu caro senhor, não posso beber agora.”

O Mestre e os devotos ficaram em silêncio por algum tempo. Shri Ramakrishna retomou a conversa.

Mestre (*a M.*): “Bem, será que fiz mal em contar essas experiências secretas?”

M. não soube o que dizer e ficou quieto.

Mestre: “Por que haveria algum mal nisso? Disse todas essas coisas para incentivar a fé em todos vocês.”

Depois de algum tempo disse a M., muito humildemente, “Podemos trazê-lo aqui?” Referia-se a Purna.

M. (*hesitando*): “Sim, senhor. Vou buscá-lo agora mesmo.”

Mestre (*ansiosamente*): “Com Purna alcancei o ‘último lugar’.”

Estaria Shri Ramakrishna querendo dizer que Purna era talvez, o último devoto de seu círculo íntimo?

Em seguida Shri Ramakrishna descreveu a Girish, M. e outros devotos sua própria experiência espiritual de mahabhava.

Mestre (*aos devotos*): “Minha alegria depois dessa experiência foi igual à dor que sofri antes dela. Mahabhava é um êxtase divino; estremece o corpo e a mente até suas próprias bases. É como um grande elefante entrando numa pequena cabana. A casa estremece em suas fundações. Talvez caia em pedaços.

“A dor abrasadora que se sente quando se está separado de Deus não é um sentimento comum. Diz-se que o fogo desta angústia em Rupa e Sanatana⁵ queimou as folhas da árvore

³ A jovem filha de Balaram Bose.

⁴ Talvez a visão de Maomé, fundador do islamismo.

⁵ Dois grandes discípulos de Shri Chaitanya;

debaixo da qual estavam sentados. Fiquei inconsciente três dias, naquele estado. Não podia mover-me, permanecia deitado. Ao recuperar à consciência, a Brahmani ⁶ levou-me para tomar banho, mas minha pele não podia suportar o toque de sua mão, e por isso meu corpo teve que ser coberto por um lençol. Só então ela pôde segurar-me pela mão e levar-me ao banho. A terra que havia grudado em meu corpo, enquanto estava no chão, ficou cozida.

“Naquele estado senti como se um arado estivesse passando por minha espinha. Gritei: ‘Ó, estou morrendo! Estou morrendo!’ Mas em seguida fui tomado de grande alegria.”

Com a respiração parada os devotos escutavam essas experiências do Mestre.

Mestre (*a Girish*): “Mas não é necessário que você vá tão longe. Minhas experiências são para os outros seguirem. Você se cansa com cinco coisas diferentes, mas eu tenho somente um ideal. Não desfruto de outras coisas que não seja Deus. É o que Deus ordenou para mim. (*Sorrindo*). Há diferentes espécies de árvores na floresta; algumas crescem com somente um tronco e outras, ramificam-se em cinco galhos grandes. (*Todos riem*).

“Sim, minhas experiências são para os outros se guiarem, mas você deve viver no mundo com desapego. Sem dúvida há sujeira em seu corpo, mas pode sacudi-la como o bagre faz com a lama. Pode nadar no negro oceano do mundo, mas o corpo não deve ficar manchado.”

Girish (*sorrindo*): “Mas o senhor também teve que se casar.” (*Risada*).

Mestre (*sorrindo*): “Casamento é necessário por causa do samskara ⁷. Mas como eu podia levar uma vida mundana? Era tão impossível controlar o meu fervor divino que, cada vez que o cordão sagrado era colocado ao redor do pescoço, caía. Alguns acreditam que Shukadeva também teve de se casar por causa do samskara. Dizem que até teve uma filha. (*Todos riem*).

“Somente ‘mulher e ouro’ constituem o mundo. Fazem uma pessoa esquecer Deus.”

Girish: “Mas como podemos nos livrar de ‘mulher e ouro’?”

Mestre: “Orem a Deus com o coração anelante. Orem a Deus por discriminação, ‘Somente Deus é real e tudo o mais ilusório’ – isso é discriminação. Passamos água através de uma peneira fina para separar a sujeira. A água clara passa através da peneira, deixando a sujeira para trás. Apliquem a peneira da discriminação ao mundo. Vivam no mundo depois de conhecer Deus, mas então será o mundo de vidya.

“Veja o poder sedutor das mulheres! Quero com isso referir-me às mulheres que são a personificação de avidya, o poder de ilusão. Enganam os homens e por assim dizer, retiram sua substância interior. Quando vejo um homem e uma mulher sentados juntos, digo a mim mesmo, ‘Ó estão perdidos!’ (*Olhando para M.*) “Haru, um rapaz tão bom, está possuído por uma feiticeira. As pessoas perguntam, ‘Onde está Haru? Onde está ele?’ Mas onde você espera que ele esteja? Todos vão ao baniano e encontram-no sentado quieto, debaixo dele. Já não tem mais aquela força e alegria. Ah! Está possuído pela feiticeira que mora no baniano.

“Se uma mulher diz ao marido, ‘Vá lá’, ele imediatamente levanta-se, pronto para ir. Se ela diz, ‘Sente-se aqui’, imediatamente ele se senta.

“Um homem que procurava emprego, estava cansado de ir ao gerente de um escritório. Não conseguia vaga. O gerente disse-lhe, ‘Não há vaga agora, mas venha ver-me de vez em quando’. Esta situação durou por muito tempo e o candidato perdeu toda esperança. Uma vez contou seu infortúnio a um amigo, que lhe disse, ‘Que tolo você é! Por que gastará a sola dos pés indo a ele? É melhor ir a Golap e conseguirá o emprego amanhã mesmo’. ‘É assim?’ disse o candidato. ‘Vou já.’ Golap era a amante do gerente. O candidato a procurou e disse, ‘Mãe, estou em grande dificuldade. A senhora tem que me ajudar. Sou filho de um pobre brahmin. Para quem mais eu poderia apelar? Mãe, estou desempregado há muito tempo. Meus filhos estão com fome. Eu poderia conseguir um trabalho somente com uma palavra sua.’ Golap disse-lhe, ‘Meu filho, com quem estou falando?’ disse a si mesma, ‘Ah, o pobre brahmin! Tem sofrido tanto.’” O candidato disse-lhe, ‘Estou certo de conseguir o emprego se a senhora disser somente uma palavra ao gerente!’ Golap disse:, ‘Vou falar-lhe hoje e acertar o assunto.’ Na manhã seguinte um homem chamou o candidato e disse, ‘Você vai trabalhar na

⁶ Mulher brahmin, um dos instrutores de Shri Ramakrishna.

⁷ Segundo a lei religiosa hindu, o casamento é um dos doze samskaras ou ritos de purificação, prescritos para as três classes altas, a saber, os brahmins, os kshatriyas e os vaishyas.

sala do gerente, começando hoje.’ O gerente disse a seu chefe inglês, ‘Esse homem é muito competente. Eu o escolhi. Será de muita valia para a firma.

“Todos são iludidos por ‘mulher e ouro’, mas não me preocupo com isto e juro-lhes que não conheço nada a não ser Deus”.

Um devoto: “Senhor, uma nova seita, chamada ‘Nava Hullol’ apareceu. Lalit Chatterji é um dos membros.”

Mestre: “Há diferentes pontos de vista. Todos esses pontos de vista são somente muitos caminhos para se levar ao mesmo objetivo. Mas cada qual crê que somente seu ponto de vista é o correto e que só seu relógio marca a hora certa.”

Girish (*a M.*): “Você se lembra do que o sr. Pope diz sobre isso?”

“É como nossos juízos e nossos relógios.

Nenhum se assemelha ao outro, entretanto, cada um confia no seu.”

Mestre (*a M.*): “O que isto quer dizer?”

M.: “Cada um pensa que só seu relógio deu a hora certa e que os outros relógios não dão a mesma hora.”

Mestre: “Por mais errado que seu relógio possa estar, o sol jamais erra. Deve-se acertar o relógio com o sol.”

Um devoto: “O sr. X – mente.”

Mestre: “A veracidade no falar é a tapasya do Kaliyuga. É difícil praticar outra austeridade neste ciclo. Agarrando-se à verdade, alcança-se Deus. Tulsidas disse, ‘Veracidade, obediência a Deus e considerar as outras esposas como mãe, são as maiores virtudes. Se não se realiza Deus praticando-as, então Tulsidas é um mentiroso.’

“Keshab Sen assumiu as dívidas do pai. Outros a teriam rejeitado. Visitei o Samaj de Devendra em Jorashanko e encontrei Keshab meditando no altar. Era então jovem. Disse a Mathur Babu. ‘De todos os que estão meditando aqui, somente a “bóia” desse jovem afundou. O “peixe” está mordendo o anzol.’

“Havia um homem – cujo nome não vou dizer – que por dez mil rupias mentiu no tribunal. Para ganhar a causa fez-me dar uma oferenda à Mãe Divina. Disse-me, ‘Pai, por favor dê essa oferenda à Mãe.’ Confiando nele como uma criança, fiz a oferenda.”

Devoto: “Um bom homem, sem dúvida!”

Mestre: “Mas ele tinha tanta fé em mim que acreditava que bastava que eu fizesse uma oferenda, para que a Mãe atendesse à sua oração.”

Referindo-se a Lalit Babu, Shri Ramakrishna disse: “Será uma coisa fácil libertar-se do orgulho? Há muito poucos que estão livres do orgulho. Balaram é um deles. (*Apontando para um devoto*) E aqui está outro. Outras pessoas em sua posição teriam inchado de orgulho. Teriam partido o cabelo e mostrado outros sinais de tamas. Seriam orgulhosos de sua erudição. O brahmin gordo [referindo-se a Prankrishna] ainda tem um pouco de orgulho. (*A M.*) Mahima Chakravarty já leu muitos livros, não é?”

‘M.: “Sim, senhor, leu muitos.”

Mestre (*sorrindo*): “Gostaria que ele e Girish se conhecessem. Poderíamos, então, desfrutar de um pequeno debate.”

Girish (*sorrindo*): “Ele não diz que, por meio de sadhana, todas as pessoas podem ser como Shri Krishna?”

Mestre: “Não é exatamente assim, mas algo parecido.”

Devoto: “Senhor, podem todos ser como Shri Krishna?”

Mestre: “Uma Encarnação de Deus ou alguém nascido com algumas características de uma Encarnação é chamado Ishvarakoti. Um homem comum é chamado jiva ou jivakoti. Pelo efeito da sadhana um jivakoti pode realizar Deus, mas depois do samadhi não volta ao plano de consciência relativa.

“O Ishvarakoti é como o filho do rei. Tem a chave de todos os aposentos do palácio de sete andares; pode subir a todos esses sete andares à vontade. Um jivakoti é como um funcionário menos graduado. Só pode entrar em alguns dos aposentos do palácio; este é seu limite.

“Janaka era um jnani. Alcançou o Conhecimento por meio da sadhana, mas Shukadeva era o próprio Conhecimento.”

Girish: “Ah!”

Mestre: “Shukadeva não alcançou o Conhecimento através da sadhana. Como Shukadeva, também Narada teve o Conhecimento de Brahman, mas reteve bhakti para ensinar as pessoas. Prahlada às vezes assumia a atitude de ‘Eu sou Ele’, às vezes a de um servo de Deus, e outros a atitude de ‘Eu sou Ele’, às vezes a de um servo de Deus e outras, a de Seu filho. Hanuman também era assim.

“Todos podem desejar esse estado superior, mas nem todos podem alcançá-lo. Alguns bambus são mais ocos do que outros; alguns são internamente mais sólidos.

Um devoto: “O senhor diz que suas experiências são para orientar os outros. Dignos o que devemos fazer.”

Mestre: “Se quiser realizar Deus, deve cultivar intenso desapego. Deve renunciar imediatamente ao que se encontra em seu caminho. Não deve adiar para o futuro. ‘Mulher e ouro’ é o obstáculo. A mente deve ser retirada deles.

“Não se deve ser lento e preguiçoso. Um homem ia tomar banho, levando a toalha nos ombros. A esposa disse-lhe: ‘Você é um inútil. Está ficando velho e ainda não abandonou alguns de seus hábitos. Não pode viver um só dia sem mim. Mas olhe aquele homem! Que homem de renúncia ele é!’

“Marido: ‘Por que? O que ele fez?’

“Esposa: ‘Tem dezesseis esposas e está renunciando a elas, uma a uma. Você jamais será capaz de renunciar.’

“Marido: ‘Renunciando as esposas uma a uma! Você está louca! Ele não será capaz de renunciar. Se um homem deseja realmente renunciar, será que ele o fará pouco a pouco?’

“Esposa (*sorrindo*): ‘Mesmo assim, é melhor do que você.’

“Marido: ‘Você é uma tola, não compreende. Ele não pode renunciar, mas eu posso. Olhe! Lá vou eu!’ ”

O Mestre continuou: “Aquele se chama renúncia intensa. Logo que discriminou o homem renunciou. Foi embora com a toalha nos ombros. Não se virou nem para liquidar seus negócios do mundo. Nem mesmo olhou para sua casa.

“Aquele que quer renunciar necessita de uma grande força mental. Deve ter a tenacidade dos assaltantes. Antes do assalto gritam. ‘Matar! Assassinar! Pilhar!’

“Cultive devoção e amor a Deus, e assim passe os dias. O que mais pode fazer? Quando Krishna foi embora, Yashoda ficou louca de pesar e visitou Radha. Radha ficou comovida com sua tristeza e apareceu diante dela como Adyashakti. Disse: ‘Minha filha, peça-me uma graça.’ Yashoda respondeu: ‘Mãe, o que mais posso pedir-Lhe? Abençoe-me para que eu possa servir Krishna com o corpo, mente e fala; que eu possa olhar Seus devotos com estes olhos; que eu possa ir com estes pés ao lugar em que Seu jogo divino está se manifestando; que eu O possa servir e a Seus devotos com estas mãos e que eu possa dedicar todos os meus órgãos dos sentidos somente a Seu serviço.

“Enquanto Shri Ramakrishna pronunciava estas palavras, quase entrou em êxtase. Subitamente exclamou: “Kali, a Personificação da Destruição! Não, Nitya-Kali, minha eterna Mãe Divina!” Com grande dificuldade controlou-se. Ia dizer mais sobre Yashoda, quando Mahendra Mukherji chegou. Mahendra e o irmão mais novo, Priya vinham visitando o Mestre há algum tempo. Mahendra possuía um moinho de farinha e outros negócios. O irmão era engenheiro. Ambos haviam contratado outras pessoas para tomar conta de seus negócios e assim, tinham mais tempo disponível. Mahendra tinha trinta e seis ou trinta e sete anos e seu irmão era dois anos mais novo. Além de sua casa no interior de Kedeti, possuíam uma outra em Baghbazar, em Calcutá. Um jovem devoto, chamado Hari, acompanhava-os em suas visitas a Shri Ramakrishna. Hari era casado, mas extremamente dedicado ao Mestre. Há muito tempo Mahendra e Hari não visitavam Dakshineswar. Saudaram Shri Ramakrishna.

Mestre: “Como vão? Por que não vêm a Dakshineswar há tanto tempo?”

Mahendra: “Senhor, eu não estava em Calcutá.. Tenho estado em Kedeti.”

Mestre: “Você não tem filhos, nem serve a ninguém, Mesmo assim, não tem tempo livre! Meu Deus!”

Os devotos ficaram em silêncio. Mahendra estava um pouco embaraçado.

Mestre (*a Mahendra*): “Por que estou dizendo tudo isto? Você é sincero e generoso. Tem amor a Deus.”

Mahendra: “O senhor está dizendo estas palavras para o meu bem.”

Mestre (*sorrindo*): “Veja, não cobramos nada pelo que fazemos aqui. A mãe de Jadu me diz, ‘Outros sadhus sempre pedem dinheiro, mas o senhor, não.’ Pessoas mundanas sentem-se aborrecidas se tiverem que dar dinheiro.

“Uma apresentação teatral estava se realizando num determinado lugar. Um homem sentiu grande desejo de vê-la. Olhou para dentro e viu que estavam fazendo uma coleta de dinheiro. Silenciosamente foi embora. Uma outra apresentação realizava-se em outro lugar. Foi para lá e perguntando, soube que não tinha que pagar. Havia muita gente. Acotovelando-se por entre a multidão, chegou ao centro da sala. Sentou-se um lugar muito bom, torceu os bigodes e viu a peça. (*Todos riem*).

“Você não tem filhos para desviar a mente. Conheço um magistrado que ganha um salário de oitocentas rupias mensais. Foi à casa de Keshab assistir uma peça. Eu também estava lá. Rakhal e outros devotos estavam comigo e sentaram-se a meu lado. Depois de algum tempo Rakhal saiu por alguns minutos. O magistrado aproximou-se e fez o filho sentar-se no lugar de Rakhal. Eu disse, ‘Ele não pode sentar-se aí.’ Naquela época eu estava em tal estado mental, que tinha que fazer o que uma pessoa que estivesse perto de mim me pedisse, por isso havia sentado Rakhal a meu lado. Durante a apresentação, o magistrado não fez outra coisa a não ser elogiar o filho, nem mesmo assistiu à peça. Soube também, que ele é escravo de sua esposa; levanta-se e senta-se quando ela lhe manda. Nem viu a peça por causa daquele macaco de nariz arrebitado que era o filho. ...

(*A Mahendra*): “Você pratica meditação?”

Mahendra: “Sim, senhor, um pouco.”

Mestre: “Venha a Dakshineswar de vez em quando.”

Mahendra (*sorrindo*): “Sim, senhor, irei. O senhor conhece os meus defeitos. Vai endireitá-los?”

Mestre (*sorrindo*): “Primeiro venha a Dakshineswar; então apertarei seus membros para ver onde os defeitos estão. Por que não vem?”

Mahendra (*sorrindo*): “Devido à pressão dos meus deveres. Além disso, tenho que ir de vez em quando, à minha casa no interior.”

Mestre (*a Mahendra, apontando para os devotos*): “Eles não têm casa? Não têm responsabilidade? Como conseguem vir?”

(*A Hari*) “Por que não tem vindo a Dakshineswar? Sua esposa está morando com você?”

Hari: “Não, senhor.”

Mestre: “Então por que se esqueceu de mim?”

Hari: “Não tenho estado bem, senhor.”

Mestre (*aos devotos*): “Ele parece magro. Tem muita bhakti. Está transbordando dela, mas tem uma natureza com problemas.” (*Risada*).

Shri Ramakrishna costumava dirigir-se à esposa de um certo devoto pelo nome de ‘mãe de Habi’. O irmão dela, um estudante universitário de mais ou menos vinte anos, estava presente. Levantou-se, pronto para ir embora, para ir jogar cricket. O irmão mais novo, chamado Dwija, era também um devoto do Mestre. Os dois irmãos deixaram o aposento. Poucos minutos depois, Dwija voltou. O Mestre disse. “Por que não foi?” Um devoto respondeu, “Ele quer ouvir música. Talvez seja por isso que tenha voltado.”

Trailokya, o devoto Brahma, deveria cantar para o Mestre. Paltu chegou. O Mestre disse: “Quem é? Ah! É Paltu.”

Purna, outro jovem devoto, também chegou. Foi com muita dificuldade que Shri Ramakrishna conseguira que ele viesse. Seus parentes faziam grande objeção a que ele visitasse o Mestre. Purna era um estudante do quinto grau na escola em que M. ensinava. O rapaz prosternou-se diante de Shri Ramakrishna. O Mestre sentou-se a seu lado, e conversou com ele em voz baixa. Somente M. estava sentado perto deles. Os outros devotos conversavam sobre várias coisas. Girish, sentado do outro lado do aposento, lia a vida de Keshab.

Mestre (*a Purna*): “Venha mais perto.”

Girish (*a M.*): “Quem é esse rapaz?”

M. estava com medo que os outros notassem a presença do rapaz. Isto lhe traria problemas em sua casa e M. seria o responsável.

M. (*asperamente*): “Não vê que é um menino?”

Girish (*sorrindo*): “Não necessito de nenhum espírito para me dizer isso.”

O Mestre e o rapaz conversavam em voz baixa.

Mestre: “Está praticando o que lhe ensinei?”

Purna: “Sim, senhor.”

Mestre: “Você sonha? Com uma chama? Uma tocha acesa? Uma mulher casada? Um campo de cremação? É bom sonhar com estas coisas.”

Purna: “Sonho com o senhor. O senhor estava sentado e me falava algo.”

Mestre: “O que? Algumas instruções? Fale-me sobre algumas.”

Purna: “Não me recordo agora.”

Mestre: “Não importa, mas é muito bom. Você fará progresso. Sente-se atraído para mim, não?”

Minutos mais tarde. Shri Ramakrishna disse ao rapaz: “Não vai lá?” Referia-se a Dakshineswar. “Não posso prometer”, respondeu.

Mestre: “Por que? Um de seus parentes não mora lá?”

Purna: “Sim, senhor, mas não seria conveniente que eu fosse.”

Girish estava lendo a vida de Keshab escrita por Trailokya do Brahma Samaj. Nela Trailokya dizia que, primeiramente, Shri Ramakrishna havia se oposto ao mundo, mas que depois de conhecer Keshab, mudara de idéia e chegara a crer que uma pessoa também pode levar vida espiritual no mundo. Vários devotos haviam falado ao Mestre sobre isto. Queriam discuti-lo com Trailokya. Haviam lido aquelas passagens do livro para o Mestre.

Vendo o livro na mão de Girish, Shri Ramakrishna disse-lhe e a M., Ram e outros devotos, “As pessoas estão ocupadas com o mundo. Por isso dão tanto valor à vida mundana. Estão mergulhadas em ‘mulher e ouro’. Não se fala dessa maneira depois de se realizar Deus. Depois de desfrutar a felicidade divina, considera-se o mundo sujeira de corvo. Desde o início renunciei a tudo. Não só renunciei à companhia das pessoas mundanas, mas de vez em quando, também à companhia dos devotos. Vi que os devotos caíam mortos um a um, o que fez meu coração se despedaçar, mas agora conservo um ou dois comigo.”

Girish foi embora dizendo que retornaria.

Trailokya chegou com Jayagopal Sen. Inclinaram-se ante o Mestre e sentaram-se. Ele perguntou sobre sua saúde. Naren mais jovem entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna. O Mestre disse-lhe, “Por que não veio ver-me no sábado passado?”

Trailokya preparou-se para cantar.

Mestre: “ Ah! No outro dia você cantou a respeito da Mãe Venturosa. Quão docemente cantou! As canções dos outros parecem-se insípidas. Naquele dia não apreciei nem mesmo o canto de Narendra. Por que não canta aquelas mesmas canções outra vez?”

Trailokya cantou:

Vitória a Gora, filho de Sachi!
 Salve, Morada de toda virtude,
 Pedra de toque do Amor, Oceano de Felicidade.
 Sedutor do homem de aparência bela,
 Encantando os olhos como ouro brilhante.
 Seus ternos brancos que alcançam o joelho,
 Graciosos e longos como os caules de lótus,
 Estão amorosamente esticados para toda a humanidade;
 Seu rosto de lótus de beleza incomparável
 Transborda com o néctar do Amor;
 Suas faces estão cobertas pelo cabelo encaracolado!

Iluminado pelo amor celestial, sua beleza
 Encanta os olhos! Brilhando com o fervor,
 Radiante de Felicidade, o corpo tremendo
 Com a alegria de Hari, Gauranga, o dourado
 Dança como um elefante louco, sacudindo
 Os membros com a exaltação do amor!

Gauranga, cantor das glórias de Hari,
Prêmio do coração de cada sadhu.
O mais raro dos homens, o Oceano de Amor.
Abraça o pária, chama-o de irmão,
Toma-o em seus braços com amor fervorosos!

Ele dança com os braços levantados.
E canta o nome de Hari, as lágrimas escorrem
Pela face; chora, grita.
Treme, ruge e se enraivece, dizendo.
“Onde está Hari, a Jóia de meu coração?”
O cabelo em suas pernas ficam eriçados;
Como a flor de kadamba e seu corpo;
Coberto de poeira rola no chão.
Ó Tu, a Morada da lila de Hari.
Fonte do elixir de Amor.
Amigo dos desesperançados, Glória de Banga.
Salve Chaitanya, Tu que brilhas
Como a lua, no coração do bhakta!

Shri Ramakrishna deixou o aposento por um minuto. As devotas, sentadas perto do biombo estavam ansiosas para ver Shri Ramakrishna. Trailokya continuou com a música.

Novamente Shri Ramakrishna entrou no aposento e disse a Trailokya, “Por favor, cante sobre a Mãe Venturosa.”

Trailokya cantou:

Ó Mãe, quão profundo é Teu amor pelos homens!
Consciente, choro de alegria. ...

Ouvindo a canção, Naren mais jovem entrou em meditação profunda. Permaneceu imóvel como uma tora de madeira. Shri Ramakrishna disse a M.: “Olhe para ele. Está completamente inconsciente do mundo exterior.”

A canção acabou. A pedido de Shri Ramakrishna, Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão? ...

Ram pediu para cantar sobre Hari.

Trailokya cantou:

Cante, Ó mente, o nome de Hari
Cante em voz alta o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!
E louvando o nome de Hari, Ó mente,
Atravesse o oceano deste mundo,

Hari mora na terra, na água,
Hari mora no fogo e no ar.
No sol e na lua Ele mora.
A presença sempre viva de Hari
Enche o universo sem fim.

M. disse em voz baixa a Trailokya, “Cante por favor – ‘Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados’.” Shri Ramakrishna também pediu-lhe para cantar aquela canção. Trailokya e os devotos cantaram em coro, o Mestre juntando-se a eles. Quando acabou, o Mestre cantou:

Olhem chegaram os dois irmãos⁸, que choram quando cantam o nome de Hari.

⁸ Gauranga e Nityananda

Os irmãos que, em troca das pancadas recebidas, dão aos pecadores, o nome de Hari.
Abraçando a todos como irmãos, até o pária evitado pelo homem.
Olhem, chegaram os dois irmãos que uma vez foram Kanai e Balai de Braja. ...

Shri Ramakrishna cantou novamente:

Veja Nadia tremendo
Sob as ondas do amor de Gauranga! ...

E então:

Quem são eles que caminham, cantando o nome de Hari?
Ó Madhai, saia e veja!
Parecem ser Gaur e Nitai,
Com pulseiras de ouro em seus adoráveis tornozelos;
Cabeça raspada e vestidos em andrajos
Cambaleiam como loucos enquanto caminham. ...

Naren mais jovem já estava de saída.

Mestre: “Demonstre grande devoção a seus pais, mas não os obedeça se interpuserem em seu caminho para Deus. Deve circundar sua cintura com uma tanga e, com grande determinação, dizer, ‘Este pai malvado!’ ”

Naren: “Na verdade não tenho medo.”

Girish chegou. Shri Ramakrishna apresentou-o a Trailokya. Pediu-lhes que conversassem. Poucos minutos mais tarde, o Mestre disse, “Aquela canção, por favor.”

Trailokya cantou:

Vitória a Gora, filho de Sachi!
Salve, Morada de toda virtude,
Pedra de toque de Amor, Oceano de Felicidade,
Sedutor do homem, com bela aparência,
Que encanta o olho como ouro brilhante! ...

Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Levantou-se, totalmente inconsciente do mundo exterior.

Retomando consciência parcial, pediu a Trailokya para cantar, “Ó, que visão eu tive.”

Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati ⁹
Gora em sua graça incomparável.
Derramando lágrimas em milhares de torrentes!
Como um elefante louco
Dança e, em êxtase, canta.
Embriagado de amor arrebatador.

Rolando pelo chão e nadando em suas lágrimas,
Chora e grita o nome do Senhor Hari.
Cortando os próprios céus com seus gritos
Estrondosos como o rugir de um leão:
Logo, muito humildemente implora o amor dos homens.
Para sentir-se o servo de Deus.

Com a cabeça raspada, vestiu a roupa ocre de yogi;
Mesmo o mais duro coração há de se derreter
Ao ver seu amor puro e celestial.
Ferido pela profunda tristeza dos homens.
Ele abandonou tudo
E derrama amor ilimitadamente.

⁹ Instrutor de Shri Chaitanya.

Ó, se pudera Prendas ser seu escravo e passando de porta em porta.
Cantando louvor sem fim de Gauranga.

A música terminou. Era o crepúsculo. Shri Ramakrishna estava cercado de devotos.

Mestre (*a Ram*): “Não havia instrumentos para acompanhar as canções. O canto cria uma atmosfera quando há acompanhamento adequado. (*Sorrindo*) Sabe como Balaram organiza um festival? É como um brahmin avarento que cria uma vaca. A vaca tem que comer pouco, mas dar muito leite. (*Todos riem*). Cante susa próprias canções e toque seu próprio tambor; esta é a idéia de Balaram!” (*Todos riem*).

Assim que a noite chegou, foram acesos lampiões na sala de visitas e na varanda. Shri Ramakrishna inclinou-se ante a Mãe Divina e começou a cantar o nome de Deus. Os devotos sentaram-se em volta e escutaram a doce música. Queriam discutir com Trailokya seus comentários sobre a mudança de opinião do Mestre a respeito da vida humana. Girish começou a discussão.

Girish (*a Trailokya*): “Você escreveu que, depois conhecer Keshab, Shri Ramakrishna mudou seus pontos de vista sobre a vida mundana, mas isto não é verdade.”

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): “Se um homem desfrutar a Felicidade de Deus, não desfruta o mundo. Tendo provado a felicidade divina, acha o mundo insípido. Se um homem ganha um xale, não se interessará por um tecido de textura fina.”

Trailokya: “Eu me referia àqueles que levam uma vida mundana e não, aos que renunciam.”

Mestre: “Sobre o que estava falando? As pessoas falam de levar uma vida religiosa no mundo, mas se eles apenas uma vez provarem a felicidade de Deus, não desejarão desfrutar mais nada. Seu apego aos deveres do mundo declina. À medida que sua alegria espiritual se aprofunda, simplesmente não podem cumprir os deveres mundanos. Cada vez mais procuram aquela alegria. Podem os prazeres do mundo e do sexo ser comparados com a felicidade de Deus? Se um homem experimenta uma vez aquela felicidade, corre atrás dela para sempre. Pouco lhe importa se o mundo permanece ou desaparece.

“Embora o pássaro chatak esteja a ponto de morrer com a garganta ressecada e rodeado pelos sete oceanos, rios e lagos cheios de água, mesmo assim não beberá essas águas. Olha para cima com o bico aberto esperando que a chuva caia quando a estrela Svati esteja no ascendente. Para o pássaro chatak todas as águas são áridas, exceto a água de Svati.”

“As pessoas dizem que agarrarão ambos, Deus e o mundo. Depois de beber um pouco de vinho, um homem pode ficar alegremente embriagado e também, consciente do mundo, mas pode sentir ambos depois de beber uma quantidade maior?

“Depois da felicidade de Deus nada mais tem gosto agradável. Então falar de ‘mulher e ouro’ apunhala o coração. (*Cantando*) ‘Não posso desfrutar a conversa das pessoas mundanas.’ Quando um homem enlouquece por Deus, não desfruta do dinheiro ou outras coisas assim.”

Trailokya: “Mas, senhor, se um homem tem que permanecer no mundo, necessita de dinheiro e também, deve economizar. Tem que dar dinheiro em caridade e – “

Mestre: “O que? Está querendo dizer que se deve primeiro economizar e depois, procurar Deus? E você fala de caridade e bondade! Um homem do mundo gasta milhares de rupias no casamento de sua filha, contudo, o tempo todo, seus vizinhos estão morrendo de fome e ele acha que é difícil dar-lhes duas porções de arroz. Calcula mil vezes antes de dar. As pessoas à sua volta não têm o que comer, mas o que lhe importa isso? Diz a si mesmo. ‘O que posso fazer? Que esses miseráveis vivam ou morram. Tudo o que me interessa é que os membros de minha família vivam bem’. E falam de caridade!”

Trailokya: “Mas, senhor, há também pessoas boas no mundo. Tome o caso de Pundarika Vidyanidhi, devoto de Chaitanya. Vivia no mundo.”

Mestre: “Ele bebeu até o gargalo. Se tivesse bebido um pouco mais, não poderia ter levado uma vida mundana.”

Trailokya permaneceu calado. À parte M. disse a Girish, “Então o que ele escreveu não é verdadeiro.”

Girish (*a Trailokya*): “Então o que você escreveu não é verdadeiro.”

Trailokya: “Por que não? Será que Shri Ramakrishna não admite que um homem possa levar uma vida espiritual no mundo?”

Mestre: “Sim, pode, mas esse homem deve em primeiro lugar alcançar o Conhecimento para então, viver no mundo. Primeiro deve realizar Deus. Depois ‘ele pode nadar num mar de calúnias e não ficar contaminado’. Depois de realizar Deus, um homem pode viver no mundo como um bagre. O mundo em que ele vive depois de alcançar Deus é o mundo de vidya. Nele não vê nem mulher nem ouro. Só encontra ali devoção, devoto e Deus. Veja, também tenho uma esposa e algumas panelas e frigideiras em meu aposento; também alimento alguns desempregados, preocupo-me com os devotos – a mãe de Habi, por exemplo – quando vem aqui.”

Um devoto (*a Trailokya*): “Li em seu livro que o senhor não acredita em Encarnação de Deus. O senhor disse isso com respeito a Chaitanya.”

Trailokya: “Ora, o próprio Chaitanya protestava contra a idéia de Encarnação Divina. Uma vez, em Puri, Advaita e os outros devotos entoaram uma canção em que Chaitanya aparecia como Deus. A isso Chaitanya fechou a porta do quarto. Infinitas são as glórias de Deus. Como Shri Ramakrishna diz, o devoto é a sala de visita de Deus. Suponhamos que uma sala de visitas esteja muito bem mobiliada; será que isto quer dizer que o dono da casa gastou toda sua riqueza somente nessa sala?”

Girish: “Shri Ramakrishna diz que somente prema é a essência de Deus; necessitamos do homem através do qual este amor extático flui. Ele diz que o leite da vaca flui do úbere; necessitamos do úbere, não nos preocupamos com as outras partes da vaca – patas, cauda e chifres.

Trailokya: “O leite do prema de Deus flui através de infinitos canais. Deus tem infinitos poderes.”

Girish: “Mas que outro poder pode ficar na frente de prema?”

Trailokya: “É possível se Aquele que tem o poder assim o desejar. Tudo está no poder de Deus.”

Girish: “Sim, admito isso, mas há também uma coisa chamada o poder de avidya.”

Trailokya: “É avidya uma coisa? Existe uma substância chamada avidya? Ela é somente uma negação, como a escuridão é a negação da luz. Não há dúvida que damos mais valor a prema, o que é uma gota para Deus, é um oceano para nós, mas se você disser que prema é a última palavra a respeito de Deus, então estará limitando o próprio Deus.”

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): “Sim, sim, é verdade, mas uma onça de vinho me embriaga. Que necessidade temos de contar os galões de vinho que há na taverna? Que necessidade temos de conhecer os poderes infinitos de Deus?”

Girish (*a Trailokya*): “Acredita em Encarnação de Deus?”

Trailokya: “Deus encarna-Se somente através de Seus devotos. Não pode haver uma manifestação de poderes infinitos. Simplesmente não é possível. É impossível para qualquer homem manifestar poderes infinitos.”

Girish: “Você pode servir seus filhos como Brahman Gopala¹⁰. Por que não é possível adorar uma grande alma como Deus?”

Mestre (*a Trailokya*): “Por que essa preocupação a respeito do infinito? Se eu quiser tocar em você tenho que tocar todo o seu corpo? Se você quiser banhar-se no Ganges, tem que tocar o rio inteiro de Hardwar até o oceano?”

“ ‘Todos os problemas terminam quando o ego morre’. Enquanto permanecer um vestígio de ‘consciência do eu’, uma pessoa está consciente da diferença. Ninguém sabe o que permanece depois que o ‘eu’ desaparece. Não se pode expressá-lo em palavras. Só o que é permanece. Depois que o ‘eu’ desaparece, não se pode dizer que uma parte manifesta-se através desse homem, e o resto através do outro. Satchidananda é o oceano. O jarro do ‘eu’ está imerso nele. Enquanto o jarro existir, a água parece estar dividida em duas partes, uma dentro do jarro, e a outra, fora, mas quando o jarro é quebrado há somente uma extensão de água. Não se pode dizer nem isso. Quem poderia isso?”

Depois da discussão Shri Ramakrishna conversou com Trailokya.

Mestre: “Você está feliz. Não é assim?”

¹⁰ Krishna criança.

Trailokya: “Mas voltarei a ser meu antigo ‘eu’ assim que deixar este lugar. Aqui sinto vivamente o despertar da consciência espiritual.”

Mestre: “Não tem o que temer se estiver usando sapatos ao andar sobre espinhos. Não precisa ter medo de ‘mulher e ouro’ se souber que somente Deus é real e tudo o mais ilusório.”

Eram mais ou menos nove horas da noite. Balaram levou Trailokya para um outro aposento, onde lhe serviu uma refeição ligeira. Shri Ramakrishna começou a falar com os devotos sobre Trailokya e pessoas que pensavam como ele.

Mestre (*a Girish, M. e outros devotos*): “Sabe como essas pessoas são? São como uma rã que mora num poço e que nunca saiu para conhecer o mundo. Só conhece o poço e, por isso, não acredita que exista o mundo. Assim também, as pessoas se apegam tanto ao mundo porque não conheceram a alegria de Deus.

(*A Girish*) Por que discute tanto com ele? Estão ocupados com ambos – o mundo e Deus. Uma pessoa não pode compreender a felicidade de Deus, a não ser que a tenha provado. Pode alguém explicar o prazer do sexo a um menino de cinco anos? As pessoas do mundo falam sobre Deus somente por ouvir dizer. As crianças, ouvindo suas tias mais velhas brigando, aprendem a usar expressões como, ‘Ali está meu Deus’, ‘Juro por Deus’.

“Mas isso não importa. Não censuro estas pessoas. Podem todos compreender o Indivisível Satchidananda? Somente doze rishis reconheceram Ramachandra. Todos não podem reconhecer uma Encarnação de Deus. Alguns o tomam por um homem comum, outros por um santo e somente alguns poucos o reconhecem como uma Encarnação.

“Uma pessoa oferece um preço por uma coisa, de acordo com sua disponibilidade. Um homem rico disse a seu empregado: ‘Leve este diamante ao mercado e diga-me por quanto diferentes pessoas o apreçam. Leve-o em primeiro lugar, para um vendedor de beringelas’. O empregado levou o diamante ao vendedor de beringelas. Este o examinou, girando-o na palma da mão, e disse: ‘Irmão posso dar nove quilos de beringelas por ele.’ ‘Amigo’, disse o empregado, um pouco mais, digamos, dez quilos.’ O vendedor de beringelas respondeu, ‘Não, já dei o preço acima do preço de mercado. Pode dar-me, se este preço lhe convier.’ O empregado riu. Voltou para casa e disse a seu patrão, ‘Senhor, ele só quer dar nove quilos de beringelas e nada mais. Disse que ofereceu acima do preço de mercado.’ O dono sorriu e disse, ‘Agora leve-o ao negociante de roupas. O homem negocia somente com beringelas. O que sabe de diamantes? O negociante de roupas tem um pouco mais de capital. Vamos ver quanto ele oferece por ele.’ O empregado foi ver o negociante de roupas e disse, ‘O senhor quer comprar? Quanto pagaria por ele?’ O negociante disse, ‘Sim, é muito bom. Posso fazer uma linda jóia. Vou dar-lhe novecentas rupias.’ ‘Irmão, disse o empregado, ‘ofereça um pouco mais e o venderei para você, dê-me pelo menos por mil rupias.’ O negociante de roupas disse, ‘Amigo, não exija mais. Ofereci mais do que o preço de mercado. Não posso dar nem mais uma rupia. Faça como quiser.’ Rindo, o empregado voltou para o patrão e disse-lhe, ‘Ele não dará nem mais uma rupia além dos novecentos. Ele, também, disse que sua cotação estava acima do preço de mercado.’ O patrão disse, dando uma gargalhada, ‘Agora leve-o a um joalheiro. Vamos ver o que ele vai dizer.’ O empregado foi a um joalheiro que deu uma olhada no diamante e imediatamente disse, ‘Vou dar-lhe cem mil rupias por ele.’

“Fala-se de praticar religião no mundo. Suponhamos que um homem esteja dentro de um aposento. Todas as portas e janelas estão fechadas. Somente uma pequena luz passa por um buraco no teto. Pode ele ver o sol com aquele teto sobre sua cabeça? E o que fará com somente um raio de luz? ‘Mulher e ouro’ é o teto. Pode ele ver o sol, a não ser que remova o teto. As pessoas mundanas estão encerradas num aposento.

“As Encarnações de Deus pertencem à classe dos Ishvarakotis. Vagueiam em espaços abertos. Jamais são aprisionados pelo mundo, jamais enredados por ele. Seu ego não é o ‘ego denso’ das pessoas mundanas. O ego, a ‘consciência do eu’ das pessoas do mundo é como as quatro paredes e o teto; um homem que está dentro não pode ver nada do exterior. O ego das Encarnações e de outros Ishvarakotis e o ‘ego fino’; através dele podem ter um visão ininterrupta de Deus. Tome o caso de um homem que está junto a uma parede, em cujos lados há campos que se estendem até o infinito. Se houver um buraco na parede, através dele, ele pode ver tudo do outro lado. Se o buraco é grande, pode até passar por ele. O ego das Encarnações e dos Ishvarakotis é como a parede com um buraco. Embora estejam do lado da parede,

mesmo assim podem ver o campo sem fim, do outro lado. Isto é, embora tenham um corpo humano, estão sempre unidos a Deus. Assim também, se quiserem, podem atravessar o buraco grande para o outro lado, e permanecer em samadhi. E se o buraco é suficientemente grande, podem atravessá-lo para ir para o outro lado, e voltar de novo, isto é, embora estabelecidos em samadhi, podem novamente descer para o plano do mundo.”

Os devotos ouviam estupefatos, essas palavras sobre o mistério das Encarnações Divinas.



CAPÍTULO XL

O MESTRE NAS CASAS DE BALARAM E GIRISH

Sexta-feira, 24 de abril de 1885

MAIS OU MENOS A UMA HORA DA TARDE, M. chegou à casa de Balaram em Calcutá e encontrou o Mestre com um ou dois devotos descansando na sala de visitas. M. começou a abanar o Mestre. Alguns minutos mais tarde Shri Ramakrishna despertou e sentou-se na cama com a roupa um tanto desalinhada. M. saudou-o, tomando a poeira de seus pés.

Mestre (*afetuosamente a M.*): “Você está bem? Estou me sentindo um pouco indisposto. Tenho uma ferida ¹ na garganta. Sofro muito nas primeiras horas da manhã. Pode dizer-me como ficarei curado? (*Num tom preocupado*). Serviram-me pickles de manga que comi um pouco.

“Como está sua esposa? Notei no outro dia que parecia um pouco adoentada. Dê-lhe bebidas calmantes para manter os nervos tranqüilos.”

M.: “Água de coco verde, senhor?”

Mestre: “Sim. Uma bebida feita de açúcar cande também é boa.”

M.: “Desde o último domingo estou morando em nossa casa com meus pais.”

Mestre: “Fez bem. Será conveniente viver em casa. Como seus pais moram ali, não terá que se preocupar muito com a família.”

Enquanto falava, a boca ficou seca. Disse a M., como uma criança: “Sinto uma secura na minha boca. Você sente o mesmo?”

M. (*a Jogin*): “Sua boca também está ficando seca?”

Jogin: “Não. Talvez seja devido ao calor.”

Jogindra de Ariadaha era um discípulo íntimo de Shri Ramakrishna e mais tarde, após a morte do Mestre, renunciou ao mundo.

As roupas de Shri Ramakrishna ainda estavam desalinhadas. Alguns devotos sorriram.

Mestre: “Pareço uma mãe amamentando seu bebê. (*Todos riem*). Ora, sinto minha língua seca. Vou comer uma pera ou um jamrul?²”

Baburam: “Deixe-me buscar um jamrul para o senhor.”

Mestre: “Você não deve sair com este sol.”

M. continuava abanando o Mestre.

Mestre: “Pode parar agora. Há muito tempo que está me abanando.”

M.: “Não estou cansado, senhor.”

Mestre (*afetuosamente*): “Não?”

M. ensinava numa escola nas vizinhanças. Tinha um pequeno descanso a uma hora, quando então, visitava Shri Ramakrishna. Já era hora de voltar. Saudou o Mestre.

Mestre (*a M.*): “Tem que ir agora?”

Um devoto: “As aulas não terminaram. Ele vem aqui durante o descanso.”

Mestre (*sorrindo*): “Ele é como uma mãe que tem sete ou oito filhos. Dia e noite está ocupada com suas obrigações, mas de vez em quando arranja tempo para servir o marido.”

A escola de M. fechava às quatro horas. Voltou à casa de Balaram e encontrou o Mestre sentado na sala de visitas. Os devotos chegaram um a um, entre os quais Naren mais jovem, Narendra e também, M. que saudou o Mestre e sentou-se. As senhoras mandaram um prato de halua para Shri Ramakrishna. Devido à ferida na garganta, não podia comer qualquer alimento sólido.

¹ Começo do câncer da garganta.

² Tipo de fruta com muito suco.

Mestre (*Narendra*): “Ah! Isto é uma coisa boa! Coma! Está bom! Coma um pouco!” (*Todos riem*).

A tarde caía. Shri Ramakrishna estava pronto para ir à casa de Girish, que havia organizado um festival a fim de comemorar a visita do Mestre. O Mestre desceu do andar de cima da casa de Balaram com M. e alguns devotos. Perto do portão viu um mendigo cantando o nome de Rama e parou. Entrou em meditação e assim permaneceu durante alguns instantes. Disse a M., “Ele canta bem.” Um devoto deu ao mendigo quatro moedas.

Shri Ramakrishna entrou na Alameda Bosepara. Rindo, disse a M.: “O que estas pessoas estão dizendo? ‘Aí vem o batalhão do Paramahansa!’ O que dizem esses tolos!” (*Todos riem*).

Shri Ramakrishna entrou na casa de Girish que havia convidado muitos devotos para o festival. Muitos deles já haviam chegado. Todos se puseram de pé para receber o Mestre que se sentou, sorridente. Os devotos sentaram-se à sua volta. Entre eles estavam Girish, Mahimacharan, Ram, Bhavanath, Baburam, Narendra, Jogin, Naren mais jovem, Chuni, Balaram, M. e outros devotos que haviam acompanhado o Mestre desde a casa de Balaram.

Mestre (*a Mahimacharan*): “Falei com Girish a seu respeito, ‘Há um – muito profundo, mas você está mergulhado somente até o joelho.’ Agora você deve me ajudar a comprovar o que eu disse. Quero ver vocês dois fazendo um debate, mas não tomem partido.” (*Todos riram*).

Girish e Mahimacharan começaram a discussão. Logo Ram disse, “Vamos detê-los e ter um kirtan.”

Mestre (*a Ram*): “Não, não! Isto tem um grande significado. São ‘ingleses’. Quero ouvir o que dizem.”

Mahimacharan contestou que todos poderiam converter-se em Krishna, através da sadhana. Girish disse que Shri Krishna era uma Encarnação de Deus. Por mais sadhana que um homem pratique, jamais pode se tornar uma Encarnação.

Mahima: “Vocês sabem o que quero dizer? Deixe-me dar-lhes um exemplo. A árvore bel pode se tornar uma mangueira se todos os obstáculos forem removidos. Isto pode ser feito pela prática da yoga.”

Girish: “Você pode dizer o que quiser, mas isto não pode ser feito nem pela yoga, nem por qualquer outra coisa. Somente um Krishna pode tornar-se Krishna. Se alguém tem todos os atributos de uma outra pessoa, por exemplo, de Radha, então ele não é outro senão aquela pessoa – a própria Radha. Se vir numa pessoa todos os atributos de Krishna, concluirei que estou vendo o próprio Krishna.”

Mahimacharan não podia argumentar bem. Por fim teve que aceitar o ponto de vista de Girish.

Mahima (*a Girish*): “Sim, senhor, ambas as opiniões estão corretas. Deus desejou o caminho do conhecimento e também o de bhakti. (*Apontando para Shri Ramakrishna*) Como ele diz, por caminhos diferentes, as pessoas por fim atingem o mesmo objetivo.”

Mestre (*à parte para Mahima*): “Veja, o que eu disse estava certo, não estava?”

Mahima: “Sim, senhor. Como o senhor diz, ambos os caminhos estão corretos.”

Mestre (*apontando para Girish*): “Não notou quão profunda é sua fé? Ele esqueceu-se até de comer. Como um cão, teria dilacerado sua garganta, se você não tivesse aceitado sua opinião, mas gostamos da discussão. Vocês se conheceram e eu mesmo aprendi muitas coisas.”

O músico chegou com seu conjunto e sentou-se no centro do aposento. Esperava um sinal de Shri Ramakrishna para começar o kirtan. O Mestre deu permissão.

Ram (*ao Mestre*): “Por favor, diga-lhes o que devem cantar.”

Mestre: “O que vou sugerir? (*Depois de pensar um pouco*) Bem, cantem o prelúdio da união de Radha e Krishna.”

O músico cantou:

Meu Gora, meu tesouro, jóia entre os homens
Chora enquanto canta o nome de Shri Radha
E rola no chão, com amor ardente
Canta seu nome repetidamente.

As lágrimas caem de seus olhos cheios de amor.
 Uma vez mais rola no chão.
 Enquanto canta o nome dela, desmaia.
 O cabelo de seu corpo eriça-se;
 Sua língua não pode pronunciar a não ser uma única palavra.
 Diz Basu ³, 'Por que Gora está tão inquieto?'

O kirtan continuava.

Radha havia encontrado Krishna nas margens do Jamuna sob a árvore kadamba. Suas companheiras descrevem sua condição física e mental:

Cem vezes a cada hora, ela entra e sai do quarto;
 Inquieta, respirando com dificuldade, olha para o bosque de kadamba.
 Será que está com medo dos mais velhos? Estaria tomada por um espírito?
 Cheia de inquietude, não pode manter a roupa arrumada;
 Suas jóias caíram; treme de vez em quando.
 Ó, ela é tão jovem, nascida princesa e além disso esposa!
 O que deseja ardentemente? Não compreendemos sua mente;
 Mas imaginamos que sua mão está estendida para pegar a lua.
 Humildemente diz Chandidas: ⁴ 'Radha caiu na armadilha de Krishna.'

O kirtan continuava.

As amigas de Radha dizem-lhe:

Diz-me, Ó Radha, de belo rosto! Conta-nos o que te aflige.
 Por que tua mente divagou? Por que tu te esfregas na terra em frenesi?
 Diz-nos porque tua pele dourada tomou a matiz das cinzas.
 De teu corpo a roupa escarlate caiu no chão, descuidada:
 Ah! Teus olhos estão vermelhos de lágrimas; teu adorável rosto de lótus deixou de brilhar.
 Conte-nos o que te aflige, caso contrário, nossos corações se partirão de dor.

Radha diz às suas amigas:

Anseio pela visão do rosto de Krishna.

O músico cantou de novo.

Ouvindo a flauta de Krishna, Radha enlouquece. Diz às suas amigas:

Quem é o Feiticeiro que mora no bosque de kadamba?
 As notas de Sua flauta subitamente entram em meus ouvidos e despertam um acorde em meu coração;
 Penetrando até minha alma, matam meu dharma e enlouquecem-se.
 Com a mente inquieta e olhos lacrimejantes, Ó, mal posso respirar.
 Como toca Sua flauta mágica, cuja música estremece minha alma!
 Porque Ele está longe de minhas visitas, meu coração expira, não posso permanecer em casa.
 Minha alma anela por Ele atormentada de dor, deseja ardentemente vê-Lo uma vez mais.
 Diz Uddhava Das, mas tu vás morrer, Ó Radha, quando o contemplares!

A música continuou.

O coração de Radha anela pela visão de Krishna. Diz às amigas:

Primeiro ouvi Sua flauta mágica que vinha do bosque de kadamba,
 E, no dia seguinte, o menestrel falou-me d'Ele e estremeceu minha alma;
 No outro dia, Ó amiga do meu coração, Tu cantaste Seu nome abençoado.
 (Ah, o abençoado nome de Krishna, cheio da doçura de mel!)

³ Autor da canção.

⁴ Autor da canção.

Os sábios, também, descrevem-me Suas inumeráveis virtudes,
 Sou uma moça simples e débil, e severos são meus parentes mais velhos.
 Cresce meu amor por meu Bem-Amado; como posso viver mais tempo?
 Depois de pensar muito, vi que por fim, devo morrer:
 Você não pode dizer-me, Ó amiga, de que maneira posso encontrar meu Krishna?

Ao ouvir o verso, “Ah, o abençoado nome de Krishna, cheio da doçura de mel!” Shri Ramakrishna não pode mais continuar sentado. Pôs-se de pé, inconsciente, e entrou em samadhi profundo. Naren mais jovem ficou à direita. Retomando parcialmente à consciência, o Mestre repetiu o nome de Krishna com sua voz melodiosa. As lágrimas escorriam de suas faces. Sentou-se de novo. O músico continuou.

Vishakha, uma amiga de Radha, sai correndo e traz um retrato de Krishna. Coloca-o diante de Radha. Radha diz, “Vejo a imagem d’Aquele a quem contemplei nas margens do Jamuna. Desde então tenho estado nesta situação.

Vejo a imagem d’Aquele que contemplei às margens do Jamuna.
 O nome que Vishakha pronunciou é o nome d’Aquele que está pintado aqui.
 Aquele que tocou a flauta é o Bem-Amado de minha alma!
 Suas virtudes o trovador cantou para mim. Ele enfeitiçou meu coração.
 Não é outro senão Ele!” Assim dizendo, Radha desmaiou.
 Reanimada por suas amigas, imediatamente lhes diz:
 “Mostrem a mim, Ó amigas, Aquele que vi refletido em minha alma.”
 E elas prometem-lhe que assim o farão.

Agora Shri Ramakrishna com Narendra e outros devotos começaram a cantar o kirtan em voz alta. Cantaram:

Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Continuaram:

Veja como toda Nadia treme
 Sob as ondas do amor de Gauranga. ...

Shri Ramakrishna uma vez mais entrou em samadhi. Depois de recobrar a consciência do mundo exterior, voltou a seu lugar. Dirigindo-se a M., disse-lhe, “Não me lembro para que lado eu estava olhando.” Logo começou a conversar com os devotos.

Narendra (*ao Mestre*): “Hazra agora tornou-se um homem bom.”

Mestre: “Você sabe. Há pessoas que repetem o nome Rama com a língua, mas escondem pedras debaixo dos braços para jogar nos outros.”

Narendra: “Não concordo com o senhor. Perguntei-lhe sobre as queixas que as pessoas têm conta ele. Negou-as.”

Mestre: “É constante em sua devoção. Pratica um pouco de japa, mas também, comporta-se de maneira estranha. Não paga ao cocheiro.”

Narendra: “Não é verdade, senhor. Ele disse que já havia pago.”

Mestre: “Onde obteve o dinheiro?”

Narendra: “De Ramlal ou de qualquer outro.”

Mestre: “Você perguntou-lhe todas essas coisas? Uma vez orei à Mãe Divina, ‘O Mãe, se Hazra é um hipócrita, por favor, tire-o daqui’. Mais tarde falei-lhe de minha oração. Depois de alguns dias veio a mim e disse, ‘Veja, ainda estou aqui’. (*O Mestre e os devotos riram*). Mas pouco tempo depois foi embora.

“A mãe de Hazra pediu-me, através de Ramlal, para falar a Hazra para voltar para casa. Estava quase cega de tanto chorar. Tentei por diversas maneiras, persuadi-lo a visitá-la. Eu disse, ‘Sua mãe está velha, visite-a uma vez.’ Não consegui que ele fosse. Pouco tempo depois a pobre mãe morreu, chorando por ele.”

Narendra: “Desta vez ele voltará para casa.”

Mestre: “Sim, sim! Ele irá para casa! É um mau caráter, um canalha. Você não o compreende. Você é um tolo. Gopal disse que Hazra passou uns dias em Sinthi. As pessoas

costumavam dar-lhe manteiga, arroz e outros alimentos. Teve a imprudência de dizer-lhes que não podia comer um arroz tão ruim e manteiga de qualidade inferior. Ishan de Bhatpara acompanhou-o até lá. Mandou Ishan carregar água para ele. Isto fez com que os outros brahmins ficassem zangados.”

Narendra: “Perguntei-lhe a este respeito, também. Disse que o próprio Ishan Babu havia trazido a água. Além disso, muitos brahmins de Bhatpara trataram-no com respeito.”

Mestre (*sorrindo*): “Isto foi resultado de seu japa e austeridade. Os traços físicos influenciam muito o caráter. Estatura baixa e corpo com depressões aqui e ali não são bons sinais. Com esses traços leva-se muito tempo para adquirir conhecimento espiritual.”

Bhavanath: “Vamos parar de falar dessas coisas.”

Mestre: “Não me interprete mal. (*A Narendra*) Você diz que compreende as pessoas. É por isso que estou lhe dizendo tudo isso. Sabe como considero pessoas como Hazra? Sei que assim como Deus toma a forma de santos, assim também Ele toma a forma de trapaceiros e canalhas. (*A Mahimacharan*) O que me diz? São todos Deus.”

Mahima: “Sim, senhor. Todos são Deus.”

Girish (*ao Mestre*): “Senhor, o que é ekangi prema?”

Mestre: “É amor unilateral. Por exemplo, a água não procura o pato, mas o pato adora a água. Há outros tipos de amor: sadharani, samanjas e samartha. No primeiro, o comum, o amante procura somente sua felicidade, não se preocupa se a outra pessoa é feliz ou não. Esta era a atitude de Chandravali em relação a Krishna. No segundo, que é um tipo de amor mais nobre, um procura a felicidade do outro. Mas o terceiro é o mais elevado de todos. Esse amante diz a seu bem-amado, ‘Seja feliz, não importa o que possa acontecer comigo’. Radha tinha esse amor mais elevado. Ficava feliz com a felicidade de Krishna. As gopis, também, haviam atingido este estado sublime.

“Sabe quem eram as gopis? Ramachandra caminhava pela floresta onde moravam sessenta mil rishis, ansiosos para vê-Lo. Ele lançou-lhes um olhar doce. Segundo um dos Puranas nasceram como as gopis de Vrindavan.

Um devoto: “Senhor, quem pode ser chamado um antaranga?”

Mestre: “Vou dar-lhe um exemplo. Um natmandir tem colunas internas e externas. Um antaranga é como as colunas internas. Aqueles que vivem sempre perto do guru são os antarangas.

(*A Mahimacharan*): “O jnani não deseja nem a forma de Deus nem Sua Encarnação. Enquanto andava pela floresta, Ramachandra viu muitos rishis. Eles O convidaram para seu ashrama, e com muito amor disseram-Lhe: ‘Ó Rama, hoje nossa vida está abençoada porque Te vimos, mas Te conhecemos como filho de Dasharatha. Bharadvaja e outros sábios O consideram uma Encarnação Divina, mas esta não é nossa opinião. Meditamos no Indivisível Satchidananda’. Rama ficou satisfeito com eles e sorriu.

“Ah, por que estado mental passei! Minha mente perdia-se no Absoluto Indivisível. Quantos dias passei assim! Renunciei a bhakti e bhakta, devoção e devoto. Tornei-me inerte. Não podia sentir a forma de minha própria cabeça. Estava quase morrendo. Pensei em ter a tia de Ramlal⁵ junto a mim.

“Mande retirar todos os quadros e retratos do meu aposento. Quando retomei à consciência exterior, quando a mente desceu ao nível normal, senti como se estivesse sendo sufocado, como uma pessoa que está se afogando. Por fim, disse a mim mesmo, ‘Se não posso suportar as pessoas, como vou viver?’ Logo a mente foi direcionada novamente a bhakti e bhakta. ‘O que me aconteceu?’ Continuei perguntando às pessoas. Bholanath⁶ disse-me, ‘Este estado mental foi descrito no *Mahabharata*’. Como pode um homem viver, descendo do plano de samadhi? Certamente que tem necessidade de devoção a Deus e da companhia dos devotos. Caso contrário, como manterá a mente ocupada?”

Mahimacharan (*ao Mestre*): “Senhor, pode um homem voltar do plano de samadhi ao plano do mundo normal?”

Mestre (*em voz baixa, a Mahima*): “Vou lhe falar particularmente. Você é o único apto a ouvi-lo.”

⁵ Referindo-se à própria esposa.

⁶ Um funcionário do templo.

“Koar Singh também me fez esta pergunta. Veja, há uma grande diferença entre jiva e Ishvara. Por meio da adoração e austeridade, um jiva pode no máximo, alcançar o samadhi, mas não pode descer do samadhi. Por outro lado uma Encarnação Divina pode descer do samadhi. Um jiva é como um funcionário do rei, pode ir até o pátio exterior do palácio de sete andares, mas o filho do rei tem acesso a todos os sete andares, pode também sair. Todos dizem que ninguém pode voltar do samadhi. Neste caso, o que dizer de sábios como Shankara e Ramanuja? Retiveram o ‘ego do Conhecimento’.”

Mahima: “Certamente é verdade. Caso contrário, como poderiam escrever livros?”

Mestre: “Também há exemplos de sábios como Prahlada, Narada e Hanuman. Eles, também, retiveram bhakti depois de alcançar o samadhi.”

Mahima: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Algumas pessoas dedicam-se à especulação filosófica e pensam muito em si mesmo. Talvez tenham estudado um pouco de Vedanta, mas um homem não pode ser egoísta se tiver conhecimento verdadeiro. Em outras palavras, em samadhi uma pessoa torna-se uma com Deus e livra-se do egoísmo. É impossível o verdadeiro conhecimento sem samadhi. O homem em samadhi torna-se uma com Deus, portanto não pode ter qualquer egoísmo.

“Sabe como é? Ao meio-dia o sol está diretamente no alto da cabeça. Se alguém olhar em volta não verá sua sombra. Da mesma maneira não encontrará a ‘sombra’ do ego depois de alcançar o Conhecimento, samadhi.

“Mas se vir em alguém um vestígio da ‘consciência do eu’, depois de alcançar o verdadeiro Conhecimento, saiba que se trata do ‘ego do Conhecimento’ ou o ‘ego de Devoção’, ou o ‘ego’ de servo’. Não é mais o ‘ego de ignorância’.

“Jnana e bhakti são caminhos gêmeos. Qualquer um deles que for seguido, no final é a Deus que se encontra. O jnani considera Deus de uma maneira, e o bhakta de outra. O Deus do jnani está cheio de brilho, e o Deus do bhakta, cheio de doçura.”

Bhavanath estava sentado próximo do Mestre, escutando suas palavras.

Bhavanath (*ao Mestre*): “Senhor, tenho uma pergunta. Não compreendo muito bem o *Chandi*. Ali está escrito que a Mãe Divina mata todos os seres. O que significa?”

Mestre: “Isto tudo é Sua lila, Seu prazer de jogar. Esta pergunta costumava preocupar-me. Mais tarde dei-me conta de que tudo é maya. Tanto a criação como a destruição são a maya de Deus.”

Girish conduziu Shri Ramakrishna e os devotos ao terraço, onde foi servida uma pequena refeição. A lua brilhava no céu. Os devotos sentaram-se. O Mestre ocupou um lugar na frente deles. Todos estavam alegres.

Shri Ramakrishna ficou fora de si de alegria ao ver Narendra. O amado discípulo sentou-se na fila da frente. De vez em quando o Mestre perguntava como ele estava se sentindo. Mal havia acabado de comer metade de sua refeição, quando foi até Narendra com um pedaço de melancia e coalhada de seu próprio prato. Afetuosamente disse ao discípulo, “Por favor, coma isto”. Em seguida voltou para seu lugar.

Sábado, 9 de maio de 1885

Eram cerca de três horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado muito feliz na sala de visitas de Balaram. Muitos devotos estavam presentes. Narendra, M., Bhavanath, Purna, Paltu, Naren mais jovem, Girish, Ram, Binode, Dwija e outros sentaram-se à sua volta.

Balaram não estava presente, fora a Monghyr para uma mudança de ar. Sua filha mais velha convidara Shri Ramakrishna e os devotos, comemorando a ocasião com uma festa. O Mestre foi repousar depois da refeição.

Repetidamente o Mestre perguntava a M. “Sou uma pessoa de mentalidade generosa? Diga-me”

Bhavanath (*sorrindo*): “Por que o senhor lhe pergunta? Ele ficará calado.”

Um mendigo entrou no aposento. Queria cantar. Os devotos escutaram uma ou duas canções. Narendra gostou de sua maneira dele cantar e pediu-lhe que continuasse.

Mestre: “Pare! Pare! Não queremos mais canções. Onde está o dinheiro? (*A Narendra*) Você pede para cantar, mas quem vai pagar?”

Um devoto (*sorrindo*): “Senhor, o mendigo pode pensar que o senhor é um amir, um aristocrata rico, pela maneira como o senhor está recostado contra o almofadão.” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Também pode pensar que estou doente.”

A conversa voltou-se para Hazra e seu egoísmo. Por alguma razão ele teve de ir embora de Dakshineswar.

Narendra: “Hazra agora admite que era egoísta.”

Mestre: “Não acredite nele. Fala assim para poder voltar a Dakshineswar. (*Aos devotos*) Narendra sempre insiste que Hazra é uma grande pessoa.”

Narendra: “Mesmo agora digo isto.”

Mestre: “Por que? Você ouviu tanto a seu respeito, e ainda pensa assim.”

Narendra: “Ele tem pequenos defeitos mas tem grandes qualidades.”

Mestre: “Admito que ele tenha devoção ao seu Ideal. Disse-me, ‘O senhor não se importa comigo agora, mas mais tarde vai procurar a minha companhia.’ Um goswami veio de Srerampore. Era um descendente de Advaita Goswami. Tinha intenção de passar uma noite ou duas no templo. Pedi-lhe cordialmente que ficasse. Sabe o que Hazra me disse? Disse, ‘Mande-o para o funcionário do templo.’ O que ele pensava era que o goswami poderia pedir leite e comida, e que ele teria de lhe dar algo de sua porção. Eu disse a Hazra, ‘Agora, seu patife! Até eu me prosterno ante ele porque é um goswami e você, depois de levar uma vida mundana e ceder bastante à “mulher e ouro”, tem tanto orgulho só por causa de um pouco de japa! Não tem vergonha?’

“Realiza-se Deus por meio de sattva. Rajas e tamas afastam uma pessoa d’Ele. As escrituras descrevem sattva como branca, rajas como vermelha e tamas como preta. Uma vez perguntei a Hazra, ‘Diga-me o que pensa das pessoas que vêm aqui. Quanto de sattva cada uma tem?’ Ele disse: ‘Narendra tem cem por cento e eu, cento e dez por cento.’ ‘E eu?’ perguntei. Ele respondeu, ‘O senhor ainda tem vestígios cor de rosa. Devo dizer que o senhor tem setenta e cinco por cento.’ (*Todos riem*).

“Hazra costumava praticar japa em Dakshineswar. Enquanto passava o rosário, tentava fazer alguns negócios de corretagem. Tem uma dívida de umas mil rupias que deve ser paga. Sobre os cozinheiros brahmins do templo, observou, ‘O senhor pensa que falo com pessoas dessa classe?’

“A verdade é que não se pode alcançar Deus enquanto existir o menor vestígio de desejo. Sutil é o caminho de dharma. Se alguém estiver tentando enfiar a linha numa agulha, não conseguirá fazê-lo se o fio tiver o menor fiapo.

“Há pessoas que fazem japa durante trinta anos e não alcançam qualquer resultado. Por que? Gangrena requer tratamento drástico. Remédio comum não a cura..

“Não importa o quanto de sadhana se pratique, não atingirá a meta enquanto tiver desejos, mas também é verdade, que se pode atingir a meta de uma hora para outra, pela graça de Deus, por Sua bondade. Tome o exemplo de um aposento que tenha estado no escuro durante mil anos. Se alguém trazer luz, o aposento fica iluminado num instante.

“Suponhamos que o filho de um homem pobre tenha caído nas boas graças de uma pessoa rica e casa-se com sua filha. Imediatamente ganha carruagem, roupas, móveis, uma casa etc.”

Um devoto: “Senhor, como se recebe a graça de Deus?”

Mestre: “Deus tem a natureza de uma criança. Suponhamos que uma criança esteja sentada com pedras preciosas em seu colo. Muitas pessoas passam por ela e pedem-lhe as pedras, mas ela as esconde com a mão e diz, virando o rosto. ‘Não, não vou me desfazer de nenhuma.’ Mas um homem chega, não pede nada e a criança corre para ele e lhe oferece as pedras, pedindo-lhe para aceitá-las.

“Não se pode realizar Deus sem renúncia. Quem aceitará minhas palavras? Quero um companheiro, uma alma irmã que compreenda meus sentimentos. Ao ver um grande devoto digo a mim mesmo, ‘Talvez vá aceitar o meu Ideal’. Porém, mais tarde, descubro que ele se comporta de outra maneira.

“Um fantasma procurava um companheiro. Acredita-se que uma pessoa torna-se fantasma se morrer de acidente num sábado ou numa terça-feira. Por isso toda vez que o fantasma encontrava alguém que aparentemente teria morrido de acidente num desses dias, corria

para ele. Dizia para si mesmo que, enfim, havia encontrado um companheiro, mas mal chegava junto do homem, via que estava se recuperando. O homem talvez tivesse caído de um telhado, e depois de algum tempo recuperado a consciência.

“Certa vez Mathur Babu estava em êxtase. Comportava-se como um bêbado e não podia cuidar dos negócios. A isto todos disseram, ‘Quem tomará conta de sua fortuna, se ele se comporta assim? Certamente o jovem sacerdote ⁷ enfeitiçou-o’

“Numa das primeiras visitas de Narendra, toquei seu peito e ele ficou inconsciente. Retomando a consciência, chorou e disse, ‘Ó, por que o senhor fez isso comigo? Tenho pai! Tenho mãe!’ Esse ‘eu’ e ‘meu’ brotam da ignorância.

“Um guru disse a seu discípulo. ‘O mundo é ilusório. Venha comigo.’, ‘Mas reverenciado senhor’, disse o discípulo, ‘as pessoas em casa – meu pai, minha mãe, minha esposa – amam-me muito. Como posso abandoná-los?’ O guru respondeu, ‘Sem dúvida você agora tem este sentimento de ‘eu’ e ‘meu’ e diz que eles o amam, mas é tudo ilusão de sua mente. Vou ensinar-lhe um artifício e você saberá se eles o amam de verdade ou não.’ Dizendo isso, o instrutor deu ao discípulo uma pílula e disse-lhe, ‘Engula-a isso em casa. Parecerá um cadáver, mas não perderá a consciência, verá e ouvirá tudo. Então irei à sua casa, e gradualmente você voltará ao seu estado normal.’

“O discípulo seguiu as instruções do mestre e deitou-se na cama como um morto. A casa estava cheia de fortes lamentos. A mãe, a esposa e os outros choravam amargamente. Então um brahmin entrou e disse-lhe, ‘O que está acontecendo?’ ‘Este rapaz está morto’, responderam. O brahmin sentiu seu pulso e disse, ‘Como? Ele não está morto. Tenho um remédio que o curará.’ A alegria dos parentes não teve limites, parecia que o céu havia descido sobre a casa. ‘Mas’, disse o brahmin, ‘devo dizer-lhe algo mais. Outra pessoa deve tomar um pouco desse remédio primeiro e em seguida, o rapaz tomará o restante. Mas a outra pessoa morrerá. Vejo que ele tem muitos parentes queridos aqui, certamente um deles concordará em tomar o remédio. Vejo que a esposa e a mãe estão chorando amargamente. Certamente não hesitarão em tomá-lo.’

“Imediatamente todos pararam de chorar e ficaram em silêncio. A mãe disse, ‘Bem, está é uma família numerosa. Suponhamos que eu morra, quem tomará conta dela família?’ Começou a refletir. A esposa que estivera chorando há um minuto atrás e lamentando-se de sua má sorte, disse, ‘Bem, ele foi embora do mundo dos vivos. Tenho duas ou três crianças pequenas. Quem cuidará delas se eu vier a falecer?’

“O discípulo viu e ouviu tudo. Levantou-se imediatamente e disse ao instrutor, ‘Vamos, reverenciado senhor. Eu o seguirei’. (*Todos riram*).

“Um outro discípulo disse a seu instrutor, ‘Reverenciado senhor, minha esposa cuida bem de mim. É por ela que não posso abandonar o mudo.’ O discípulo praticava hatha yoga. O instrutor ensinou-lhe também, um artifício para testar o amor da esposa. Um dia ouviram-se grandes lamentos em sua casa. Os vizinhos vieram correndo e viram o hatha yogi sentado numa postura, os membros paralisados. Pensaram que estivesse morto. Sua esposa caiu ao solo, chorando amargamente. ‘Ó, o que me aconteceu? O que você fez para nosso futuro? Ó, amigos, jamais sonhei em ter um tal destino!’

“Nesse meio tempo os parentes e amigos trouxeram uma padiola para levar o cadáver, mas subitamente surgiu uma dificuldade, logo que começaram a carregar. Como o corpo estivesse torcido e rígido não pôde ser retirado pela porta. Um vizinho rapidamente trouxe um machado e começou a cortar o marco da porta. A esposa chorava amargamente quando ouviu o barulho do machado. Correu para a porta. ‘O que estão fazendo, amigos?’ perguntou, chorando. O vizinho disse, ‘Não podemos tirar o corpo, por isso estamos cortando o marco da porta.’

“ ‘Por favor, disse a esposa, ‘não façam tal coisa. Agora estou viúva, não tenho ninguém para tomar conta de mim. Tenho que educar essas crianças. Se vocês destruírem essa porta, não poderei comprar outra. Amigos, a morte é inevitável para todos e meu marido não pode voltar à vida. É melhor que cortem seus membros.’ O hatha yogi levantou-se imediatamente porque o efeito do remédio havia terminado. Disse à esposa, ‘Sua malvada! Quer cortar minhas mãos e pés, não é?’ Assim falando, renunciou ao lar e seguiu o instrutor. (*Todos riem*).

⁷ Shri Ramakrishna que, nesta época, era sacerdote do templo de Kali.

“Muitas mulheres dão um espetáculo de pesar. Sabendo que terão de chorar, primeiro tiram as argolas do nariz e outros enfeites, guarda-os em segurança, numa caixa e fecham à chave. Em seguida jogam-se ao solo e choram. ‘Ó amigos, o que nos aconteceu?’ ”

Narendra: “Como posso crer, sem provas que Deus encarna-Se, como um homem?”

Girish: “Somente a fé é suficiente. Qual a prova de que estes objetos são exteriores a nós? Somente a fé é a prova.”

Um devoto: “Os filósofos foram capazes de provar que o mundo exterior existe fora de nós? Mas dizem que temos de ter uma crença irresistível nesse fato.”

Girish (*a Narendra*): “Você não acreditaria mesmo se Deus aparecesse diante de você. O próprio Deus poderia dizer que era Deus nascido homem, mas talvez você lhe dissesse que Ele era mentiroso e trapaceiro.”

A conversa voltou-se para a imortalidade dos deuses.

Narendra: “Qual é a prova de sua imortalidade?”

Girish: “Você não acreditaria mesmo se os deuses aparecessem diante de você.”

Narendra: “Que os imortais tenham existido no passado, requer provas.”

M. sussurrou algo a Paltu.

Paltu (*sorrindo, a Narendra*): “Que necessidade têm os imortais de serem sem princípio? Para ser imortal é necessário ser sem fim.”

Mestre (*sorrindo*): “Narendra é o filho de um advogado, mas Paltu de um magistrado.” (*Todos riem*).

Todos ficaram calados por algum tempo.

Jogin (*sorrindo*): “Ele [referindo-se ao Mestre] não aceita mais as palavras de Narendra.”

Mestre (*sorrindo*): “Um dia mencionei que o pássaro chatak não bebe qualquer água, exceto a que cai do céu. Narendra, ‘O pássaro chatak também bebe água comum.’ Então eu disse à Mãe Divina, ‘Mãe, minhas palavras são falsas?’ Sentia-me muito preocupado com isto. Dias depois, Narendra estava aqui. Muitos pássaros voaram para dentro do quarto. Ele exclamou, ‘Olhe! Olhe!’ ‘O que há?’ perguntei. Ele disse, ‘Ali está o seu chatak!’ Vi que eram somente morcegos. Desde aquele dia não aceito o que ele diz (*Todos riem*).

“Na chácara de Jadu Mallick Narendra disse-me: ‘As formas de Deus que o senhor vê, são invenção de sua mente.’ Fiquei admirado e disse-lhe, ‘Mas elas também falam!’ Narendra respondeu, ‘Sim, pode-se pensar assim.’ Fui ao templo e chorei diante da Mãe, ‘Ó Mãe, eu disse, ‘O que é isto? É tudo falso? Como pode Narendra dizer isto? No mesmo momento tive uma revelação. Vi a Consciência – a Consciência Indivisível – e um Ser divino formado daquela Consciência. A forma divina disse-me, ‘Se suas palavras são falsas, como é que elas concordam com os fatos?’ Por isso disse a Narendra, ‘Seu canalha! Você criou incredulidade em minha mente. Não venha mais aqui’.”

A discussão continuou. Narendra com pouco mais de vinte e dois anos, argumentava.

Narendra (*a Girish, M. e outros*): “Como posso acreditar nas palavras das escrituras? O *Mahanirvana Tantra* diz, num trecho, que a não ser que o homem alcance Conhecimento de Brahman, vai para o inferno e o mesmo livro diz, em outro trecho que não há salvação sem adoração a Parvati, a Mãe Divina. Manu escreve a seu respeito no *Manusamhita*; Moisés descreve sua própria morte no Pentateuco.

“A filosofia Samkhya diz que Deus não existe porque não há prova de sua existência. Também essa filosofia diz que devemos aceitar os Vedas e que eles são eternos.

“Mas não digo que não são verdadeiros. Simplesmente não os compreendo. Por favor explique-os a mim. As pessoas explicaram as escrituras segundo sua imaginação. Que explicação vamos aceitar? A luz branca transmitida por um meio vermelho parece vermelha, por um meio verde, verde.”

Um devoto: “O *Gita* contém as palavras de Deus.”

Mestre: “Sim, o *Gita* é a essência de todas as escrituras. Um sannyasi pode ou não, guardar consigo um outro livro, mas sempre traz um *Gita* no bolso.”

Um devoto: “O *Gita* contém as palavras de Krishna.”

Narendra: “Sim, Krishna ou qualquer outro.”

Shri Ramakrishna ficou admirado com essas palavras de Narendra.

Mestre: “É uma boa discussão. Há duas interpretações das escrituras: a literal e a real. Deve-se aceitar somente o significado real – o que concorda com as palavras de Deus. Há uma grande diferença entre as palavras escritas numa carta e as faladas por quem as escreve. As escrituras são como as palavras da carta, já as palavras de Deus são as faladas por Ele. Não aceito nada a não ser que esteja de acordo com as palavras ditas diretamente pela Mãe Divina.”

A conversa voltou-se novamente para a Encarnação Divina.

Narendra: “É suficiente ter-se fé em Deus. Não me importo sobre o que Ele está fazendo ou de onde vem. O universo é infinito e infinitas são as Encarnações.”

Quando Shri Ramakrishna ouviu as palavras ‘Infinito é o universo e infinitas são as Encarnações’, disse de mãos postas, “Ah!”

M. sussurrou alguma coisa a Bhavanath.

Bhavanath: “M. diz, ‘Enquanto eu não tiver visto o elefante, como posso saber se ele pode passar através do buraco de uma agulha? Não conheço Deus, como posso entender pela razão, se Ele pode ou não encarnar-Se como homem?’ ”

Mestre: “Tudo é possível para Deus. É Ele o mágico. O mágico engole a faca e de novo pega outra novamente; engole pedras e tijolos.”

Um devoto: “Os Brahmos dizem que um homem deve executar suas obrigações mundanas. Não deve renunciar a elas.”

Girish: “Sim, li qualquer coisa assim em seu jornal, o *Sulabha Samachar*, mas um homem não pode nem sequer terminar todos os trabalhos necessários para conhecer Deus, e contudo fala de obrigações mundanas.”

Shri Ramakrishna sorriu um pouco, olhou para M. e fez um sinal com os olhos, como querendo dizer, “O que ele diz está certo.”

M. entendeu que esta questão de cumprir deveres era extremamente difícil.

Purna chegou.

Mestre: “Quem lhe disse que estávamos aqui?”

Purna: “Sarada.”

Mestre (*aos devotos*): “Sirvam-me algo para comer.”

Narendra preparava-se para cantar. O Mestre e os devotos estavam ansiosos para ouvir a música. Narendra cantou:

Shiva, Teu trovão reina sobre os campos, montanhas e céu!
Ó Deus dos Deuses! Ó! Matador do Tempo, Tu, o Grande Vazio, o Rei do Dharma!
Shiva, Tu o Abençoado Uno, tens que me redimir, retira meu pesado pecado.

A seguir cantou:

Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!
Ele cai como o mais doce néctar, em nossos ouvidos
E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas! ...

Novamente:

Por que, Ó mente, jamais O chamas
Aquele que retira todo temor do perigo?
Enganada pela ilusão, tu te esqueces,
Enamorada da agressividade do mundo.
Ó, que riso há aqui!

Companheiros e riquezas tu não podes conservar para sempre;
Toma cuidado e não O esqueças
Abandona o falso, Ó mente minha! Adora o Real
E toda a tristeza desaparecerá de tua vida.
Guarda meu bom conselho em teu coração.

Com voz sonora proclama o nome do Senhor Hari
E descarta teus falsos desejos,

Se quiseres cruzar o oceano desta vida,
Entrega-Te a Ele, corpo, mente e alma.
E adora-O com amor confiante.

Paltu: “Não quer cantar esta?”

Narendra: “Qual?”

Paltu: “Quando contemplo Teu rosto sem par.”

Narendra cantou:

Quando contemplo Teu rosto sem par, radiante de amor, Ó Senhor.
Que medo tenho do pesar terreno ou do amargar da tristeza?
Assim como o primeiro raio de sol nascente desvanece a escuridão,
Assim também, Senhor quando Tua luz abençoada queima dentro do coração.
Faz desaparecer todo nosso pesar e dor com o mais suave doa bálsamos.
Quando reflito em Teu amor e graça, no mais profundo do meu coração,
Lágrimas de alegria, impossíveis de serem contidas, escorrem de minha face
Salve, Senhor Misericordioso! Salve, Uno Gracioso! Vou proclamar Teu amor.
Que meu alento vital se aparte de mim enquanto executo Teus trabalhos!

A pedido de M., Narendra cantou uma vez mais, M. e a maioria dos devotos, de mãos postas, escutavam:

Embriga-te, Ó mente, com o Vinho da Felicidade Celestial!
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari! ...

Narendra cantou novamente:

Medita, Ó mente minha, no Senhor Hari.
O Imaculado, Espírito nuro de todos os tempos.
Sem paz, é a luz que brilha n’Ele!
Quão sedutora é Sua forma maravilhosa!
Quão querido é Ele a todos Seus devotos! ...

Cantou outra canção:

Este universo maravilhoso e infinito
Ó Senhor, é Tua arte:
E o mundo inteiro é o tesouro
De Tua beleza e graça;
As estrelas brilham infinitamente.
Como pedras preciosas num colar de ouro;
Como podem miríades de sóis e luas.
Ser contadas lá no alto?
A terra resplandece com grão e ouro
De Teu depósito infindável:
Estrelas sem conta, Ó Deus, cantam!
Abençoado, abençoado és Tu!

Depois ele cantou:

Na amplidão do céu resplandecem brilhantes
Os lampiões do sol e da lua.
Como diamantes brilham as estrelas cintilantes
Para enfeitar Tua forma maravilhosa. ...

Continuou:

Amarre sua mente, Ó homem, no Purusha Primordial.
Que é a Causa de todas as causas.
O Uno Imaculado, a Verdade Sem começo.

Como Prana, Ele permeia o infinito universo.
O homem de fé contempla-O
Vivendo, resplandescente, a Raiz de tudo. ...

A pedido de Narayan, Narendra cantou:

Vem! Vem, Mãe! Boneca de minha alma! Deleite de meu coração!
No lótus do meu coração vem e fica, para que eu possa ver Teu rosto.
Ó! Doce Mãe, mesmo desde o berço tenho sofrido muito;
Mas suportei tudo, Tu sabes, contemplando-Te.
Abre o lótus do meu coração, Mãe querida! Revela-Te ali.

Depois Narendra cantou uma canção de sua escolha:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa caverna escura da montanha. ...

Quando Shri Ramakrishna ouviu esta canção arrebatadora, entrou em samadhi. Narendra cantou de novo:

Fique embriagada, Ó mente, com o Vinho da Felicidade Celestial! ...

O Mestre estava em samadhi, sentado numa almofada, balançando as pernas, olhando para o norte e encostado contra a parede. Os devotos encontravam-se sentados à sua volta.

Em êxtase Shri Ramakrishna conversava com a Mãe Divina. Dizia, “Vou comer agora, Tu vens? Encontraste Teu alojamento e deixaste Tua bagagem ali e saíste?” Continuou: “Agora não desfruto da companhia de qualquer um. Por que deveria escutar a música, Mãe? Isto desvia parte de minha mente, para o mundo exterior.”

Gradualmente o Mestre foi retomando a consciência do mundo exterior. Olhando para os devotos disse. “Anos atrás costumava ficar admirado ao ver as pessoas guardar vivos, num aquário, os peixe kai. Dizia, ‘Que gente má! No final vão matá-los’, mas depois, com uma mudança em minha mente, compreendi que os corpos são como fronhas. Não importa se permanecem ou caem.”

Bhavanath: “Então pode uma pessoa ferir outra, sem incorrer em pecado? Matá-la?”

Mestre: “Sim, é permitido se uma pessoa atingiu aquele estado mental, mas nem todos o atingem. É o estado de Brahmajnana.

“Descendo um ou dois degraus do samadhi, desfruto de bhakti e bhakta.

“Em Deus há tanto vidya como avidya. Vidyamaya conduz uma pessoa a Deus e Avidyamaya afasta-a d’Ele. Conhecimento, devoção, compaixão e renúncia pertencem ao campo de vidya que ajuda os homens a se aproximarem de Deus. Um degrau acima, alcança Deus, o Conhecimento de Brahman. Nesse estado sente e vê claramente que foi Deus quem Se tornou tudo. Não tem nada a abandonar, nada a aceitar. É impossível para ele ficar zangado com alguém.

“Um dia eu estava numa carruagem, quando vi duas prostitutas numa varanda. Deram-me a impressão de serem a personificação da Própria Mãe Divina. Saudei-as.

“Na primeira vez que alcancei este estado exaltado, não pude adorar a Mãe Kali, nem oferecer-lhe comida. Haladhari e Hriday disseram-me que por causa disso o funcionário do templo me havia caluniado, mas eu simplesmente achei graça. Não fiquei nem um pouco zangado. Atinja primeiro Brahmajnana e em seguida, ande por onde quiser, desfrutando a lila de Deus. Um santo foi a uma cidade e saiu para visitar os pontos interessantes, quando encontrou-se com outro sadhu, seu conhecido. Este último disse-lhe: ‘Vejo que você está passeando. Onde está sua bagagem? Espero que não tenha sido roubada.’ O primeiro sadhu disse: ‘Absolutamente. Primeiro procurei um alojamento, guardei minhas coisas no quarto e fechei a porta. Agora estou desfrutando as belezas da cidade’.” (*Todos riem*).

Bhavanath: “Estas são palavras muito elevadas.”

M. (*a si mesmo*): “Provar a lila de Deus depois de Brahmajnana! Descer ao plano de consciência comum depois de atingir samadhi!”

Mestre (*a M. e a outros*): “É fácil obter o Conhecimento de Brahman? Só é possível se a mente for aniquilada. O guru disse ao discípulo, ‘Dê-me sua mente e lhe darei o Conhecimento’. Nesse estado a pessoa só gosta de conversa espiritual e da companhia dos devotos.

(*A Ram*) “Você é médico, sabe que o remédio só tem efeito quando se mistura com o sangue do paciente e torna-se uno com ele. Assim também, no estado de Brahmajnana, vê-se Deus tanto interna como externamente. Vê-se que foi o Próprio Deus que Se tornou o corpo, mente, vida e alma.”

M. (*para si mesmo*): “Assimilação!”

Mestre: “Um homem atinge Brahmajnana assim que a mente for aniquilada. Com a aniquilação da mente morre o ego que diz ‘eu’, ‘eu’. Alcança-se o Conhecimento de Brahman seguindo o caminho da devoção. Ele também é atingido pelo caminho do Conhecimento, isto é, da discriminação. Os jnanis discriminam dizendo, ‘neti, neti’, quer dizer, ‘Tudo é ilusório, como um sonho’. Analisam o mundo através do processo de ‘isto não, isto não’; é maya. Quando o mundo se desvanece, permanecem somente os jivas quer dizer, todos esses egos.

“Cada ego pode ser comparado a um jarro. Suponhamos que haja dez jarros cheios de água e que o sol se reflita neles. Quantos sóis vemos?”

Um devoto: “Dez refletidos. Além disso há o sol verdadeiro.”

Mestre: “Suponhamos que um jarro se quebre. Quantos sóis são vistos agora?”

Devoto: “Nove sóis refletidos, mas certamente existe o sol verdadeiro.”

Mestre: “Muito bem. Suponhamos que se quebraram nove jarros. Quantos sóis há?”

Devoto: “Um sol refletido, mas existe o sol verdadeiro.”

Mestre (*a Girish*): “O que fica depois que o último jarro é quebrado?”

Girish: “O sol verdadeiro, senhor.”

Mestre: “Não. O que permanece não pode ser descrito. O que é permanece. Como vocês podem saber que há um sol verdadeiro a não ser que haja um sol refletido? A ‘consciência do eu’ é destruída em samadhi. Um homem que desce do samadhi a um plano inferior não pode descrever o que viu.”

Era tarde da noite. Os lampiões estavam acesos na sala de visitas. Shri Ramakrishna estava em êxtase. Os devotos o rodeavam.

Mestre (*em êxtase*): “Não há mais ninguém aqui, portanto, digo-lhes. Aquele que do fundo de sua alma busca conhecer Deus, certamente O realizará. Tem que alcançá-Lo. Só quem estiver inquieto por Deus e nada mais busca, O realizará.

“Aqueles que pertencem a este lugar⁸ já chegaram. Aqueles que virão de agora em diante, são estranhos. Essas pessoas virão de vez em quando. A Mãe Divina lhes dirá, ‘Façam isto, chamem Deus desta maneira.’

“Por que a mente de um homem não mora em Deus? Vejam, mais poderosa do que Deus é Sua Mahamaya, Seu Poder de Ilusão. Mais poderoso do que o juiz é seu ajudante. (*Todos riem*).

“Rama disse a Narada, ‘Estou muito satisfeito com suas orações. Peça-Me uma graça’. Narada respondeu, ‘Ó Rama, possa eu ter pura devoção por Teus Pés de Lótus, e que não seja iludido pela Tua maya que enfeitiça!’ Rama disse, ‘Que assim seja mas peça-Me algo mais.’ Narada respondeu, ‘Não, Rama, não quero qualquer outra graça.’

“Todos estão sob o encanto dessa maya que seduz. Ao assumir um corpo, Deus também fica sob o controle desta magia. Rama caminhava, chorando por Sita. ‘Brahman chora enredado na armadilha dos cinco elementos’, mas vocês devem lembrar-se de que, ‘Deus, por Seu simples desejo, pode libertar-Se dessa armadilha.’

Bhavanath: “O guarda de uma estação ferroviária tranca-se porque quer num vagão, mas pode sair de lá quando aprover.”

Mestre: “Os Ishvarakotis – Encarnações Divinas, por exemplo – podem liberar-se sempre que quiserem, mas os jivakotis, não. Os jivas estão aprisionados em ‘mulher e ouro’. Quando as portas e janelas de um aposento estão fechadas com parafusos, como se pode sair?”

Bhavanath (*sorrindo*): “As pessoas comuns são como os passageiros de terceira classe de um trem. Quando as portas dos seus compartimentos são fechadas, não têm meios de sair.”

⁸ Círculo íntimo dos devotos do Mestre.

Girish: “Se um homem estiver fortemente atado pelos pés e pelas mãos, o que poderá fazer?”

Mestre: “Ele não tem nada a temer se o Próprio Deus, como guru, cortar a corrente de maya.”



CAPÍTULO XLI

NA CASA DE RAM

Sábado, 23 de maio de 1885

SHRI RAMAKRISHNA ESTAVA SENTADO na sala de visitas, no andar térreo da casa de Ram. Estava rodeado pelos devotos, conversando com eles. Mahima sentou-se defronte dele, M. à sua esquerda, Paltu, Bhavanath, Nityagopal, Haramohan e outros sentaram-se à sua volta. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. O Mestre perguntou sobre vários devotos.

Mestre (*a M.*): “Naren mais jovem ainda não chegou?”

Pouco depois Naren mais jovem entrou no aposento.

Mestre: “É ele?”

M.: “Quem, senhor?”

Mestre: “Kishore. Girish Ghosh não vem? E Narendra?”

Uns minutos mais tarde Narendra chegou e saudou Shri Ramakrishna.

Mestre (*aos devotos*): “Seria ótimo se Kedar estivesse aqui. Ele concorda com Girish. (*A Mahima, sorrindo*) Diz a mesma coisa.”¹

Ram organizara o kirtan. De mãos postas, o músico disse a Shri Ramakrishna, “Senhor, posso começar se o senhor mandar.”

O Mestre bebeu um pouco d’água e mastigou especiarias que guardava numa pequena bolsa. Pediu a M. para fechá-la.

O músico começou o kirtan. Ao ouvir o som do tambor, Shri Ramakrishna entrou em êxtase. Enquanto ouvia o prelúdio mergulhou em samadhi profundo. Colocou as pernas no colo de Nityagopal, sentado próximo dele. O devoto, também em êxtase, chorava. Os outros devotos estavam intensamente compenetrados.

Recobrando a consciência parcial, Shri Ramakrishna disse, “De Nitya para Lila, e de Lila para Nitya. (*A Nityagopal*) Qual é o seu ideal?”

Nityagopal: “Ambos são bons.”

Shri Ramakrishna fechou os olhos e disse, “É somente isto? Deus só existe quando os olhos estão fechados e deixa de existir quando eles estão abertos? Lila é d’Aquele a quem pertence Nitya e Nitya é d’Aquele a quem pertence Lila. (*A Mahima*) Meu caro senhor, permita-me dizer-lhe – ”

Mahima: “Reverenciado senhor, ambos estão de acordo com a vontade de Deus.”

Mestre: “Alguns sobem os sete andares de um edifício e não podem descer, mas outros sobem e se quiserem, descem até os andares mais baixos.

“Uddhava disse às gopis: Aquele a quem se dirigem como Krishna, mora em todos os seres. Somente Ele tornou-se o universo e seus seres vivos.

“Por isso pergunto, um homem unicamente medita em Deus quando fecha os olhos? Não vê nada de Deus quando os olhos estão abertos?”

Mahima: “Tenho uma pergunta a fazer, senhor. Um amante de Deus necessita de Nirvana² uma vez ou outra, não é?”

Mestre: “Não se pode dizer que os bhaktas necessitam de Nirvana. Segundo algumas escolas, há um eterno Krishna e há, também, Seus eternos devotos. Krishna é o Espírito personificado e Sua Morada é, também, o Espírito personificado. Krishna é eterno e os devotos também são eternos. Krishna e os devotos são como a lua e as estrelas – sempre próximos uns dos outros. Você mesmo repete, ‘Que necessidade há de penitência se Deus é visto dentro e fora?’ Além disso já lhes disse que o devoto que nasce com um elemento de Vishnu não pode libertar-se inteiramente de bhakti. Uma vez caí nas mãos de um jnani³ que me fez ouvir a respeito da Vedanta, durante onze meses, mas não pôde aniquilar totalmente em mim a se-

¹ Kedar referia-se a Shri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus.

² Nirvana ou aniquilação do ego, é o ideal dos jnanis, os não-dualistas.

³ O Mestre referia-se a Tota Puri, a quem chamava “Nangta”, o “Desnudo”.

mente de bhakti. Não importa para onde minha mente vagava, voltava sempre para a Mãe Divina. Sempre que eu cantava a Ela, Nangta chorava e dizia, ‘Ah! O que é isto? Vejam, era um jnani tão grande e todavia chora.’ (*Ao Naren mais jovem e outros*) Lembrem-se do dito popular que diz que se um homem que bebe suco da trepadeira alekh, um pé dessa planta cresce em seu estômago. Uma vez que a semente de bhakti é semeada, o efeito é inevitável, gradualmente crescerá até converter-se numa árvore com flores e frutos.

“Podem raciocinar e discutir mil vezes, mas se tiverem a semente de bhakti dentro de si, certamente voltarão a Hari.”

Os devotos ouviam o Mestre silenciosamente. Shri Ramakrishna perguntou, rindo, a Mahima, “Qual é a coisa de que mais gosta?”

Mahima (*sorrindo*): “Gosto de mangas.”

Mestre (*sorrindo*): “Todas só para você? Ou gosta de compartilhá-las com os outros?”

Mahima (*sorrindo*): “Não quero compartilhá-las com os outros. Prefiro comê-las sozinho.”

Mestre: “Mas sabe qual é a minha atitude? Aceito ambas, Nitya e Lila. Será que Deus não existe se alguém olhar de olhos abertos? Depois de realizá-Lo, sabe-se que Ele é tanto o Absoluto como o universo. Ele também é o Indivisível Satchidananda. Foi Ele quem Se tornou o universo e os seres vivos.

“Sadhana é necessária. Somente o estudo das escrituras não basta. Observei que embora Vidyasagar tenha, sem dúvida, lido muito, não realizou o que estava dentro de si: ficou satisfeito em ajudar a educação dos rapazes, mas não saboreou a Felicidade de Deus. O que se consegue com o simples estudo? Quão pouco uma pessoa assimila! O almanaque pode prever chuva, mas não se pode obter uma gota sequer espremendo suas páginas.”

Mahima: “Temos tantas obrigações no mundo. Onde está o tempo para sadhana?”

Mestre: “Por que diz isto? É você quem descreve o mundo como ilusório, como um sonho.

“Rama e Lakshmana queriam ir ao Ceilão, mas o oceano estava diante deles. Lakshmana enfureceu-se. Tomando o arco e a flecha disse, Vou matar Varuna. Este oceano nos impede de ir ao Ceilão.’ Rama explicou-lhe o assunto, dizendo, ‘Lakshmana, tudo o que você vê é irreal, como um sonho. O oceano é irreal. Sua ira, também é irreal. É igualmente irreal pensar em destruir algo irreal por meio de outra irreal.’ ”

Mahimacharan ficou em silêncio. Tinha muitas obrigações a cumprir. Há pouco tempo havia aberto uma escola para ajudar os necessitados.

Mestre (*a Mahima*): “Sambhu uma vez me disse, ‘Tenho algum dinheiro. É meu desejo empregá-lo em boas obras – em escolas e dispensários, estradas e assim por diante.’ Eu lhe disse, ‘Será bom que você possa fazer estas obras com desapego. O desejo pelos frutos aparece e ninguém sabe de onde. Vou perguntar-lhe uma coisa. Suponhamos que Deus apareça diante de você, vai pedir-lhe escolas, dispensários e hospitais?’ ”

Um devoto: “Senhor, qual é o caminho para as pessoas mundanas?”

Mestre: “A companhia dos homens santos. As pessoas mundanas deveriam ouvir conversa espiritual. Estão como loucos, intoxicados por ‘mulher e ouro’. Deve-se dar água de arroz a um bêbado, como antídoto. Bebendo-a lentamente, gradualmente recobra a consciência normal.

“Uma pessoa mundana deveria também, receber instruções de um sadguru, um verdadeiro instrutor. Esse Mestre apresenta certos sinais. Deve-se ouvir a respeito de Benares somente de alguém que tenha visitado Benares. Simples leitura não é suficiente. Não se deve receber instruções de um pundit que não tenha realizado que o mundo é irreal. Somente se um pundit tiver discriminação e renúncia está autorizado a ensinar.

“Samadhyayi comentou que Deus era seco. Imagine falar desta maneira d’Aquele que é a personificação da doçura! Parece com o comentário, ‘O estábulo de meu tio está cheio de cavalos.’ (*Todos riem*).

“Sim, o mundano parece estar embriagado. Sempre diz a si mesmo, ‘Sou eu quem faz tudo. Tudo isso – a casa e a família – é meu.’ Falando alto diz, ‘O que acontecerá à minha esposa e aos meus filhos sem mim? Como vão continuar a viver? Quem cuidará deles?’ Uma vez Rakhil disse, ‘O que acontecerá à minha esposa?’ ”

Haramohan: “Rakhal disse isso?”

Mestre: “O que mais poderia dizer? Quem tem conhecimento tem ignorância, também. ‘Que interessante!’ Lakshmana disse a Rama, ‘Até um sábio como Vashishtha foi tomado de pesar com a morte dos filhos!’ ‘Irmão’, respondeu Rama, ‘aquele que tem conhecimento tem ignorância, também. Por isso vá além tanto do conhecimento como da ignorância.’

“Suponhamos que um espinho tenha entrado no pé de alguém que apanha outro espinho para tirar o primeiro. Depois de extrair o primeiro espinho, com a ajuda do segundo, joga ambos fora. Deve-se usar o espinho do conhecimento para tirar o espinho da ignorância. Depois, joga-se ambos fora, conhecimento e ignorância, e alcança-se vijnana. O que é vijnana? É conhecer Deus claramente, realizando Sua existência por meio da experiência intuitiva e conversar com Ele intimamente. Foi por isso que Shri Krishna disse a Arjuna, ‘Vá além dos três gunas.’

“Para se alcançar vijnana deve-se aceitar a ajuda de vidyamaya. Vidyamaya inclui discriminação – isto é, Deus é real e o mundo ilusório – e desapego, e também, cantar o nome e glórias de Deus, meditação, companhia de pessoas santas, oração e assim por diante. Vidyamaya pode ser comparada aos últimos degraus antes de se chegar ao terraço. Em seguida o terraço, a realização de Deus.

“As pessoas mundanas estão em estado de intoxicação crônica – loucas com ‘mulher e ouro’; são insensíveis às idéias espirituais. É por isso que amo os jovens ainda não tocados por ‘mulher e ouro’. São ‘bons receptáculos’ e podem ser úteis no trabalho de Deus, mas quanto às pessoas mundanas, perde-se quase tudo tentando acabar com a substância inútil delas. São como peixes espinhosos – quase só espinhos e muito pouca carne.

“Pessoas mundanas são como mangas machucadas pelo granizo. Se quiserem oferecê-las a Deus, têm que purificá-las, borrifando água do Ganges, mas mesmo assim são pouco usadas no culto do templo. Se tiverem de usá-las, têm que aplicar Brahmajnana, isto é, persuadir-se de que somente Deus tornou-Se tudo.”

Um teosofista chegou com Aswini Kumar Dutta e o filho de Beharti Bhaduri. Os irmãos Mukherjis entraram no aposento e saudaram Shri Ramakrishna. Havia sido feitos preparativos para a música religiosa no pátio. À primeira batida do tambor, o Mestre deixou o quarto e foi para lá. Os devotos seguiram-no.

Bhavanath apresentou Aswini ao Mestre. O Mestre por sua vez, apresentou-o a M. Aswini e M. conversavam quando Narendra chegou. Shri Ramakrishna disse a Aswini, “Este é Narendra.”

Sábado, 13 de junho de 1885

Mais ou menos às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava descansando no quarto. Um pundit estava sentado na esteira no chão. Perto da porta norte do aposento estava uma senhora brahmin tomada de pesar porque recentemente perdera a única filha. Kishori também estava presente. M. chegou e saudou o Mestre. Estava acompanhado de Dwija e outros devotos.

Shri Ramakrishna não se sentia bem. Estava com a garganta inflamada. Eram dias quentes de verão. M. tampouco se sentia bem e ultimamente não havia podido visitar Shri Ramakrishna com frequência.

Mestre (*a M.*): “Como vai? É bom vê-lo. A fruta bel que você me mandou, estava ótima.”

M. “Estou um pouco melhor agora, senhor.”

Mestre: “Está muito quente. Tome um pouco de gelo de vez em quando. Tenho sofrido muito com o calor e por isso tomei uma grande quantidade de sorvete. Daí a ferida na garganta. A saliva cheira muito mal.

“Disse à Mãe Divina: ‘Mãe, faz com que eu fique bom. Não tomarei mais sorvete.’ Em seguida disse-Lhe que tampouco tomaria mais gelo. Já que dei minha palavra à Mãe, certamente não voltarei a comer estas coisas, mas às vezes me esqueço. Uma vez disse que não comeria peixe nos domingos, mas um domingo esqueci-me e comi. Não posso faltar de propósito à minha palavra. Outro dia pedi a um devoto para levar minha jarra de água até o

pinheiral. Como ele estivesse que ir a um outro lugar, uma outra pessoa trouxe a jarra. Não pude usar aquela água. Senti-me desolado. Esperei que o primeiro trouxesse a água para mim.

“Quando renunciei a tudo como uma oferenda de flores aos Pés de Lótus da Mãe, eu disse, ‘Olha, Mãe, toma Tua santidade, toma Tua impiedade. Olha, Mãe, toma Teu dharma, toma Teu adharma. Olha, Mãe, toma Teu pecado, toma Tua virtude. Olha, Mãe, toma Teu bem, toma Teu mal, e dá-me somente bhakti pura.’ Mas não pude dizer, ‘Olha Mãe, toma Tua verdade, toma Tua falsidade.’ ”

Um devoto trouxe um pouco de gelo. Repetidamente o Mestre perguntava a M., “Posso tomá-lo?”

M. disse humildemente, “Por favor não tome sem consultar a Mãe.” Shri Ramakrishna não pôde tomar o gelo.

Mestre: “É o bhakta e não o jnani, que discrimina entre santidade e impiedade. A sogra de Vijay disse-me, ‘Quão pouco atingi de meu ideal espiritual! Não posso aceitar comida de qualquer um.’ Disse-lhe, ‘Comer o alimento preparado por qualquer pessoa é sinal de jnana? O cachorro come de tudo. Isto o torna um jnani?’

(A M.) “Por que como uma variedade de pratos? Para que as coisas não se tornem monótonas, caso contrário, teria que renunciar aos devotos.

“Disse a Keshab: ‘Se eu o instruir de um ponto de vista ainda mais elevado, não será capaz de conservar sua organização. No estado de jnana, organização e coisas assim tornam-se irrealis, como um sonho.’

“Uma vez deixei de comer peixe. No início sofri muito, mas depois não mais me aborreci com isso. Se alguém põe fogo num ninho de passarinho, ele foge e toma refúgio no céu. Se um homem verdadeiramente realiza que o corpo e o mundo são irrealis, alcança samadhi.

“Anteriormente eu tinha o estado mental de um jnani. Não conseguia desfrutar a companhia dos homens. Se soubesse que um jnani ou um bhakta morava num lugar, poucos dias depois vinha saber que ele havia morrido. Tudo me parecia transitório. Por esta razão não podia desfrutar da companhia das pessoas. Mais tarde a Mãe trouxe-me para um plano mais baixo. Ela mudou minha mente para que eu pudesse usufruir o amor de Deus e de Seus devotos.

Em seguida, o Mestre começou a falar sobre Encarnação Divina.

Mestre (a M.): “Você sabe porquê Deus Se encarna como homem? É porque por meio de um corpo humano pode-se ouvir Suas palavras. Ele brinca através desse corpo. Saboreia a felicidade divina por meio de um corpo humano, mas através de Seus devotos, Deus manifesta somente uma parte de Si mesmo. Um devoto é como algo do qual se obtém um pouco de suco, depois de muito espremer – como uma flor da qual se obtém uma gota de mel depois de muito chupar. (A M.) Compreende?”

M.: “Sim senhor, compreendo muito bem.”

Shri Ramakrishna começou a conversar com Dwija que tinha uns dezesseis anos de idade. O pai havia se casado pela segunda vez. Dwija por diversas vezes acompanhara M. a Dakshineswar e Shri Ramakrishna o amava muito. O rapaz disse que o pai se opunha à sua ida a Dakshineswar.

Mestre: “E seus irmãos também? Falam de mim com desprezo?”

Dwija não respondeu.

M. (ao Mestre): “Aqueles que diminuem o senhor, deixarão de fazê-lo, depois de receberem uns golpes a mais do mundo.”

Mestre (referindo-se aos irmãos de Dwija): “Moram com a madrasta. Já estão recebendo seus golpes.”

Todos ficaram em silêncio por um momento.

Mestre (a M.): “Apresente Dwija a Purna um dia desses.”

M.: “Sim, vou apresentar. (A Dwija) Vá a Panihati.”

Mestre: “Estou pedindo a todos para irem a Panihati. (A M.) Você não vai?”

Shri Ramakrishna pretendia ir ao festival religioso de Panihati; por isso estava pedindo aos devotos para irem também.

M.: “Sim, senhor, quero.”

Mestre: “Vamos alugar um barco grande para que não jogue muito. Será que Girish Ghosh estará lá?”

Shri Ramakrishna olhava firmemente para Dwija.

Mestre: “Bem, há tantos jovens na cidade. Por que este rapaz vem aqui? (A M.) Digame o que você pensa. Certamente herdou algumas tendências boas do nascimento anterior.”

M.: “Sem dúvida, senhor.”

Mestre: “Há as tendências inatas. Quando um homem executa muitas ações boas em nascimentos anteriores, na última encarnação torna-se puro. No nascimento final ele age como um doidivanas.

“Para lhe falar a verdade, tudo acontece pela vontade de Deus. Quando Ele diz, ‘Sim’, tudo acontece, e quando diz ‘Não’, tudo pára.

“Por que um homem não pode abençoar um outro? Por que nada acontece pela vontade do homem, as coisas acontecem ou desaparecem pela vontade de Deus.

“No outro dia fui à casa do Capitão. Vi alguns rapazes ao longo da estrada. Pertencem a uma classe diferente. Vi um deles de mais ou menos dezenove ou vinte anos, com o cabelo partido do lado. Assobiava enquanto andava.

“Vejo alguns imersos no mais denso *tamas*. Sentem-se orgulhosos porque tocam flauta.

(A Dwija) “Por que um homem de Conhecimento haveria de temer crítica? Seu entendimento é tão inalterável como a bigorna de um ferreiro. Golpes de martelo batem continuamente na bigorna, mas não a podem afetar de jeito algum.

“Vi o pai de ‘X’ na rua.”

M.: “É um homem muito simples.”

Mestre: “Mas tem olhos vermelhos.”

Shri Ramakrishna falou aos devotos sobre sua visita à casa do Capitão. O Capitão criticara os jovens que visitavam o Mestre. Talvez Hazra houvesse envenenado sua mente.

Mestre: “Estava conversando com o Capitão. Disse-lhe, ‘Nada existe exceto Purusha e Prakriti. Narada disse a Rama, ‘Ó Rama, todos os homens que Tu vês são partes de Ti mesmo, e todas as mulheres são partes de Sita.’ ”

“O Capitão ficou muito satisfeito. Disse, ‘Somente o senhor tem a percepção correta. Todos os homens são realmente Rama, partes de Rama; todas as mulheres são Sita, partes de Sita.’ ”

Imediatamente depois de dizer isto começou a criticar os jovens devotos. Disse, ‘Estudam livros ingleses e não sabem discernir sobre comida. Não é bom que eles o visitem frequentemente. Pode fazer-lhe mal. Hazra é um verdadeiro homem, um grande companheiro. Não permita que esses rapazes o visitem tanto.’ Primeiro eu disse, ‘O que posso fazer se eles vêm?’ Então dei-lhe alguns golpes mortais. Sua filha riu muito. Disse-lhe, ‘Deus está longe, muito longe das pessoas de mentalidade mundana, mas Deus está muito perto do homem – uma distância de três cúbicis – cuja mente está livre de mundanismo.’ Falando de Rakhal o Capitão disse, ‘Ele come com qualquer espécie de gente’. Talvez tenha ouvido isto de Hazra. Por isso eu lhe disse, ‘Um homem pode praticar intensa austeridade e japa, mas não alcançará nada se sua mente morar no mundo, mas abençoado é aquele que mantém a mente em Deus, mesmo que coma carne de porco. Certamente realizará Deus no devido tempo, Hazra, apesar de toda austeridade e japa não perde oportunidade de ganhar dinheiro em corretagem.’

“ ‘Sim, sim!’ disse o Capitão. ‘O senhor tem razão’. Disse-lhe ainda, ‘Há minutos atrás o senhor disse que todos os homens eram partes de Rama e todas as mulheres, partes de Sita e agora, fala dessa maneira!’

“O Capitão disse, ‘Sim, é verdade, mas o senhor não ama todo mundo.’

“Eu disse, ‘Segundo as escrituras a água é Deus. Vemos água em todos os lugares, mas alguma é para beber, outra para nos banharmos ou para lavar coisas sujas. Aqui estão sua esposa e sua filha. Vejo-as como personificações da Mãe Bem-Aventurada.’

“Logo o Capitão disse, ‘Sim, sim! É verdade.’ Quis desculpar-se tocando meus pés.”

Shri Ramakrishna riu e em seguida começou a falar das muitas virtudes do Capitão.

Mestre: “O Capitão tem muitas virtudes. É ele quem faz a adoração da Divindade Familiar. Quanto mantras recita enquanto banha a imagem! Gosta muito de rituais. Faz a prática diária, como adoração, japa, arati, estudo das escrituras e canto dos hinos.

“Repreendi o Capitão e disse-lhe, ‘Muita leitura estragou-o Não. leia mais.’

“A respeito de meu estado espiritual o Capitão disse, ‘Sua alma, como um pássaro, está pronta para voar.’ Há duas entidades: jivatma, a alma encarnada e Paramatma, a Alma Suprema. A alma encarnada é o pássaro. A Alma Suprema é o akasha; é o Chidakasha, o akasha de Consciência. O Capitão disse: ‘Sua alma encarnada voou no akasha de Consciência. Assim o senhor entra em samadhi.’

(*Sorrindo*) “Criticou os bengalis. Disse: ‘Os bengalis são tolos. Possuem uma gema preciosa⁴ perto deles, mas são incapazes de reconhecê-la.’

“O pai do Capitão foi um grande devoto. Foi um subadar no exército inglês. Mesmo no campo de batalha fazia sua prática diária na hora certa. Com uma das mãos adorava Shiva e com a outra, segurava o revólver e a espada.

(*A M.*): “Mas o Capitão está ocupado dia e noite com as obrigações mundanas. Sempre que vou à sua casa vejo-o cercado pela esposa e filhos. Além disso seus funcionários, de vez em quando levam-lhe os livros de contabilidade, mas às vezes, sua mente também se concentra em Deus. É como o caso de um paciente de tifo delirando. De vez em quando tem um vislumbre de consciência e grita, ‘Quero um copo d’água! Quero um copo d’água!’, mas enquanto lhe dão água, torna-se inconsciente novamente e não se dá conta de mais nada. Disse ao Capitão. ‘Você gosta muito de rituais’. Ele respondeu, ‘Sim, sinto-me feliz quando faço o culto e outros ritos. As pessoas mundanas não têm outro caminho.’

“Retruquei-lhe. ‘Mas deve alguém fazer o culto formal para sempre? Por quanto tempo uma abelha zumbe? Enquanto não pousar numa flor. Ao extrair mel, deixa de zumbir’. ‘Mas’, ele disse, ‘podemos nós, como o senhor, abandonar o culto e outros rituais?’ Contudo nem sempre diz a mesma coisa. Às vezes diz que tudo isto é inerte, às vezes que tudo é consciente. Digo-lhe, ‘Ó que quer dizer com inerte? Tudo é Chaitanya, Consciência’.”

Shri Ramakrishna perguntou a M. sobre Purna.

Mestre: “Se eu puder ver Purna mais uma vez minha saudade por ele diminuirá. Como é inteligente! Sua mente sente-se atraída para mim. Diz, ‘Também sinto uma estranha sensação em meu coração, pelo senhor.’ (*A M.*) Tiraram-no do seu colégio. Isto vai lhe prejudicar?”

M.: “Se Vidyasagar⁵ me diz que os pais de Purna tiraram-no do colégio por minha causa, tenho uma explicação para dar-lhes.”

Mestre: “O que vai dizer?”

M.: “Direi que em companhia santa uma pessoa pensa em Deus e que isso não é mau. Ainda mais, vou falar-lhes que os textos recomendados pelas autoridades da escola dizem que se deve amar a Deus com toda sua alma.” (*O Mestre ri.*)

Mestre: “Na casa do Capitão mandei chamar Naren mais jovem. Disse-lhe: ‘Onde fica sua casa? Quero vê-la’. ‘Por favor, venha’, disse ele. Mas ficou nervoso ao saber que íamos lá, com medo que o pai pudesse vir a saber. (*Todos riem.*)

(*A um visitante*) “Você não vem aqui há muito tempo – mais ou menos sete ou oito meses.”

Visitante: “Cerca de um ano, senhor.”

Mestre: “Um outro senhor costumava vir com você.”

Visitante: “Sim, senhor. Nilmani Babu.”

Mestre: “Por que não vem mais? Peça-lhe para vir algum dia. Quero vê-lo. Quem é esse jovem que está com você?”

Visitante: “Veio de Assam.”

Mestre: “Onde é Assam? Em que direção?”

Dwija falou ao Mestre sobre Ashu. O pai de Ashu estava preparando seu casamento, mas o rapaz não queria se casar.

Mestre: “Veja, ele não quer se casar. Estão forçando-o.”

Shri Ramakrishna disse a um devoto que ele deveria mostrar respeito a seu irmão mais velho. Disse: “O irmão mais velho é como o pai. Deve ser respeitado.”

O pundit estava sentado com os devotos. Havia chegado do norte da Índia.

⁴ Shri Ramakrishna.

⁵ Fundador do colégio.

Mestre (*sorrindo para M.*): “O pundit é um grande estudioso do *Bhagavata*.”

M. e os devotos olharam para o pundit.

Mestre (*ao pundit*): “Bem, senhor, o que é Yogamaya?”

O pundit deu uma explicação.

Mestre: “Por que Radhika não é chamada Yogamaya?”

O pundit também respondeu a esta pergunta de acordo com a explicação tradicional.

Mestre: “Radhika está plena de sattva sem mistura, a personificação de prema. Yogamaya contém todos os três gunas – sattva, rajás e tamas, mas Radhika tem somente sattva puro.

(A M.) “Narendra agora respeita muito Radhika. Diz que se alguém quiser saber como amar Satchidananda, pode aprender com ela.

“Satchidananda desejava Ele mesmo provar a felicidade divina. Por isso criou Radhika. Ela foi criada da pessoa de Satchidananda Krishna. Satchidananda é ‘aquele que contém’, e Ele próprio na forma de Radhika, é o ‘conteúdo’. Manifestou-Se dessa maneira para provar Sua própria felicidade, isto é, para experimentar a felicidade divina, amando Satchidananda.

“Por isso nos livros vaishnavas está escrito que depois de seu nascimento, Radhika não abriu os olhos. A idéia é que ela não desejava ver qualquer ser humano. Somente quando Yashoda foi ver Radhika, com Krishna nos braços, é que ela abriu os olhos para contemplá-Lo. Brincando, Krishna tocou seus olhos. (*Para o jovem de Assam*) Viu isso? As crianças pequenas tocam os olhos das pessoas.”

O pundit se preparava para se despedir de Shri Ramakrishna.

Pundit: “Tenho que ir para casa.”

Mestre (*carinhosamente*): “O senhor ganhou algo?”

Pundit: “O mercado está muito fraco. Não consegui ganhar nada.”

Alguns minutos depois saudou o Mestre e partiu.

Mestre (*a M.*): “Viu a grande diferença que existe entre pessoas mundanas e estes jovens? Esse pundit preocupa-se com dinheiro dia e noite. Veio a Calcutá para ganhar dinheiro, senão as pessoas de sua casa não teriam nada para comer. Por isso tem que bater em diversas portas. Quando irá concentrar a mente em Deus? Mas os rapazes estão intocados por ‘mulher e ouro’. Por isso podem elevar a mente a Deus sempre que o desejarem.

“Os rapazes não desfrutam da companhia de pessoas mundanas. Rakhal costumava dizer, ‘Fico nervoso só em ver pessoas de mentalidade mundana.’ Quando comecei a ter experiências espirituais, costumava fechar as portas do meu quarto, quando via pessoas mundanas chegando.

“Quando ainda menino, em Kamarpukur, amava ternamente Ram Mallick, mas mais tarde, quando veio aqui, não pude nem tocá-lo. Ram Mallick e eu éramos grandes amigos em nossa infância. Estávamos juntos dia e noite e dormíamos juntos. Naquela época eu tinha dezesseis ou dezessete anos. As pessoas costumavam a dizer, ‘Se um deles fosse mulher, eles se casariam.’ Costumávamos passar o tempo todo na casa dele. Lembro-me muito bem daqueles dias. Seus parentes costumavam a vir em palanquins. Agora ele tem uma loja em Chanak. Mandeí chamá-lo muitas vezes; passou dois dias aqui. Ram disse que não tinha filhos, criou o sobrinho, mas o menino morreu. Contou-me com um suspiro, os olhos cheios de lágrimas. Estava tomado pela dor. Disse que, como que não tiveram filhos, todo amor de sua esposa fora para o sobrinho. Estava totalmente tomada pela dor. Ram disse-lhe. ‘Você está louca. O que ganha ficar se lamentando? Quer ir a Benares?’ Veja, chamou a esposa de louca. O pesar pela morte do rapaz ‘diluiu-o’ completamente. Achei que não tinha substância. Não pude tocá-lo.”

“A brahmin ainda estava de pé, perto da porta norte. Era viúva. Sua única filha havia se casado com um aristocrata que tinha o título de Raja e era proprietário em Calcutá. Sempre que a filha a visitava, era escoltada por lacaios de libré. O coração da mãe enchia-se de orgulho. Alguns dias atrás a filha morrera e agora, a mãe estava fora de si de pesar.

A brahmin ouviu o relato da tristeza de Ram Mallick, por seu sobrinho. Nos últimos dias vinha correndo como uma louca de sua casa em Baghbazar, para o Mestre. Estava ansiosa por saber se Shri Ramakrishna poderia lhe dar algum consolo, para sua dor interminável. Shri Ramakrishna retomou a conversa.

Mestre: “No outro dia um homem veio aqui. Sentou-se por alguns minutos e depois, disse, ‘Quero ver “a cara de lua cheia” de meu filho.’ Não pude me controlar e disse, ‘Então você prefere a “cara de lua cheia” de seu filho ao rosto de Deus! Vá embora, seu tolo!’

(A M.) “A verdade é que somente Deus é real e tudo o mais irreal. Homem, universo, casa, filhos – todos são como a mágica do mágico. O mágico agita a varinha e diz, ‘Venha a ilusão! Venha a confusão!’ Então diz à platéia, ‘Levantem a tampa do jarro; vejam os pássaros voando no céu.’ Mas somente o mágico é real e sua mágica irreal. O irreal existe por um segundo e então, desaparece.

“Shiva estava sentado em Kaliasha, com seu companheiro Nandi. Subitamente um barulho terrível foi ouvido. ‘Reverenciado Senhor’, perguntou Nandi, ‘o que é isto?’ Shiva respondeu, ‘Ravana nasceu.’ ‘É este o significado.’ Pouco depois um outro barulho foi ouvido. ‘Agora, que barulho é este?’ Nandi perguntou e Shiva respondeu com um sorriso, ‘Agora Ravana está morto’. Nascimento e morte são como mágicas, vê-se a mágica durante um segundo e então ela desaparece. Somente Deus é real e tudo o mais irreal. Somente a água é real, as borbulhas aparecem e desaparecem. Desaparecem no fundo da água de onde surgiram.

“Deus é como um oceano e os seres vivos como as borbulhas. Nascerem ali e ali morrem. Crianças são como as pequenas borbulhas em torno de uma grande.

“Só Deus é real. Faça o esforço para cultivar o amor a Ele, e encontre os meios para realizá-Lo. O que ganha lamentando-se?”

Todos permaneceram em silêncio. A brahmin disse, “Posso ir para casa agora?” O Mestre disse-lhe carinhosamente, “Quer ir agora? Faz muito calor. Por que agora? Pode ir mais tarde numa carruagem com os devotos.”

Como o dia estava quente, um devoto deu ao Mestre um leque novo de sândalo. Ele ficou satisfeito e disse, “Bom! Bom! Om Tat Sat! Kali!” Primeiro abanou as figuras dos deuses e deusas e depois, abanou-se. Disse a M.: “Veja, sinta a brisa!” M. ficou muito contente.

O Capitão chegou com os filhos.

Shri Ramakrishna disse a Kishori, “Por favor mostre os templos às crianças.” Começou a conversar com o Capitão. M., Dwija e outros devotos estavam sentados no chão. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, olhando para o norte. Pediu ao Capitão para se sentar diante dele no mesmo divã.

Mestre: “Estava falando com os devotos a respeito do senhor – sua devoção, adoração e arati.”

Capitão (*timidamente*): “O que sei de adoração e arati? Como sou insignificante!”

Mestre: “Unicamente o ego apegado a ‘mulher e ouro’ é prejudicial, mas o ego que sente que é o servo de Deus, não faz mal a ninguém. Nem o ego das crianças que não está sob o controle de qualquer guna. Num momento elas brigam, para em seguida, ficam amigas de novo. Num momento constroem suas casas de brinquedo com muito cuidado, e imediatamente depois as destroem. Não há mal na ‘consciência do eu’ que faz uma pessoa sentir-se filho de Deus ou Seu servo. Este ego na realidade não é um ego. É como açúcar cande, que não é como os outros doces. Os outros doces fazem mal, mas o açúcar cande tira a acidez. Ou tome o exemplo do Om. Não é como os outros sons.

“Com este tipo de ego uma pessoa torna-se capaz de amar Satchidananda. É impossível livrar-se do ego. Por isso deve-se fazê-lo sentir que é o devoto de Deus, Seu servo. Caso contrário, como se pode viver? Quão intenso era o amor das gopis por Shri Krishna! (*Ao Capitão*) Por favor, diga-me alguma coisa sobre as gopis. O senhor já leu muito o *Bhagavata*.”

Capitão: “Quando Shri Krishna vivia em Vrindavan, sem qualquer esplendor real, mesmo assim, as gopis O amavam mais do que a suas próprias almas. Por isso Krishna disse, ‘Como poderei pagar meu débito às gopis que Me entregaram tudo – seus corpos, mentes e almas?’”

As palavras do Capitão despertaram um amor intenso por Krishna na mente do Mestre. Ele exclamou, “Govinda! Govinda! Govinda!” e quase entrou em êxtase. O Capitão, maravilhado, disse, “Quão abençoado ele é! Quão abençoado ele é!”

O Capitão e os devotos observaram o êxtase de Shri Ramakrishna. Permaneceram quietos com os olhos fixos nele, esperando sua volta à consciência do mundo.

Mestre: “Fale-nos mais.”

Capitão: “Shri Krishna não é alcançado pelos yogis, yogis como o senhor; mas Ele pode ser alcançado por amantes como as gopis. Quantos anos os yogis praticaram yoga para obter Sua visão! Contudo não foram bem-sucedidas, mas as gopis O realizaram com tanta facilidade!”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, Ele comia das mãos das gopis, chorava por elas, jogava com elas e lhes pedia muitas coisas.”

Um devoto: “Bankim escreveu a vida de Krishna.”

Mestre: “Ele aceita Krishna, mas não, Radhika.”

Capitão: “Vejo que ele não aceita a lila de Krishna com as gopis.”

Mestre: “Também ouvi dizer que Bankim afirma que uma pessoa necessita das paixões como a luxúria.”

Um devoto: “Ele escreveu em sua revista que a meta da religião é dar expressão às nossas diversas faculdades: física, mental e espiritual.”

Capitão: “Entendo. Ele acredita que a luxúria e outras paixões são necessárias, mas não acredita que Shri Krishna pudesse desfrutar Seu prazer esportivo no mundo, que Deus pudesse encarnar-Se numa forma humana e brincar em Vrindavan com Radha e as gopis.”

Mestre (*sorrindo*): “Mas estas coisas não estão escritas no jornal. Como ele poderia acreditar nelas?”

“Um homem disse a seu amigo, ‘Ontem, quando estava passando por uma certa parte da cidade, vi uma casa cair com grande estrondo.’ ‘Espere’, disse o amigo, ‘Deixe-me ver a notícia no jornal.’ Mas este incidente não estava no jornal. Por isso o homem disse, ‘Mas o jornal não menciona esta notícia.’ O amigo replicou, ‘Vi com meus próprios olhos.’ ‘Seja como for’, disse o amigo, ‘não posso acreditar enquanto não ler no jornal.’

“Como pode Bankim acreditar que Deus brinca como homem? Isto não faz parte de sua educação inglesa. É muito difícil explicar como Deus encarna-Se como homem. Não é assim? A manifestação do Infinito neste corpo humano de somente três e meio cúbicos de altura!”

Capitão: “Krishna é o próprio Deus. Para descrevê-Lo temos que empregar termos como ‘todo’ e ‘parte’.”

Mestre: “‘Todo’ e ‘parte’ são como fogo e suas faíscas. Uma Encarnação de Deus é para os bhaktas e não, para os jnanis. Está dito no *Adhyatma Ramayana* que somente Rama é tanto o Espírito que penetra tudo, como tudo o que é permeado. ‘Tu és o Senhor Supremo designado como vachaka, o ‘símbolo significativo’, e os vachya, o objeto significado’.”

Capitão: “O ‘símbolo significativo’ quer dizer aquele que penetra, e o ‘objeto significado’ quer dizer a coisa penetrada.”

Mestre: “Aquele que penetra neste caso, é uma forma finita. É Deus encarnando-Se como ser humano.”

Shri Ramakrishna estava conversando com o Capitão e os devotos, quando Jayagopal Sen e Trailokya do Brahma Samaj chegaram. Saudaram o Mestre e sentaram-se. Shri Ramakrishna olhou para Trailokya com um sorriso e continuou a conversa.

Mestre: “É devido ao ego que não se pode ver Deus. Diante da porta da mansão de Deus, há uma tora de ego. Não se pode entrar na mansão sem pular a tora.

“Havia um homem que tinha o poder de acalmar os fantasmas. Um dia, a seu chamado, apareceu um fantasma que lhe disse, ‘Diga-me agora o que quer que eu faça. Na hora em que não puder mais me dar qualquer trabalho para fazer, vou quebrar seu pescoço. O homem tinha muitas coisas para executar e tinha o fantasma para fazê-las, uma a uma. Por fim não teve mais nada para o fantasma fazer. ‘Agora’, disse o fantasma, ‘vou quebrar o seu pescoço.’ ‘Espere um minuto’, disse o homem, ‘Volto logo’. Correu para seu instrutor e disse, ‘Reverenciado senhor, estou em grande perigo. Este é o meu problema.’ Contou ao instrutor o problema e perguntou, ‘O que devo fazer agora?’ O instrutor disse, ‘Peça ao fantasma para alisar este cabelo encaracolado.’ O fantasma dedicou-se dia e noite a alisar o cabelo, mas como ele poderia alisar um cabelo encaracolado? Continuou encaracolado.

“Da mesma maneira, o ego parece desaparecer agora, mas reaparece em seguida. A não ser que se renuncie ao ego, não se recebe a graça de Deus.

“Suponhamos que haja uma festa numa casa e que o dono encarregue uma pessoa para tomar conta da dispensa. Enquanto o homem ficar na dispensa, o dono da casa não vai lá, mas quando ele for embora o dono fecha-a e ele mesmo passa a tomar conta.

“Somente para um menor de idade é designado um tutor. A criança não pode tomar conta de sua propriedade, por conseguinte, o rei assume a responsabilidade por ele. Deus não toma conta de nossas responsabilidades a não ser que renunciemos ao nosso ego.

“Uma vez Lakshmi e Narayana estavam em Vaikuntha, quando Narayana subitamente ficou de pé. Lakshmi estava fazendo uma massagem em Seus pés. Ela disse, ‘Senhor, onde vai?’ Narayan respondeu, ‘Um de Meus devotos está em grande perigo. Tenho que salvá-lo.’ Com estas palavras saiu, mas voltou logo em seguida. Lakshmi disse, ‘Senhor, por que voltou tão cedo?’ Narayan sorriu e disse, ‘O devoto caminhava pela estrada tomado de amor por Mim. Alguns homens que haviam lavado roupa, as haviam estendido na grama e o devoto, distraído, pisou nelas. A isso os homens o perseguiram para bater nele com suas varas. Corri para protegê-lo.’ ‘Mas por que o Senhor voltou?’ perguntou Lakshmi. Narayana riu e disse, ‘Vi o devoto pegando um pedaço de tijolo para jogar neles’ (*Todos riem*). Por isso voltei.’

“Eu disse a Keshab: ‘Você tem que renunciar a seu ego’. Keshab respondeu, ‘Se eu fizer isso, como poderei manter minha organização?’

“Respondi, ‘Como é lento para compreender! Não estou lhe pedindo para renunciar ao “ego maduro”, o ego que faz um homem sentir que é o servo de Deus ou Seu devoto. Desista do “ego imaturo”, o ego que cria apego a “mulher e ouro”. O ego que faz um homem sentir que é o servo de Deus, Seu filho, é o “ego maduro”. Não prejudica as pessoas.’”

Trailokya: “É muito difícil livrar-se do ego, contudo as pessoas pensam que estão livres dele.”

Mestre: “Gauri não se referia a si mesmo como ‘eu’ para não se sentir egoísta. Ao invés disso, dizia ‘este’. Segui seu exemplo e passei a referir-me a mim mesmo como ‘este’ ao invés de ‘eu’. Em lugar de dizer ‘eu comi’, eu dizia, ‘este comeu’. Mathur reparou e disse certa vez, ‘O que é isso, pai? Por que o senhor fala assim? Que os outros falem dessa forma, não importa porque são egoístas, mas o senhor que está livre de egoísmo, não tem que se expressar como eles.’

“Eu disse a Keshab, ‘Uma vez que o ego não pode ser abandonado, que permaneça como servo, o servo de Deus.’ Prahlada tinha dois estados. Às vezes sentia-se que era Deus, e nesse estado, dizia ‘Tu és verdadeiramente eu, e eu sou verdadeiramente Tu.’ Mas quando estava consciente do ego, sentia que Deus era seu Amo e que ele era Seu servo. Depois que um homem estiver firmemente estabelecido no ideal de ‘eu sou Ele’, pode viver como servo de Deus. Pode, então, considerar-se servo de Deus.

(*Ao Capitão*): “Quando um homem alcança o Conhecimento de Brahman apresenta certas características, O *Bhagavata* descreve quatro delas: o estado de uma criança, de uma coisa inanimada, de um louco e de um fantasma. Às vezes o conhecedor de Brahman age como uma criança de cinco anos. Às vezes age como um louco, às vezes permanece como uma coisa inanimada. Nesse estado não pode trabalhar, renuncia a toda ação. Pode-se argumentar que jnanis como Janaka, foram ativos. A verdade é que as pessoas dos tempos antigos delegavam responsabilidades a seus subordinados, ficando assim, livres de qualquer preocupação. Além disso, os homens daquela época tinham muita fé.”

Shri Ramakrishna começou a falar sobre renúncia da ação, mas também disse que aqueles que sentiam-se obrigados a cumprir seus deveres, deveriam fazê-los com desapego.

Mestre: “Depois de alcançar o Conhecimento não se pode fazer muito trabalho.”

Trailokya: “Por que, senhor? Pavhari Baba foi um grande yogi e contudo, conciliou os inimigos e até mesmo, casos judiciais.”

Mestre: “Sim, sim, é verdade. O Dr. Durgacharan foi um grande bêbado. Costumava beber vinte e quatro horas por dia, mas era um bom profissional, não cometia um erro no tratamento dos pacientes. Não há mal em trabalhar depois de alcançar bhakti, mas é muito difícil. Necessita-se de grande tapasya.

“É Deus quem faz tudo. Somos Seus instrumentos. Em frente no templo de Kali alguns Sikhs disseram-me, ‘Deus é misericordioso.’ Respondi-lhes, ‘Com quem é misericordioso?’ ‘Ora, reverenciado senhor, com todos nós’, disseram. Contestei, ‘Somos Seus filhos. Será que compaixão com seus próprios filhos é uma grande coisa? Um pai deve cuidar dos

filhos, ou espera-se que as pessoas da vizinhança os criem?’ Bem, será que as pessoas que dizem que Deus é misericordioso não compreendem que somos todos filhos de Deus e de ninguém mais?’

Capitão: “O senhor está com a razão. Eles não consideram Deus como seu.”

Mestre: “Então não deveríamos olhar Deus como misericordioso? Claro que devemos, enquanto praticamos sadhana. Depois de realizar Deus, sente-se diretamente que Deus é Pai ou Mãe. Enquanto não tivermos realizado Deus, sentimos que estamos longe d’Ele, como filhos de outra pessoa.”

“No período de sadhana deve-se descrever Deus por meio de todos os Seus atributos. Um dia Hazra disse a Narendra, ‘Deus é o Infinito. Infinito é Seu esplendor. Pensa que Ele aceitará suas oferendas de doces e bananas ou ouvirá sua música? Você está com uma idéia errada.’ Então eu disse a Hazra, ‘Seu tolo! O que acontecerá a esses jovens se lhes fala dessa maneira?’ Como pode um homem viver se abandona sua devoção? Sem dúvida Deus tem esplendor infinito, contudo está sob o controle de Seus devotos. O porteiro de um homem rico vem à sala de visitas onde o patrão está conversando com os amigos. Fica de pé num dos cantos do aposento. Na mão leva algo coberto por um pano. Está vacilante. O patrão pergunta-lhe, ‘Bem, porteiro, o que tem na mão?’ Com muita timidez o empregado tira uma fruta-de-conde, coloca-a defronte do patrão e diz, ‘Senhor, gostaria que o senhor a comesse.’ O patrão fica impressionado com a gentileza do empregado. Com grande carinho pega a fruta e diz, ‘Ah! É uma bela fruta-de-conde. Onde a apanhou? Deve ter tido muito trabalho para pegá-la.’

“Deus está sob o controle dos devotos. O rei Duryodhana era muito atencioso com Krishna e disse-Lhe, ‘Por favor coma aqui’, mas o Senhor foi à cabana de Vidura. Ele ama muito Seus devotos. Comeu o arroz simples e as verduras de Vidura como se fossem comida celestial.

“Às vezes um jnani perfeito comporta-se como um fantasma. Não discrimina entre comida e bebida, santidade ou impiedade. Um conhecedor perfeito de Deus e um perfeito idiota possuem os mesmos sinais externos. Um jnani perfeito talvez não pronuncie mantras enquanto se banha no Ganges. Enquanto adora Deus talvez ofereça todas as flores ao mesmo tempo, a Seus pés. Não repete mantras nem observa rituais.

“Um homem não pode renunciar à ação enquanto tiver desejos de prazeres mundanos. Enquanto houver desejo de prazer, deve-se executar ação.

“Um pássaro, distraído, empoleirou-se no mastro de um navio ancorado no Ganges. Vagarosamente o navio começou a mover-se para o oceano. Ao se dar conta, o pássaro viu que não havia terra em nenhuma direção. Voou para o norte esperando alcançar a terra, voou muito longe até ficar muito cansado, mas não encontrava terra. O que podia fazer? Voltou ao navio e pousou no mastro. Depois de algum tempo voou de novo, desta vez em direção leste. Não encontrou terra naquela direção, também; em todas as direções não via nada a não ser o oceano sem limite. Muito cansado, novamente voltou ao navio e pousou no mastro. Depois de descansar muito tempo, foi para o sul e depois, para oeste. Como não encontrasse terra, voltou e pousou no mastro. Não deixou o mastro novamente, mas ficou pousado ali sem fazer mais esforço. Não mais sentiu-se desassossegado ou preocupado e por isso não fez mais esforço.”

Capitão: “Ah, que ilustração!”

Mestre: “As pessoas do mundo andam pelos quatro quadrantes da terra em busca de felicidade, mas não a encontram em lugar algum; somente ficam cansados e enfadados. Quando, por causa do apego a ‘mulher e ouro’ sofrem, sentem um apelo ao desapego e à renúncia. Muitas pessoas não podem renunciar a ‘mulher e ouro’ sem antes os terem desfrutado. Há duas classes de pessoas, aqueles que permanecem num lugar e as que vão de um lugar a outro. Alguns sadhakas visitam muitos lugares sagrados. Não podem se estabelecer num único ponto, devem beber água de muitos lugares sagrados. Assim andando, satisfazem seus desejos não realizados. Por fim, constroem uma cabana e aí se instalam. Livres de preocupações e esforço, meditam em Deus.

“Mas o que há para se desfrutar no mundo? ‘Mulher e ouro’? Esse é somente um prazer momentâneo. Num momento existe para no seguinte, desaparecer.

“O mundo é como um céu nublado que despeja sem cessar, chuva abundante e onde o rosto do sol é raramente visto. A maior parte do mundo é constituída de sofrimento. Devido à nuvem de ‘mulher e ouro’ não se pode ver o sol. Algumas pessoas perguntam-me, ‘Senhor, por que Deus criou esse mundo? Não há saída para nós?’ Digo-lhes, ‘Por que não haveria saída? Refugiem-se em Deus e orem a Ele com o coração anelante por um vento favorável, para que tenham as coisas a seu favor. Se O chamarem com anelo, com certeza Ele os ouvirá.’

“Um homem tinha um filho que estava à morte. Em seu desespero pediu remédios a todo o mundo. Alguém lhe disse, ‘Aqui está um remédio que deve ser preparado da seguinte maneira: primeiro deve chover quando a estrela Svati estiver no ascendente; um pouco dessa chuva deve cair num crânio; em seguida uma rã deve se aproximar para beber esta água e uma serpente deve caçá-la e, quando a serpente estiver prestes a morder a rã, ela deve dar um salto e o veneno cair no crânio. Em seguida você deve dar ao doente um pouco de veneno e da água da chuva que estão no crânio.’ O pai saiu correndo para encontrar o remédio quando a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente disse a Deus, ‘Ó Senhor, eu Te peço, arranje-me um crânio’. Procurando aqui e ali, por fim, encontrou um crânio com água da chuva dentro. Novamente orou a Deus, dizendo, ‘Ó Senhor, suplico-Te, por favor ajude-me a encontrar a rã e a serpente.’ Como tinha um grande anelo, conseguiu também a rã e a cobra. Num piscar de olhos viu a cobra caçando a rã, e quando ela estava a ponto de morder a rã, o veneno caiu no crânio.

“Se uma pessoa se refugia em Deus e ora a Ele com grande anelo, Deus certamente o ouvirá; certamente Ele tornará tudo favorável.”

Capitão: “Que ilustração inteligente!”

Mestre: “Sim, Deus torna tudo favorável. Talvez o aspirante não se case e assim, pode dar toda atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos possam prover o sustento da família. Ou talvez um filho assuma as responsabilidades da família. O aspirante, portanto, não terá de se importar a respeito do mundo, poderá dar cem por cento da mente a Deus.

“Mas não se pode ter êxito a menos que se renuncie a ‘mulher e ouro’. Somente por meio da renúncia, a ignorância é destruída. Os raios de sol, caindo numa lente, queima muitos objetos, mas se um aposento estiver no escuro, não se obterá aquele resultado. Tem-se que sair do aposento e usar a lente.

“Algumas pessoas vivem no mundo mesmo depois de atingir jnana. Vêem tanto o que está dentro quanto o que está fora do aposento. A luz de Deus ilumina o mundo. Por esta razão podem discriminar entre o bom e o mau, o permanente e o transitório. Os ignorantes que levam vida mundana sem conhecer Deus, são como pessoas que vivem numa casa de paredes de barro. Com a ajuda de pouca luz podem ver o interior da casa e nada mais, mas aqueles que vivem no mundo depois de haver alcançado o Conhecimento e realizado Deus, são como pessoas que moram numa casa de vidro. Vêem o interior do aposento e também, o que está no exterior. A luz do sol do Conhecimento entra com muita força no aposento. Percebem tudo com muita clareza. Sabem o que é bom e o que é mau, o permanente e o transitório.

“Somente Deus é Aquele que faz e somos todos Seus instrumentos. Por isso é impossível, mesmo para um jnani, ser egoísta. Um autor de um hino a Shiva sentiu-se orgulhoso de sua obra, mas seu orgulho fez-se em pedaços quando o touro de Shiva mostrou os dentes. Viu que cada dente era uma palavra do hino. Compreende o significado disso? Essas palavras já existiam desde o tempo sem começo. O autor somente as descobriu.

“Não é bom ser guru como profissão. Não se pode ser um instrutor sem autorização de Deus. Aquele que diz que é um guru ⁶ é um homem de inteligência curta. Já viu uma balança? O prato mais leve vai para o alto. Aquele que é espiritualmente mais elevado do que os outros não se considera guru ⁷. Todo mundo quer ser instrutor, mas é difícil se encontrar um discípulo.”

⁶ A palavra significa tanto “instrutor espiritual” como “peso”.

⁷ O significado disso é quando um homem se considera “guru” é “pesado” e vai para baixo, como o prato mais pesado da balança.

Trailokya estava sentado no chão, ao norte do pequeno divã. Ia cantar. Shri Ramakrishna disse-lhe, “Ah, como você canta com doçura!”

Trailokya cantou com acompanhamento de tanpura:

Juntei meu coração a Ti; tudo que existe és Tu;
Somente a Ti encontrei, porque Tu és tudo o que existe;
Ó Senhor, Bem-Amado do meu coração! Tu és o Lar de todos;
Onde está realmente o coração no qual Tu não moras?
Tu entraste em cada coração, tudo o que existe és Tu.
Quer seja sábio ou tolo, hindu ou muçulmano,
Tu os fazes como queres; tudo o que existe és Tu.

Tua presença está em todos os lugares, no céu ou na Kaaba;
Diante de Ti todos devem inclinar-se, porque Tu és tudo o que existe.
Da terra embaixo, ao mais elevado céu, do céu à terra mais profunda.
Eu Te vejo em todos os lugares que olho, tudo o que existe és Tu.
Ponderando, compreendi; vi além de uma dúvida;
Não vejo uma única coisa que possa ser comparada a Ti.
A Jafar⁸ foi revelado que Tu és tudo o que existe.

Cantou novamente:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor! – a Vida de minha vida, a Essência da essência.
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar meu.
Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança. Tu és meu apoio, minha riqueza,
minha glória;
Tu és minha sabedoria e minha força.
Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu melhor amigo, meu parente mais próximo.
Meu presente e meu futuro; Tu és, meu céu e minha salvação.
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos. Tu és meu sempre misericordioso Guru;
Tu és a Fonte de minha infindável felicidade.
Tu és o Caminho e a Meta, Tu és o Uno adorável, o Senhor!
Tu és a Mãe de coração terno, o pai que castiga;
Tu o Criador e Protetor; Tu, Timoneiro que segura o leme
Da minha embarcação que atravessa o mar da vida.

Enquanto Shri Ramakrishna ouvia as canções, foi tomado de emoção. Várias vezes disse. “Ah! Tu és tudo!! Ai de mim! Ai de mim!”

A música terminou. Eram seis horas da tarde. Shri Ramakrishna foi para o bosque de pinheiros, com M., Acompanhando-o, Shri Ramakrishna ria e conversava. Subitamente disse a M.: “Por que não tomou uma refeição leve? Por que os outros também não comeram?” Estava ansioso para que os devotos comessem.

À tardinha Shri Ramakrishna tinha que ir a Calcutá. Quando voltou do bosque de pinheiros, disse a M., “Não sei quem vai me levar a Calcutá de carruagem.”

Era o crepúsculo. Foi aceso um lampião no quarto de Shri Ramakrishna, onde queimava um incenso. Foram acesos lampiões nos diferentes templos e edifícios. A orquestra tocava no nahabat. Logo iria começar o serviço vespertino nos templos.

Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã. Depois de cantar os nomes das diferentes divindades, meditou na Mãe Divina. O serviço noturno terminara. Shri Ramakrishna começou a andar de um lado para o outro, pelo aposento, conversando de vez em quando com os devotos. Também pediu conselho a M. sobre sua ida a Calcutá.

Logo Narendra chegou. Estava acompanhado de Sarat e de um ou dois jovens devotos. Todos saudaram o Mestre.

À vista de Narendra o amor de Shri Ramakrishna transbordou. Afetuosamente tocou o queixo de Narendra como se toca o de um bebê. Disse com uma voz amorosa, “Ah, você veio!”

⁸ Autor da canção.

O Mestre estava de pé no quarto, olhando o Ganges. Narendra e seus jovens amigos conversavam com ele. O Mestre virou-se para M. e disse, “Narendra veio. Como posso ir a Calcutá agora? Mandei chamar Narendra. Como posso ir agora? O que você acha?”

M.: “Como quiser, senhor. Vamos cancelar por hoje.”

Mestre: “Está bem. Vamos amanhã, de barco ou de carruagem. (*Aos outros devotos*) Está tarde. Agora vão para suas casas.”

Um por um os devotos saudaram-no e retiraram-se.



CAPÍTULO XLII

FESTIVAL DO CARRO NA CASA DE BALARAM

Segunda-feira, 13 de julho de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado com os devotos na sala de visitas da casa de Balaram. Eram nove horas da manhã. No dia seguinte Balaram ia celebrar o Festival do Carro. A Divindade Jagannath¹ era adorada, diariamente em sua casa. Possuía um pequeno carro que deveria ser puxado ao longo da varanda para festejar o evento. O Mestre fora especialmente convidado para a ocasião.

Shri Ramakrishna e M. conversavam. Narayan, Tejchandra, Balaram e outros devotos estavam na sala. O Mestre falava de Purna, um rapaz de quinze anos. Estava muito ansioso para vê-lo.

Mestre (*a M.*): “Bem, por qual caminho ele virá ver-me? Por favor faça com que Purna e Dwija se conheçam.

“Quando duas pessoas são da mesma idade e têm a mesma natureza interior, eu os aproximo. Isto tem um significado. Desta maneira ambos fazem progresso. Reparou o anelo de Purna por Deus?”

M.: “Sim, senhor. Um dia eu estava no bonde. Viu-me do terraço de sua casa, desceu correndo para a rua e com grande fervor, saudou-me.”

Mestre: (*com lágrimas nos olhos*): “Ah! Ah!” Foi porque você o ajudou a fazer o contato através do qual ele descobriu o ideal supremo de sua vida. Não se age assim, a não ser que se anseie por Deus.

“Narendra, Naren mais jovem e Purna – esses três possuem uma natureza masculina. Não é assim com Bhavanath, tem uma natureza feminina.

“Purna está em tal estado de exaltação que, ou brevemente abandonará o corpo – o corpo torna-se inútil depois da realização de Deus – ou sua natureza interior vai aflorar dentro de alguns dias.

“Possuí uma natureza divina – traços de um deus. Isto faz com que uma pessoa seja mais destemida. Se puser uma grinalda de flores em volta de seu pescoço ou untar com pasta de sândalo seu corpo, ou queimar incenso diante dele, entrará em samadhi, porque saberá, sem nenhuma dúvida, que o próprio Narayana mora em seu corpo, que foi Narayana quem assumiu o corpo. Cheguei a saber a esse respeito.

“Poucos dias depois de minha primeira experiência do estado de embriaguez de Deus, em Dakshineswar, chegou uma senhora brahmin. Tinha muitos traços bons. Logo que foi colocada uma grinalda em torno de seu pescoço e queimado incenso, entrou em samadhi. Pouco tempo depois foi tomada de grande felicidade, lágrimas escorriam dos olhos. Saudei-a dizendo, ‘Mãe, serei bem sucedido?’ ‘Sim’, respondeu.

“Quero ver Purna mais uma vez. Mas como será possível? Parece que ele é uma parte². Que impressionante! Não uma simples partícula, mas uma parte. Muito inteligente, também. Estou sabendo que é muito aplicado nos estudos. Por isso acertei.

“Por força de austeridade, um homem pode atingir Deus, como seu filho. Ao lado da estrada para Kamarpukur há o lago de Ranjit Raya. Bhagavati, a Mãe Divina, nasceu como sua filha. Até hoje as pessoas fazem um festival anual no mês de Chaitra, em honra desta filha divina. Sinto-me muito bem indo lá.

Ranjit Raya era o proprietário desta região. Pelo poder de sua tapasya obteve a Mãe Divina como sua filha. Ele a amava muito e ela, também, era muito apegada a ele, dificilmente afastava-se dele. Um dia Ranjit Raya estava ocupado com o trabalho em sua propriedade. Estava muito ocupado. A menina, com sua natureza infantil, freqüentemente o interrompia, dizendo, ‘Pai, o que é isto? O que é aquilo?’ Ranjit Raya tentava por palavras doces, persuadi-

¹ Nome de Krishna com o qual Ele é adorado em Puri; literalmente “Senhor do Universo”.

² Uma parte da Encarnação Divina.

la a não perturbá-lo, e disse, ‘Minha filha, por favor, deixe-me sozinho. Tenho muito trabalho a fazer.’ Mas a menina não ia embora. Distraído o pai disse, ‘Vá embora daqui!’ Com este pretexto ela abandonou o lar. Um vendedor ambulante de artigos de concha caminhava pela estrada. Ela apanhou um par de braceletes. Quando ele lhe pediu para pagar ela lhe disse que ele poderia conseguir dinheiro numa certa caixa que havia em sua casa. Em seguida desapareceu. Ninguém mais a viu. Nesse meio tempo o vendedor chegou à casa e cobrou os braceletes. Como ela não estava em casa, os parentes começaram a procurá-la. Em sua busca Ranjit Raya mandou pessoas em todas as direções. O dinheiro devido ao ambulante foi encontrado na caixa, como ela indicara – Ranjit Raya chorava amargamente, quando as pessoas chegaram e disseram que haviam visto algo no lago. Todos correram para lá e viram um braço com os braceletes de concha, acenando acima da água. Um momento depois, desapareceu. Até hoje as pessoas adoram-na como a Mãe Divina, por ocasião do festival anual. (A M.) Tudo isso é verdade.”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Narendra agora acredita nessas coisas.

“Purna nasceu com um elemento de Vishnu. Eu o adorei mentalmente com folhas de bel, mas a oferenda não foi aceita. Então o adorei com folhas de tulsi e pasta de sândalo³. Isto comprovou estar certo. Deus revela-Se de diversas maneiras, às vezes como homem, às vezes em outras formas divinas feitas de Espírito. Deve-se crer nas formas divinas. O que me diz?”

M.: “É verdade, senhor.”

Mestre: “A brahmin de Kamarhati⁴ tem muitas visões. Mora sozinha numa cabana de um cômodo, num jardim às margens do Ganges. Passa o tempo em japa. Gopala⁵ dorme com ela. (*O Mestre estremece*). Não é imaginação, é um fato. Ela viu que as palmas de Gopala eram vermelhas. Passeia com ela. Ela o amamenta, conversam um com outro. Quando Narendra ouviu a história, chorou. Antes eu também costumava ter muitas visões, mas agora, no meu atual estado espiritual, não vejo tantas. Gradualmente vou superando minha natureza feminina. Agora sinto-me agora mais como um homem. Por isso, controlo minha emoção, não a exteriorizo tanto.

“Naren mais jovem tem a natureza masculina, e por isso em meditação, sua mente submerge-se totalmente no Ideal. Não demonstra emoção. Nityagopal tem uma natureza feminina. Por esta razão quando está em estado espiritual o corpo fica contorcido, se dobra e torna-se vermelho.

(A M.) “Bem, as pessoas renunciam pouco a pouco, mas em que estado esses jovens estão!”

“Binode disse, ‘Tenho que dormir com minha esposa. Isto me faz sentir mal.’ Não é bom para um aspirante dormir com a esposa, tenha ou não relacionamento sexual. Há fricção no corpo e também, calor físico.

“Por que estado Dwija está passando! Em minha presença move o corpo e fixa o olhar em mim. É isto uma coisa insignificante? Se um homem reunir toda sua mente e fixá-la em mim, certamente alcançará tudo.

“Mas o que sou? Ele é Tudo. Sou a máquina e Ele, seu Operador. É somente Deus que existe neste [referindo-se ao corpo]. É por isso que cada vez mais tantas pessoas sentem-se atraídas para ele. Um simples toque é suficiente para despertar sua espiritualidade. Esta atração, este empurrão, é a atração de Deus e de ninguém mais.

“Tarak de Belgharia dirigia-se para casa, vindo de Dakshineswar. Claramente notei que algo, como uma chama saía deste [referindo-se a seu corpo] e o seguia. Alguns dias mais tarde Tarak voltou a Dakshineswar. Em samadhi, Aquele que mora neste corpo colocou Seu pé no peito de Tarak.

“Bem, há mais jovens como estes?”

M.: “Mohit é bom. Veio ver o senhor uma ou duas vezes. Está estudando para prestar dois exames na universidade. Tem grande anseio por Deus.”

³ As folhas da árvore bel são oferecidas a Shiva, enquanto que as folhas de tulsi e pasta de sândalo são oferecidas a Vishnu.

⁴ Referindo-se a uma das devotas do Mestre, conhecida como Gopal Ma.

⁵ Menino Krishna.

Mestre: “Pode ser, mas Ele não pertence a um plano elevado. Seus traços físicos não são bons, tem um rosto chato, mas esses outros jovens pertencem a um plano elevado.

“Muitos problemas e preocupações seguem-se após o nascimento num corpo físico. Além disso, se uma pessoa for amaldiçoada, poderá ter que nascer sete vezes. Deve-se ter muito cuidado. Tem-se que assumir um corpo humano se acalantar o mais leve desejo.”
Um devoto: “Quais são os desejos das Encarnações de Deus?”

Mestre (*sorrindo*): “Sei que não me livrei de todos os desejos. Uma vez vi um santo com um xale, e também, desejei usar um como aquele. Mesmo agora tenho aquele desejo. Não sei se terei que nascer de novo por causa dele.”

Balaram (*sorrindo*): “Então o senhor terá que nascer de novo só por causa de um ale?” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Deve-se conservar um bom desejo para que se possa abandonar o corpo meditando nele. Há quatro lugares sagrados para os sadhus visitarem. Visitam três e abandonam um. Muitos deles deixam Puri, o lugar de Jagannath, para que possam deixar seus corpos meditando em Jagannath.”

Um homem vestido de roupa ocre, entrou no aposento e saudou o Mestre. Particularmente tinha o hábito de criticar Shri Ramakrishna. Por esta razão Balaram riu. Como Shri Ramakrishna podia ler a mente de uma pessoa, disse a Balaram, ‘Não importa, deixe-o dizer que sou um impostor.’

Shri Ramakrishna conversava com Tejchandra.

Mestre: “Mande chamá-lo muitas vezes. Por que não veio? Se praticar oração e meditação, isto me faria feliz. Considero-o um dos meus. É por isso que mando chamá-lo.”

Tejchandra: “Senhor, tenho que ir ao escritório. Estou muito ocupado com meus deveres.”

M. (*sorrindo*): “Houve um casamento em sua casa e teve uma licença de dez dias.”

Mestre: “Ora, ora! Diz que não tem tempo livre, mas acabou de me dizer que ia renunciar ao mundo.”

Narayan: “M. nos disse um dia, que este mundo é uma selva.”

Mestre (*a M.*): “Conte-lhes aquela história do discípulo que ficou inconsciente depois de tomar o remédio. Seu instrutor chegou e disse que ele voltaria à vida se alguém tomasse a pílula, que ele lhe prescrevera. O discípulo voltaria à vida, mas aquele que tomasse a pílula correria.

“Por favor conte, também, aquela do hatha yogi que pensou que sua esposa e filhos lhe pertenciam e fingiu estar morto com as pernas esticadas. Ouvir estas histórias lhe fará bém.”

Era meio-dia. Shri Ramakrishna participou da comida oferecida à Divindade Familiar, Jagannath. O Mestre costumava dizer que a comida na casa de Balaram era muito pura. Em seguida, descansou um pouco.

Mais tarde Shri Ramakrishna sentou-se com os devotos na sala de visitas da casa de Balaram. Chandra Babu, da seita Kartabhaja, e um brahmin espirituoso estavam presentes. O brahmin tinha algo de cômico, suas palavras faziam todo o mundo rir.

Mais ou menos às seis horas, o irmão de Girish. Atul e o irmão de Tejchandra chegaram. Shri Ramakrishna estava de samadhi. Minutos mais tarde disse, ainda em êxtase, “Pode alguém tornar-se inconsciente, meditando na consciência? Pode alguém perder a mente pensando em Deus? Deus é da verdadeira natureza do Conhecimento, da Eternidade, Pureza e Consciência.”

Shri Ramakrishna disse ao brahmin espirituoso, “Por que desperdiça o tempo com esses gracejos frívolos sobre coisas insignificantes? Direcione a mente para Deus. Se um homem pode calcular sobre o sal, pode também fazê-lo a respeito de açúcar cande.”

Brahmin (*sorrindo*): “Por favor, atraia-me.”

Mestre: “O que posso fazer? Tudo depende do seu esforço. Sua mente lhe pertence. Abandone esta insignificante comichão e avance em direção a Deus. Você pode ir cada vez mais longe nesse caminho. O Brahmachari pediu ao lenhador para ir em frente. Em primeiro lugar o lenhador encontrou uma floresta de sândalo, em seguida uma mina de prata e logo depois, uma mina de ouro e depois, pedras preciosas e diamantes.

Brahmin: “Não há fim para este caminho.”

Mestre: “Onde se encontra a paz, aí está o fim.”

A respeito de um novo visitante, Shri Ramakrishna disse, ‘Não encontrei substância nele. Parece não ter muito valor.’

Era o crepúsculo. Foram acesos lampiões no aposento. Shri Ramakrishna meditava na Mãe Divina, cantando Seu nome com a voz melodiosa. Os devotos estavam sentados à sua volta. Como Balaram ia celebrar a Festival do Carro em sua casa no dia seguinte. Shri Ramakrishna tinha intenção de passar a noite lá.

Depois de tomar uma refeição ligeira, Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas. Eram mais ou menos dez horas. O Mestre disse a M., “Por favor, traga a minha toalha que está no outro aposento.”

Arrumaram uma cama para Shri Ramakrishna no pequeno quarto contíguo. Mais ou menos às dez e meia deitou-se para dormir. Era verão. Disse a M., ‘É melhor trazer um leque.’ Pediu ao discípulo para abaná-lo. À meia-noite Shri Ramakrishna levantou-se. Disse a M., “Não me abane mais, sinto frio.”

Terça-feira, 14 de julho de 1885

Era o dia do Festival do Carro. Shri Ramakrishna levantou-se muito cedo. Estava sozinho no quarto, dançando e cantando o nome de Deus. M. entrou e saudou o Mestre. Outros devotos chegaram, um a um. Saudaram o Mestre e sentaram-se perto dele. Shri Ramakrishna estava com muitas saudades de Purna. Conversava com M. a respeito dele.

Mestre: “Você deu alguma instrução a Purna?”

M.: “Disse-lhe para ler a vida de Chaitanya. Ele conhece a história de sua vida. Disse-lhe, também, que o senhor pede às pessoas para se agarrarem à verdade.”

Mestre: “Como ele aceitou quando você disse a meu respeito, ‘Ele é uma Encarnação de Deus?’ ”

M.: “Eu lhe disse, ‘Venha comigo se quiser ver uma pessoa como Chaitanya.’ ”

Mestre: “Nada mais?”

M.: “Também aquele seu comentário de que quando um elefante entra num lago pequeno, há um grande espadanar de água. Assim também, tratando-se de um ‘pequeno receptáculo’, a emoção transborda.

“A respeito do fato de ter deixado de comer peixe, disse-lhe, ‘Por que fez isto? Sua família criará uma grande caso’.”

Mestre: “Está bem. Deve-se guardar os sentimentos e emoções para si mesmo.”

Eram mais ou menos seis e meia da manhã; M. ia banhar-se no Ganges quando foram sentidos tremores de terra. Imediatamente voltou ao aposento de Shri Ramakrishna. O Mestre estava de pé na sala de visitas. Os devotos, à sua volta, falavam do terremoto, que fora violento e muitos deles estavam assustados.

M.: “Vocês todos deveriam ter descido..”

Mestre: “Este é o destino da casa onde se vive e mesmo assim, as pessoas são tão egoístas. (A M.) Você se recorda da grande tormenta do mês de Aswin?”

M.: “Sim, senhor. Eu era pequeno naquela época – nove ou dez anos de idade. Estava sozinho no quarto enquanto a tempestade desabava, e então, orei a Deus.”

M. estava surpreso e pensou: “Por que o Mestre subitamente me perguntou a respeito da grande tormenta de Aswin? Será que ele sabe que eu estava sozinho naquela época, orando ansiosamente a Deus com lágrimas nos olhos? Será que ele sabe de tudo isso? Será que ele me protegia como guru desde o meu nascimento?”

Mestre: “Era bastante tarde naquele dia em Dakshineswar quando a tempestade começou, mas de um jeito ou de outro, conseguiram cozinhar. As árvores caíram e ficaram com as raízes para fora. Veja, este é o destino da casa onde se mora.

“Mas quando se alcança o Conhecimento Perfeito, descobre-se que morrer ou matar é a mesma coisa, isto é, ambos são irrealis. Quando se morre, na realidade não se morreu, e quando uma pessoa mata a outra, o homem não está verdadeiramente morto. Tanto Lila quanto Nitya pertencem à mesma Realidade. Numa forma é o Absoluto, e em outra, Lila. Embora Lila seja destruída, Nitya sempre existe. Água é água, quer parada ou em ondas. É a mesma água quando as ondas se acalmam.”

Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas com os devotos. Narendra Mukherji, Hari, Naren mais jovem e outros devotos estavam presentes. Hari morava sozinho e estudava Vedanta. Tinha aproximadamente vinte e três anos e era solteiro. Shri Ramakrishna gostava muito dele. Queria que Hari o visitasse com frequência, mas Hari gostava da solidão e nem sempre ia a Dakshineswar.

Mestre (*a Hari*): “Bem, não vejo você há muito tempo.

“Veja, numa forma Ele é Absoluto e numa outra, é Relativo. O que a Vedanta ensina? Somente Brahman é real e o mundo ilusório. Não é assim? Mas enquanto Deus mantém o ‘ego de um devoto’, num homem, o Relativo também é real. Quando Ele apaga completamente o ego, o que *é* permanece. Isto não pode ser descrito pela fala, mas enquanto Deus mantiver o ego, deve-se aceitar tudo. Removendo-se os envoltórios externos da árvore plantano, atinge-se a seiva. Enquanto a árvore tiver os envoltórios, também tem a seiva. Assim também, enquanto tiver seiva terá envoltórios. A seiva vai com os envoltórios e os envoltórios com a seiva. Da mesma maneira, quando se fala de Nitya, entende-se que Lila também existe, e quando se fala de Lila, entende-se que Nitya também existe.

“É somente Ele quem Se tornou o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. Quando Ele está inativo eu O chamo Brahman, quando Ele cria, preserva e destrói, eu O chamo Shakti. Brahman e Shakti não são diferentes um do outro. Água é água, quer parada ou em movimento.

“É impossível livrar-se da ‘consciência do eu’. Enquanto se é consciente desta ‘consciência do eu’, não se pode falar do universo e seus seres vivos como irrealis. Não se pode ter o peso exato da fruta bel se deixar de lado a casca e a polpa.

“O tijolo, cal e o pó de tijolo dos quais os degraus são feitos, são os mesmos tijolos, cal e pó de tijolo com os quais se faz o terraço. O universo e os seres vivos existem por causa da Realidade d’Ele (Brahman).

“O devotos – quero dizer os vijnanis – aceitam tanto Deus com forma como sem forma, tanto o Deus Pessoal como o Deus Impessoal. Num oceano sem praia – uma expansão infinita de água – blocos de gelo formam-se aqui e ali, devido ao frio intenso. De maneira similar, sob a influência do profundo amor de Seu adorador, o Infinito reduz-Se ao finito e aparece diante do adorador como Deus sem forma. Da mesma maneira que ao nascer do sol o gelo se derrete, assim também, com o despertar do Conhecimento, Deus com forma derrete-se no mesmo Infinito e sem forma.

“Enquanto o homem analisar com a mente, não pode alcançar o Absoluto. Enquanto raciocinar com a mente, não terá meio de libertar-se do universo e dos objetos dos sentidos – forma, gosto, cheiro, tato e som. Quando o raciocínio pára, alcança-se o Conhecimento de Brahman. O Atman não pode ser realizado por meio da mente; Ele é realizado somente por meio do Atman. Mente Pura, Buddhi Puro. Atman Puro – todos são um e o mesmo.

“Apenas imagine quantas coisas são necessárias para que se perceba um objeto. Necessita-se dos olhos, da luz, da mente. Não se pode perceber o objeto se deixar de lado um desses três. Enquanto a mente funcionar, como se pode dizer que o universo e o ‘eu’ não existem?

“Quando a mente for aniquilada, quando ela parar de deliberar a favor ou contra, então entra-se em samadhi, atinge-se o Conhecimento de Brahman. Você conhece as sete notas da escala, sa, re, ga, ma, pa, dha, ni. Não se pode manter a voz no ‘ni’ por muito tempo.”

Olhando para Naren mais jovem, Shri Ramakrishna disse, “O que se ganha em ser intuitivo na consciência da existência de Deus? Uma simples visão de Deus não é tudo de maneira alguma. Tem-se que trazê-Lo para sua casa, conversar com Ele.

“Alguns ouviram falar de leite, outros viram o leite e alguns o beberam. Alguns viram o rei mas somente um ou dois podem levar o rei para sua casa e entretê-lo.”

M. foi ao Ganges tomar banho. Eram dez horas. Shri Ramakrishna estava ainda conversando com os devotos. Depois do banho M. voltou para a casa de Balaram. Saudou o Mestre e sentou-se próximo dele.

Shri Ramakrishna estava cheio de intenso fervor espiritual. Palavras de Sabedoria fluíam de sua boca. De vez em quando narrava suas profundas experiências místicas.

Mestre: “Fui a Benares com Mathur Babu. Nosso barco estava passando o Ghat de Manikarnika

no Ganges, quando subitamente tive a visão de Shiva. Fiquei na beirada do barco e entrei em samadhi. O barqueiro com medo que eu caísse na água, gritou para Hriday, ‘Segure-o! Segure-o!’ Vi Shiva em pé no Ghat, encarnando em Si toda a seriedade do mundo. Primeiro eu O vi à distância, depois aproximou-Se de mim, e por fim, fundiu-Se em mim.

“Em outra ocasião, em êxtase, vi que um sannyasi me conduzia pela mão. Entramos num templo e tive a visão de Annapurna toda em ouro.

“Somente Deus tornou-Se tudo isso, contudo, Se manifesta mais em algumas coisas do que em outras.

(A M.) “Talvez você não acredite no salagram. Os ‘ingleses’ não crêem nele. Não importa se você acredita ou não. Um salagram deve conter a marca de um disco e outros signos; somente então pode ser adorado como um emblema de Deus.”

M.: “Sim, senhor. É como a maior manifestação de Deus num homem com bons traços físicos.”

Mestre: “No princípio Narendra dizia que eram fantasias da minha imaginação, mas agora aceita tudo.”

Shri Ramakrishna estava descrevendo a visão de Deus, quando entrou em samadhi. Os devotos olhavam para ele com o olhar fixo. Depois de um longo tempo retomou a consciência do mundo, e conversou com os devotos.

Mestre (a M.): “O que você pensa que vi? Vi o mundo inteiro como um salagram e nele vi dois olhos.”

Numa silenciosa admiração M. e os devotos ouviam estas palavras sobre sua experiência interior. Nesse momento Sarada, um outro discípulo do Mestre, entrou no aposento e saudou-o

Mestre (a Sarada): “Por que não vem a Dakshineswar? Por que não vai ver-me quando vou a Calcutá?”

Sarada: “Ninguém me fala a respeito.”

Mestre: “Na próxima vez eu o informarei. (A M. sorrindo) Faça uma lista destes jovens.” (M. e os devotos riem).

Sarada: “Meus familiares querem que eu me case. (Apontando para M.) Quantas vezes me repreendeu por causa do casamento!”

Mestre: “Por que você iria se casar justamente agora? (A M.) Sarada está agora num estado mental muito bom. Antes estava hesitante, agora seu rosto brilha de felicidade.”

Shri Ramakrishna disse a um devoto: “Será que você pode ir buscar Purna?”

Narendra chegou. Shri Ramakrishna pediu a um devoto para lhe dar qualquer coisa para comer. Sentia-se muito contente em ver Narendra; Quando deu de comer a Narendra, sentiu que estava alimentando o próprio Narayana. Acariciou o corpo de Narendra muito carinhosamente.

Gopal Ma entrou no quarto. Era uma grande devota de Gopala e tinha sido abençoada com muitas visões espirituais elevadas. Shri Ramakrishna pedira a Balaram para mandar um homem buscá-la em Kamarhati. Logo que entrou no quarto disse, ‘Estou chorando de alegria.’ Com estas palavras inclinou-se ante o Mestre tocando o chão com a testa.

Mestre: “O que é isto? Você me chama de ‘Gopala’ e ainda assim, me saúda! Agora vá lá dentro e me prepare um curry. Tempere-o com algumas especiarias de maneira que eu sinta o cheiro daqui.”

Gopal Ma: “O que eles [referindo-se aos donos da casa] vão pensar de mim?”

Antes de deixar o quarto disse a Narendra, com uma voz fervorosa, “Meu filho, alancei a meta ou tenho que caminhar ainda mais?”

Era o dia do Festival do Carro e por esta razão a adoração da Divindade Familiar estava atrasada. Quando o culto acabou, pediram a Shri Ramakrishna para comer. Dirigiu-se aos aposentos internos. As devotas estavam ansiosas para vê-lo.

Shri Ramakrishna tinha muitas devotas, mas não falava a respeito delas com seus devotos masculinos. Alertava os homens contra a visita das devotas. Dizia, “Não exagerem, senão escorregarão.” A alguns devotos dizia, “Não se aproximem de uma mulher, mesmo que ela role no chão com devoção.” O Mestre queria que os homens vivessem afastados das devotas; só assim, os dois grupos progrediriam. Não gostava que elas olhassem os homens como

“Gopala”, porque esta afeição maternal não era boa; decaía com o tempo num relacionamento prejudicial.

Depois do almoço Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas com os devotos. Era uma hora da tarde. Um devoto trouxe Purna. Com grande alegria o Mestre disse a M., “Aqui está ele! Purna chegou.” Narendra, Naren mais jovem, Narayan, Haripada e outros devotos conversavam com o Mestre.

Naren mais jovem: “Senhor, temos livre arbítrio?”

Mestre: “Apenas tente descobrir o que é esse ‘eu’. Enquanto você procura o ‘eu’, ‘Ele’ sai. ‘Sou a máquina e Ele, o Operador.’ Você já ouviu falar de um brinquedo mecânico que entra numa loja com uma carta na mão. Você é como aquele brinquedo. Somente Deus é quem faz. Faça seus deveres no mundo, como se fosse aquele que faz, mas sabendo o tempo todo que somente Deus é O que faz e você é um instrumento.

“Enquanto houver upadhi há ignorância. ‘Sou um erudito’, ‘Sou um jnani’, ‘Sou abastado’, ‘Sou prestigiado’, ‘Sou mestre, pai e instrutor’ – todas essas idéias são produtos de ignorância. ‘Sou a máquina e Tu és o Operador – isto é Conhecimento. Em estado de Conhecimento todos os upadhis são destruídos. Quando a tora de madeira ficar toda queimada, não há mais ruído nem calor; tudo se esfria. Paz! Paz! Paz! (A Narendra) Cante um pouco.”

Narendra: “Tenho que ir para casa. Tenho muito o que fazer.”

Mestre: “Sim, sim, meu filho! Por que você deveria nos ouvir? ‘As palavras daqueles que têm ouro em seus ouvidos, são valiosas; ninguém ouve aquele que não tem nem mesmo um farrapo em torno de sua cintura.’ (Todos riem) Você frequenta a chácara de Guhas. Sempre ouço falar nisso. Sempre que pergunto, ‘Onde está Narendra hoje?’ dizem-me, ‘Ó, ele foi à casa dos Guhas’. Eu não deveria ter dito todas essas coisas, mas você fez com que elas saíssem de dentro e mim.”

Narendra ficou em silêncio por uns momentos. Em seguida disse, “Não há instrumentos para me acompanhar. Devo somente cantar?”

Mestre: “Meu filho, é tudo que temos. Por favor cante, se isto lhe convém. Você tem que saber como Balaram arranja as coisas.

“Balaram diz-me, ‘Por favor venha a Calcutá de barco; tome uma carruagem somente se for necessário.’ (Todos riem) Veja, ele nos ofereceu uma festa hoje, por isso esta tarde nos fará dançar! (Todos riem) Um dia alugou uma carruagem para eu ir daqui a Dakshineswar. Disse que o aluguel da carruagem era de doze annas. Eu lhe disse, ‘O cocheiro vai levar-me até Dakshineswar por doze annas?’ ‘Ó, isto é bastante’, respondeu. Um lado da carruagem quebrou antes de chegarmos a Dakshineswar. (Todos riem). Além disso, o cavalo parava de vez em quando, simplesmente não andava. De vez em quando o cocheiro chicoteava o cavalo e ele andava uma distância pequena. (Todos riem). O programa para esta tarde é que Ram vai tocar tambor e nós vamos dançar. Ram não tem sentimento de ritmo. (Todos riem). De qualquer maneira esta é a atitude de Balaram – cantem, dancem e sejam felizes!” (Todos riem).

Outros devotos estavam chegando. Mahendra Mukherji saudou o Mestre de uma certa distância. O Mestre retribuiu a saudação, mas logo saudou Mahendra como um muçulmano. O Mestre disse a um jovem devoto sentado próximo dele. ‘Por que você não lhe diz que eu o saudei como um muçulmano? Ele vai gostar.’ (Todos riem).

Muitos chefes de família estavam acompanhados das esposas e outras senhoras da família. Queriam saudar o Mestre e vê-lo dançar em frente do carro. Ram, Girish e outros devotos gradualmente foram se reunindo. Muito devotos jovens estavam presentes.

Narendra cantou:

Ó, quando brilhará o dia abençoado
Quando o Amor despertará no meu coração?
Quando minhas lágrimas cairão sem controle,
Enquanto repito o nome do Senhor Hari,
E todo meu anseio será preenchido?
Quando serão puras minha mente e alma?
Ó, quando por fim me refugiarei
Nos sagrados bosques de Vrindavan?
Quando meus grilhões mundanos cairão?
E minha vista imperfeita ficará curada

Com o colírio refrescante da Sabedoria?
 Quando aprenderei a verdadeira alquimia
 E, tocando a Pedra Filosofal
 Transformarei o ferro inútil do meu corpo
 No mais puro ouro do Espírito?
 Quando verei este mesmo mundo
 Como Deus e rodarei na estrada do Amor?
 Quando desistirei da piedade
 Do dever e do pensamento de casta?
 Quando deixarei para trás todo o medo,
 Toda vergonha, convenção, preocupações, orgulho?

Ó, vou untar meu corpo então,
 Com a poeira dos pés dos devotos,
 Sobre meus ombros jogarei
 O fardo da renúncia e beberei
 E minhas mãos um gole refrescante
 Da corrente renovadora de vida do Jamuna.
 Ó, ficarei louca de amor
 E tanto riréi quando chorarei de alegria!
 Então nadarei no Mar
 Do Abençoado Satchidananda;
 Embriagado com Seu amor, tornarei todos
 Tão embriagados quanto eu! Ó, brincarei
 Aos pés de Hari para sempre!

Cantou novamente:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
 Por isso os yogis meditam numa caverna escura da montanha. ...

Balaram havia contratado para o kirtan, Vaishnavcharan, o músico, que cantou:

Ó língua, repele sempre o nome da Mãe Durga!
 Quem a não ser Sua Mãe Durga o salvará na infelicidade? ...

Quando Shri Ramakrishna ouviu um verso ou dois da canção, entrou em samadhi. Em êxtase, pôs-se de pé. Naren mais jovem amparava-o. Um sorriso iluminava o rosto do Mestre. Gradualmente o corpo ficou imóvel, a mente parecia ter ido para uma outra dimensão. Todos os devotos no aposento olhavam para ele com assombro. As devotas olhavam a cena por trás de biombo. Depois de um longo tempo, desceu do samadhi, cantando o santo nome de Deus.

Assim que o Mestre sentou-se, Vaishnavcharan cantou novamente:

Ó vina, cante o nome do Senhor Hari!
 Sem a bênção de Seus pés
 Você não poderá conhecer a Verdade final.
 O nome de Hari mata todo pesar;
 Cante o nome Hari! Cante o nome de Krishna! ...

Então cantou:

Ó vina, esquecendo de adorar Hari,
 Passo os dias em vão. ...

Era o entardecer. Nesse meio tempo o pequeno carro de Jagannath, enfeitado com flores, bandeiras e tiras, havia sido trazido para a varanda interior. As imagens de Jagannath, Subhadra e Balarama estavam enfeitadas com grinaldas de flores, pasta de sândalo, mantos e jóias. Shri Ramakrishna saiu da sala onde os músicos profissionais cantavam, e veio até a

varanda, acompanhado dos devotos. Parou defronte ao carro, e puxou-o pela corda. Começou a cantar e dançar com os devotos diante do carro.

O Mestre cantou:

Olhem, chegaram os dois irmãos⁶ que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Cantou novamente:

Veja como toda Nadia está tremendo
Sob as ondas de amor de Gauranga! ...

A música e a dança continuaram na varanda enquanto o carro era puxado para lé e para cá. Uma grande multidão entrou na casa, quando ouviu a música alta e batida dos tambores. Shri Ramakrishna estava totalmente intoxicado de amor divino. Os devotos contagiaram-se e dançaram com o Mestre em êxtase de amor.

Em seguida Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas, M. e outros devotos faziam massagem em seus pés.

Tomado de fervor divino, Narendra cantou com acompanhamento do tanpura:

Vem! Vem! Mãe! Boneca de minha alma! Deleite de meu coração!
No lótus do meu coração, vem e fica, para que eu possa ver Teu rosto ...

Depois cantou:

Mãe, Tu és a nossa única Redentora,
Tu és Aquela que sustenta os três gunas.
Mais alta do que o mais alto,
Tu és misericordiosa, eu sei.
Que retiras nosso pesar amargo.

Sandhya és Tu, e Gayatri:
Tu susténs este universo.
Mãe, o Refúgio és Tu
Daquele que não tem nenhuma ajuda a não ser a Ti,
Ó Eterna Bem-Amada de Shiva!

Tu estás na terra, na água;
Tu estás na origem de tudo.
Em mim, toda criatura, Tu tens Teu lar embora com forma,
Tu és a Realidade sem forma.

Cantou uma outra canção:

Eu Te fiz, Ó Senhor, a Estrela-Guia de minha vida;
Nunca mais perderei meu caminho, neste mar sem fim do mundo.
Por onde quer que eu vagueie, Teu brilho resplandece não ofuscando;
Com Tua luz serena e graciosa
Tu retiras todas as lágrimas de minha alma atormentada.

No mais íntimo santuário do meu coração Teu rosto brilha para sempre;
Se, por um momento só, eu não puder encontrá-lo.
Minha alma será tomada de aflição;
E quando minha mente inútil perder-se de Ti.
A visão de Teu rosto me ferirá com a mais profunda vergonha.

Um devoto disse a Narendra: “Pode cantar aquela – ‘Ó Mãe, Tu és meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração?’”

⁶ Gauranga e Nityananda.

Mestre: “Ó, não! Por que esta canção? O apropriado neste momento é cantar a felicidade divina – uma canção como ‘Ó Mãe Shyama, plena das ondas de embriaguez divina’.”

Narendra cantou:

Ó Mãe Shyama, plena das ondas de embriaguez divina!
 Quem sabe como Tu brincas no mundo?
 Teus jogos e travessuras e Teus olhares envergonham o deus do amor!
 Aquele que embainha a espada! Ó Tu de rosto terrível!
 A própria terra é sacudida sob Teus saltos e passadas!

Ó Tu, Morada dos três gunas! Ó Redentora! Terrível!
 Tu, que és a Consorte de Shiva!
 Muitas formas assumes, atendendo as orações de Teus bhaktas.
 Tu danças no Lótus do Coração.
 Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!

Tomado de êxtase, Narendra cantou repetidamente os versos.

Tu danças no Lótus do Coração,
 Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!

Shri Ramakrishna dançava, embriagado de amor divino, e repetidamente cantava, “Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!”

Depois de dançar durante muito tempo, Shri Ramakrishna voltou a seu lugar. Estava muito satisfeito em ver Narendra em estado espiritual, cantando com lágrimas nos olhos.

Eram mais ou menos nove horas da noite. Os devotos continuavam sentados em torno do Mestre. Vaishnavcharan cantou sobre Gauranga:

O belo Gauranga, o dançarino, louro como ouro derretido ...

Em seguida cantou sobre Shri Krishna. Krishna deixara Sua vida pessoal em Vrindavan e tornara-se rei de Mathura. Uma gopi O encontrou e disse:

Ó Hari, como vamos conhecê-Lo agora?
 No esplendor real de Mathura Tu nos esqueceste.
 Agora, em Tuas roupagens reais, Tu cavalgas num elefante.
 Será que Tu Te esqueceste totalmente que, em Vrindavan, Tu tratavas das vacas?
 Ó Hari, Tu Te esqueceste como roubavas manteiga?
 Das inocentes gopis de Braja?

Aproximadamente às onze horas os devotos saudaram o Mestre e retiraram-se.

Mestre: “Vocês todos podem ir. (*Apontando para Narendra e Naren mais jovem*). Será suficiente se esses dois ficarem. (*A Girish*) Vai tomar a ceia em casa? Pode ficar um pouco mais, se quiser. Você quer fumar! Mas o empregado de Balaram é igual a seu patrão. Peça-lhe fumo, ele não o dará! (*Todos riem*). Mas não vá embora sem ter fumado.”

Girish trouxera um amigo que usava óculos. Este último observou todas essas coisas e logo foi embora. Shri Ramakrishna disse a Girish: “Digo a todos vocês, por favor não forcem ninguém a vir aqui. Nada acontece a não ser no seu devido tempo.”

Antes de se retirar, um devoto saudou o Mestre. Tinha um menino com ele. Shri Ramakrishna disse-lhe carinhosamente, “Está ficando tarde e você está com esse menino.” Narendra, Naren mais jovem e outros devotos ficaram por algum tempo, e depois, despediram-se.

Quarta-feira, 15 de julho de 1885

Eram quatro horas da manhã. Shri Ramakrishna estava na cama no pequeno quarto contíguo à sala de visitas. M. estava sentado no banco na varanda ao sul do seu aposento. Uns minutos depois Shri Ramakrishna veio para a varanda. M. saudou-o

Mestre: “Já estava acordado. Bem, iremos a Dakshineswar esta manhã?”

M.: “O Ganges está menos encapelado esta manhã.”

Amanhecia gradualmente. Os devotos ainda não haviam chegado. Shri Ramakrishna lavava a boca e cantava os nomes de Deus. Estava de pé perto da porta norte do aposento. M. estava a seu lado. Poucos minutos mais tarde chegou Gopal Ma que ficou a seu lado. Uma ou duas devotas olhavam o Mestre atrás das portas dos aposentos internos. Eram como as gopis de Vrindavan olhando para Shri Krishna, ou devotos de Nadia olhando para Gauranga, por trás do biombo.

Depois de cantar o nome de Rama, Shri Ramakrishna cantou o nome de Krishna, “Krishna! Krishna! Krishna das gopis! Gopi! Gopi! Krishna, a Vida dos pastores de Vrindavan! Krishna, filho de Nanda! Govinda! Govinda!”

Em seguida cantou o nome de Gauranga. Depois repetiu, “Alekh Niranjana”, que é um nome de Deus. Ao falar, “Niranjana”, chorou. Os devotos também choravam. Com lágrimas nos olhos e Mestre disse, “O Niranjan! Minha criança! Vem! Coma isso! Toma isso! Quando minha vida será abençoada por dar-Te alimento? Tu Tomaste esta forma humana para meu bem.”

Emocionado, orava a Jagannath, “Ó Jagannath, Senhor do Universo! Ó Amigo do mundo! Ó amigo dos pobres! Eu não estou. Ó Senhor, fora do Teu universo. Sê misericordioso comigo!”

Ao cantar em louvor a Jagannath, ficou fora de si, pleno de amor divino.

Cantou o nome de Narayana e dançou, “Ó Narayana! Ó Narayana! Narayana! Narayana!”

Dançou e cantou novamente:

Ah, amiga! Ainda não encontrei, Aquele cujo amor me enlouqueceu. ...

Em seguida o Mestre foi para o pequeno quarto com os devotos. Estava totalmente nu como um menino de cinco anos. M., Balaram e outros devotos estavam no quarto.

Mestre: “Pode-se ver a forma de Deus. Pode-se ver Deus quando todos os upadhis desaparecem e cessar o raciocínio. Então o homem fica mudo e entra em samadhi. Chegando ao teatro, as pessoas entregam-se a todo tipo de conversa, mas no momento em que a cortina sobe, toda conversa pára e os espectadores ficam totalmente absorvidos no que estão vendo no palco.

“Quero dizer-lhes algo muito secreto. Por que amo tanto os rapazes como Purna e Narendra? Uma vez, em êxtase, senti grande amor por Jagannath, um amor da mesma intensidade que uma mulher sente por seu amado. Nesse estado eu estava a ponto de abraçá-Lo, quando quebrei o braço. Foi-me então revelado, ‘Tu assumiste este corpo humano. Por esta razão estabeleça com os seres humanos o relacionamento de amigo, pai, mãe ou filho.’

“Agora sinto por Purna e outros rapazes o que certa vez senti por Ramlala⁷. Costumava dar banho em Ramlala, alimentá-Lo, pô-Lo na cama e levá-Lo onde ia. Costumava chorar por Ramlala. Agora tenho o mesmo sentimento por estes jovens. Olhem para Niranjan. Não está apegado a coisa alguma. Gasta seu dinheiro levando doentes pobres ao hospital. Com respeito à proposta de casamento diz, ‘Meu Deus! É o rodaminho de Vishalakshi!’⁸ Vejo-o sentado sobre uma luz.

“Purna pertence ao domínio de Deus Pessoal. Nasceu com um elemento de Vishnu. Ah, que anseio por Deus ele tem!

(A M.) “Você viu como ele olha para você, como se você seu irmão espiritual, muito íntimo seu? Disse que me visitaria novamente, na casa do Capitão.

“Narendra pertence a um plano muito elevado – ao campo do Absoluto. Tem uma natureza masculina. Muitos devotos vêm aqui, mas nenhum é como ele.

“De vez em quando faço um balanço dos devotos. Vejo que alguns são como lótus de dez pétalas, outros como um lótus de dezesseis pétalas, alguns como um lótus de cem pétalas, porém, entre esses, Narendra é um de mil pétalas.

⁷ Nome do Menino Rama.

⁸ Riacho perto de Kamarpukur.

“Outros devotos podem ser pequenos potes ou jarros, mas Narendra é um imenso barril de água.

“Entre os peixes, Narendra é uma enorme carpa de olhos vermelhos, outros são como vairões ou pequenos salmões ou sardinhas. Tarak de Belgharia pode ser considerado um pecca.

“Narendra é um ‘grande receptáculo’ que pode conter muitas coisas. É como um bambu com um grande espaço oco.

“Narendra não está sob o controle de nada, nem de apego, nem dos prazeres dos sentidos. É como um pombo. Se você segurar um pombo pelo bico, ele escapa, mas a pomba fica quieta. Narendra tem a natureza masculina, por isso na carruagem, senta-se no lado direito. Bhavanath tem a natureza feminina, faça-o, então, sentar-se do outro lado. Sinto grande força quando Narendra está comigo numa reunião.”

Cerca das oito horas da manhã Mahendra Mukherji chegou e saudou o Mestre. Hari-pada, Turlisram e outros devotos foram chegando e, um a um, saudaram-no. Baburam, acamado com febre, não podia vir.

Mestre (*a M. e outros*): “Naren mais jovem não veio? Talvez tenha pensado que eu saí. (*A Mukherji*) Que surpreendente! Mesmo em sua infância, voltando da escola, chorava por Deus. Será pouca coisa chorar por Deus? Também é muito inteligente. É como um bambu com um grande espaço oco. Sua mente está fixa em mim. Girish Ghosh disse-me, ‘Naren mais jovem foi à casa de Navagopal quando se realizava um kirtan. Ao entrar na casa perguntou pelo senhor e exclamou, ‘Onde está ele?’ Estava totalmente inconsciente do que o cercava e praticamente atropelava as pessoas.’ Não teme as ameaças dos parentes. Às vezes passa três noites seguidas em Dakshineswar.”

Mukherji: “Hari ⁹ simplesmente ficou sem fala quando ouviu o que o senhor falou ontem. Disse-me. ‘Sabedoria assim só pode ser encontrada nos sistemas filosóficos Samkhya, Yoga e Vedanta. Ele não é uma pessoa comum.’”

Mestre: “Mas eu mesmo estudei Samkhya ou Vedanta.

“Jnana perfeita e bhakti perfeita são a mesma coisa. Um homem raciocina dizendo, ‘Isto não, isto não’, rejeitando o irreal. Quando o raciocínio termina, alcança o Conhecimento de Brahman. Então aceita o que antes rejeitou. Um homem sobe ao terraço com todo o cuidado, deixando para trás os degraus. Ao alcançar o terraço, compreende que os degraus são feitos dos mesmos materiais que o terraço, quer dizer, tijolos, cal e pó de tijolo.

“Aquele que é consciente do alto, é também, consciente do baixo. Depois de alcançar o Conhecimento considera igual o alto e o baixo.

“Quando Prahlada morava no plano da Realidade Suprema, mantinha a atitude de ‘eu sou Ele’, mas quando descia ao plano físico, considerava-se servo de Deus.

“Hanuman também, às vezes dizia, ‘eu sou Ele’, às vezes, ‘sou o servo de Deus’, e às vezes, ‘sou uma parte de Deus.’

“Por que um homem deve cultivar amor a Deus, em seu coração? Para que outra coisa irá viver? Como passará seus dias?

“Fiquem certos, o ego não desaparece totalmente. Enquanto o pote do ‘eu’¹⁰ persistir, não se pode realizar ‘eu sou Ele’. Em samadhi o ego desaparece por completo, então, o que é permanece. Ramprasad diz, ‘Ó Mãe, quando alcançar Conhecimento somente Tu saberás se eu sou bom e se Tu és boa.’

“Enquanto existir a ‘consciência do eu’, deve-se ter a atitude de um bhakta, não se deve dizer, ‘Sou Deus’. Um homem consciente de seu corpo deve sentir que ele não é o próprio Krishna, mas Seu devoto, mas se Deus atrair o devoto para Si, é diferente. É como o amo falando ao seu amado servo, ‘Venha, sente-se a meu lado. Você é o mesmo que eu’.

“As ondas são parte do Ganges, mas o Ganges não é parte das ondas.

“Shiva experimenta dois estados mentais. Quando está totalmente absorvido em Seu Próprio Ser, sente, ‘Eu sou Ele’. Nesta união nem o corpo nem a mente funcionam. Quando Ele está consciente de Seu ego separado, dança, exclamando, ‘Rama! Rama!’

⁹ Mais tarde Hari abraçou a vida monástica, vindo a ser conhecido como Swami Turiyananda.

¹⁰ Consciência do corpo.

“O que é imóvel também se move. Agora mesmo você está quieto mas alguns momentos mais tarde, estará ocupado em alguma atividade.

“Jnana e bhakti são a mesma coisa. A diferença é como um homem que diz ‘água’, e outro, ‘um bloco de gelo’.

“Falando de um modo geral, há dois tipos de samadhi. Primeiro o sthira ou jada samadhi alcançado quando se segue o caminho do conhecimento, como resultado da destruição do ego através da discriminação. Segundo, bhava samadhi, atingido ao se seguir o caminho de bhakti. Neste segundo samadhi permanece um vestígio do ego, como uma linha, para permitir ao devoto desfrutar Deus, Sua lila, mas não se pode compreender tudo isto se houver apego a ‘mulher e ouro’.

“Eu disse a Kedar, ‘Jamais será bem sucedido se sua mente morar em ‘mulher e ouro’. Quis passar minha mão em seu peito, mas não pude. Ele tinha nós e dobras dentro. Era como um aposento cheirando a sujeira no qual eu não podia entrar. Seu apego ao mundo é profundo; é como um emblema natural de Shiva, cuja raiz se estende até Benares. Jamais será bem sucedido se tiver apego ao mundo – a ‘mulher e ouro’.

“Os mais jovens estão ainda intoxicados por ‘mulher e ouro’. Por isso amo-os tanto. Hazra diz-me, ‘O senhor ama um rapaz somente se ele pertencer a uma família rica, ou tiver uma boa aparência.’ Se isto é verdade, por que amo tanto Harish, Latu e Narendra? Narendra não tem um centavo para temperar o arroz.

“As mentes dos jovens ainda não estão coloridas pelo mundo. É por isso que eles são tão puros de coração. Além do mais, muitos deles são eternamente perfeitos; foram atraídos para Deus desde o nascimento. É como um jardim em que ao ser limpo, repentinamente descobre-se um cano para água. A água esguicha-se sem qualquer esforço de sua parte.”

Balaram: “Senhor, como foi possível a Purna saber subitamente que o mundo é ilusório?”

Mestre: “Ele herdou esse conhecimento de suas vidas passadas quando praticou muitas disciplinas. É somente o corpo que é grande ou pequeno e não, o Atman.

“Sabem com quem esses rapazes se parecem? São como certas plantas que primeiro dão fruto e em seguida, flores. Esses devotos primeiro têm a visão de Deus, em seguida ouvem a respeito de Suas glórias e atributos, e finalmente, unem-se a Ele. Olhe o Niranjan. Sempre mantém tudo às claras. É capaz de ir para onde é chamado, mas não se deve esquecer de sua mãe. Deve-se cuidar da mãe, enquanto ela viver. Eu costumava adorar minha mãe com flores e pasta de sândalo. É a Mãe do Universo que Se encarna como nossa mãe terrestre.

“Ao cuidar do corpo, deve-se cuidar de sua mãe, também. Por isso disse a Hazra, ‘Quando tiver um resfriado deve procurar pimenta preta, açúcar cande e sal. Enquanto sentir que deve cuidar do corpo, deve cuidar de sua mãe, também.’

“Mas é bem diferente quando uma pessoa se esquece totalmente do corpo. O próprio Deus assume suas responsabilidades. Um menor não pode cuidar de si mesmo, por isso um tutor lhe é destinado. Chaitanyadeva, como um menor, não podia tomar conta de si mesmo.”

M. foi banhar-se no Ganges.

Shri Ramakrishna conversava com os devotos no pequeno quarto da casa de Balaram. Mahendra, Balaram, Tulasi, Haripada, Girish e outros devotos estavam sentados no chão. M. voltou do Ganges. Depois de saudar o Mestre, sentou-se perto dele. Shri Ramakrishna estava contando aos devots algumas de suas experiências espirituais.

Mestre: “Um dia no templo de Kali, Haladhari e Nangta estavam lendo ao *Adhyatma Ramayana*. Subitamente tive a visão de um rio com bosques em ambas as margens. As árvores e plantas eram verdes. Rama e Lakshmana caminhavam, usando calções. Um dia, defronte ao kuthi, vi o carro de Arjuna. Shri Krishna era o condutor. Ainda me recordo desta visão. Outro dia, enquanto ouvia o kirtan em Kamarpukur, vi Gauranga na minha frente.

“Naquela época uma pessoa nua, saindo do meu corpo, tinha o hábito de me acompanhar para onde eu fosse. Eu costumava me divertir com ele. Parecia um menino e era um Paramahansa. Não posso descrever-lhe todas as formas divinas que vi naquela época. Como sofria de indigestão, ela piorava quando tinha visões. Por esta razão tratava de fugir dessas formas divinas e cuspiam no chão quando as via. Elas, entretanto, me seguiam como fantasmas. Estava sempre em êxtase e não tinha noção do passar dos dias e das noites. No dia seguinte da

tal visão tive um severo ataque de diarreia, e todos esses êxtases passavam através de minhas entranhas.”

Girish (*sorrindo*): “Estou examinando seu horóscopo.”

Mestre (*sorrindo*): “Nasci no segundo dia da quinzena brilhante da lua. Meu horóscopo mostra a posição do sol, lua e mercúrio por ocasião do meu nascimento. Não há mais detalhes.”

Girish: “O senhor nasceu sob Kumbha. Rama e Krishna nasceram sob Karkat e Brisha e Chaitanya sob Simha¹¹.”

Mestre: “Eu tinha dois desejos, o primeiro ser o rei dos devotos e o segundo, não ser um sadhu seco.”

Girish (*sorrindo*): “Por que o senhor teve que praticar disciplina espiritual?”

Mestre (*sorrindo*): “Até a Mãe Divina teve que praticar sadhana severa para conseguir Shiva, como Seu esposo. Praticou o panchatapa. Também mergulhou o corpo na água, no inverno, e olhou fixamente para o sol. O próprio Krishna teve que fazer muitas práticas. Tive muitas experiências místicas, mas não posso revelar seu conteúdo. Sob a árvore bel tive muitas visões abrasadoras. Ali pratiquei várias sadhanas prescritas pelos Tantras. Tive necessidade de muitos artigos— crânios humanos e várias outras coisas. A Brahmani conseguia essas coisas para mim. Pratiquei um grande número de posturas místicas.

“Tive uma outra experiência estranha: se me sentisse egoísta num determinado dia, ficava doente no dia seguinte.

M. estava imóvel como numa tela ao ouvir a respeito dessas visões do Mestre. Os outros devotos também estavam fascinados. Havia um silêncio profundo no quarto.

Tulasi (*apontando para M.*): “Ele nunca ri.”

Mestre: “Mas ri interiormente. A superfície do rio Phalgu está coberta de areia, se cavar na areia, a água jorra.

(A M.) “Você não raspa a língua? Raspe-a todos os dias.”

Balam: “Purna ouviu muito M. falar do senhor.”

Mestre: “Talvez o relato de minhas primeiras experiências espirituais.”

Balam: “Se Purna é perfeito por natureza, então qual é a função de M;?”

Mestre: “Um simples instrumento.”

Eram nove horas. Shri Ramakrishna dispunha-se a partir para Dakshineswar. Preparou-se sua saída, tendo sido alugado um barco em Baghbar. Os devotos saudaram o Mestre.

Shri Ramakrishna foi para o barco com um ou dois devotos. Gopal Ma acompanhava-os. Ela tinha intenção de passar a manhã em Dakshineswar e à tarde, ir para Kamarhati. Uma cama usada geralmente por Rakhali em Dakshineswar, fora enviada a Calcutá para conserto. Foi colocada no barco que se dirigiu para Dakshineswar,.

De acordo com o almanaque o dia não era auspicioso. Por isso Shri Ramakrishna decidiu voltar à casa de Balam, no sábado seguinte, e regressar a Dakshineswar num dia mais auspicioso.



¹¹ Kumbha, Karka, Brisha e Simha são sinais do zodíaco correspondentes a Aquário, Escorpião, Touro e Leão.

CAPÍTULO XLIII

VISITA À CASA DE NANDA BOSE

Terça-feira, 28 de julho de 1885

Eram mais ou menos três horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas de Balaram com os devotos. Entre outros estavam presentes Binode, Rakhal, Naren mais jovem e M. O Mestre chegara à casa de Balaram pelo manhã onde almoçara. Na casa de Balaram a Divindade era adorada como Jagannath, e os membros da família partilharam da comida oferecida a Ela. Shri Ramakrishna costumava dizer que a cozinha na casa de Balaram era muito pura.

Narayan e outros devotos haviam comentado com o Mestre que Nanda Bose, um aristocrata de Baghbazar tinha muitos quadros de deuses e deusas, em sua casa. Por isso Shri Ramakrishna pretendia à tarde fazer uma visita à casa de Nanda. Uma senhora brahmin, devota do Mestre, vivia perto e amiúde ia vê-lo em Dakshineswar. Estava extremamente pesarosa com a morte de sua única filha, e o Mestre concordara em ir à sua casa. Ela o havia convidado com grande fervor. Dali, o Mestre iria à casa da mãe de Gauri, outra devota.

Naren mais jovem dissera a Shri Ramakrishna que ele não poderia visitá-lo com frequência, porque tinha que se preparar para os exames.

Mestre (*ao Naren mais jovem*): “Não mandei buscá-lo hoje.”

Naren mais jovem (*sorrindo*): “O que faremos agora?”

Mestre: “Bem, meu filho, não quero interferir em seus estudos. Pode me visitar quando dispuser de tempo livre.”

O Mestre disse essas palavras como se estivesse ressentido.

Estava pronto para ir à casa de Nanda Bose. Foi-lhe trazido um palanquim, onde subiu repetindo o nome de Deus. Havia posto um par de chinelos de verniz preto e uma roupa bordada de vermelho. Quando Shri Ramakrishna sentou-se no palanquim. M. colocou os chinelos ao seu lado. Acompanhou o palanquim a pé. Paresh juntou-se a eles.

Entraram pelo portão da casa de Nanda, atravessaram o pátio espaçoso e pararam de frente do edifício. Os membros da família saudaram o Mestre. Ele pediu a M. para lhe entregar os chinelos e então, saiu do palanquim e entrou no largo vestíbulo. Era um aposento muito espaçoso. Quadros de deuses e deusas estavam dependurados por todos os lados.

Nanda Bose e seu irmão Pasupati saudaram Shri Ramakrishna. Chegaram também os devotos do Mestre, bem como o irmão de Girish, Atul, o pai de Prasanna que era um assíduo visitante da casa de Nanda Bose. Prasanna era devoto do Mestre.

O Mestre olhou os quadros. M. e outros devotos rodeavam-no. Pasupati começou a explicar os quadros.

A primeira imagem era de Vishnu com quatro braços. Ao vê-la Shri Ramakrishna entrou em êxtase. Sentou-se no chão e permaneceu nesse estado espiritual por alguns minutos.

No segundo quadro Rama abençoava Hanuman, com Sua mão na cabeça do devoto. O olhar de Hanuman estava fixo nos Pés de Lótus de Rama. O Mestre contemplou o quadro durante muito tempo e exclamou com grande fervor, “Ai de mim! Ai de mim!”

O terceiro quadro era de Krishna em pé, sob a árvore kadamba, tocando flauta.

O quarto era de Vamana, o Anão, uma Encarnação de Vishnu. O Mestre olhou profundamente para este quadro.

Em seguida o Mestre olhou para o retrato de Nrisimha¹ e em seguida, para outro de Krishna com a manada de vacas. Krishna estava cuidando das vacas com Seus amigos pastores na margem do Jamuna, em Vrindavan. M. disse, “Que lindo quadro!”

Shri Ramakrishna em seguida viu os quadros de Dhumavati, Shorashi, Bhuvaneshvari, Tara e Kali. Disse, “Todos esses quadros representam os aspectos terríveis da Mãe Divina. Se uma pessoa possui esses quadros deve adorá-los, mas o senhor deve ser um homem afortunado para poder pendurar todos assim na parede.”

¹ Deus Encarnado como metade leão e metade homem para proteger Prahlada e destruir o demônio Hiranyakashipu, seu pai.

À vista do retrato de Annapurna, Shri Ramakrishna exclamou com grande fervor, “Grandioso! Grandioso!”

O retrato seguinte era o de Radhika como rainha. Estava sentada num trono no bosque de nikunja, cercada pelas amigas. Shri Krishna tomava conta da entrada do bosque como guarda.

Em seguida um quadro de Shri Krishna. Depois um de Saraswati a deusa do conhecimento e da música. Estava numa vitrine. A deusa estava em êxtase, tocando a vina.

Depois de contemplar os quadros, Shri Ramakrishna foi até o dono da casa e disse, “Sinto-me feliz hoje. Foi tudo muito lindo! O senhor é um verdadeiro hindu. Possui esses quadros em vez daqueles ingleses. Estou surpreso!”

Nanda Bose estava sentado. Disse ao Mestre, “Por favor, sente-se. Por que está de pé?”

Shri Ramakrishna sentou-se e disse, “São quadros grandes. O senhor é um verdadeiro hindu.”

Nanda: “Tenho também quadros europeus.”

Mestre (*sorrindo*): “Não são como estes. Estou certo de que o senhor não lhes dá muita atenção.”

Um quadro de Navavidhan de Keshab estava na parede. Suresh Mitra, um discípulo chefe de família muito querido do Mestre, havia mandado pintá-lo. Nesse quadro Shri Ramakrishna mostrava a Keshab, que as pessoas de religiões diferentes dirigem-se à mesma meta, por caminhos distintos.”

Mestre: “Foi pintado por Surendra.”

Pai de Prasanna (*sorrindo*): “O senhor também está neste quadro.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, ele contém tudo. Este é o ideal dos tempos modernos.”

Enquanto falava Shri Ramakrishna manifestava grande fervor espiritual. Estava em êxtase conversando com a Mãe Divina. Poucos minutos mais tarde disse, como um ébrio, “Não estou inconsciente.” Olhando para a casa, disse, “É uma grande mansão, mas de que consiste? Tijolos, madeira e argila.”

Um pouco mais tarde disse, “Fiquei muito feliz ao ver estes quadros de deuses e deusas”. Acrescentou, “Não é bom ter quadros dos aspectos terríveis da Mãe Divina. Se houver devem ser adorados.”

Pasupati (*sorrindo*): “Bem, as coisas caminharão enquanto Ela quiser que caminhem.”

Mestre: “É verdade, mas deve-se pensar em Deus. Não é bom esquecer-Lo.”

Nanda: “Mas quão pouco pensamos em Deus!”

Mestre: “Pensa-se em Deus por Sua graça.”

Nanda: “Mas como podemos conseguir a graça de Deus? Ele tem realmente poder de conceder graça?”

Mestre (*sorrindo*): “Está bem. O senhor pensa como os intelectuais: colhemos os resultados de nossas próprias ações. Abandone estas idéias. O efeito do karma termina se uma pessoa se refugia em Deus. Eu orava à Mãe Divina, com flores na mão. ‘Olha, Mãe, toma Teu pecado; toma Tua virtude. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu bem, toma Teu mal. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu dharma, toma Teu adharma. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu Conhecimento, toma Tua ignorância. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Tua pureza, toma Tua impureza. Dá-me somente bhakti verdadeira.’”

Nanda: “Pode Deus violar a lei?”

Mestre: “O que o senhor quer dizer? Ele é o Senhor de tudo. Pode fazer qualquer coisa. Aquele que fez a lei pode, também, mudá-la.

“Mas o senhor pode muito bem falar assim. Talvez deseje desfrutar o mundo, e é por esta razão que fala assim. Sustenta um ponto de vista segundo o qual o espírito do homem não é despertado a não ser através do prazer. Mas o que há para desfrutar? Prazer de ‘mulher e ouro’? Nesse momento eles existem para desaparecer no momento seguinte. Tudo é momentâneo. O que há em ‘mulher e ouro’? É como ameixa-de-porco, só caroço e casca. Se alguém comê-la, fica com cólicas, ou como um doce, uma vez engolido, desaparece.”

Nanda ficou em silêncio durante alguns minutos. Depois disse, “Si, as pessoas sem dúvida, falam dessa maneira, mas será Deus parcial? Se as coisas acontecem através de Deus, então, devo dizer que Deus é parcial.”

Mestre: “Mas o próprio Deus tornou-Se tudo – o universo e os seres vivos. O senhor compreenderá isto quando tiver Conhecimento Perfeito. O próprio Deus tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos,; mente, intelecto, corpo e assim por diante. Há alguém exceto Ele próprio a quem Ele pode mostrar parcialidade?”

Nanda: “Por que Deus assumiu todas essas formas diferentes? Por que alguns são sábios e outros ignorantes?”

Mestre: “É Seu desejo.”

Atul: “Kedar Babu coloca isto de uma forma interessante. Certa vez um homem perguntou-lhe, ‘Por que Deus criou o mundo?’ Respondeu, ‘Eu não estava presente à conferência quando Deus fez os planos de Sua criação.’

Mestre: “Ó! É de Seu desejo.”

Assim falando, o Mestre cantou:

Ó Mãe, tudo é feito segundo Seu desejo.
 Tu és na verdade, Aquele que sabe o que quer, Redentora da Humanidade!
 Tu fazes Teu trabalho, a quem os homens chamam seu
 Tu és Aquele que segura o elefante na lama.
 Tu, que ajudas o manco a subir a montanha alta.
 A alguns Tu concedes a felicidade do estado de Brahman;
 Contudo, Tu Te misturas com o mundo que está embaixo.
 Tu és a Força Motriz, e eu, uma simples máquina.
 A casa sou eu e Tu, o Espírito que nela habita.
 Sou o carro e Tu, o condutor.
 Eu me movo somente como Tu, Ó Mãe, me fazes mover.

Continuou: “A Mãe Divina está plena de felicidade. Criação, preservação e destruição são as ondas de Seu prazer de brincar. Inumeráveis são os seres vivos, mas somente um ou dois entre eles obtêm liberação. Isto A torna feliz.

Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres.
 E observando-os, Tu ris e bates palmas, Ó Mãe!

Alguns estão enredados no mundo e outros, são livres.

Nanda: “Pode ser de Seu desejo, mas para nós é a morte.”

Mestre: “Mas quem é o senhor? É a Mãe Divina que Se tornou tudo isto! É, portanto, enquanto o senhor não A conhece que diz ‘eu’, ‘eu’.

“Todos certamente realizarão Deus. Todos serão liberados. Pode ser que alguns comam de manhã, outros ao meio-dia e alguns, à noite, mas ninguém sairá sem comida. Todos, sem exceção, certamente conhecerão seu verdadeiro Ser.”

Pasupati: “Verdade, senhor. Parece que foi somente Deus quem Se tornou tudo.”

Mestre: “Procure descobrir o que é esse ‘eu’. Esse ‘eu’ são os ossos, a carne, o sangue ou os intestinos? Buscando o ‘eu’ o senhor descobre o ‘Tu’. Em outras palavras, em seu interior nada existe, a não ser o poder de Deus. Não há o ‘eu’, somente ‘Ele’.(A *Pasupati*) O senhor tem tanta riqueza, mas não tem egoísmo. Não é possível livrar-se totalmente do ego, por isso, enquanto ele existir, deixe que permaneça como servo de Deus. (*Todos riem*). O ego que faz um homem sentir-se devoto de Deus ou um filho de Deus ou um servo de Deus é bom. Mas o ego que torna um homem apegado a ‘mulher e ouro’ é o ‘ego imaturo’. Este ego tem que ser renunciado.”

O dono da casa e os outros estavam muito contentes com essa interpretação do ego.

Mestre (*a Pasupati*): “Há dois sinais de conhecimento: primeiro, ausência de orgulho, e segundo, uma natureza pacífica. O senhor tem ambos, portanto deve ter recebido a graça de Deus.

“Muita riqueza faz uma pessoa esquecer-se de Deus. Esta é a verdadeira natureza da riqueza. Jadu Mallick ficou muito rico. Hoje não fala mais de Deus. Antigamente costumava apreciar muito conversas espirituais.

“ ‘Mulher e ouro’ é uma espécie de vinho. Se um homem bebe vinho em demasia, não mostra ao pai, ao tio o respeito que lhes é devido. Frequentemente os insulta. Um bêbado não sabe distinguir entre um superior e um inferior.”

Nanda: “É verdade, senhor.”

Pasupati: “Senhor, o que pensa da Teosofia e do Espiritismo? São verdadeiros? O que pensa dos planos solar, lunar e estelar?”

Mestre: “Meu caro senhor, nada sei dessas coisas. Por que preocupar-me tanto? O senhor foi ao pomar para chupar mangas. Aproveite. Qual a utilidade de calcular quantas mangueira há, quantos milhões de galhos, quantos bilhões de folhas? Vim a um pomar para chupar mangas. Deixe-me aproveitá-las.

“Uma vez que o espírito interior do homem é despertado, uma vez que ele é bem sucedido em conhecer Deus, não sente desejo nem de conhecer a respeito de toda essa baboseira. Quão incoerentemente fala um paciente, ‘Vou comer uma grande quantidade de arroz! Vou beber um tanque cheio de água!’ ‘Você vai?’ pergunta o médico. ‘Está bem! Você os terá.’ Falando assim o médico continua fumando, mas presta atenção ao que o paciente diz quando não está delirando.”

Pasupati: “O nosso delírio durará para sempre?”

Mestre: “Por que o senhor pensa assim? Fixe a mente em Deus e a consciência espiritual se despertará no senhor.”

Pasupati (*sorrindo*): “Nossa união com Deus é somente momentânea. Não dura mais do que uma tragada de fumo.” (*Todos riem*).

Mestre: “E o que há se assim for? A união com Deus mesmo por um momento certamente dá liberação.

“Ahalya disse a Rama: ‘Ó Rama, não importa se eu nascer como porco ou qualquer outro ser; abençoa-me para que minha mente possa morar em Teus Pés de Lótus e ficar tomada pela verdadeira devoção a Ti.’

“Narada disse a Rama, ‘Ó Rama, não desejo outro favor de Ti. Dá-me amor verdadeiro por Ti, abençoa-me para que eu não caia na magia de Tua maya sedutora.’

“Quando um homem sinceramente ora a Deus, é capaz de fixar a mente em Deus e desenvolver amor verdadeiro por Seus Pés de Lótus.

“Abandone todos os pensamentos como, ‘Ficaremos curados de nosso delírio? O que acontecerá?’ ‘Somos pecadores!’ (A Nanda) Deve-se ter esse tipo de fé, ‘O que? Uma vez pronunciei o nome de Rama, como ainda posso ver um pecador?’ ”

Nanda: “Há vida depois da morte? E sobre o castigo de nossos pecados?”

Mestre: “Por que não saboreiam as mangas? Por que pensar se há vida depois da morte, e o que acontece então, e coisas assim? Chupem as mangas. Vocês precisam de mangas. Necessitam de devoção a Deus.”

Nanda: “Mas onde está a mangueira? Onde vou conseguir mangas?”

Mestre: “Árvore? Deus é o eterno e infinito Brahman. Ele *existe*. Não há dúvida disso. É eterno, mas lembre-se disso, Ele é Kalpataru.

Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.
E ali embaixo d’Ela, colher os quatro frutos da vida.

“O senhor deve ir até Kalpataru e orar. Só então conseguirá os frutos que cairão da árvore, então, o senhor poderá colhê-los. Há quatro frutos: dharma, artha, kama e moksha. Os jnanis procuram o fruto da liberação e os bhaktas, amor de Deus, amor sem qualquer interesse. Não procuram nem dharma, nem artha, nem kama.

“O senhor pergunta sobre a vida após a morte. Segundo o *Gita* uma pessoa torna-se na próxima vida, o que pensou na hora da morte. O rei Bharata estava muito pesaroso com seu veadinho de estimação e morreu repetindo a palavra ‘veadinho’. Por esta razão nasceu como este animal. Portanto, dia e noite deve-se praticar culto, japa, meditação e outros exercí-

cios espirituais. Só então, pela virtude da prática, se poderá pensar em Deus na hora da morte. Ao morrer, pensando em Deus, se obterá a natureza de Deus.

“Keshab Sen, também, perguntou-me sobre a vida depois da morte. Eu disse, ‘Que necessidade tem você de todos esses cálculos?’ Depois falei, ‘Enquanto um homem não realizar Deus, voltará ao mundo. O oleiro coloca os jarros de argila e tampas ao sol para cozinhar. Se o gado os pisoteia, o oleiro joga fora os cozidos, mas junta os moles, mistura-os com mais argila, coloca-os na roda e faz novas vasilhas.’ ”

O dono da casa não havia ainda mostrado qualquer sinal de servir alguma comida a Shri Ramakrishna. O próprio Shri Ramakrishna disse a Nanda: “Veja, o senhor deveria oferecer-me algo para comer. Foi por isso que no outro dia disse à mãe de Jadu: ‘Olhe, dê-me algo para comer’, senão isto acarretaria algo de ruim para o dono da casa.”

Nanda Bose pediu que trouxessem doces. Shri Ramakrishna começou a comê-los. Nanda e outros observavam o Mestre. Depois de comer os doces, Shri Ramakrishna quis lavar as mãos. O prato em que os doces foram servidos, havia sido colocado no lençol que cobria o tapete; assim, o Mestre não pôde lavar as mãos. Um empregado trouxe-lhe uma tigela de latão, mas Shri Ramakrishna não a usou porque somente pessoas rajásicas utilizam essas coisas. Pediu ao empregado para levá-la. O dono da casa disse-lhe, “Por favor, lave as mãos.” Distraído Shri Ramakrishna falou: “O que? Devo lavar minhas mãos?”

O Mestre caminhou até a varanda. Pediu a M. para despejar água do jarro em suas mãos, o que ele fez. O Mestre enxugou suas mãos na roupa e voltou para o quarto. Ofereceram-lhe então, a folha de betel numa bandeja, mas os outros convidados já haviam tirado algumas folhas da bandeja, o Mestre não aceitou.

Nanda (*ao Mestre*): “Posso dizer algo?”

Mestre (*sorrindo*): “O que?”

Nanda: “Por que o senhor não mastigou folha de betel? Tudo o mais que o senhor fez estava correto, somente ido parece o contrário.”

Mestre: “Antes de comer algo eu ofereço a Deus ². É hábito meu.”

Nanda: “Mas a folha de betel teria isso para Deus mesmo assim.”

Mestre: “Há o caminho de jnana e também, o caminho de bhakti. Segundo um jnani tudo pode ser comida aplicando-se o Conhecimento de Brahman ³, mas o seguidor de bhakti mantém uma pequena diferença ⁴.”

Nanda: “Mas ainda insisto que o senhor não agiu corretamente.”

Mestre (*sorrindo*): “É somente um conceito meu. O que o senhor diz também está correto, também está nas escrituras.”

Shri Ramakrishna preveniu Nanda contra os bajuladores.

Mestre: “Tome cuidado com os bajuladores. Estão atrás somente de seus objetivos egoístas. (*Ao pai de Prasanna*) O senhor vive nesta casa?”

Pai de Prasanna: “Não, senhor, sou um vizinho. Gostaria de fumar?”

Mestre (*muito humildemente*): “Não, por favor, sirva-se. Não quero fumar agora..”

A casa de Nanda parecia um palácio. Shri Ramakrishna disse-lhe: “Jadu não tem uma casa tão grande. Disse-lhe isto no outro dia.”

Nanda: “Ele construiu uma casa nova em Jorashanko.”

Shri Ramakrishna encorajava Nanda.

Mestre (*a Nanda*): “Apesar do senhor ser um chefe de família, ainda tem a mente fixa em Deus. Será isso uma coisa pequena? O homem que renunciou ao mundo O adorará como uma coisa natural. Há algum valor nisso? Mas aquele que, levando uma vida de chefe de família, ora a Deus, certamente é abençoado. É como aquele que encontra um objeto depois de remover uma pedra muito pesada.

“Deve-se adorar a Deus estabelecendo com Ele um relacionamento. O amor de Hanuman por Deus estava misturado com conhecimento, mas o de Nanda era puro e sem mistura.

² De acordo com o costume religioso hindu uma coisa pode ser oferecida a Deus somente se nenhuma parte dela tiver sido provada por qualquer pessoa anteriormente.

³ O jnani vê tudo como Brahman, por isso não distingue uma coisa santa de outra profana.

⁴ Entre santo e profano.

“Rama perguntou a Hanuman, ‘Hanuman, qual a atitude que você tem para comigo, quando me adora?’ Hanuman respondeu, ‘Às vezes vejo que Tu és o Todo e eu sou uma parte, às vezes vejo que Tu és o Amo e eu sou o servo, mas Rama, quando tenho o Conhecimento da Realidade, sinto que Tu és eu, e eu sou Tu.’

“Rama disse a Narada. ‘Peça-Me um favor.’ Narada disse, ‘Ó Rama, concede-me a graça que eu possa ter amor verdadeiro por Teus pés de Lótus e que eu não fique sob a magia de Tua maya sedutora!’

Shri Ramakrishna dispunha-se a se despedir.

Mestre (*a Nanda*): “Segundo o *Gita* um homem que é honrado e respeitado por muitas pessoas, possui um poder especial de Deus. O senhor tem poder divino.”

Nanda: “Todos os homens têm o mesmo poder.”

Mestre (*respeitosamente*): “Todos vocês dizem a mesma coisa. Podem todos os homens alguma vez ter poder num mesmo grau? Deus sem dúvida mora em todos os seres como Espírito que tudo penetra, mas as manifestações de Seu poder são diferentes, em seres diferentes.

“Vidyasagar, também, disse a mesma coisa. Dizia, ‘Deus deu a uns mais poder e a outros menos? Por isso eu lhe disse, ‘Se não houver diferentes manifestações de Seu poder, então, por que nós viríamos vê-lo? Será que lhe cresceram dois chifres em sua cabeça?’ ”

Shri Ramakrishna levantou-se e os devotos seguiram-no. Pasupati acompanhou-os até a porta.

O Mestre chegou à casa da senhora brahmin, desolada com a morte da filha. Era uma velha casa de tijolos, o Mestre passou pelo estábulo à esquerda. Ele e os devotos subiram até o terraço onde se sentaram. Havia pessoas de pé, formando filas, e outras sentadas. Todos estavam ansiosos para ver Shri Ramakrishna.

A senhora brahmin tinha uma irmã e ambas eram viúvas. Seus irmãos também viviam na casa, com suas famílias. A brahmin havia estado ocupada o dia inteiro, preparando-se para receber Shri Ramakrishna. Enquanto Shri Ramakrishna estava na casa de Nanda Bose, ela estivera muito ansiosa, saindo a cada minuto para ver se ele estava chegando. O Mestre lhe havia prometido ir à sua casa depois de sair da de Nanda. Devido ao atraso, ela imaginara que não viesse mais.

Shri Ramakrishna estava sentada num tapete. M., Narayan, Jogin, Devendra e outros estavam sentados numa esteira. Minutos mais tarde Naren mais jovem e alguns devotos chegaram. A irmã da brahmani aproximou-se do Mestre e saudou-o Disse, “Minha irmã acaba de ir à casa de Nanda Bose para saber a razão da sua demora. Ela voltará logo.”

Ouviu-se um barulho no andar de baixo e ela exclamou, “Aí vem ela!” Desceu, mas não era a brahmani.

Shri Ramakrishna permaneceu ali, sorridente, cercado pelos devotos.

M. (*a Devendra*): “Que espetáculo lindo! Todas essas pessoas – jovens e velhos, homens e mulheres – em filas, ansiosas para vê-lo e ouvir suas palavras.”

Devendra (*ao Mestre*): “M. diz que este lugar é melhor do que a casa de Nanda. A devoção dessas pessoas é surpreendente.”

Shri Ramakrishna riu.

A irmã da brahmani exclamou: “Aí vem minha irmã!”

A brahmani chegou e saudou o Mestre Estava fora de si de alegria. Não sabia o que dizer. Falou com voz embargada, “Esta alegria é demasiado para mim. Talvez venha a morrer por causa dela. Digam-me, amigos, como poderei viver? Não senti uma emoção tão forte, nem mesmo quando Chandí, minha filha, vinha me visitar acompanhada de lacaios de libré e com guardas armados, enfileirados em ambos os lados da rua. ‘Ó! Agora não tenho vestígios de pesar por sua morte. Temia que ele ⁵ não viesse. Então pensei que se isso acontecesse, teria que jogar no Ganges todas as coisas que havia organizado para sua recepção e hospedagem. Não iria mais falar com ele. Se ele visitasse um lugar, iria lá, o veria de longe e logo iria embora.

“Vou dizer a todo mundo o quanto estou feliz. Vou contar a Yogin a minha sorte.”

⁵ Shri Ramakrishna.

Ainda emocionada de alegria, disse: “Um agricultor ganhou cem mil rupias na loteria. Quando soube, morreu de alegria. Sim, ele real e verdadeiramente morreu. Tenho medo de que a mesma coisa vá acontecer comigo. Por favor, amigos, abençoem-me pois do contrário, certamente morrerrei.”

M. estava encantado em ver a alegria sincera da brahmani e seu estado espiritual. Estava a ponto de tomar a poeira de seus pés. “O que está fazendo?” ela exclamou, e saudou M.

À vista dos devotos a brahmani ficou extremamente feliz e disse, “Estou tão feliz em ver todos vocês aqui. Eu trouxe Naren mais jovem porque, sem ele, quem estaria aqui para nos fazer rir?”

Ela fala assim, quando sua irmã subiu e lhe disse, “Desça irmã! Como posso arrumar as coisas se você fica aí? Como posso fazer tudo sozinha?” Mas a brahmani estava tomada de alegria. Não podia tirar os olhos do Mestre e devotos.

Depois de algum tempo ela respeitosamente levou Shri Ramakrishna para um outro aposento, e ofereceu-lhe doces e outras coisas para comer. Os devotos foram servidos no terraço.

Eram mais ou menos oito horas da noite. Shri Ramakrishna estava de saída. Quando chegou à porta a brahmani pediu à sua cunhada que saudasse o Mestre. Em seguida um dos seus irmãos tomou a poeira dos pés do Mestre. Referindo-se a ele, ela disse, “Ele é um dos meus irmãos. É um tolo.” “Não, não”, disse o Mestre, “São todos bons.”

Um homem mostrou o caminho com um lampião. Em alguns lugares estava escuro. Shri Ramakrishna ficou defronte ao estábulo. Os devotos reuniram-se à sua volta. M. saudou o Mestre que estava pronto para ir à casa da mãe de Ganu.

Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa da mãe de Ganu. Era na mesma rua. O aposento estava sendo usado para um concerto. De vez em quando alguns jovens tocavam seus instrumentos, para enteter o Mestre.

Eram oito e meia da noite. O luar inundava as ruas, casas e céu. Era o primeiro dia depois da lua cheia.

A brahmani que também havia chegado. Ia da sala de visitas para os aposentos internos, alternadamente. A cada minuto chegava à porta da sala de visitas e olhava para o Mestre. Alguns jovens da vizinhança também olhavam para ele através das janelas. As pessoas da localidade, jovens e velhos amontoavam-se para ver o santo.

Naren mais jovem viu os meninos na rua subindo nas janelas. Disse-lhes, “Por que estão aqui? Vão embora! Vão para casa!” O Mestre disse carinhosamente, “Deixe-os ficar.” De vez em quando cantava, “Hari Om! Hari Om!”

O chão da sala de visitas estava coberto por um tapete. Os jovens músicos sentaram-se e cantaram:

Ó Keshava, concede Tua graça
A Teus infelizes servos!
Ó Keshava, que aprecias
Vagar pelos matos e bosques de Vrindavan! ...

Mestre: “Ah, como é doce a música! Quão melodioso é o violino! Como são bons os acompanhamentos! (*Apontando para um rapaz*) Ele e o flautista formam um bonito par.”

A orquestra continuava tocando. Depois que acabou, Shri Ramakrishna, muito alegre, disse, “É realmente muito boa.” Apontando para um jovem rapaz disse, “Ele parece saber tocar qualquer instrumento.” Disse a M., “Todos são muito bons.”

Depois do concerto o jovem músico disse aos devotos, “Gostaríamos de ouvir alguns de vocês cantarem.” A brahmani permaneceu perto da porta. Ela disse, “Nenhum deles sabe cantar. Talvez Mohin Babu possa, mas não o fará diante do Mestre.”

Um jovem: “Por que? Posso cantar até diante de meu pai.”

Naren mais jovem (*rindo*): “Mas ele ainda não foi tão longe.”

Todos riem. Pouco tempo depois a brahmani disse ao Mestre, “Por favor, entre.”

Mestre: “Por que?”

Brahmani: “Está sendo servida uma refeição lá dentro. Por favor, venha.”

Mestre: “Por que não trazer tudo aqui?”

Brahmani: “A mãe de Ganu pede para que o senhor abençoe o aposento com a poeira de seus pés. Então ele se transformará em Benares e quem morrer ali, será salvo.”

Shri Ramakrishna entrou acompanhado pela brahmani e rapazes da família. Os devotos passeavam pelo jardim à luz do luar. M. e Binode andavam de um lado para o outro na rua ao sul da casa, recordando os vários acontecimentos da vida de seu bem-amado Mestre.

Shri Ramakrishna havia voltado para a casa de Balaram. Descansava no pequeno aposento contíguo à sala de visitas. Era muito tarde, quase um quarto para as onze.

Shri Ramakrishna disse a Jogin, “Por favor faça uma massagem suave nos meus pés.” M. estava sentado próximo dele. Enquanto Jogin fazia a massagem, o Mestre subitamente disse, “Estou com fome. Vou comer um pouco de o pudim.”

A brahmani acompanhara o Mestre e os devotos até a casa de Balaram. O irmão sabia tocar tambor. Shri Ramakrishna disse, “É nossa intenção mandar chamar seu irmão quando Narendra ou qualquer outro devoto quiser cantar.”

Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim. Jogin e outros devotos saíram do aposento. M. fazia massagem nos pés do Mestre. Conversavam.

Mestre (*referindo-se à brahmani e seus familiares*): “Ah! Como ficaram contentes!”

M.: “Que surpreendente! Uma coisa semelhante aconteceu com duas mulheres na época de Jesus. Elas, também, eram irmãs e devotas de Cristo: Marta e Maria.”

Mestre (*ansiosamente*): “Conte-nos a história.”

M.: “Jesus Cristo, como o senhor, ia à sua casa com os devotos. Ao vê-lo uma das irmãs foi tomada de felicidade. Isto me faz lembrar uma canção sobre Gauranga:

Meus dois olhos afundam no mar da beleza celestial de Gora
E não voltaram novamente para mim.
Minha mente desceu, também, esquecendo-se como nadar.

“A outra irmã, sozinha, fazia comida para Jesus. Queixou-se ao Mestre, ‘Senhor, por favor, julgue por Si mesmo minha irmã. Está em Seu quarto e eu estou fazendo tudo sozinha.’ Jesus disse, ‘Sua irmã é abençoada, pois desenvolveu a única coisa necessária na vida: amor a Deus.’”

Mestre: “Bem, depois de ver tudo isso, como se sente?”

M.: “Sinto que Cristo, Chaitanyadeva e o senhor – todos os três são o mesmo. Foi a mesma Pessoa que Se tornou as três.”

Mestre: “Sim, sim! Um! Um! É na verdade um. Não vê que é somente Ele que mora aqui desta maneira.”

Quando disse isso, Shri Ramakrishna apontou para o próprio corpo.

M.: “O senhor explicou com clareza, no outro dia, como Deus Se encarna na terra.”

Mestre: “Diga-me o que falei.”

M.: “O senhor nos disse para imaginar um campo estendendo-se além do horizonte, sem obstrução, mas que não vemos por causa de um muro à nossa frente. Nesse muro há um buraco redondo, através dele vemos uma parte do campo infinito.”

Mestre: “Diga-me o que o buraco é.”

M.: “O senhor é aquele buraco. Através do senhor tudo pode ser visto – este infinito Campo sem Fim.”

Shri Ramakrishna estava muito satisfeito. Batendo nas costas de M. disse, “Vejo que compreendeu. É muito bom!”

M.: “É realmente difícil compreender. Não se pode compreender como Deus, o Brahman Perfeito, possa morar num corpo tão pequeno.”

O Mestre citou de uma canção:

Ó, ninguém absolutamente descobriu quem Ele é;
Como um louco, de porta em porta, Ele vagueia.
Como um pobre mendigo, perambula de porta em porta.

M.: “O senhor também nos falou de Jesus.”

Mestre: “O que eu disse?”

M.: “O senhor entrou em samadhi à vista do quadro de Jesus Cristo na casa de Jadu Mallick. O senhor viu Jesus sair do quadro e fundir-se em seu corpo.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio por alguns instantes. Depois disse a M.: “Talvez haja um significado na ferida em minha garganta. Tudo aconteceu para que eu não ficasse acessível a todos, para não ir a todos os lugares cantar e dançar.”

Shri Ramakrishna começou a falar sobre Dwija.”

Mestre: “Ele não veio hoje. Por que?”

M.: “Pedi-lhe para vir e ele disse que viria. Não sei porque não o fez.”

Mestre: “Ele tem grande anelo. Bem, deve ser alguém pertencente a este ⁶. Não é?”

M.: “Sim, senhor, deve ser assim. Caso contrário, como poderia ter esse anelo?”

Shri Ramakrishna estava dentro do mosqueiro. M. o abanava. O Mestre virou-se para seu lado e explicou-lhe como Deus Se encarna num corpo humano e também qual era o ideal espiritual de M.”

Mestre: “No começo também passei por estados em que não via formas divinas. Mesmo agora, não as vejo com frequência.”

M.: “De todas as formas que Deus escolhe brincar, prefiro o jogo como ser humano.”

Mestre: “Isto é suficiente, e você está me vendo.”



⁶ Querendo dizer o círculo dos devotos do Mestre.

CAPÍTULO XLIV

O MESTRE FALA DE SI MESMO E DE SUAS EXPERIÊNCIAS

9 de agosto de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar. Rakhal, M., Dwija e seu pai e outros devotos estavam presentes. Eram mais ou menos quatro horas da tarde.

Depois de regressar de Vrindavan, Rakhal passara alguns dias em casa. Agora estava com o Mestre, Latu, Harish e Ramlal também viviam no templo.

Shri Ramakrishna não se sentia bem. Era o começo de sua doença, posteriormente diagnosticada como câncer. Isto, contudo, não perturbava a serenidade. Dia e noite tinha somente um pensamento, o bem estar espiritual dos discípulos. Guiava-os para Deus. Encorajava-os constantemente a cultivar o conhecimento e a devoção, prevenindo-os contra os envoltimentos de ‘mulher e ouro’. Estava totalmente indiferente à doença e dedicava-se de todo o coração ao cumprimento de sua missão terrena.

Dwija tinha mais ou menos dezesseis anos. Depois da morte da mãe, o pai se casara pela segunda vez. Dwija por diversas vezes acompanhara M. a Dakshineswar, o que seu pai não aprovava.

Há muito tempo o pai de Dwija vinha falando em visitar Shri Ramakrishna. Hoje veio a Dakshineswar. Era gerente de uma firma comercial em Calcutá e obtivera diploma de Direito.

Mestre (*ao pai de Dwija*): “Por favor, não se preocupe se seus filhos vêm aqui.

“Peço às pessoas para viverem no mundo depois do despertar de sua consciência espiritual. Ao extrair ouro depois de um trabalho árduo, o homem pode guardá-lo na terra, numa caixa ou dentro d’água.

“Peço às pessoas para viverem no mundo com desapego. Se alguém quiser quebrar a jaca depois de passar óleo nas mãos, o leite pegajoso não grudará nela.

“Se a mente ‘não madura’ mora no mundo, se contamina. Deve-se primeiro alcançar conhecimento e depois, viver no mundo.

“Se alguém colocar leite na água, ele se estragará, mas isto não acontecerá se a manteiga, batida no leite, for posta na água.”

Pai de Dwija: “É verdade, senhor.”

Mestre (*sorrindo*): “Sei porque o senhor repreende os filhos. O senhor apenas os ameaça. O brahmachari disse para a serpente, ‘Você é realmente uma tola! Eu lhe proibi de morder, mas não, de silvar. Seus inimigos não teriam lhe batido, se você somente os tivesse ameaçado.’ Repreender os filhos é silvar. (*O pai de Dwija sorri*). Um bom filho indica que o pai tem uma natureza espiritual. Se surge uma água boa depois de se cavar um reservatório, isto indica o bom caráter do proprietário.

“Um filho é chamado Atmaja, ‘o eu renascido’. Não diferença entre o senhor e seu filho. De uma certa maneira o senhor mesmo renasceu como seu filho. Num sentido o senhor é um homem do mundo, trabalhando num escritório e desfruta os prazeres do mundo; noutro sentido é um devoto de Deus, na forma de seu filho. Soube que é muito mundano, mas agora, vejo que não é assim, (*Sorrindo*) O senhor sabe de tudo isso. Compreendo que seja muito circunspecto Talvez seja por isso que esteja nodding you assent para o que estou falando. (*O pai de Dwija sorri*.)

“Se seus filhos visitam este lugar poderão saber o que o senhor é na realidade. Como um pai é precioso! Se uma pessoa engana o pai e a mãe a fim de buscar religião, nada obtém.

“Um homem nasce com muitas dívidas. Dívidas com o pai, devas e rishis. Além disso tem dívida com a mãe. Tem também um débito com a esposa. Ela tem que ser sustentada, se for fiel. O marido deve prover seu sustento depois de sua morte.

“Não pude morar em Vrindavan por causa de minha mãe. Quando me lembrei que ela vivia no templo aqui em Dakshineswar, não pude ter paz em Vrindavan.

“Peço às pessoas para viverem no mundo e ao mesmo tempo, fixarem a mente em Deus. Não lhes peço para abandonar o mundo. Digo, ‘Façam seus deveres mundanos e pensem, também, em Deus.’”

Pai de Dwija: “Digo a meus filhos que devem se dedicar ao estudo. Não os proíbo de virem ao senhor, mas não quero que percam tempo com frivolidades com os jovens rapazes.”

Mestre (*referindo-se a Dwija*): “Este rapaz deve ter nascido com boas tendências. Por que os outros dois irmãos são diferentes dele? Por que somente ele tem mentalidade espiritual? O senhor pode impedir que visite este lugar? Mais cedo ou mais tarde cada um desabrocha suas tendências inatas.”

Pai de Dwija: “Sim, é verdade.”

Shri Ramakrishna levantou-se do divã e sentou-se no chão, ao lado do pai de Dwija. Enquanto conversava tocava-o de vez em quando.

Anoitecia. Shri Ramakrishna pediu a M. e aos outros devotos para mostrarem os templos ao pai de Dwija. Disse-lhes: “Eu os acompanharia se estivesse me sentindo bem.” Pediu a alguém para servir doces aos jovens e disse ao pai de Dwija, “Deixe que os rapazes comam um pouco. É o costume.” O pai de Dwija visitou os templos e as imagens e deu um passeio pelo jardim.

Shri Ramakrishna muito feliz, conversava com Bhupen, Dwija, M. e outros no pórtico de seu aposento. De brincadeira batia nas costas de Bhupen e M. Disse a Dwija com uma risada, “Como conversei com seu pai!”

O pai de Dwija voltou para o quarto de Shri Ramakrishna depois do crepúsculo. Tinha intenção de ir-se logo. Sentia calor. O próprio Shri Ramakrishna o abanava. Depois de alguns instantes o pai despediu-se do Mestre. Shri Ramakrishna levantou-se para dar-lhe adeus.

Eram oito horas. Shri Ramakrishna conversava com Mahimacharan. Rakhil, M. e um ou dois companheiros de Mahimacharan que estavam no quarto. Mahimacharan ia passar a noite no templo.

Mestre (*a Mahima*): “Bem, o que acha de Kedar? Acha que ele apenas viu o leite ou também o bebeu?”

Mahima: “Sim, está desfrutando de felicidade.”

Mestre: “Nityagopal?”

Mahima: “Muito bom. Está num exaltado estado mental.”

Mestre: “Sim. Bem, e Girish Ghosh?”

Mahima: “Também está progredindo bem, mas pertence a uma outra classe.”

Mestre: “E Narendra?”

Mahima: “Está agora no mesmo estado no qual estive há quinze anos atrás.”

Mestre: “Naren mais jovem? Como é puro!”

Mahima: “Sim, muito puro.”

Mestre: “Você está certo. (*Refletindo um pouco*) Deixe-me ver quem mais. Será suficiente para os jovens que vêm aqui, conhecerem somente duas coisas. Se as conhecerem, não terão que praticar muita disciplina e austeridade. Primeiro, quem sou eu e em segundo lugar, quem são eles. Muitos dos jovens pertencem ao círculo íntimo.

“Aqueles que pertencem ao círculo íntimo não atingirão liberação. Terei que tomar novamente um corpo humano, na direção noroeste.

“Sinto paz de espírito quando vejo os jovens. Como posso sentir alegria, vendo aqueles que geraram filhos e estão empenhados em causas judiciais e envolvidos com ‘mulher e ouro’? Como poderia viver sem ver pessoas de almas puras?”

Mahimacharan recitou alguns textos das escrituras. Descreveu também vários ritos místicos dos Tantras.

Mestre: “Bem, alguns dizem que minha alma, entrando em samadhi, voa como um pássaro no Mahakasha, o Espaço Infinito.

“Uma vez um sadhu de Hrishikesh veio aqui. Disse-me, ‘Há cinco espécies de samadhi. Vejo que o senhor experimentou todas. Nesses samadhis tem-se a sensação que a Corrente Espiritual é como o movimento de uma formiga, um peixe, um macaco, um pássaro ou uma serpente.’

“Às vezes a Corrente Espiritual sobe através da espinha, andando como uma formiga.

“Às vezes, em samadhi, a alma nada, feliz, no oceano do êxtase divino, como um peixe.

“Às vezes quando deitado de um lado, sinto a Corrente Espiritual empurrando-me como um macaco e brincando comigo alegremente. Fico quieto. Aquela Corrente, como um macaco, subitamente alcança com um salto, o Sahasrara. É por isso que vocês me vêem dar um salto.

“Às vezes, também, a Corrente Espiritual sobe como um pássaro saltando de galho em galho. No lugar onde ela pára, sente-se queimar como fogo. Pode saltar do Muladhara para o Svadhisthana, do Svadhisthana para o coração e assim gradualmente até a cabeça.

“Às vezes a Corrente Espiritual move-se para cima como uma cobra,. Indo em ziguezague, alcança por fim, a cabeça e entra em samadhi.

“A consciência espiritual de um homem não é despertada enquanto sua Kundalini não for despertada.

“A Kundalini mora no Muladhara. Quando é despertada, passa ao longo do nervo Sushumna, atravessa os centros do Svadhisthana, Manipura e assim por diante e, por fim, chega à cabeça. Isto é chamado movimento de Mahavayu, a corrente Espiritual. Culmina em samadhi.

“A consciência espiritual de uma pessoa não se desperta pela simples leitura de livros. Deve-se também orar a Deus. A Kundalini é despertada se o aspirante sente desassossego por Deus. Falar do Conhecimento devido a mero estudo, é ouvir dizer! O que se conseguirá com isto?

“Antes de atingir este estado mental, foi-me revelado como a Kundalini é despertada, como desabrocham os lótus dos diferentes centros, e como tudo isso culmina em samadhi. Essa é uma experiência muito secreta. Vi um rapaz de vinte e dois ou vinte e três anos, parecendo-se exatamente comigo, entrar no nervo Sushumna e comunicar-se com os lótus, tocando-os com sua língua. Começou com o centro do ânus e passou através dos centros no órgão sexual, umbigo e assim sucessivamente. Os diferentes lótus desses centros – de quatro, seis, dez pétalas e assim por diante – estavam com as pétalas murchas. A seu toque, ficaram em pé.

“Quando chegou ao coração – lembro-me claramente – e uniu-se ao lótus existente lá, tocando-o com a língua, o lótus de doze pétalas que estava caído, ficou ereto e abriu as pétalas. Depois foi para o lótus de dezesseis pétalas na garganta e para o lótus de duas pétalas na testa. Por fim floresceu o lótus de mil pétalas na cabeça. Desde então estou neste estado.”

Shri Ramakrishna levantou-se e sentou-se próximo de Mahimacharan. M. e os outros poucos devotos estavam perto dele. Rakhal estava também, no aposento.

Mestre (*a Mahima*): “Há muito tempo que queria contar-lhe minhas experiências espirituais, mas não podia fazê-lo. Sinto o desejo de contá-las hoje.

“Você diz que por meio de uma simples sadhana pode-se alcançar um estado mental igual ao meu, mas não é assim. Há algo especial aqui [referindo-se a si mesmo].

Rakhal, M. e os outros ficaram ansiosos para ouvir o que o Mestre ia dizer.

Mestre: “Deus falou comigo. Não foi simplesmente Sua visão. Sim, ele falou comigo. Debaixo do baniano eu O vi vindo do Ganges. Ríamos muito! Brincava comigo, estalava meus dedos. Depois Ele falou, sim, Ele falou comigo.

“Durante três dias chorei continuamente. Revelou-me o que há nos Vedas, Puranas, Tantras e outras escrituras.

“Um dia Ele mostrou-me a maya de Mahamaya. Uma pequena luz dentro do meu quarto começou a crescer e por fim envolveu o universo todo.

“Além disso, Ele me revelou um amplo reservatório de água coberta por um limo verde. O vento empurrou um pouco do limo e imediatamente, a água tornou-se visível; mas num piscar de olhos, o limo verde veio de todos os lados como que dançando e novamente cobriu a água. Ele me revelou que a água era como Satchidananda, e o limo como maya. Devido à maya, Satchidananda não é vista. Embora de vez em quando se possa obter um vislumbre d’Ele, novamente maya O cobre.

“Deus revela-me a natureza dos devotos antes que cheguem. Vi um grupo de Chaitanya cantando e dançando perto do Panchavati, entre o baniano e o bakul. Reparei que

Balaram estava lá. Se não fosse ele, quem, me proferia de açúcar cande e outras coisas semelhantes? (*Apontando para M.*) Eu o vi, também.

Eu havia visto Keshab antes de tê-lo realmente conhecido – eu o vi e a seu grupo, todos em samadhi. Diante de mim havia um quarto cheio de homens. Keshab parecia um pavão sentado com a cauda aberta. A cauda significava seus seguidores. Vi uma pedra vermelha em sua cabeça. Isto indicava seu rajas. Dizia a seus discípulos, ‘Por favor ouçam o que ele [referindo-se ao Mestre] está dizendo.’ Eu disse à Mãe Divina, ‘Mãe, essas pessoas têm pontos de vista iguais aos dos “ingleses”. Por que eu deveria conversar com elas? Então a Mãe explicou-me que no Kaliyuga seria assim.

“Keshab e seus seguidores obtiveram daqui [referindo-se a si mesmo] os nomes de Hari e da Mãe Divina. Foi por isso que a Mãe Divina tirou Vijay do grupo de Keshab, mas ele não se uniu ao Adi Samaj¹.

(*Apontando para si mesmo*): “Deve haver algo especial aqui. Há muito tempo um jovem chamado Gopal Sen costumava visitar-me. Aquele que mora em mim colocou Seu pé no peito de Gopal. Gopal falou em êxtase, ‘O senhor terá que esperar aqui por um longo tempo. Não posso viver mais com pessoas mundanas.’ Despediu-se de mim. Tempos depois soube que havia morrido, talvez tenha nascido como Nityagopal.

“Tive muitas visões espantosas. Tive a visão de Satchidananda Indivisível. Dentro d’Ele vi dois grupos separados por uma cerca. De um lado estava Kedar, Chuni e outros devotos que crêem num Deus Pessoal. Do outro lado havia um espaço luminoso como um monte de pó de tijolo vermelho. Dentro dele estava Narendra imerso em samadhi. Vendo-o absorvido em meditação, gritei, ‘Ó Narendra! Abriu um pouco os olhos. Soube que havia nascido numa outra forma, em Simla² numa família kayastha. Imediatamente disse à Mãe Divina, ‘Mãe, enreda-o na “maya”, do contrário, ele deixará o corpo em samadhi.’ Kedar, crente no Deus Pessoal, olhou para dentro e fugiu com um estremecimento.

“Por isso sinto que é a própria Mãe Divina que mora neste corpo e brinca com os devotos. Quando pela primeira vez tive um estado mental exaltado, todo meu corpo irradiava luz. Meu corpo estava avermelhado. Disse à Mãe Divina, ‘Mãe, não Te reveles exteriormente. Por favor, vá para dentro.’ É por isso que minha pele está tão opaca. Se meu corpo ainda estivesse luminoso, as pessoas teriam me atormentado; uma multidão estaria sempre aglomerada aqui. Agora, não há manifestação exterior. Isto mantém as ervas daninhas afastadas. Somente os verdadeiros devotos permanecerão comigo agora. Sabem porque tenho esta doença? Tem o mesmo significado. Aquele cuja devoção esconde um motivo egoísta, fugirão à vista de minha enfermidade.

“Eu abrigava um desejo. Disse à Mãe, ‘Ó Mãe, serei o rei dos devotos.’

“Outra vez surgiu este pensamento em minha mente. ‘Aquele que sinceramente ora a Deus certamente virá aqui, deve vir.’ Veja, é isso que está sucedendo agora. Só vem pessoas dessa categoria.

“Meus pais sabiam quem mora dentro deste corpo. Meu pai teve um sonho em Gaya. Nesse sonho Raghuvir disse-lhe, ‘Nascerei como seu filho.’

“Somente Deus mora dentro deste corpo. Semelhante renúncia a ‘mulher e ouro’! Será que eu mesmo a consegui? Jamais desfrutei de uma mulher, nem mesmo em sonhos.

“Nangta instruiu-me na Vedanta. Em três dias alcancei samadhi. Ao ver meu samadhi debaixo de uma trepadeira madhavi, ficou desconcertado e exclamou, ‘Ah! O que é isto?’ Logo veio a saber quem reside neste corpo. Disse-me, ‘Por favor deixe-me ir.’ A essas palavras de Totapuri, entrei em êxtase e disse, ‘Você não pode ir até que eu realize a Verdade da Vedanta.’

“Vivi com ele dia e noite. Conversávamos somente sobre Vedanta. A Brahmani costumava dizer-me, ‘Não ouça a Vedanta. Fará mal à sua devoção a Deus.’

“Eu disse à mãe Divina: ‘Mãe, por favor dá-me um homem rico. Se não fizeres, quem poderá proteger este corpo? Como poderei manter os sadhus e devotos perto de mim?’ Foi por isso que Mathur Babu proveu todas as minhas necessidades durante quatorze anos.

¹ Uma seita do Brahma Samaj

² Bairro de Calcutá onde Narendra nasceu.

“Aquele que mora em mim diz-me de antemão, que tipo de devotos me chegarão. Quando tenho a visão de Gauranga, sei que virão devotos de Gauranga. Quando tenho a visão de Kali, os shaktas chegam.

“Na hora do serviço vespertino, costumava gritar do terraço do kuthi, chorando, ‘Ó, onde estão vocês? Venham a mim!’ Vejam, estão todos se reunindo aqui, um a um.

“O próprio Deus mora neste corpo. É Ele quem está trabalhando com estes devotos.

“Que estado mental maravilhoso alguns devotos têm! Naren mais jovem entra em kumbhaka, sem qualquer esforço, e em samadhi. Às vezes fica em êxtase duas horas e meia, às vezes mais. Que maravilha!

“Pratiquei todos os tipos de sadhana: jnana yoga, karma yoga e bhakti yoga. Até pratiquei exercícios de hatha yoga para aumentar a longevidade. Há uma outra Pessoa morando neste corpo, senão, depois de alcançar samadhi, como eu poderia viver com os devotos e desfrutar o amor de Deus? Koar Singh costumava dizer-me: ‘Jamais vi antes, uma pessoa que tivesse regressado do plano de samadhi. O senhor não é outro, senão Nanak.

“Vivo no meio de pessoas mundanas; por todos os lados vejo ‘mulher e ouro’. Contudo este é meu estado mental; samadhi incessante e bhava. Foi por esta razão que Pratap³ ao ver meu êxtase disse, ‘Meu Deus! É como se ele estivesse possuído por um espírito!’ ”

Rakhal, M. e os outros ficaram mudos enquanto ouviam este relato das experiências ímpares de Shri Ramakrishna.

Mas será que Mahimacharan compreendeu o alcance dessas palavras? Mesmo depois de ouvi-las, disse ao Mestre, “Estas coisas lhe aconteceram motivadas por ações meritórias em suas vidas passadas.” Mahima ainda pensava que Shri Ramakrishna era um sadhu ou um devoto de Deus. O Mestre concordou com a cabeça, para as palavras de Mahima e disse, “Sim, o resultado de ações passadas. Deus é como um aristocrata que tem muitas mansões. Aqui [referindo-se a si mesmo] está uma de Suas salas de visitas. O bhakta é a sala de visitas de Deus.”

Eram nove horas da noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Era desejo de Mahimacharan formar um brahmachakra⁴ na presença do Mestre. Mahima formou um círculo no chão, com Rakhal, M., Kishori e um ou dois outros devotos. Pediu que meditassem e Rakhal entrou em êxtase. O Mestre levantou-se do divã e colocou a mão no peito de Rakhal, repetindo o nome da Mãe Divina. Rakhal retomou a consciência do mundo exterior.

Era uma hora da manhã, décimo dia da quinzena escura da lua. Em todos os lugares havia uma intensa escuridão em todos os lugares. Um ou dois devotos andavam de um lado para o outro pelo cimentado, às margens do Ganges. Shri Ramakrishna estava de pé. Saiu e disse aos devotos, “Nangta disse-me que a esta hora, em torno da meia-noite, ouve-se o som Anahata.”

Nas primeiras horas da manhã Mahimacharan e M. estavam deitados no chão do quarto do Mestre. Rakhal dormia na cama de campanha. De vez em quando Shri Ramakrishna como um menino de cinco anos, caminhava de um lado para o outro pelo quarto.

Segunda-feira, 10 de agosto

Amanhecia. O Mestre cantava o nome da Mãe Divina. Foi ao pórtico oeste de seu quarto e olhou para o Ganges, depois parou diante dos quadros dos diferentes deuses e deusas e inclinou-se ante eles. Os devotos levantaram-se, saudaram Shri Ramakrishna e saíram.

O Mestre conversava com um devoto no Panchavati. Este devoto tivera um sonho com Chaitanyadeva.

Mestre (*em êxtase*): “Ai de mim! Ai de mim!”

Devoto: “Mas, senhor, foi somente um sonho.”

Mestre: “Será um sonho uma coisa pequena?”

³ Pratap Chandra Mazumdar, membro importante do Brahma Samaj.

⁴ Círculo místico prescrito nos Tantras.

A voz do Mestre estava embargada, os olhos cheios de lágrimas.

Contaram a Shri Ramakrishna a respeito de um devoto que tinha visões divinas mesmo acordado. O Mestre disse, “Não estou surpreso. Narendra atualmente também vê formas de Deus.”

Mahimacharan foi a um dos templos de Shiva a oeste do pátio e cantou hinos dos Vedas. Estava só.

Eram oito horas da manhã. M. banhou-se no Ganges e logo foi até Shri Ramakrishna. Nesse momento entrou no quarto a brahmani que estava muito pesarosa com a morte da filha.

O Mestre pediu a brahmani para dar a M. um pouco de prasad.

Brahmani: “Por favor coma o senhor alguma coisa primeiro e depois, ele comerá.”

Mestre (*a M.*): “Tome primeiro algum prasad de Jagannath e depois, coma..”

Depois de comer prasad, M. foi aos templos de Shiva e saudou a Divindade. Logo voltou ao quarto do Mestre e o saudou. Estava pronto para ir a Calcutá.

Mestre (*carinhosamente*): “Vá para casa em segurança. Você tem que atender a seus deveres.”

Terça-feira, 11 de agosto

Shri Ramakrishna estava em seu quarto no templo. Estivera observando silêncio desde às horas da manhã. Será que ele conhecia a natureza fatal de sua enfermidade? Ante seu silêncio, a Santa Mãe chorou. Rakhal e Latu também choravam. A viúva brahmani de Baghbazar chegou. Ela, também, chorou ao ver o estranho estado do Mestre. De vez em quando os devotos perguntavam-lhe se ele ficaria em silêncio para sempre. O Mestre respondeu negativamente com gestos.

Às três horas da tarde Narayan chegou Shri Ramakrishna disse-lhe, “A Mãe Divina o abençoará.” Narayan contou aos outros devotos que o Mestre falara com ele. Um grande peso foi tirado de seus corações. Todos vieram ao quarto do Mestre e sentaram-se no chão.

Mestre (*aos devotos*): “A Mãe mostrou-me que tudo isso é, na verdade, maya. Somente Ela é real, e tudo o mais, esplendor de sua maya.

“Outra coisa me foi revelada. Descobri o quanto os diversos devotos haviam progredido.”

Devoto: “Por favor, fale a esse respeito.”

Mestre: “Soube tudo a respeito destes devotos. Nityagopal, Rakhal, Narayan, Purna, Mahima, Chakravarty e os outros.”

Domingo, 16 de agosto de 1885

As notícias sobre a doença de Shri Ramakrishna chegara aos devotos de Calcutá. Pensaram que se tratasse somente de uma ferida na garganta. Muitos devotos chegaram a Dakshineswar para visitá-lo. Entre eles estavam Girish, Ram, Nityagopal, Mahima, Kishori e o Pundit Shashadhar.

Shri Ramakrishna estava no seu habitual estado de felicidade. Conversava com os devotos.

Mestre: “Não posso falar com a Mãe sobre minha doença. Tenho vergonha de falar sobre isto.”

Girish: “Deus o curará.”

Ram: “Sim, o senhor ficará bem.”

Mestre (*sorrindo*): “Sim, dê-me sua bênção.” (*Todos riem*).

Girish era um visitante novo em Dakshineswar. O Mestre disse-lhe, “Você tem tantos afazeres, tantos problemas, venha aqui somente mais três vezes.”

(*A Shashadhar*) “Por favor diga-nos algo a respeito de Adyashakti.”

Shashadhar: “O que sei, senhor?”

Mestre (*sorrindo*): “Um certo homem tinha grande respeito por um outro. O segundo homem pediu-lhe para lhe trazer fogo para seu fumo. Ele respondeu humildemente, ‘Senhor, será que sou digno de lhe trazer fogo?’ Ele não lhe trouxe fogo.” (*Todos riem*).

Shashadhar: “O Poder Primordial é tanto a causa instrumental quanto material do universo. Foi Ele quem criou o universo e os seres vivos, além disso Ele próprio tornou-Se

tudo. Para dar um exemplo: a aranha como causa instrumental fabrica a teia, e como causa material, tira a teia do próprio corpo.”

Mestre: “Também diz-se que Aquele que é Purusha é, também, Prakriti, Aquele que é Brahman é, também, Shakti. É chamado Purusha ou Brahman quando está inativo, isto é, quando cessa de criar, preservar ou destruir, e é chamado Shakti ou Prakriti quando Se empenha nessas atividades, mas Aquele que é Brahman não é outro senão Shakti; Aquele que é Purusha tornou-Se verdadeiramente Prakriti. Água é água quer esteja em movimento ou parada. Uma serpente é uma serpente quer esteja se movimentando sinuosamente ou esteja parada e enrolada.

“O que Brahman é, não pode ser descrito. A fala pára. No kirtan primeiro os cantores cantam, ‘Meu Nitai dança como um mata-hati.’⁵ À medida que se tornam cada vez mais elevados espiritualmente, mal podem pronunciar a frase completa. Somente cantam, ‘Hati! Hati!’ Com o aprofundamento de seu estado, só cantam. ‘Ha! Ha!’ Por fim nem isso podem cantar, tornam-se completamente inconscientes.”

Enquanto falava, entrou em samadhi profundo, Estava de pé.

Recobrando a consciência do mundo, disse, ‘O que está além tanto de kshara e akshara não pode ser descrito.’

Os devotos ficaram em silêncio.

Mestre: “Vocês não podem entrar em samadhi enquanto suas experiências mundanas não tiverem terminado, ou enquanto tiverem deveres a cumprir.

!A *Shashadhar*) “Deus está agora fazendo com que o senhor execute tais deveres como dar conferências. Deve fazer essas coisas agora. Terá paz quando seus deveres acabarem. Depois de completar os trabalhos domésticos a dona de casa vai tomar banho. Não voltará mesmo se gritarem por ela.”

Quinta-feira, 27 de agosto de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado no quarto em Dakshineswar. Eram cinco horas da tarde. Havia dois ou três devotos com ele. Na companhia dos devotos nunca pensava na sua enfermidade, passando o dia inteiro com eles, cantando e conversando.

Dr. Madhu era o médico de Shri Ramakrishna. Frequentemente visitava o Mestre em Dakshineswar, vindo de barco de Calcutá. Os devotos estavam muito preocupados com o Mestre. Queriam que o médico o visitasse diariamente. M. disse ao Mestre, ‘O Dr. Madhu tem grande experiência. Seria bom que ele o visitasse diariamente.’

Chegou o Pundit Shyamapada de Antpur. Era o crepúsculo. O pundit foi até a margem do Ganges fazer sua adoração vespertina. Durante o culto tivera algumas visões extraordinárias. Voltou ao quarto do Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna terminara a meditação e o canto dos nomes santos. Estava sentado no pequeno divã e M., no capacho. Rakhal, Latu e os outros entravam e saíam do quarto.

Mestre (*a M., apontando para o pundit*): “Ele é muito bom. (*Ao pundit*) Onde a mente alcança paz pela prática da disciplina do ‘Neti, neti’, está Brahman.

“O rei mora no aposento mais internr do palácio, que tem sete portões. O visitante chega ao primeiro portão. Ali vê uma pessoa de aparência senhorial com um grande séquito, rodeado por todos os lados de pompa e grandeza. O visitante pergunta ao companheiro, ‘É o rei?’ ‘Não’, diz seu amigo com um sorriso.

“No segundo e nos outros portões ele repete a mesma pergunta ao amigo. Verifica que à medida que se aproxima da parte mais interna do palácio maior é a glória, pompa e grandeza. Quando atravessa o sétimo portão não pergunta a seu companheiro se é o rei; fica sem fala ante a glória incomensurável do rei. Compreende que está face a face com elei. Não tem a menor dúvida a respeito.”

Pundit: “Deus é visto além do domínio de maya.”

Mestre: “Mas depois de realizar Deus descobre-se que somente Ele é que Se tornou maya, o universo e todos os seres vivos. Este mundo é sem dúvida, uma ‘moldura de ilusão,

⁵ Elefante louco.

irreal como um sonho. Sente-se desta maneira quando se discrimina segundo o método ‘Isto não, isto não’, mas depois da visão de Deus este mundo torna-se uma ‘mansão de alegria’.

“O que se obtém pelo simples estudo das escrituras? Os pundits entregam-se somente ao raciocínio.”

Pundit: “Desgosta-me a idéia de ser chamado ‘pundit’.”

Mestre: “Isto é devido á graça de Deus. Os pundits apenas se dedicam ao raciocínio. Alguns ouviram falar de leite e outros beberam leite. Depois que o senhor tiver a visão de Deus, descobrirá que tudo é Narayana. Foi o próprio Narayana quem se tornou tudo.”

O pundit recitou um hino a Narayana. Shri Ramakrishna foi tomado de alegria.

Pundit (*citando o Gita*): “Com o coração concentrado pela Yoga, com os olhos equânimes para todas as coisas, ele contempla o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser.”

Mestre: “O senhor já leu o *Adhyatma Ramayana*?”

Pundit: “Sim, senhor, um pouco.”

Mestre: “O livro está cheio de idéias de conhecimento e devoção. A vida de Shavari e o hino de Ahalya estão cheios de bhakti.

“O senhor deve lembrar-se de que Deus está muito longe da mente coberta pelo mundanismo.”

Pundit: “Sim, senhor. Deus está longe, muito longe do mundanismo e Deus está muito próximo de onde aquele não existe. Visitei um certo zemindar, sr. Mukherji de Uttarpara. Agora é um homem de idade, mas só ouve histórias e romances.”

Mestre: “Está também escrito no *Adhyatma Ramayana* que somente Deus tornou-Se o universo e seus seres vivos.”

O pundit estava maravilhado. Recitou um hino a respeito, tirado do X Capítulo do *Bhagavata*.

Ó Krishna! Krishna! Poderoso Yogi! Tu és o Supremo Purusha Primordial.
Este universo, manifestado e não manifestado, é Tua forma, como os sábios declaram.
Só Tu és a alma, os órgãos dos sentidos, o senhor que habita nos corpos de todos.
Tu és a sutil Prakriti, feita de sattva, rajas e tamas.
Somente Tu és o Purusha, o Senhor que habita nos corpos de todos.

Enquanto Shri Ramakrishna ouvia o hino, entrou em samadhi. Permaneceu em pé. O pundit estava sentado. O Mestre colocou o pé no colo e no peito do pundit e sorriu.

O pundit segurou os pés de Shri Ramakrishna e disse, “Ó Guru! Por favor dá-me a Consciência de Deus.”

Depois que o pundit deixou o quarto, Shri Ramakrishna disse a M., “Você não vê que aquilo que eu disse vai acontecer? Aqueles que praticaram meditação e japa com sinceridade, têm que vir aqui.”

Eram dez horas. Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim e deitou-se. Pediu a M. para fazer massagem em seus pés. Alguns minutos mais tarde pediu ao discípulo para fazer uma massagem suave em seu corpo e peito. Desfrutou de uma pequena soneca. Depois disse a M., “Agora vá dormir. Deixe-me ver se consigo dormir melhor quando estiver sozinho.” Disse a Ramlal, “Ele [referindo-se a M.] e Rakhil podem dormir no quarto.”

Sexta-feira, 28 de agosto

Era de madrugada. Shri Ramakrishna estava acordado e meditava na Mãe Divina. Devido à enfermidade os devotos se viam privados do canto do nome da Mãe Divina.

Shri Ramakrishna estava sentada no pequeno divã. Perguntou a M., “Bem, por que tenho esta doença?”

M.: “As pessoas não se atreverão a se aproximar do senhor a não ser que se assemelhe a elas em todos os aspectos, mas ficam deslumbradas em descobrir que, apesar de sua doença, o senhor só pensa em Deus.”

Mestre (*sorrindo*): “Balaram também disse, ‘Se até o senhor pode ficar doente, por que temos de nos surpreender com nossas enfermidades?’ Lakshmana ficou admirado ao ver

que Rama não podia levantar o arco por causa de Seu pesar por Sita. ‘Até Brahma chora, apanhado na armadilha dos cinco elementos.’ ”

M.: “Jesus cristo também chorou como um homem comum, com o sofrimento de seus devotos.”

Mestre: “Como foi isso?”

M.: “Havia duas irmãs, Maria e Marta que tinham um irmão, Lázaro. Os três eram devotos de Jesus. Lázaro morreu. Jesus estava a caminho de sua casa, quando uma das irmãs, Maria, correu para recebê-lo. Caiu a seus pés e disse chorando, ‘Senhor, se estivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido!’ Jesus chorou ao vê-la chorar.

“Jesus foi à sepultura de Lázaro e o chamou pelo nome. Imediatamente Lázaro voltou à vida e saiu andando da tumba.

Mestre: “Mas não posso fazer estas coisas.”

M.: “É porque o senhor não quer. Esses são milagres, por isso, o senhor não está interessado neles. Essas coisas atraem a atenção das pessoas para seus corpos. Elas então, não pensam em devoção verdadeira. É por isso que o senhor não faz milagres, mas há muitas semelhanças entre o senhor e Jesus Cristo.”

Mestre (*sorrindo*): “O que mais?”

M.: “O senhor não pede a seus devotos que jejuem ou façam outras práticas. Não prescreve regras duras e estritas a cerca de alimento. Os discípulos de Cristo não observaram o sabbath e por esta razão, os fariseus os censurava. Por conseguinte Jesus disse, ‘Fizeram bem em comer. Enquanto estiverem com o noivo, devem divertir-se.’ ”

Mestre: “O que isto quer dizer?”

M.: “Cristo quis dizer que enquanto os discípulos vivessem com a Encarnação de Deus, deviam celebrar. Por que estarem tristes? Mas quando Ele retornar à sua própria morada no céu, então dias viriam de tristezas e sofrimentos.”

Mestre (*sorrindo*): “Você encontra em mim algo que seja semelhante a Cristo?”

M.: “Sim, senhor. O senhor diz, ‘Os jovens ainda não foram contaminados por “mulher e ouro” e por isso; serão capazes de receber instrução. É como guardar leite num pote novo; o leite pode azedar se for guardado num pote onde tenha sido feita a coalhada.’ Cristo também falou assim.”

Mestre: “O que ele disse?”

M.: “ ‘Se o vinho novo for mantido numa garrafa velha, ela pode rachar. Se um tecido velho for remendado a um novo, o velho se rasgará.’ ”

“Além disso diz que o senhor e a Mãe são Uno. A mesma coisa disse Cristo, ‘Eu e Meu pai somos um’.”

Mestre (*sorrindo*): “Há mais?”

M.: “O senhor nos diz, ‘Deus certamente escutará se alguém O chamar com sinceridade. Assim, também, Cristo disse, ‘Bata na porta e ela lhe será aberta.’ ”

Mestre: “Bem, se Deus encarnou-Se de novo, será esta uma manifestação fracionária, parcial ou completa? Alguns dizem que se trata de uma manifestação completa.”

M.: “Senhor, não compreendo muito bem o significado completo ou parcial de uma Encarnação mas entendi como o senhor explicou, a idéia de um buraco redondo no muro.”

Mestre: “Fale-nos sobre isto.”

M.: “Há um buraco redondo no muro. Através dele pode-se ver parte do campo que se estende do outro lado. Assim também, através do senhor pode-se ver parte do Deus Infinito.”

Mestre: “É verdade. Pode-se ver cinco ou seis milhas do campo de uma só vez.” M. terminou o banho no Ganges e foi para o quarto do Mestre. Eram oito horas da manhã. Pediu a Latu que desse ao Mestre o prasad de arroz de Jagannath. O Mestre ficou perto dele e disse, “Tome este prasad regularmente. Aqueles que são devotos de Deus não comem nada antes de comer o prasad.”

M.: “Ontem tomei um pouco de prasad de Jagannath na casa de Balaram Babu. Como um ou dois grãos diariamente.”

M. saudou o Mestre e despediu-se. Shri Ramakrishna disse-lhe afetuosamente, “Venha amanhã bem cedo. O sol quente da estação chuvosa faz mal à saúde.”

Shri Ramakrishna descansava em seu quarto. Eram mais ou menos oito horas da noite. Embora doente e sofrendo, dedicava-se constantemente ao bem-estar dos devotos. Às vezes sentia-se inquieto como uma criança, mas logo esquecia-se do seu mal e enchia-se de amor a Deus. Seu amor pelos devotos era como o de uma mãe pelos filhos.

Dois dias antes, numa noite de sábado, recebera uma carta de Purna dizendo, “Estou extremamente feliz. De vez em quando não consigo dormir de tanta alegria.” Depois de ouvir a leitura da carta o Mestre comentou: “Fiquei emocionado ao lê-la. Mesmo mais tarde ele ainda será capaz de manter essa felicidade. Mostre-me a carta.” Apertou a carta na palma de sua mão e disse, “Em geral não posso tocar em cartas, mas esta é uma carta boa.” Nessa mesma noite, enquanto o Mestre estava na cama, subitamente ficou coberto de suor. Sentou-se e disse, “Parece-me que não vou mais me recuperar desta doença.” Ao ouvir isto os devotos ficaram muito preocupados. A Santa Mãe viera para o templo para atender Shri Ramakrishna e passou a viver no quarto no nahabat. Os devotos, à exceção de um ou dois, não sabiam de sua presença. Uma devota que vivia coma Santa Mãe começou a fazer visitas freqüentes a Shri Ramakrishna em seu quarto. Depois de alguns dias Shri Ramakrishna disse-lhe, “Você tem estado aqui há algum tempo. O que as pessoas pensarão? Seria melhor voltar para casa por uma semana ou duas mais.”

Shri Ramakrishna estava deitado de um lado, com as costas para a parede. Ao anoitecer Gangadhar e M. chegaram de Calcutá. Gangadhar sentou-se aos pés do Mestre, que conversava com M.

Mestre: No outro dia vieram aqui dois rapazes. Um deles era Subodh, bisneto de Sankar Ghosh. O outro, Kishirode com o vizinho. São bons rapazes. Contei-lhes que estava enfermo e pedi-lhes para que fosse a você para receber instrução. Por favor, cuide um pouco deles.”

M.: “Sim, senhor. São nossos vizinhos.”

Mestre: “No outro dia, também, acordei coberto de suor. Não compreendo esta doença.”

M.: “Decidimos pedir a Bhagavan Rudra para vê-lo mais uma vez. É um M. D ⁶. e um médico experimentado.”

Mestre: “Quanto ele vai cobrar?”

M.: “Seus honorários regulares são entre vinte e vinte e cinco rupias.”

Mestre: “Não se preocupe com isso.”

M.: “Mas nós lhe pagaremos quatro ou cinco rupias no máximo.”

Mestre: “Ouça. Suponhamos que você lhe diga, ‘Senhor, por favor, tenha a bondade de ir vê-lo.’ Ele sabe alguma coisa deste lugar? ⁷”

M.: “Talvez sim. Quase concordou em não cobrar nada, mas nós vamos lhe pagar um pouco. Se assim o fizermos, ele voltará novamente.”

Mestre: “Peça ao Dr. Nitai que venha. É um bom médico, mas me pergunto, o que os médicos podem fazer? Pressionam minha garganta e pioram a doença.”

Eram nove horas da noite. Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim e não teve dificuldade para engolir. Disse a M. alegremente, “Pude comer um pouco. Sinto-me feliz.”

Terça-feira, 1º de setembro

Shri Ramakrishna foi tomar banho. Um devoto esfregava seu corpo com óleo na varanda sul do seu quarto. Depois de tomar banho no Ganges, M. foi para lá e saudou o Mestre.

Depois de tomar banho, Shri Ramakrishna enrolou-se numa toalha e, de mãos postas, saudou as divindades nos templos de longe. Por causa da doença não podia ir ao templo.

Era o sagrado dia Janmasthanami, aniversário de Krishna. Ram e outros devotos haviam trazido roupas novas para Shri Ramakrishna. Ele as vestiu e ficou com uma boa aparência. Novamente saudou as divindades.

⁶ Nota da trad. :Medicinae Doctor (Médico)

⁷ Referindo-se a si mesmo.

Gopal Ma trouxe para seu Gopala ⁸ um pouco de comida que havia preparado em sua casa, em Kamarhati. Com tristeza disse ao Mestre, “Mas o senhor não comerá nada disso.”

Mestre: “Veja, estou doente.”

Gopal Ma.: “Esta é minha má sorte. Por favor pegue um pouco”

Mestre: “Por favor, dê-me sua bênção.”

Um devoto trouxe um pouco de açúcar cande . Gopal Ma disse, “Deixe-me levar para a Santa Mãe no nahabat.” O Mestre disse, “Não, deixe-o aqui. Vou dar doces aos devotos. Quem quer mandar um mensageiro cem vezes ao nahabat por causa de açúcar cande? Que seja guardado aqui.”

Eram onze horas da manhã. Aos poucos os devotos foram chegando de Calcutá. Balaram, Narendra, Naren mais jovem, Navagopal e um vaishnava de Katoa estavam entre eles. Rakhal e Latu estavam morando com Shri Ramakrishna. Um sadhu do Punjabi estava passando uns dias no Panchavati.

Naren mais jovem tinha um tumor na testa. Shri Ramakrishna caminhava no Panchavati com os devotos. Disse ao Naren mais jovem, “Por que você não opera o tumor? Não é na *garganta*, mas na testa. É uma coisa simples. As pessoas operam sua orchitis.”

O sadhu do Punjabi caminhava pelo passeio do jardim. O Mestre disse, “Eu não o atraio. Ele tem a atitude de um jnani. Acho-o tão seco como um pedaço de madeira.”

Shri Ramakrishna e os devotos voltaram para o quarto do Mestre. A conversa voltou-se para Shyamapada Bhattacharya.”

Balaram: “Shyamapada disse, ‘Quando o Mestre colocou o pé no peito de Narendra, Narendra entrou em bhava, mas eu não tive esta experiência.’ ”

Mestre: “Quer que lhes diga a verdade sobre isto? É muito difícil juntar a mente dispersa quando está apegada a ‘mulher e ouro’. O pundit disse-me que ele foi chamado para atuar como árbitro em diversos litígios. Além disso tem que se preocupar com os filhos, mas as mentes de Narendra e dos outros jovens não estão dispersas e ainda não foram tocadas por ‘mulher e ouro’.

“Mas Shyamapada é uma grande pessoa.”

O vaishnava de Katoa começou a fazer perguntas a Shri Ramakrishna. Era vesgo.

Vaishnava: “Senhor, um homem volta a nascer?”

Mestre: “Está dito no *Gita* que um homem volta a nascer com as tendências que estão em sua mente na hora da morte. O rei Bharata pensou em seu veadinho na hora da morte e nasceu como aquele animal.”

Vaishnava: “Poderia acreditar em reencarnação se uma testemunha ocular me falasse a respeito.”

Mestre: “Nada sei, meu caro senhor. Não consigo ficar bom e o senhor me pergunta o que acontece depois da morte!

“O que o senhor está dizendo somente demonstra sua pequenez mental. Trate de cultivar o amor a Deus. O senhor nasceu como ser humano somente para alcançar amor divino. O senhor foi ao pomar para comer mangas, qual a necessidade de saber quantos milhares de galhos e milhões de folhas há no pomar? Preocupar-se com o que sucede depois da morte! Que tolice!”

Girish Ghosh chegou de carruagem com um ou dois amigos. Estava embriagado. Chorava quando entrou no quarto. Chorou ao pôr a cabeça nos pés de Shri Ramakrishna.

Shri Ramakrishna afetuosamente acariciou-o nas costas e disse a um devoto, “Prepare um fumo para ele.”

Girish levantou a cabeça e disse com as mãos postas, “Somente o senhor é o Brahman Perfeito! Se não é assim, então, tudo é falso.

“É uma pena que eu não possa servi-lo.” Pronunciou estas palavras com tanta ternura que fez vários devotos chorarem.

Girish continuou, “Ó Senhor! Por favor, conceda-me a graça de que eu possa servi-lo durante um ano. Quem se preocupa som a salvação? Uma pessoa a encontra em qualquer lugar. Cuspo nela. Por favor diga-me que aceitará meus serviços durante um ano.”

⁸ Menino Krishna. Gopal Ma considerava Shri Ramakrishna como Gopala e dirigia-se a ele com este nome.

Mestre: “As pessoas daqui não são boas. Algumas podem criticá-lo.”

Girish: “Não me importo.”

Mestre: “Está bem. Você pode me servir quando eu for à sua casa.”

Girish: “Não é isso. Quero servi-lo aqui.”

Girish era insistente. O Mestre disse, “Bem, isso depende da vontade de Deus.”

Referindo-se ao problema da garganta do Mestre, Girish disse, “Por favor diga, ‘Que ela seja curada!’ Está bem, vou extirpá-la. Kali! Kali!”

Mestre: “Você vai me ferir.”

Girish: “Ó garganta, fique curada (*Bateu na garganta como um exorcismo*). O senhor sente-se bem, agora? Se não ficar curado agora, certamente estará, se eu tiver qualquer devoção aos seus pés. Diga que está curado.’ ”

Mestre (*asperamente*): “Deixe-me em paz. Não posso dizer essas coisas. Não posso pedir à Mãe Divina para me curar. Está bem, ficarei curado se esta for a vontade de Deus.”

Girish: “O senhor está tentando enganar-me. Tudo depende de sua vontade.”

Mestre: “Que vergonha! Jamais diga isso novamente. Considero-me um devoto de Krishna, não o próprio Krishna. Você pode pensar o que quiser, pode considerar seu guru, Deus. Contudo, é errado falar deste jeito. Não deve voltar a falar assim outra vez.”

Girish: “Por favor, diga que ficará curado.”

Mestre: “Muito bem, se isto lhe agrada.”

Girish ainda estava sob a influência da bebida. De vez em quando dizia ao Mestre, “Bem, senhor, como é isto que o senhor não nasceu desta vez com sua beleza celestial?”

Poucos minutos mais tarde, disse, “Vejo que desta vez será a salvação de Bengala.”

Um devoto disse a si mesmo: “Por que só Bengala? Será a salvação do mundo inteiro.”

Dirigindo-se aos devotos, Girish disse, “Será que alguém entende porque ele está aqui? É para a liberação dos homens. O sofrimento deles comoveu-o tanto a ponto de assumir um corpo humano.”

O cocheiro estava chamando Girish, que foi até ele. O Mestre disse a M.: “Olhe para onde ele vai. Espero que não bata no cocheiro!” M. acompanhou Girish.

Logo Girish voltou. Rogou a Shri Ramakrishna dizendo, “Ó Deus, dá-me pureza para que eu não tenha nem menor vestígio de pensamento pecaminoso.”

Mestre: “Você já é puro. Tem tanta fé e devoção! Está feliz, não está?”

Girish: “Não, senhor. Tenho preocupações, por isso que tenho bebido muito.”

Poucos minutos depois, Girish disse, “Senhor, estou admirado de ver que, a mim foi dado o privilégio de servir o Brahman Perfeito. Que austeridade pratiquei para merecê-lo?”

Shri Ramakrishna almoçou. Devido à doença, comeu muito pouco.

A tendência mental do Mestre era pairar no plano da Consciência de Deus. Forçava a mente a ficar consciente do corpo, mas, como uma criança, era incapaz de cuidar do corpo. Disse aos devotos: “Comi pouco. Vou descansar agora. Podem sair por algum tempo.” Shri Ramakrishna descansou alguns minutos. Os devotos voltaram ao quarto.

Girish: “O guru e o Ishta. Gosto muito da forma do guru. Não tenho medo dele. Por que assim seria? Tenho medo do êxtase. À vista do êxtase, fujo.”

Mestre: “Aquele que é o Ishta aparece na forma do guru. O aspirante pratica meditação num cadáver⁹. Quando alcança a visão do Ideal Escolhido é na realidade o guru que aparece diante dele e diz, ‘Isto é aquilo’, quer dizer, ele mostra ao discípulo seu Ishta. O discípulo não mais vê o guru. No estado de perfeita jnana, quem é o guru e quem é o shishya? ‘Isto cria uma situação difícil: o instrutor e o discípulo não mais se vêem como separados.’ ”

Um devoto: “A cabeça do Guru e os pés do discípulo.”

Girish (*muito alegre*): “Sim! Sim! É verdade.’ ”

Navagopal: “Mas ouça seu significado. A cabeça do discípulo pertence ao guru e os pés do guru pertencem ao discípulo. Compreende?”

Girish: “Não, este não é o significado. Não viu a criança sentada na cabeça do pai? É por isso que os pés do discípulo são mencionados.”

Navagopal: “Então o discípulo deve sentir-se como um bebê.”

⁹ Uma das formas de meditação prescrita nos Tantras.

Mestre: “Há duas espécies de devotos. Um tem a natureza do gatinho. O gatinho depende totalmente da mãe. Aceita tudo que ela lhe dá. Apenas grita, ‘Miau! Miau!’ Não sabe o que fazer ou para onde ir. Às vezes a mãe o põe perto do forno, às vezes na cama. Devotos dessa espécie dão a Deus sua procuração, e assim ficam livres de qualquer preocupação. Os Sikhis disseram-me que Deus era bom. Eu lhes disse, ‘Como é isto? Ele é nosso Pai e nossa Mãe. Não devem os pais educar os filhos depois de tê-los posto no mundo? Acham que os vizinhos devem tomar conta deles?’ Os devotos dessa espécie têm uma convicção inabalável que Deus é nossa Mãe e nosso Pai.

“Há uma outra espécie de devotos. Têm a natureza de um macaquinho. O macaquinho agarra-se à mãe com toda força. Os devotos que se comportam como um macaquinho, têm somente uma leve idéia de serem aqueles que fazem. Sentem, ‘Devemos ir a lugares sagrados, praticar japa e austeridade, fazer o culto com dezesseis artigos como prescrito pelos shastras. Só então poderemos realizar Deus.’ Tal é a sua atitude.

“Os aspirantes de ambas as espécies são devotos de Deus. Quanto mais mata mais avança, mais se compreende que somente Deus tornou-Se tudo. Somente Ele faz tudo. Somente Ele é o Guru e somente Ele é o Ishta. Somente Ele nos dá conhecimento e devoção.

“Quanto mais se avança, mais se verá que há outras coisas além da floresta de sândalo – minas de prata, de ouro e de pedras preciosas. Portanto, deve-se ir para frente.

“Mas como posso pedir às pessoas para ir em frente? Se as pessoas mundanas forem longe, seu mundo desabaria. Um dia Keshab estava conduzindo um serviço religioso. Disse, ‘Ó Deus, possamos todos afundar e desaparecer no rio de bhakti!’ Quando o culto terminou eu lhe disse, ‘Veja, como pode você desaparecer totalmente no rio de bhakti? Se o fizer, o que acontecerá com aquelas que estão sentadas atrás do biombo?’¹⁰ Mas faça uma coisa: mergulhe de vez em quando e volte novamente para a terra firme.’ ” (*Todos riem*).

O vaishnava de Katoa discutia.

Mestre (*ao vaishnava*): “Pare com esse chiado! Quando a manteiga contendo água é aquecida no fogo, faz esse barulho.

“Se um homem somente uma vez provar a felicidade de Deus, seu desejo de discutir desaparece. A abelha, vendo a alegria de sugar mel, não zumba mais. O que o senhor alcança citando o conteúdo dos livros? Os pundits recitam versos e não fazem coisa alguma.

“O que o senhor ganha simplesmente repetindo a palavra ‘siddhi’? Não se intoxicará mesmo se gargarejar com uma solução de siddhi. Ele deve chegar a seu estômago, porque antes disso não ficará intoxicado. Não se pode compreender o que estou dizendo, a não ser que se ore a Deus em solidão, sozinho. Com um coração anelante.”

O Dr. Rakhil chegou para examinar Shri Ramakrishna. O Mestre falou-lhe ansiosamente, “Entre e sente-se.”

A conversa com o vaishnava continuou.

Mestre: “O homem deve ter dignidade e estar alerta. Somente aquele cuja consciência espiritual está despertada possui esta dignidade e certeza, e pode ser chamado homem. Vão é o nascimento humano sem o despertar da consciência espiritual.

Há muitos homens em Kamarpukur com grandes barrigas e bigodes imponentes. Os aldeões, porém, vão com palanquins para trazer pessoas honestas e verazes, há vinte milhas de distância para que atuem como árbitros em suas brigas. Não trazem simples pundits.

“Veracidade é a tapasya da Kaliyuga. “Veracidade, submissão a Deus e considerar as esposas dos outros homens como sua mãe – esses são os meios para se alcançar Deus.”

Como uma criança, disse ao médico, “Senhor, por favor cure minha garganta.”

Doutor: “O senhor está me pedindo para curá-lo?”

Mestre: “O médico é o próprio Narayana. Respeito todos. O senhor pode dizer que se considero todos como Narayana, então deveria ficar tranqüilo, mas também aceito as palavras do ‘mahut Narayana’.

“Por que eu não daria ouvidos a Deus? Somente Ele é o Mestre. Enquanto Ele mantiver a ‘consciência do eu’ em mim, obedecerei às suas ordens.”

O médico ia examinar a garganta Do Mestre que disse, “O Dr. Mahendra Sarkar pressionou minha língua da mesma maneira que ele pressiona a de uma vaca.

¹⁰ O Mestre referia-se às mulheres.

Como uma criança, Shri Ramakrishna disse ao médico, enrolando as mangas da camisa repetidamente, “Senhor! Meu caro senhor! Por favor cure minha garganta.” Olhando para o laringoscópio, disse com um sorriso, “Conheço-o O senhor verá o reflexo nele.”

Narendra cantou, mas devido à doença do Mestre, foi por pouco tempo.

2 de setembro

Depois de acabar sua refeição do meio-dia, Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã e conversou com o Dr. Bhagavan Rudra. M. Rakhal, Latu e outros devotos estavam no quarto. O médico ouviu tudo sobre a doença do Mestre. Shri Ramakrishna foi para o chão e sentou-se perto do doutor.

Mestre: “A medicina não está de acordo comigo. Meu sistema é diferente.

“Bem, o que pensa disso? Quando toco numa moeda minha mão fica torcido, minha respiração pára. Também se der um nó ¹¹ no canto de minha roupa não posso respirar. Minha respiração pára até que o nó seja desatado.”

O Mestre pediu a um devoto para trazer uma rupia. Quando Shri Ramakrishna segurou-a sua mão começou a movimentar-se com dor. A respiração do Mestre também parou. Depois que a moeda foi retirada, respirou profundamente três vezes e sua mão relaxou. O doutor ficou mudo de admiração ao ver este estranho fenômeno.

O médico disse a M., “Ação nos nervos.”

Mestre (*ao médico*): “Entro em outro estado mental. É-me impossível segurar qualquer coisa. Um dia fui à chácara de Sambhu Mallick. Naquela época sofria horrivelmente uma dor no estômago. Sambhu disse-me, ‘Tome uma pílula de ópio de vez em quando. Isso o ajudará.’ Prendeu uma pílula no canto de minha roupa. Ao voltar do templo de Kali comecei a andar perto do portão como se fosse incapaz de encontrar o caminho. Joguei o ópio fora e imediatamente retomei o meu estado normal. Voltei ao templo.

“Um dia em Kamarpukur apanhei algumas mangas. Levava-as para casa, mas não podia andar. Tinha que ficar num lugar. Deixei-as num buraco. Só então pude voltar para casa. Bem, como o senhor explica isso?”

Doutor: “Há uma força por trás. Força de vontade.”

M.: “O Mestre diz que é a força de Deus. O senhor diz que é a força de vontade.”

Mestre (*ao médico*): “Assim também, entro em tal estado mental que se alguém disser que estou melhor, imediatamente sinto-me melhor. No outro dia a brahmani me disse, ‘O senhor está cinquenta por cento melhor.’ Imediatamente comecei a dançar.”

Shri Ramakrishna estava satisfeito com o médico. Disse-lhe, “O senhor tem uma natureza muito boa. Há dois sinais do conhecimento: natureza pacífica e falta de orgulho.”

M.: “O médico perdeu a esposa.”

Mestre (*ao médico*): “Digo que Deus pode ser o realizado se uma pessoa sentir-se atraída para Ele pela intensidade dessas três atrações: a atração de uma criança por sua mãe, a atração do marido pela esposa fiel e a atração por posses de um homem mundano

“Por favor cure-me.”

O médico ia examinar a garganta do Mestre que estava sentado numa cadeira no pórtico. Referindo-se ao Dr. Sarkar o Mestre disse: “É um vilão. Pressionou minha língua como se eu fosse uma vaca.”

Médico: “Ele não machucou de propósito.”

Mestre: “Não, pressionou a língua para fazer um exame completo.”

Domingo, 20 de setembro de 1885

Shri Ramakrishna, no quarto, estava cercado por Navagopal, Haralal, Rakhal, Latu e outros. Um goswami, músico também estava presente.

M. chegou com o Sr. Rakhal de Bowbazar. O médico começou a examinar o Mestre. Era uma pessoa forte com dedos grossos.

¹¹ Na Índia amarra-se o dinheiro e outros objetos no canto da roupa.

Mestre (*sorrindo, dirigindo-se ao médico*): “Seus dedos são como os de um lutador. Mahendra Sarkar também me examinou. Pressionou minha língua de forma tão forte como se faz com a de uma vaca, que me machucou.”

Médico: “Não vou machucá-lo, senhor.”

O médico escreveu a receita. Shri Ramakrishna conversava.

Mestre (*aos devotos*): “Bem, perguntam-me porque sendo um santo, fico doente.”

Tarak: “Bhagavan Das Babaji também ficou doente por muito tempo.”

Mestre: “Vejam o Dr. Madhu. Com sessenta anos leva comida para a amante, e não tem qualquer doença.”

Goswami: “Sua enfermidade é para o bem de todos, porque toma para si os pecados dos que vêm aqui vê-lo. O senhor fica doente porque aceita seus pecados.”

Um devoto: “Logo ficará curado se disser à Mãe, ‘Mãe, por favor faz-me ficar bem’.”

Mestre: “Não posso pedir a Deus isso. A atitude amo-servo está agora mais fraca. Às vezes digo, ‘Ó Mãe, por favor conserta um pouco a bainha¹² da espada, mas estas orações são cada vez menos freqüentes. Hoje não vejo meu ‘eu’; mas que é Deus que reside nesta bainha.”

O goswami fora convidado para cantar. Um devoto perguntou, “Haverá kirtan?” Como o Mestre estava doente temiam que o kirtan o levasse ao êxtase, agravando seu estado.

Shri Ramakrishna disse, “Deixe que haja kirtan. Temem que eu entre em êxtase e a emoção espiritual irrite a garganta.”

O goswami começou o kirtan. Shri Ramakrishna não pôde se controlar. De pé dançou com os devotos. O médico observava a cena.

Uma carruagem alugada esperava Dr. Rakhal. Ele e M. estavam de saída para Calcutá. Saudaram o Mestre que perguntou a M., com carinho, “Comeu?”

Quinta-feira, 24 de setembro de 1885

Era noite de lua cheia. O Mestre sentado no divã, estava muito mal. M. e alguns devotos sentaram-se no chão.

Mestre (*a M.*): “De vez em quando penso que o corpo é uma simples fronha e a única substância verdadeira é Satchidananda Indivisível.

Quando entro em êxtase, a doença sai. Agora estou assim e sinto-me feliz.”

Chegaram umas senhoras da família de Dwija. Saudaram o Mestre e sentaram-se. Apontando para uma, o Mestre perguntou, “Quem é? A que educou Dwija? Por que ele comprou um ektara?”

M.: “Ele tem duas cordas.”

Mestre: “O pai de Dwija é contra os pontos de vista de seu filho. As pessoas não vão criticá-lo? É mais prudente que ele ore a Deus secretamente.”

Na parede do quarto do Mestre havia um quadro de Gauranga e outro de Nitai. Representava os dois irmãos cantando hinos religiosos com os companheiro de Navadvip.”

Ramlal (*ao Mestre*): “Então dou o quadro a M.?”

Mestre: “Sim.”

Shri Ramakrishna se tratava com o Dr. Pratap. Acordou à meia-noite sentindo-se extremamente desassossegado. Harish que o atendia, e Rakhal estavam presentes. Ramlal dormia na varanda. Mais tarde o Mestre comentou, “Sentia-me extremamente inquieto, como se estivesse abraçando Harish. Puseram um óleo medicinal na minha cabeça. Então comecei a dançar.



¹² O Mestre referia-se a seu corpo.

CAPÍTULO XLV

SHRI RAMAKRISHNA EM SHYAMPUKUR

18 de outubro de 1885

OS MÉDICOS DIAGNOSTICARAM a doença de Shri Ramakrishna como câncer. Em Dakshineswar não era possível ter tratamento e alimentação adequados. Ele necessitava da atenção constante de um médico, o que não podia ser dado no templo. Além disso os devotos que viviam em Calcutá tinham muita dificuldade em servi-lo diariamente em Dakshineswar. Por isso os devotos mais velhos alugaram uma pequena casa de dois andares em Baghbazar, Calcutá, e levaram o Mestre para lá. Shri Ramakrishna não gostou do lugar e foi para a casa de Balaram. Poucos dias depois foi alugada uma casa em Shyampukur, na parte norte de Calcutá, para onde o Mestre foi levado. Ficou sob os cuidados do Dr. Mahendra Lal Sarkar. A moradia constava de dois aposentos grandes e dois menores, no segundo andar. Um dos aposentos maiores era usado como sala de visitas, e o outro, foi destinado ao Mestre. Dos aposentos menores, um passou a ser utilizado para os devotos dormir, e o outro, para a Santa Mãe. Perto da saída para o terraço havia um pequeno espaço quadrado coberto onde a Santa Mãe ficava e durante o dia preparava a comida do Mestre.

Era o dia de Vijaya, o quarto dia da adoração de Durga, quando a imagem é imersa na água. Nesse dia a Mãe Divina volta para Sua morada celestial no Monte Kailasha, deixando saudade no coração dos devotos.

Eram oito horas da manhã. O ar estava frio. Embora doente, Shri Ramakrishna estava sentado na cama. Parecia um menino de cinco anos que não conhecia nada além de sua mãe. Navagopal, M. e poucos devotos estavam presentes. Surendra chegou e sentou-se. A Mãe Divina fora adorada em sua casa nos últimos três dias. Shri Ramakrishna não pudera ir lá por causa da doença, mas enviara alguns discípulos em seu lugar. Surendra estava muito triste, porque nesse dia a imagem da Mãe deveria ser imersa na água.

Surendra: “Tive que fugir de casa.”

Mestre (*a M.*): “É daí, que a imagem seja jogada na água? Que a Mãe possa morar no coração!”

Surendra estava desolado. Chorava e conversava com a Mãe Divina. A esse desassossego de seu amado discípulo, Shri Ramakrishna não pôde conter as lágrimas. Olhou para M. e disse com a voz embargada. “Que bhakti! Ah, que amor ele sente por Deus!”

Mestre (*a Surendra*): “Ontem à noite entre sete e sete e meia, vi seu oratório numa visão. Vi a divina imagem plena de brilho. Este lugar seu oratório estavam ligados por uma corrente de luz que fluía entre eles.”

Surendra: “Naquele momento eu chorava para a Mãe no oratório. Meus irmãos mais velhos subiram. Pensei que a Mãe dissera, ‘Voltarei de novo.’ ”

Eram mais ou menos onze horas da manhã. Shri Ramakrishna terminara a refeição. M. despejou água em sua mão para que lavasse a boca.

Mestre (*a M.*): “Rakhal está com indigestão. O melhor é somente alimento sátvico. Não leu sobre isto no *Gita*? Não lê o *Gita*?”

M.: “Sim, sim. O *Gita* fala de moderação no comer. Comida sátvica, comida rajásica, bondade sátvica, ego sátvico etc. – todos esses assuntos estão descritos no *Gita*.”

Mestre: “Tem um exemplar desse livro?”

M.: “Sim, senhor.”

Mestre: “Esta obra contém a essência de todas as escrituras.”

M.: “O *Gita* descreve os diversos caminhos para se realizar Deus. O senhor também diz que Deus pode ser alcançado por vários caminhos: conhecimento, devoção, trabalho e meditação.”

Mestre: “Conhece o significado de karma yoga? É a entrega a Deus do fruto de todas as ações.”

M.: “Sim, senhor, li no *Gita*. Diz também que há três maneiras de praticar uma ação.”

Mestre: “Quais?”

M.: “Primeiro pode-se praticar karma para alcançar jnana; segundo para ensinar os outros e terceiro sob o impulso de sua natureza.”

Depois de enxugar a boca o Mestre mastigou a folha de betel.

Shri Ramakrishna conversava com M. sobre o Dr. Sarkar. M. estivera na casa do médico no dia anterior, para informar sobre o estado do Mestre.

Mestre: “Sobre o que conversaram?”

M.: “Há muitos livros na casa do médico. Escolhi um e, de vez em quando, lia uma passagem, em voz alta para o Dr. Sarkar. Era um livro sobre a necessidade da Encarnação Divina de Sir Humphry Davy.”

Mestre: “O que você disse ao médico?”

M.: “Havia uma passagem que afirmava que a Verdade Divina deve ser tornada uma verdade humana para ser apreciada por nós; por isso a Encarnação Divina é necessária.”

Mestre: “Esplêndido! Isto é muito bom.”

M.: “O autor deu o exemplo do sol. Não se pode olhar diretamente para ele, mas pode-se olhar para seus raios refletidos.”

Mestre: “Muito bem. O que mais?”

M.: “Uma outra passagem afirma que o conhecimento real é a fé.”

Mestre: “Isto também é muito bom. Se uma pessoa tem fé, tem tudo.”

M.: “O autor sonhava com os deuses e as deusas romanos.”

Mestre: “Será que existe um livro assim? Certamente o autor foi inspirado por Deus. Conversou sobre algo mais?”

M.: “Pessoas como o Dr. Sarkar falam de fazer o bem no mundo. Por isso falei-lhe sobre o que o senhor diz a esse respeito.”

Mestre (*sorrindo*): “O que digo?”

M.: “Sobre Sambhu Mallick. Ele disse ao senhor: ‘É meu desejo dar meu dinheiro para a construção de escolas, hospitais, dispensários e outras obras. Isto fará bem a muitos.’ A isso o senhor contestou, ‘Suponhamos que Deus apareça diante de você. Vai pedir-lhe para construir hospitais, escolas e dispensários?’ Falei também de outra coisa ao médico.”

Mestre: “Aqueles que nascem para trabalhar pertencem a uma classe diferente. O que mais você lhe disse?”

M.: “Disse ao médico, ‘Se seu propósito é visitar a imagem da Mãe Kali, que ganhará gastando seu tempo todo dando esmolas aos pobres pelo caminho? Primeiro é melhor visitar a imagem. Depois poderá dar esmolas se assim o desejar.’ ”

Mestre: “Falou sobre algo mais?”

M.: “Sim. Disse-lhe que muitos que vêm ao senhor já conquistaram a luxúria. A isso, o médico replicou, ‘Eu também já conquistei a luxúria.’ Eu disse, ‘O senhor é um grande homem. Não é de se admirar que tenha conquistado a luxúria, mas o que surpreende é que sob influência dele, mesmo criaturas insignificantes a tenham conquistado.’ Depois falei-lhe sobre o que o senhor dissera a Girish.”

Mestre (*sorrindo*): “O que eu disse?”

M.: “O senhor disse a Girish, ‘O médico não foi capaz de superar o senhor.’ O senhor disse isso referindo-se ao fato de que ele o considera uma Encarnação Divina.”

Mestre: “Discuta a doutrina da Encarnação Divina com o Dr. Sarkar. Aquele que libera os outros é uma Encarnação de Deus. As escrituras falam de dez, de vinte e quatro e também, de inúmeras Encarnações.”

M.: “O Dr. Sarkar está profundamente interessado em Girish Ghosh. Sempre me pergunta se Girish deixou de beber. Está de olho nele.”

Mestre: “Já falou com Girish a respeito?”

M.: “Sim, senhor, e também, falei-lhe sobre deixar de beber.”

Mestre: “O que ele disse?”

M.: “Disse, ‘Uma vez que todos vocês dizem isso, tomo suas palavras como se fosse as do próprio Mestre, mas não quero prometer nada.’ ”

Mestre (*muito contente*): “Kalipada disse-me que ele largou a bebida por completo.”

Era de tarde. O Dr. Sarkar cegou acompanhado do filho Amrita. Hem, Narendra e outros estavam presentes.

À parte Shri Ramakrishna conversava com Amrita. Perguntou-lhe, “Você medita?” Falou mais, “Sabe o que uma pessoa sente durante a meditação? A mente torna-se como o fluir contínuo de azeite – pensa somente num tema, e esse é Deus. Não pensa em nada mais.”

Shri Ramakrishna conversava com os devotos.

Mestre (*ao médico*): “Seu filho não crê em Encarnação de Deus. Está muito bem. Não importa se ele acredita ou não.

“Seu filho é um bom rapaz. Por que não haveria de ser? Uma mangueira da espécie boa, ‘Bombaim’, pode dar mangas ácidas? Como é firme sua fé em Deus! É um verdadeiro homem aquele cuja mente mora em Deus, aquele cuja consciência espiritual foi despertada e está firmemente convencido que somente Deus é real e tudo o mais ilusório. Não acredita em Encarnação Divina, mas o que isto importa? É suficiente que ele creia que Deus existe e que esse universo inteiro e seus seres vivos são manifestação de Seu Poder – como um homem rico e seu jardim.

“Alguns dizem que há dez Encarnações Divinas; outros, que há vinte e quatro, enquanto que outros dizem que há inúmeras Encarnações. Se você vir em qualquer lugar uma manifestação especial do Poder de Deus, pode estar certo que Deus encarnou-Se aí. Essa é a minha opinião.

“Há um outro ponto de vista, segundo o qual Deus tornou-Se tudo o que se vê. É como a fruta bel formada de três partes: sementes, casca e polpa. Aquele que é o Absoluto tem, também, o aspecto relativo, e aquele que é o Relativo também tem seu aspecto absoluto. Não se pode colocar de lado o Absoluto e compreender somente o Relativo. É somente porque existe o Relativo que se pode transcendê-lo passo a passo e alcançar o Absoluto.

“Enquanto existir a ‘consciência do eu’, um homem não pode ir além do Relativo. Por meio da meditação pode negar os fenômenos, seguindo o processo ‘Neti, neti’, e alcançar o Absoluto, mas nada pode ser realmente negado, como o exemplo da fruta bel.”

Médico: “É verdade.”

Mestre: “Kacha havia se submergido em nirvikalpa samadhi. Quando a mente retomou ao plano relativo, alguém perguntou-lhe. ‘O que você vê agora?’ Kacha respondeu, ‘Vejo que o universo está embebido em Deus. Tudo está preenchido por Deus.. É somente Deus que Se converteu em tudo o que vejo. Não sei o que aceitar ou rejeitar.’

“Na minha opinião deve-se realizar tanto Nitya como Lila e então, viver no mundo como o servo de Deus. Hanuman viu o Deus Pessoal e a Realidade sem forma. Viveu como um devoto de Deus, como Seu servo.”

M (*para si mesmo*): “Por isso devemos aceitar ambos – o Absoluto e o Relativo. Desde que a filosofia Vedanta foi introduzida na Alemanha, alguns filósofos europeus também, vêm pensando dessa maneira, mas o Mestre diz que não se pode alcançar Nitya e Lila sem renúncia completa, quer dizer, sem abandonar completamente ‘mulher e ouro’. Essa pessoa deve ser um verdadeiro homem de renúncia, estar totalmente desapegado do mundo. Aqui reside a verdadeira diferença entre ele e tais filósofos europeus como Hegel.”

Na opinião do Dr. Sarkar, Deus criou os homens e ordenou que cada alma fizesse um progresso infinito. Não acreditava que um homem fosse maior do que o outro. Por isso não acreditava na doutrina da Encarnação Divina.

Médico: “Acredito no progresso infinito. Se assim não for, que sentido tem uma existência de cinco ou seis anos no mundo? Preferiria enforcar-me.

“Encarnação! O que é isto? Abaixar-se diante de um homem que põe para fora a sujeira! É absurdo! Mas se falar de um homem como o reflexo da Luz de Deus – sim, isso admito.”

Girish (*sorrindo*): “Mas o senhor não viu a Luz de Deus.”

Dr. Sarkar hesitava antes de dar uma resposta. Um amigo sentado perto dele, sussurrou algo em seu ouvido.

Médico (*a Girish*): “Você também só viu o reflexo.”

Girish: “Eu A vejo! Vejo a Luz! Provarei que Shri Krishna é uma verdadeira Encarnação de Deus ou cortarei minha língua!”

Mestre: “Tudo isso é uma conversa inútil. É como o desvario de um doente que delira. Esse paciente diz, ‘Beberei um tanque cheio de água, comerei a travessa inteira de arroz.’

O médico diz, “Sim, sim. Você terá tudo isso. Nós lhe daremos tudo o que quiser quando estiver convalescente.”

“Quando a manteiga está quente, chia e crepita, mas todo barulho cessa quando estiver totalmente fervida. Como a mente de um homem é, assim é sua concepção de Deus. Tenho visto nas casas de homens ricos, retratos da Rainha ¹ e de outros aristocratas, mas os devotos guardam em suas casas quadros de deuses e deusas.

“Lakshmana disse, ‘Ó Rama, até um sábio como Vashishthadeva foi tomado de dor ante a morte de seus filhos!’ ‘Irmão’, respondeu Rama, ‘aquele que tem conhecimento também tem ignorância. Aquele que é consciente da luz, o é também da escuridão, portanto, vá além de conhecimento e ignorância. Alcança-se aquele estado por meio de um conhecimento íntimo com Deus. Esse conhecimento é chamado vijnana.

“Quando um espinho espeta a sola de seu pé, você tem que conseguir outro espinho. Retira o primeiro, com ajuda do segundo. Em seguida joga ambos fora. Assim também, depois de remover o espinho da ignorância com ajuda do espinho do conhecimento, deve jogar fora ambos os espinhos.

“Há sinais do Conhecimento Perfeito. Um é que termina todo raciocínio. Como acabei de dizer, a manteiga chia e crepita enquanto não estiver totalmente fervida.”

Médico: “Mas pode alguém reter o Conhecimento Perfeito permanentemente? O senhor diz que tudo é Deus. Então por que mantém a profissão de paramahansa? E por que todas essas pessoas o servem? Por que não fica calado?”

Mestre (*sorrindo*): “Água é água, parada, em movimento ou quebrando-se em ondas.

“Devo dizer-lhe algo mais. Por que eu não deveria ouvir o ‘mahut Narayana’? O guru falou ao discípulo que tudo era Narayana. Um elefante louco estava vindo em direção ao discípulo, mas ele não se moveu porque acreditava nas palavras do guru. Pensou que o elefante era Narayana. O mahut gritou-lhe: ‘Afaste-se! Afaste-se!’ Mas o discípulo não saiu do lugar. O elefante levantou-o e jogou-o ao solo. O discípulo não morreu. Quando espargiram água em seu rosto, voltou à consciência. Sendo perguntado porque não havia se afastado, disse, ‘Por que deveria? O guru disse, “Tudo é Narayana”, ‘Mas, meu filho’, disse o guru ‘por que não deu ouvidos às palavras do mahut Narayana?’

“É Deus que mora no interior, como Mente Pura e Inteligência Pura. Sou a máquina e Ele é o Operador. Sou a casa e Ele o Morador. É Deus que é o mahut Narayana.”

Médico: “Permita-me perguntar, por que o senhor me pede para curar sua doença?”

Mestre: “Falo assim enquanto estou consciente do ‘jarro’ do ‘ego’. Pense num vasto oceano cheio de água por todos os lados. Um jarro é imerso nele. Há água tanto dentro quanto fora do jarro, mas a água não se torna uma só a não ser que o jarro se quebre. É Deus que mantém esse ‘jarro’ do ‘ego’ em mim.”

Médico: “O que significa o ‘ego’ e tudo o que o senhor está dizendo? Deve me explicar isto. Está querendo nos dizer que Deus está nos pregando peças?”

Girish: “Senhor, como sabe que Ele não está nos pregando peças?”

Mestre (*sorrindo*): “É Deus quem mantém esse ‘ego’ em nós. Tudo isso é Seu jogo, Sua lila. Um rei tem quatro filhos. Todos são príncipes, mas quando brincam, um se faz de ministro, outro de policial e assim por diante. Embora príncipe, brinca como policial.

(*Ao médico*) “Escute. Se o senhor realizar o Atman verá a verdade de tudo que falei. Todas as dúvidas desaparecem depois da visão de Deus.”

Médico: “Mas será possível que nos livremos de todas as dúvidas?”

Mestre: “Aprenda comigo o máximo daquilo que falei, mas se desejar aprender mais, deve orar a Deus em solidão. Pergunte-lhe porque Ele ordenou assim.

“Um menino da casa pode dar a um mendigo somente uma pequena porção de arroz, mas se o mendigo pedir a passagem do trem, o dono da casa deve autorizar.”

O médico ficou em silêncio.

Mestre: “Bem, o senhor gosta de raciocinar. Está bem. Vamos raciocinar um pouco. Ouça. Segundo um jnani não há Encarnação de Deus. Krishna disse a Arjuna, ‘Você refere-se a mim como uma Encarnação de Deus. Vou mostrar-lhe algo. Venha comigo.’ Arjuna seguira Shri Krishna a uma curta distância, quando Ele lhe perguntou, ‘O que você vê ali?’ Arjuna

¹ Rainha Victoria

respondeu, ‘Uma árvore grande com amoras pretas dependuradas nos galhos.’ Krishna disse, ‘Não são amoras pretas. Aproxime-se e examine-as.’ Arjuna chegou mais perto e viu que eram Krishnas dependuradas em cachos. ‘Veja agora’, disse Krishna, ‘quantos Krishnas como Eu cresceram ali?’

“Karvidas dizia de Krishna, ‘Ele dançava como um macaco, enquanto as gopis batiam palmas!’

“À medida que o senhor se aproxima de Deus, vê cada vez menos Seus upadhis, Seus atributos. Um devoto no começo pode ver a Divindade como a Mãe Divina com dez braços. Aproximando-se mais vê que Ela possui seis braços. Ainda mais perto vê como Gopala de dois braços. Quando mais se aproxima da Divindade, menos atributos vê. Por fim, quando chega à presença da Divindade, vê somente a Luz sem qualquer atributos.

“Ouça um pouco de raciocínio vedântico. Um mágico foi ao rei para apresentar sua mágica. Quando o mágico se afastou um pouco, o rei viu um homem num cavalo, aproximando-se. Estava brilhantemente arreado e levava diversas armas com as mãos. O rei e o auditório começaram a cogitar o que era real no fenômeno, que se apresentava diante deles. Evidentemente o cavalo não era real, nem as roupas, nem a armadura. Por fim descobriram, sem qualquer sombra de dúvida, que somente o cavaleiro estava ali. O significado disso é que somente Brahman é real e o mundo irreal. Nada mais permanece se for analisado.”

Médico: “Não faço qualquer objeção a isso.”

Mestre: “Mas não é fácil libertar-se da ilusão. Prolonga-se mesmo depois de termos alcançado o Conhecimento Um homem sonhou com um tigre. Despertou e seu sonho desvaneceu, mas o coração continuou a bater fortemente.

“Alguns ladrões foram a um campo. Uma figura de palha semelhante a um homem, tinha sido colocado ali para atemorizar os intrusos. Os ladrões assustaram-se ao ver a figura, e não conseguiram entrar no campo. Um deles, porém, aproximou-se e viu que havia somente uma figura de palha. Voltou para onde estavam seus companheiros e disse, ‘Nada há a temer.’ Mesmo assim recusaram-se a entrar. Diziam que o coração batia rápido. O ladrão ousado jogou a figura no chão e disse, ‘Não é nada, não é nada!’ Este é o processo de ‘Neti, neti’.”

Médico: “Estas são belas palavras.”

Mestre (*sorrindo*): “Que tipos de palavras?”

Médico: “Belas.”

Mestre: “Então diga-me *Thank you*.” [O Mestre disse essas palavras em inglês].

Médico: “Sabe o que estão pensando? Tenho tanto trabalho para vir aqui.”

Mestre (*sorrindo*): “Não, não é isso. Diga alguma coisa para o bem dos ignorantes. Depois da morte de Ravana, seu irmão Bibhishana recusou ser rei do Ceilão. Disse, ‘Ó Rama, eu Te consegui. O que farei com um reino?’ Rama respondeu, ‘Bibhishana, seja rei para o bem dos ignorantes, para aqueles que possam perguntar quais as riquezas que obteve servindo-Me tanto. Seja rei para dar-lhes uma lição.’”

Médico: “Há aqui essas pessoas ignorantes?”

Mestre (*sorrindo*): “Ó, sim! Aqui o senhor encomenda ostras, caracóis e também, conchas.” (*Todos riem*).

O Dr. Sarkar que era homeopata, deu dois glóbulos de remédio para Shri Ramakrishna tomar. Disse, “Estou dando-lhe esses glóbulos, um é Purusha e outro, Prakriti.” (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): “Ó sim, Purusha e Prakriti estão sempre juntos. Já observou os pombos? O macho e a fêmea não podem viver separadamente. Onde estiver Purusha, ali está Prakriti, e onde estiver Prakriti, está Purusha..”

Era o dia de Vijaya. Shri Ramakrishna pediu ao Dr. Sarkar para comer algo. Os devotos serviram-lhe doces.

Médico (*enquanto comia*): “Agora digo *Thank you* pelos doces; mas não, pelos ensinamentos. Por que eu daria esse *Thank you* (*Apontando para Naren mais jovem*) Olhe para ele. Tem a mente totalmente mergulhada em Deus. Essas coisas que eu estava lhe dizendo – “

Médico: “Diga para os outros também.”

Mestre: “Não, deve-se dar a um homem alimento compatível com seu poder de digestão. Podem todos compreender o que eu disse? Não posso falar com todos como falei com o senhor. Suponhamos que a mãe tenha comprado peixe para a família. Nem todos os filhos têm

o mesmo poder de digestão. Para alguns ela prepara pilau, para outros, guisado. Esses últimos têm estômago delicado.” (*Todos riem*).

O Dr. Sarkar se despediu. Era o dia de Vijaya, quando as pessoas demonstram amor e respeito a seus amigos e aos mais velhos, com saudações apropriadas. Todos os devotos prosternaram-se diante de Shri Ramakrishna e tomaram a poeira de seus pés. Em seguida, abraçaram-se. Sua alegria não conhecia limites. O Mestre estava seriamente doente, mas fazia que todos esquecessem sua enfermidade. Os abraços e trocas de cumprimentos continuaram durante muito tempo. Os devotos também tomaram uma refeição ligeira. Naren mais jovem, M. e alguns devotos sentaram-se perto de Shri Ramakrishna que começou a falar do Dr. Sarkar.

Mestre: “Não terei muito o que dizer. Quando o tronco de uma árvore está cortado quase de lado a lado, o lenhador mantém-se afastado. Pouco tempo depois a árvore cai por si mesma.”

Naren mais jovem (*sorrindo*): “Aqui todo está normal!”

Mestre (*a M.*): “O médico já mudou muito, não é?”

M.: “Sim, senhor. Quando vem aqui fica perdido. Jamais fala de remédios. Quando o faço lembrar-se, diz, ‘Ah, sim, sim! Tenho que receitar o remédio.’”

Alguns devotos cantavam na sala de visitas. Voltaram ao quarto do Mestre. Shri Ramakrishna disse, “Ouvi a música, mas por que erraram tanto no ritmo? Uma vez ouvi falar de um homem que era adepto de dissonância. Vocês cantaram como ele.” (*Todos riem*).

Um jovem parente de Naren mais jovem chegou. Usava óculos e vestia-se com afetação. Shri Ramakrishna falou com Naren mais jovem.

Mestre: “Veja, um jovem caminhava ao longo da estrada. Vestia uma camisa plissada e como ele se pavoneava! De vez em quando mostrava a camisa tirando a cachecol e olhava em volta para ver se alguém o estava admirando, mas quando andava podia-se ver que tinha os joelhos deformados. (*Todos riem*). O pavão exhibe suas penas, mas os pés são muito sujos. (*Todos riem*). O camelo é muito feio, tudo nele é muito feio.”

Jovem: “Mas trabalha bem.”

Mestre: “Sim, mas come plantas. Continua a comer espinhos, embora a boca sangre. As pessoas mundanas perdem os filhos, mas mesmo assim, desejam mais.”

22 de outubro de 1885

Era quinta-feira à tarde, poucos dias depois do Durga Puja. Shri Ramakrishna sentou-se na cama, em seu quarto no segundo andar com o Dr. Sarkar, Ishan e outros devotos. Embora o Dr. Sarkar fosse um médico muito ocupado, passava muito tempo – às vezes seis ou sete horas – na companhia de Shri Ramakrishna. Sentia um grande amor pelo Mestre, e considerava os devotos seus próprios amigos e parentes. Um lampião ardia no quarto. Lá fora o luar brilhava.

Dirigindo-se a Ishan, um devoto chefe de família, o Mestre disse, “Abençoado é, na verdade, o chefe de família que cumpre seus deveres no mundo e, ao mesmo tempo, dedica todo amor aos Pés de Lótus de Deus. Na verdade é um herói, como aquele que carrega uma pesada carga na cabeça e ao mesmo tempo, observa um cortejo nupcial. Não se pode levar essa vida sem um grande poder espiritual. Um homem assim é como um bagre que vive na lama mas não é tocado por ela. Além disso, esse chefe de família pode ser comparado a uma ave aquática que mergulha com frequência na água, mas ao sacudir as asas, somente uma vez, tira todo vestígio de umidade.

“Mas um homem deve praticar alguma disciplina espiritual para poder levar uma vida desapegada no mundo. É-lhe necessário passar algum tempo na solidão – quer seja um ano, seis meses, três meses ou mesmo, um mês. Na solidão deve fixar a mente em Deus e orar com o coração anelante pelo amor de Deus. Deveria, também, dizer a si mesmo, ‘Não há ninguém no mundo que seja meu. Aqueles que considero meus, estão aqui somente por dois ou três dias. Somente Deus é meu, somente Ele é meu todo sempre. Ah, como posso realizá-Lo?’

“Pode-se viver no mundo depois de se obter amor de Deus. É como se quebrar a jaca depois de esfregar as mãos com óleo, o suco pegajoso da fruta não gruda mais. O mundo é como a água e a mente como o leite. Se puser leite na água, ele se misturará com ela. Primeiro

mantenha o leite parado num lugar e depois, transforme-o em coalhada. Da coalhada extrai-se a manteiga que pode ser mantida na água e não se misturará mais. Somente flutuará.

“Alguns membros do Brahma Samaj disseram-me, ‘Senhor, nossa atitude em relação ao mundo é como a do rei Janaka. Como ele, queremos desfrutar o mundo com desapego.’ Disse-lhes, ‘Viver no mundo com desapego é muito difícil. Somente falando não podem ser um rei Janaka. Quanta austeridade ele praticou! Durante quanto tempo permaneceu numa mesma postura, de cabeça para baixo e pés para cima! Vocês não têm que praticar essas disciplinas tão radicais, mas necessitam de sadhana. Devem viver na solidão. Podem levar uma vida de chefe de família depois de ter alcançado, na solidão, conhecimento divino e amor. O leite transforma-se em coalhada quando não for mexido. A coalhada não se forma se o leite for levado de um lugar para o outro, ou muito mexido.

“Devido ao seu desapego ao mundo, Janaka foi, também, considerado um ‘Videha’, isto é, uma pessoa livre da consciência do corpo. Embora vivendo no mundo, comportava-se como um jivanmukta, alma livre vivendo num corpo. Mas para a maioria libertar-se da consciência do corpo é algo que está muito distante. É necessária uma intensa disciplina espiritual.

“Janaka foi um grande herói. Esgrimava com duas espadas, uma do conhecimento e outras, da ação.

“Podem me perguntar, ‘Há alguma diferença entre a realização de dois jnanis, sendo um chefe de família e o outro, um monge?’ A resposta é que os dois pertencem a uma só classe, ambos são jnanis, têm a mesma experiência. Mas o jnani chefe de família tem razão de temer. Não pode livrar-se totalmente de seu temor enquanto viver no meio de ‘mulher e ouro’. Se tiverem constantemente num aposento cheio de fuligem, com certeza vão sujar o corpo, por pouco que seja, não importa quão espertos possam ser.

“Depois de extrair a manteiga, se a mantiverem num pote novo, não há perigo de estragar-se, mas se a conservarem num pote em que a coalhada foi guardada, bem, é duvidoso que ela conserve o sabor. (*Risada*).

“Quando se tosta arroz, alguns grãos saltam da frigideira para o chão. São brancos como flores de mallika, sem qualquer mancha, mas os grãos que ficam na frigideira são bons, ainda que não sejam tão imaculados como uma flor de mallika fresca, estão um pouco manchados. Assim também, um monge que renunciou ao mundo alcança sabedoria divina, parece imaculado como a flor branca, mas aquele que permanece na frigideira do mundo, depois de alcançar Conhecimento, pode sair um pouco chamuscado. (*Todos riem*).

“Um dia uma bhairavi chegou à corte do rei Janaka. À vista da mulher, o rei abaixou a cabeça e fixou o olhar no chão. A isto a bhairavi disse, ‘Ó Janaka, ainda hoje tem medo de uma mulher!’ Por meio do Conhecimento Perfeito um homem torna-se como um menino de cinco anos, não conhece a diferença entre homem e mulher.

“Embora um jnani que viva no mundo tenha alguma mancha pequena, esta, porém, não o prejudica. A lua, sem dúvida, tem manchas escuras, mas elas não obstruem sua luz.

“Depois de realizar Deus, algumas almas trabalham para ensinar as pessoas. Janaka, Narada e outros como eles, pertencem a este grupo, mas deve-se ter mandato para ensinar os outros. Os sábios da antiguidade estavam ocupados em alcançar o conhecimento para si próprios, mas instrutores como Narada iam de um lado para outro fazendo o bem. Eram verdadeiros heróis.

“Uma vara qualquer flutuando na água afunda com o peso de um pássaro, mas uma tora pesada e grande flutuando na água agüenta o peso de uma vaca, de um homem ou mesmo de um elefante. Um barco não somente cruza a água, mas carrega muitas pessoas. Instrutores como Narada podem ser comparados à pesada tora ou ao barco.

“Um homem depois de comer algo saboroso, retira qualquer vestígio, limpando o rosto com uma toalha, para que ninguém possa perceber. (*Todos riem*). Outro, também tendo obtido uma manga, não somente a saboreia, mas também a divide com os outros.

“Mesmo depois de terem alcançado o Conhecimento Perfeito, instrutores como Narada, retiveram o amor a Deus em sua mente, para o bem-estar de outros.”

Médico: “Jnana torna um homem sem fala. Fecha os olhos e derrama lágrimas. Necessita, então, de bhakti.”

Mestre: “Bhakti pode ser comparada a uma mulher que tem acesso ao pátio interno da casa. Jnana pode ir somente até os aposentos externos.”

Médico: “Nem todas as mulheres podem entrar nos aposentos internos, como por exemplo, as prostitutas. Daí a necessidade de jnana.”

Mestre: “Um homem pode não conhecer o caminho correto, mas se tem bhakti e desejo de conhecer Deus, pode alcançá-Lo pela força de bhakti pura. Uma vez um devoto sincero saiu em peregrinação para o templo de Jagannath em Puri. Não conhecia o caminho; dirigiu-se para o oeste em lugar de ir para o sul. Sem dúvida desviou-se do caminho certo, mas sempre perguntava ansiosamente às pessoas qual era o caminho e elas davam-lhe a direção certa, dizendo, ‘Este não é o caminho, siga por aquele outro.’ Por fim o devoto chegou a Puri e adorou a Divindade. Assim o senhor pode ver que, mesmo sendo-se ignorante, alguém lhe mostrará o caminho, se for sincero.”

Médico: “Mas o devoto em sua ignorância havia perdido o caminho.”

Mestre: “Sim, isso acontece, sem dúvida, mas no final, o homem alcança a meta.”

Um devoto: “Deus tem forma ou é sem forma?”

Mestre: “Deus tem forma e, também, é sem forma. Era uma vez um sannyasi que entrou no tempo de Jagannath. Enquanto olhava a imagem sagrada, perguntou a si mesmo se Deus tinha forma ou era sem forma. Passou seu cajado da esquerda para direita, para sentir se havia tocado a imagem. O cajado não tocou em nada. Compreendeu que não havia nenhuma imagem diante dele, chegando à conclusão que Deus era sem forma. Em seguida passou o cajado da direita para a esquerda e tocou a imagem. O sannyasi compreendeu que Deus tinha forma. Assim realizou que Deus tem forma e também, é sem forma.

“Mas é muito difícil compreender isto. Naturalmente a dúvida surge na mente, se Deus é sem forma, como então Ele pode ter forma? Além do mais, se Ele tem uma forma, por que tem tantas?”

Médico: “Deus criou todas as formas no mundo, por conseguinte, tem uma. Também criou a mente e por esta razão é sem forma. É possível para Deus ser todas as coisas.”

Mestre: “Essas coisas não se tornam claras até que uma pessoa tenha realizado Deus. Ele assume diferentes formas e revela-Se de diferentes maneiras para o bem de seus devotos. Um homem guardou uma solução de tintura numa tina. Muitas pessoas vinham pedir-lhe para que lhe tingisse as roupas. Ele perguntava a um freguês. ‘Qual é a cor que o senhor deseja que tenha sua roupa?’ Se quisesse a roupa tingida de vermelho, o homem a mergulhava na tina e dizia, ‘Aqui está sua roupa tingida de vermelho.’ Se outro cliente quisesse a roupa tingida de amarelo, o homem mergulhava-a na mesma tina e dizia, ‘Aqui está sua roupa tingida de amarelo.’ Se um outro quisesse a roupa tingida de azul, o homem mergulhava na mesma tina e dizia, ‘Aqui está sua roupa tingida de azul.’ Assim tingia as roupas com cores diferentes, mergulhando-as na mesma solução. Admirado, um dos fregueses observou tudo. O homem perguntou-lhe, ‘Bem, que cor o senhor quer para sua roupa?’ Respondeu, ‘Irmão, tinta minha roupa na cor da tintura de sua tina.’ (*Risada*).

“Uma vez um homem foi a um bosque e viu uma bela criatura numa árvore. Mais tarde falou a um amigo a esse respeito, e disse, ‘Irmão, numa árvore do bosque vi uma criatura vermelha.’ O amigo respondeu, ‘Também a vi. Por que diz que é vermelha? É verde.’ Um terceiro homem disse, ‘Ó não, não! Por que diz que é verde? É amarela.’ Logo outras pessoas começaram a descrever o animal de diferentes cores como violeta, azul ou preto. Logo começaram a brigar a respeito da cor. Finalmente foram até a árvore e encontraram um homem sentado debaixo dela. Em resposta às suas perguntas, disse, ‘Vivo debaixo dessa árvore e conheço a criatura muito bem. O que cada um de vocês disse está certo. Às vezes é vermelha, às vezes é verde, às vezes é amarela, às vezes azul e outras cores. Além disso, às vezes vejo que não há cor alguma.’

“Somente aquele que freqüentemente pensa em Deus pode conhecer Sua verdadeira natureza. Somente ele sabe que Deus Se revela sob diferentes formas e maneiras, que Ele tem atributos e também, não tem nenhum. Somente o homem que vive debaixo da árvore sabe que o camaleão toma diversas cores e que, às vezes permanece incolor. Outros, ignorando a verdade inteira discutem entre si e sofrem.

“Sim, Deus tem e não tem forma. Sabe como é? Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventura Absolutos, é como um oceano sem praia. No oceano, visíveis blocos de gelo formam-se aqui e ali, devido ao frio intenso. Da mesma maneira, sob a influência refrescante da bhakti de Seus adoradores, o Infinito transforma-Se no finito e aparece diante do

adorador como Deus com forma. Quer dizer, Deus revela-Se a Seus bhaktas como uma Pessoa encarnada. Assim também, com o nascer do sol o gelo no oceano se derrete, com o despertar de jnana, o Deus encarnado volta a diluir-Se no Brahman infinito e sem forma.”

Médico: “Sim, quando o sol aparece o gelo derrete-se e, o que é mais, o calor do sol transforma a água em vapor invisível.”

Mestre: “Sim, é verdade. Como resultado da discriminação de que somente Brahman é real e o mundo ilusório, o aspirante entra em samadhi. Então, para ele, as formas ou atributos de Deus desaparecem por completo. Ele não mais sente que Deus é uma Pessoa. Não pode descrever em palavras o que Deus é. E quem o poderia? Aquele que deve descrevê-Lo não mais existe; não mais encontra seu ‘eu’. Para uma tal pessoa, Brahman é sem atributos. Nesse estado Deus é experimentado somente como Consciência pela consciência mais interior do homem. Deus não pode ser compreendido pela mente e pela inteligência.

“Por isso as pessoas comparam bhakti, amor a Deus, com a luz fria da lua, e jnana, conhecimento, com os raios abrasadores do sol. Ouvi falar que há oceanos nos extremos norte e sul, onde o ar é tão frio, que congela a água formando aqui e ali, blocos de gelo. Os navios não podem navegar ali, são detidos pelo gelo.”

Médico: “Então o caminho de bhakti o aspirante encontra muitos obstáculos.”

Mestre: “Sim, é verdade, mas isto não causa nenhum mal ao devoto. Afinal de contas, é a água do Oceano de Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventura, que está transformada em gelo. Não faz mal se a pessoa continua a raciocinar, dizendo, por exemplo, que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Este raciocínio despertará jnana que, como o sol, irá derreter o gelo das formas divinas, no infinito Oceano de Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventura Absolutos.

“No samadhi, que chega ao final do raciocínio e discriminação, não existe o ‘eu’. É, contudo, extremamente difícil alcançá-lo porque a consciência do ‘eu’ prolonga-se de forma persistente. É por isso que um homem nasce repetidamente neste mundo.

“A vaca sofre tanto porque diz ‘Hamba! Hamba!’, quer dizer, ‘Eu! Eu!’ Está presa ao arado o dia inteiro, com chuva ou sol, ou é sacrificada pelo açougueiro, mas isto não põe fim ao seu pesar. O sapateiro curte seu couro para fazer sapatos. Finalmente o cardador, dos intestinos, faz corda para seu arco e a usa para cardar. A vaca então diz, ‘Tuhu! Tuhu!’ isto é, ‘Tu! Tu!’ Só assim seu sofrimento chega ao fim.

“Assim também, somente quando o homem diz, ‘Não eu! Não eu! Não sou ninguém, Ó senhor, Tu és Aquele que faz e eu. Seu servo. Tu és o Amo.’ Fica livre de todo sofrimento, somente então, é liberado.”

Médico: “Mas deve-se cair nas mãos do cardador.” (*Todos riem*).

Médico: “Já que este ego não pode ser extinto, que permaneça como servo de Deus (*Todos riem*).

“Um homem pode conservar o ego até mesmo depois de atingir samadhi. Sente que é tanto um servo de Deus quanto seu amante. Shankaracharya reteve o ‘ego do Conhecimento’² para ensinar a vida espiritual. O ‘ego servo’, o ‘ego do Conhecimento’ ou o ‘ego do devoto’ podem ser chamados de ‘ego maduro’. É distinto do ego ‘imaturado’ que faz uma pessoa sentir, ‘Sou aquele que faz. Sou o filho de um homem rico. Sou erudito. Sou rico. Como alguém ousa desprezar-me?’ ‘Um homem com ‘ego imaturado’ alimenta essas idéias. Suponhamos que um ladrão tenha entrado na casa desses homens e roubado alguns de seus pertences. Se o ladrão for apanhado, todos os artigos lhe serão tomados e ele será espancado. Por fim será entregue à polícia. O dono dos objetos roubados dirá, ‘Ora! Este ladrão não sabe na casa de quem entrou!’

“Depois de realizar Deus, um homem torna-se como uma criança de cinco anos. Seu ego pode ser chamado de ‘ego de uma criança’, ‘ego maduro’. A criança não está sob controle de qualquer um dos gunas – sattva, rajas e tamas. Está além dos três gunas. Observe uma criança e verá que não está sob influência de tamas. Num dado momento briga com seu amigo íntimo, ou mesmo luta com ele, para no momento seguinte, abraçá-lo, mostrar-lhe muita afeição e voltar brincar com ele. Não está sequer sob controle de rajas. Agora constrói uma casa de brinquedos e faz planos para torná-la bonita, para no momento seguinte, abandonar tudo e

² O ego iluminado purificado pelo Conhecimento de Deus.

correr para sua mãe. Assim também é vista usando uma linda roupa de cinco rupias. Depois de algum tempo a roupa é jogada no chão, esquece-se dela. Ou então, pode levá-la debaixo do braço. Se disser à criança, ‘É uma linda roupa. De quem é?’, responde, ‘Ora, é minha. Meu papai me deu.’ Se alguém disser, ‘Meu querido, quer dá-la para mim?’, responderá, ‘Ó não, é minha, meu papai me deu. Não vou dá-la a você.’ Alguns minutos mais tarde pode-se convencê-la com um brinquedo ou com uma caixinha de música no valor de um centavo, e ela lhe dará a roupa. Além disso um menino de cinco anos não está apegado nem mesmo a sattva. Pode encontrá-lo hoje gostando muito de seus companheiros da vizinhança. Não fica feliz por um momento, sem eles, mas amanhã, quando for com os pais a outro lugar, encontrará novos companheiros. Todo seu afeto está agora dirigido para seus novos amigos e quase se esquece dos velhos companheiros. Além disso uma criança não tem orgulho de casta ou família. Se a mãe lhe disser com respeito a certa pessoa, ‘Este homem é seu irmão mais velho’, ela crê que isto é cem por cento verdade. Um dos dois pode ter nascido numa família brahmin, e o outro pertencer a uma casta mais baixa, por exemplo, a dos ferreiros, mas os dois comerão no mesmo prato. Uma criança está além de quaisquer idéias de pureza ou impureza não está ligada às convenções sociais, não hesita em ficar nua diante dos outros.

“Então há o ‘ego da velhice’ (*Dr. Sarkar ri*). Um idoso tem muitos grilhões: casta, orgulho, vergonha, ódio e medo. Além disso está ligado pelas idéias de esperteza, inteligência calculista e dissimulação. Se está zangado, não pode esquecer a mágoa facilmente. Talvez conserve estes sentimentos enquanto viver. Da mesma maneira há o ‘ego da erudição’ e o ‘ego da riqueza’. O ‘ego da velhice’ é um ‘ego imaturo’.

(*Ao médico*) “Há homens que não podem alcançar Deus, homens orgulhosos de sua erudição, de sua educação ou de sua riqueza. Se alguém falar para tais pessoas a respeito de um santo e pedir-lhe para ir visitá-lo, dará todas as desculpas e não irão, mas no fundo de seu coração pensarão, ‘Ora, nós mesmos somos pessoas importantes. Devemos visitar mais alguém?’

“Uma das características de *tamas* é o orgulho. Orgulho e ilusão provêm de *tamas*.

“Esta dito nos Puranas que Ravana tinha excesso de *rajas*. *Kumbhakarma* de *tamas* e *Bibhishana* de *sattva*. Foi por isso que *Bibhishana* pôde receber a graça de Rama. Outra característica de *tamas* é a cólera. Devido à cólera uma pessoa perde a cabeça e não pode distinguir entre o certo e o errado. Num acesso de raiva *Hanuman* ateou fogo em Lanka, sem pensar um minuto sequer que o fogo poderia também queimar a cabana onde *Sita* vivia.

“Uma outra feição de *tamas* é a luxúria. *Girindra Ghosh* de *Pathuriaghata* uma vez observou, ‘Já que você não pode livrar-se das paixões – luxúria, raiva e outras – dê a elas uma nova direção. Em vez de desejar os prazeres do mundo, deseje Deus. Mantenha um relacionamento amoroso com *Brahman*. Se não puder livrar-se da ira, mude sua direção. Assuma a atitude *tamásica* de *bhakti*, e diga, ‘O que? Repeti o sagrado nome de *Durga*, e não vou ser liberado? Como posso continuar sendo um pecador? Como posso continuar ligado por mais tempo? Se não puder se libertar da tentação, dirija-a para Deus. Fique apaixonado pela beleza de Deus. Se não puder se libertar do orgulho, então orgulhe-se em dizer que é o servo, o filho de Deus. Dirija, assim, as seis paixões para Deus.’

Médico: “É muito difícil controlar os sentidos. São como cavalos indóceis, cujos olhos têm que ser tapados com antolhos. No caso de alguns cavalos é necessário impedi-los de ver tudo.”

Mestre: “Um homem não precisa temer nada se pelo menos uma vez receber a graça de Deus, se somente uma vez obtiver a visão de Deus e alcançar o autoconhecimento. As seis paixões não mais podem lhe fazer mal.”

“Almas eternamente perfeitas como *Narada* e *Prahlada* não tiveram trabalho de colocar antolhos. Uma criança que segura a mão do pai, enquanto anda por um estreito caminho no arrozal, pode descuidar-se e largar a mão do pai, ou escorregar numa vala. Mas é muito diferente se o pai segurar a mão da criança. A criança jamais cairá na vala.”

Médico: “Mas não é próprio de um pai segurar o filho pela mão.”

Mestre: “Não é bem assim. Os grandes sábios têm a natureza de criança. Ante Deus são sempre como crianças. Não têm orgulho. Sua força é a força de Deus, a força de seu Pai. Não tem nada que podem chamar seu. Estão firmemente convencidos disso.”

Médico: “É possível fazer um cavalo andar para frente sem antes cobrir os olhos com antolhos? Pode-se realizar Deus sem antes ter dominado as paixões?”

Mestre: “O que o senhor diz está de acordo com o caminho do discernimento. É conhecido como jnana yoga. Por este caminho, também atinge-se Deus. Os jnanis dizem que um aspirante primeiro deve purificar o coração com exercícios espirituais para depois, alcançar o Conhecimento.

“Mas Deus também pode ser realizado pelo caminho da devoção. Uma vez que o devoto desenvolva amor pelos Pés de Lótus de Deus, e cante Seu nome e atributos, não tem que fazer esforço especial para dominar os sentidos. Para esse devoto os órgãos dos sentidos ficam sob controle por si mesmo.

“Suponhamos que um homem acabou de perder o filho e chora sua morte. Será que naquele dia está com disposição de brigar, ou divertir-se numa festa na casa de um amigo? Pode mostrar seu orgulho diante dos outros ou desfrutar os prazeres dos sentidos?”

“Se uma mariposa descobre a luz poderá permanecer no escuro por mais tempo?”

Médico (*com um sorriso*): “Claro que não. Preferiria voar para a chama e morrer.”

Mestre: “Ó não, não é assim. Um amante de Deus não se queixa até a morte como uma mariposa. A luz para a qual ela se lança é como a luz de uma pedra preciosa. Esta luz é brilhante, sem dúvida, mas ao mesmo tempo refrescante e acariciadora. Não queima o corpo, dá-lhe felicidade e paz.

“Pode-se alcançar Deus seguindo o caminho do discernimento e do conhecimento, mas este é um caminho muito difícil. É muito fácil dizer coisas como, ‘Não sou corpo, nem mente ou intelecto; estou além da doença e dor; sou a personificação, da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos; estou além da dor e do prazer; não estou sob o controle dos sentidos, mas é muito difícil assimilar essas idéias e praticá-las. Suponhamos que minha mão seja picada por um espinho e esteja sangrando. Nesse caso não é correto dizer, ‘Ora, minha mão está picada por um espinho! Está tudo bem.’ Para poder dizer isto devo em primeiro lugar queimar o mesmo espinho no fogo do Conhecimento.

“Muitas pessoas pensam que não podem ter conhecimento de Deus sem ler livros, mas ouvir é melhor do que ler e ver é melhor do que ouvir. Ouvir falar de Benares é diferente de ler a respeito dela; mas ver Benares é diferente de ambos, de ouvir e ler.

“Aqueles que estão realmente absortos no jogo de xadrez, nem sempre percebem corretamente os movimentos no tabuleiro. Os espectadores muitas vezes julgam melhor os movimentos do que os jogadores. As pessoas do mundo muitas vezes consideram-se muito inteligentes, mas estão apegadas às coisas do mundo. São os verdadeiros jogadores e não podem compreender corretamente seus próprios movimentos, mas os santos que a tudo renunciaram, estão desapegados do mundo; são, na verdade, mais inteligentes do que as pessoas mundanas. Já que não tomam parte na vida mundana, sua posição é dos espectadores, e assim vêem as coisas com mais clareza.”

Médico (*aos devotos*): “Se ele [referindo-se a Shri Ramakrishna] tivesse estudado em livros não poderia ter adquirido tanto conhecimento. Faraday teve contato com a natureza, por isso pôde descobrir muitas verdades científicas. Não poderia ter sabido tanto através de um mero estudo de livros. Fórmulas matemáticas somente criam confusão no cérebro e põem barreiras no caminho da investigação natural.”

Mestre: “Houve um tempo em que eu deitava no chão no Panchavati e orava à Mãe Divina. ‘Ó Mãe, revela-me o que os karmis³ realizaram através de sua adoração, o que os yogis realizaram através da yoga e o que os jnanis através do discernimento.’ Quantas vezes conversei com a Mãe Divina! Como posso descrevê-lo?”

“Ah! Por que estado passei! O sono abandonou-me por completo.”

O Mestre cantou:

Meu sono está interrompido como posso dormir mais
Porque agora estou completamente desperto na ausência de sono da yoga.
Ó Mãe Divina, tornado uno comigo no sono da yoga⁴ por fim.
Meu sono mantive acalmado para sempre..

³ Os ritualistas.

⁴ Samadhi, que faz uma pessoa aparecer adormecida.

Um homem chegou até mim de uma terra onde não há noite;
Rituais e devoção já não me servem para nada.

Continuou: ‘Não li livros, mas as pessoas me respeitam porque canto o nome da Mãe Divina. Sambhu Mallick dizia a meu respeito, ‘Eis aqui um grande herói sem espada nem escudo!’ (Risada).

A conversa girou em torno da representação de um drama de Girish Ghosh, chamado *A Vida de Buda*. O médico viu a peça e gostou muito dela

Médico (*a Girish*): “O senhor é um homem mau. Devo ir ao teatro todos os dias?”

Mestre (*a M.*): “O que ele disse? Não compreendo bem.”

M. “O médico gostou muito da peça.”

Mestre (*a Ishan*): “Por que não diz algo? (*Apontando para o médico*) Ele não acredita que Deus possa Se encarnar numa forma humana.”

Ishan: “O que vou dizer, senhor? Não me agrada discutir mais.”

Mestre (*asperamente*): “Por que? Não vai falar o que é certo?”

Ishan (*ao médico*): “Nossa fé é pouco profunda por causa de nosso orgulho. Esta dito no *Ramayana* que um corvo chamado Bhushandi à primeira vista, não aceitou Rama como Encarnação de Deus. Uma vez incorreu no desagrado de Rama. Para escapar de Sua ira, viajou através dos diferentes mundos – o lunar, o solar e assim por diante – e pelo Monte Kailasha, mas viu que não podia escapar. Então resolveu entregar-se a Ele, refugiando-se a Seus pés. Rama pegou o corvo na mão e engoliu-o. Logo o corvo viu que estava em seu ninho, na árvore. Depois que seu orgulho foi assim esmagado, o pássaro compreendeu que embora Rama se parecesse com qualquer outro homem, continha em Seu estômago o universo inteiro – céu, lua, estrelas, oceanos, rios, homens, animais e árvores.’ ”

Mestre (*ao médico*): “É muito difícil compreender que Deus pode ser ao mesmo tempo um ser humano finito e a Alma do universo que tudo penetra. O Absoluto e o Relativo são Seus dois aspectos. Como podemos dizer com nossa inteligência limitada que Deus não pode assumir uma forma humana? Podemos alguma vez compreender todas essas idéias com nosso pequeno intelecto? Pode um pote de uma medida conter quatro medidas de leite?”

“Por isso deve-se crer nas palavras dos santos e grandes almas, aquelas que realizaram Deus. Pensam constantemente em Deus, como um advogado em suas causas. Acredita na história do corvo Bhushandi?”

Médico: “Aceito o que quiser aceitar. Todas as dificuldades chegam ao fim se somente Deus revelar Sua natureza verdadeira ao devoto que O procura. Como posso aceitar Rama como uma Encarnação de Deus? Tome o exemplo da maneira como matou Vali, o chefe dos macacos. Escondeu-Se atrás de uma árvore como um ladrão, e matou Vali. É assim como um homem age, não Deus.”

Girish: “Mas, senhor, uma ação assim só é possível a Deus.”

Médico: “Então tome o exemplo de quando Ele enviou Sita ao exílio.”

Girish: “Isto também, senhor, é possível somente para Deus, não para os homens.”

Ishan (*ao médico*): “Por que o senhor não acredita na Encarnação de Deus? Acaba de dizer que Deus tem forma, pois Ele criou todas essas formas e que Deus é sem forma, uma vez que criou a mente, que é sem forma. Há pouco tempo atrás o senhor disse que tudo isso é possível para Deus.”

Mestre (*rindo*): “Já que não é mencionado na sua ‘ciência’ que Deus pode tomar forma humana, como pode ele acreditar nisso? (*Todos riem*).

“Ouça uma história. Um homem disse a seu amigo, ‘Acabei de ver uma casa desabar com um terrível estrondo.’ Ora, o amigo a quem ele contou recebera uma educação inglesa. Disse, ‘Espere um minuto. Deixe-me ver no jornal.’ Leu o jornal, mas não encontrou notícias sobre uma casa que havia desabado com estrondo. Por isso disse ao amigo, ‘Bem, não acredito em você. Não está no jornal, deve ser falso.’ ” (*Todos riem*).

Girish (*ao médico*): “O senhor tem que admitir que Krishna é Deus. Não posso permitir que O considere um simples homem. Tem que admitir que Ele é ou Deus ou demônio.”

Mestre: “A não ser que um homem seja puro, não pode facilmente ter fé em Deus. Deus está longe, muito longe da mente mergulhada no mundanismo. A inteligência mundana

cria muitas dúvidas e muitas formas de orgulho – orgulho do saber, da riqueza e outros. (A-pontando para o médico). Mas ele é puro.

“Como Keshab Sen era puro! Um dia visitou o templo de Kali em Dakshineswar. Eram mais ou menos quatro horas da tarde quando foi até a casa de hóspedes, onde os pobres eram servidos e perguntou quando os mendigos seriam alimentados. Não sabia que era muito tarde para a distribuição de comida aos pobres. À medida que a fé de um homem aumenta, aumenta seu conhecimento a respeito de Deus. A vaca que escolhe muito a comida, dá leite aos pouquinhos, mas a vaca que come tudo – ervas, folhas, grama, cascas, palha – dá leite aos borbotões. (*Todos riem*).

“Deus não pode ser realizado sem uma fé infantil. A mãe diz ao filho, apontando o rapaz, ‘Aquele é seu irmão mais velho’, e a criança imediatamente acredita que o rapaz é cem por cento seu irmão. Assim também, uma mãe diz que um espírito vive num aposento e a criança acredita cem por cento que o espírito vive no quarto. Deus concede Sua graça ao devoto que tem a fé de uma criança. Ele não pode ser visto pela mente mergulhada no mundo.”

Médico (*aos devotos*): “Contudo não está certo fazer a vaca dar leite, alimentando-a com todos os tipos de comida. Uma de minhas vacas foi alimentada dessa maneira. Bebi seu leite e o resultado foi que fiquei seriamente doente; No começo não conseguia descobrir a causa, mas depois de muito pesquisar, descobri que havia dado à vaca muitas coisas impróprias para comer. Fiquei em apuros, Tive de ir a Lucknow para uma mudança e curar-me da doença. Gastei mil e duzentas rupias. (*Gargalhada*).

“É sempre difícil descobrir a relação exata entre a causa e efeito. Uma criança de sete meses, de uma família rica, teve um ataque de tosse convulsiva. Fui chamado para consultá-la, mas mesmo com grande esforço não pude descobrir a causa da doença. Finalmente soube que havia sido dado à criança leite de asno que ficara na chuva.” (*Todos riem*).

Mestre (*aos devotos*): “Que estranho! É como dizer que um homem está com acidez no estômago porque seu coche passou debaixo de um tamarindeiro. (*Todos riem*).

Médico (*com um sorriso*): “Deixe-me contar outro caso. O capitão de um navio estava com uma dor de cabeça terrível. Depois da consulta, os médicos a bordo aplicaram um emplasto no lado do barco.” (*Todos riem*).

Mestre (*ao médico*): “Para os que buscam Deus é necessária a companhia constante de santos. A doença das pessoas mundanas tornou-se crônica. Devem seguir as instruções dos santos. O que ganharão ouvindo apenas seus conselhos? Devem não somente tomar o remédio prescrito, como também, seguir uma dieta rígida. A dieta é importante.”

Médico: “Sim, é a dieta, mais do que qualquer outra coisa, que determina a cura.”

Mestre: “Há três espécies de médicos: superior, medíocre e inferior. O médico inferior toma o pulso do paciente, simplesmente pede-lhe para tomar remédios e logo vai embora. Não se preocupa em averiguar se o paciente seguiu suas instruções. O médico medíocre procura suavemente persuadir o paciente a tomar o remédio. Diz, ‘Preste atenção, como pode melhorar sem remédio? Tome o remédio, meu querido. Eu mesmo o preparei para você.’ Mas o médico superior segue um método diferente. Se vê que o paciente recusa teimosamente a engolir o remédio, pressiona o peito com seu joelho e empurra o remédio pela garganta.”

Médico: “Há uma forma de tratamento que não necessita que o médico pressione o peito do paciente com o joelho: a homeopatia.”

Mestre: “Não há mal que um bom médico pressione o peito do paciente com o joelho.

“Como os médicos, há três classes de instrutores religiosos. O instrutor inferior contenta-se em dar simplesmente instrução espiritual; depois disso não se preocupa com o discípulo. O instrutor medíocre explica os ensinamentos repetidamente para o bem do estudante, para que ele as possa assimilar; ele o persuade com amor e bondade para que siga as instruções, mas o instrutor superior, se necessário, usa força com o estudante teimoso.”

(*Ao médico*): “Renúncia a ‘mulher e ouro’ é para sannyasis. Não deve sequer olhar para o retrato de uma mulher. O senhor sabe o que uma mulher é para o homem? É como um pickle. O simples pensamento do pickle dá água na boca, não é necessário pôr na língua.

“Mas esta renúncia não é para chefes de família, como o senhor. É somente para sannyasis. O senhor pode viver entre as mulheres com desapego na medida do possível. De vez em quando deve se retirar para a solidão e pensar em Deus. Mulheres não devem ser admitidas lá. O senhor pode levar uma vida desapegada se tiver fé e amor por Ele. Depois do nasci-

nascimento de um ou dois filhos, o casal deve viver como irmãos. Devem sempre orar a Deus para que suas mentes não corram para os prazeres dos sentidos e tenham mais filhos.”

Girish (*ao médico com um sorriso*): “O senhor já passou três ou quatro horas aqui. E seus pacientes?”

Médico: “Bem, meu consultório e meus pacientes! Vou perder tudo por causa de seu paramahansa!” (*Todos riem*).

Mestre: “Há um rio chamado Karmanasa ⁵. É muito perigoso mergulhar nele. Se alguém o fizer, não pode executar qualquer outro movimento. Põe fim às suas obrigações.” (*Todos riem*).

Médico (*a Girish, M. e outros devotos*): “Meus amigos, considerem-me como um de vocês. Não falo assim como médico, mas se me vêem como íntimo, então sou um de vocês.”

Mestre (*ao médico*): “Há essa coisa como amor pelo amor somente. É muito bom se uma pessoa puder desenvolver esse amor. Prahlada amou Deus por simples amor. Um devoto como Prahlada diz, ‘Ó Deus, não quero riqueza, fama, conforto material ou qualquer outra coisa. Concede-me a graça que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus.’”

Médico: “O senhor tem razão. Tenho visto pessoas inclinando-se ante a imagem de Kali. Pedem coisas do mundo a Deusa como emprego, cura etc.

(*Ao Mestre*) “O mal do qual o senhor sofre não permite ao paciente conversar, mas sou uma exceção. Pode conversar comigo enquanto eu estiver aqui.” (*Todos riem*).

Mestre: “Por favor, cure-me. Não posso cantar o nome e as glórias de Deus.”

Médico: “A meditação é suficiente.”

Mestre: “O que o senhor quer dizer? Por que devo levar uma vida monótona? Desfruto do meu peixe numa variedade de pratos: peixe ao curry, peixe frito, peixe com pickles e assim por diante! Às vezes adoro Deus com rituais, outras repito Seu nome, outras medito e algumas vezes canto Seu nome e glórias, e às vezes, danço em Seu nome.”

Médico: “Nem eu sou monótono.”

Mestre: “Seu filho Amrita não crê na Encarnação de Deus. Que o mal há? Realiza-se Deus mesmo se acreditar que é sem forma e também realiza-se Deus se acreditar que Deus tem forma. Duas coisas são necessárias para se ver Deus: fé e auto-entrega. O homem é ignorante por natureza. Erros são naturais nele. Pode um jarro com capacidade para uma medida, conter quatro medidas de leite? Qualquer que seja o caminho que o senhor siga, deve orar a Deus com coração anelante. Ele é Aquele que regula a alma interior. Seguramente escutará sua prece se for sincera. Quer siga o ideal do Deus Pessoal ou da Verdade Impessoal, alcançará somente Deus, desde que tenha anseio por Ele. Um bolo é gostoso quer se coma um pedaço da frente ou do lado.

“Seu filho Amrita é um ótimo rapaz.”

Médico: “É seu discípulo.”

Mestre (*com um sorriso*): “Não há ninguém sob o sol que seja meu discípulo. Pelo contrário, sou discípulo de todos. Todos são filhos de Deus. Todos são Seus servos. Também sou uma criança de Deus. Também sou Seu servo. ‘Tia Lua’ é a tia de todas as crianças!”



⁵ Literalmente, “destruidor de deveres”.

CAPÍTULO XLVI

O MESTRE E O DR. SARKAR

Sexta-feira, 23 de outubro de 1885

ERA DIA DE LUA CHEIA que se seguia ao Durga Puja, adoração à Mãe Divina. Às dez horas da manhã Shri Ramakrishna conversava com M., que o ajudara a vestir as meias.

Mestre (*sorrindo*): “Por que não posso cortar meu cachecol de lã em duas tiras e envolvê-las em torno das pernas como se fossem meias? Pareceriam bonitas e quentes.”

M. sorriu. Na noite anterior Shri Ramakrishna tivera uma longa conversa com o Dr. Sarkar. Referindo-se a ela, o Mestre disse rindo, “Contei-lhe a história do bezerro e falei-lhe que o egoísmo é a causa de todo sofrimento.”

Naren mais jovem lembrou a Shri Ramakrishna que ele falara ao médico a respeito do sofrimento oriundo da tripla miséria do mundo, vangloriando-se de seu bem-estar. O discípulo disse, “Foi muito bonito o que o senhor falou ontem sobre o espinho e também, a respeito dele no fogo do Conhecimento.

“Mestre: “Tive visões diretas destas coisas. Um dia voltava do kuthi quando todo o meu corpo ficou todo ardendo em chamas, como o fogo no homa. Padmalochan uma vez disse-me, ‘Convocarei uma assembléia de pundits e proclamarei suas experiências espirituais diante de todos, mas pouco tempo depois, morreu.’”

Às onze horas M. foi à casa do Dr. Sarkar para informá-lo sobre o estado de Shri Ramakrishna. O médico mostrou grande ansiedade por ter notícias a seu respeito.

Médico (*rindo*): “Como lhe falei ontem, quando lhe disse que, para poder dizer ‘Tu-hu! Tu-hu!’, ‘Tu! Tu! deve-se cair nas mãos de um cardador experiente!’”

M.: “É verdade, senhor. Não se pode livrar-se do egoísmo sem a ajuda de um instrutor capacitado. Como ontem o senhor falou bem a respeito de bhakti! Bhakti, como uma mulher, pode penetrar no pátio interno.”

Médico: “Sim, tudo bonito, contudo, não se pode desistir de jnana.”

“M. “Mas ele não diz isto. Aceita ambos, conhecimento e amor, a Verdade Impessoal e o Deus Pessoal. Diz que por meio da influência refrescante de bhakti, uma parte da Realidade toma a forma sólida do Deus Pessoal, e com o nascer do sol de jnana, o gelo da forma derrete-se novamente na água sem forma do Absoluto. Em outras palavras, realiza-se Deus com forma através de bhakti yoga e o Absoluto, sem forma através do jnana yoga.

“O senhor deve ter notado que ele vê Deus tão perto que sempre conversa com Ele. Quando tem muita dor diz a Deus, como uma criancinha, ‘Ó Mãe, isso me machuca!’”

”Como é maravilhoso o seu poder de observação! Viu um fóssil no museu. Imediatamente tomou este fato como um exemplo do efeito da companhia das pessoas santas. Assim como um objeto se petrifica por permanecer perto da pedra, assim um homem torna-se santo vivendo com um santo.

“Médico: “Ontem Ishan Babu falou da Encarnação de Deus. O que é isto? Chamar um homem de Deus!”

M.: “Cada um tem sua própria fé. De que serve interferir com ela?”

Médico: “Sim, para quê?”

M.: “Como o Mestre nos fez rir quando nos contou a respeito de um certo homem que se recusava a acreditar que uma casa havia desabado só porque o acontecimento não fora publicado no jornal!”

“O Dr. Sarkar permaneceu em silêncio. Shri Ramakrishna dissera-lhe, “Sua ciência’ não fala de Encarnação de Deus, por isso o senhor diz que Deus não pode encarnar-Se como homem.”

Era meio-dia. M. foi com Dr. Sarkar na carruagem. O médico ia visitar Shri Ramakrishna depois de ver outros pacientes.

Poucos dias antes, a convite de Girish, o Dr. Sarkar assistira sua peça sobre a vida de Buda. Disse a M., “Teria sido melhor falar de Buda como a Encarnação da Compaixão. Por que referiu-se a ele como uma Encarnação de Vishnu?”

Ô médico deixou M. na esquina da Praça Cornwalls.

Eram três horas da tarde. Um ou dois devotos estavam sentados perto de Shri Ramakrishna, que se sentia impaciente como um menino. Repetidamente perguntava aos devotos, “Quando o médico vai chegar? Que horas são?” O Dr. Sarkar era esperado ao anoitecer.

Subitamente Shri Ramakrishna foi tomado por um estado estranho. Pôs o travesseiro debaixo no colo. Impregnado de amor maternal, começou a acariciá-lo e apertou-o contra o peito como se fosse seu filho. Estava em êxtase, o rosto estava iluminado por um sorriso infantil. Vestiu a roupa de uma maneira estranha. Admirados, os devotos olhavam para ele.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna voltou a seu estado normal. Era hora de sua refeição. Comeu um pouco de sêmola fervida.

Começou a relatar a M. suas experiências místicas.

Mestre (*a M., à parte*): “Sabe, o que vi há pouco em meu êxtase? Um campo com uma área de sete a oito milhas, através do qual passava a estrada de Sihore. Eu estava sozinho. Vi um paramahansa de dezesseis anos exatamente igual àquele que vira no Panchavati.

“Uma névoa de felicidade rodeava tudo. Dela saiu um rapaz de treze ou quatorze anos, que parecia Purna. Nós dois estávamos nus. Começamos a correr alegremente pelo campo. Purna teve sede. Bebeu água de um copo e ofereceu-me o que sobrou. Eu lhe disse, ‘Irmão, não posso beber suas sobras.’ A isso riu, lavou o copo e trouxe-me água fresca.”

Shri Ramakrishna entrou novamente em samadhi. Retomando a consciência, começou a conversar com M.

Mestre: “Minha mente está sofrendo uma mudança. Não posso mais comer prasad. O Real e o Aparente estão se tornando unos para mim. Sabe o que acabei de ver agora? Uma forma divina – a visão da Mãe Divina. Tinha uma criança em Seu ventre. Deu à luz e logo em seguida começou a engoli-la e tudo o que entrava em Sua boca tornava-se vazio. Foi-me revelado que tudo é vazio. A Mãe Divina disse-me, ‘Venha a confusão! Venha a ilusão! Venham!’ ”

Isso fez M. lembrar-se de Shri Ramakrishna dizer que somente o mágico é real e tudo o mais irreal.

Mestre: “Bem, como foi que uma vez tentei atrair Purna e não consegui? Isto enfraquece um pouco minha fé.”

M.: “Mas atrair uma pessoa é magia.”

Mestre: “Sim, uma magia sem dúvida.”

M.: “O senhor se lembra que uma vez estávamos voltando a Dakshineswar de carruagem, da casa de Adhar, quando uma garrafa quebrou-se. Um de nós lhe disse, ‘Isto quer dizer que algum mal poderá cair sobre nós? O que pensa?’ O senhor respondeu, ‘O que me importa? Por que vou me preocupar com isto? Será um magia em ação.’ ”

Mestre: “Sim, as pessoas colocam as crianças doentes no chão enquanto os homens cantam o nome de Deus, para que fiquem curadas. As pessoas também curam por meio de poderes ocultos. Tudo isto é magia. Somente pessoas de experiência espiritual muito superficial chamam Deus para curar suas doenças.”

Era o entardecer. Shri Ramakrishna, sentado na cama, pensava na Mãe Divina e repetia Seu santo nome. Os devotos, em silêncio, permaneciam próximos dele. Latu, Sashi, Sarat, Naren mais jovem, Paltu, Bhupati, Girish e outros estavam presentes. Ramtaram do Star Theatre chegara com Girish, para entreter Shri Ramakrishna com canções. Pouco tempo depois chegou Dr. Sarkar.

Médico (*ao Mestre*): “Fiquei muito preocupado com o senhor na noite passada às três horas. Chovia. Disse a mim mesmo, ‘Estarão as portas e janelas de seu quarto fechadas?’ ”

“Verdade?” disse Shri Ramakrishna. Estava muito satisfeito com o amor e a preocupação do médico por ele.

Mestre: “Enquanto houver corpo, deve-se cuidar dele, mas acho que o corpo está completamente separado do Ser. Quando um homem se liberta por completo de seu amor por ‘mulher e ouro’, percebe claramente que o corpo é uma coisa e o Ser, outra. Quando o leite

dentro do coco estiver completamente seco, a polpa se separa da casca e ao sacudir o coco sente-se o ruído que faz a polpa em seu interior. Também, é como uma espada e sua bainha. A espada é uma coisa e a bainha, outra.

“Por isso não posso falar muito com a Mãe Divina sobre minha doença.”

Girish (*aos devotos*): “O Pundit Shashadhar disse-lhe ao Mestre, ‘Por favor faça com que sua mente atue sobre o corpo durante o samadhi. Isto curará seu mal’. O Mestre teve então, uma visão de que o corpo era somente uma massa sem consistência, de carne e osso.”

Mestre: “Uma vez, há muito tempo atrás, eu me encontrava muito doente. Estava sentado no templo de Kali. Sentia-me como que orando à Mãe Divina para curar minha doença, mas não pude fazê-lo diretamente em meu nome. Disse-lhe, ‘Mãe, Hriday pede-me para Lhe falar a respeito de minha doença.’ Não pude continuar. Em seguida apareceu em minha mente, o Museu da Sociedade Asiática e um esqueleto humano mantido unido por arame. Eu lhe disse, ‘Por favor, aperte o arame de meu corpo dessa maneira, para que eu possa continuar cantando Teu nome e Tuas glórias.’ É impossível para mim pedir poderes ocultos.

“No começo Hriday pedia-me – eu estava então sob seu controle – para orar à Mãe por poderes. Fui ao templo. Numa visão vi uma viúva de trinta e ou trinta e cinco anos coberta de sujeira. Foi-me revelado que poderes ocultos são como essa sujeira. Fiquei muito zangado com Hriday porque me pedira que orasse por poderes.”

Ramtaram começou a cantar:

Contempla minha vina, meu querido bem-amado.
Meu alaúde do mais doce tom,
Se com ternura tocas nela.
As cordas despertarão, a teu toque.
As mais raras melodias.
Não a afines nem alto nem baixo.
E dela, em cem torrentes
Os mais doces sons fluirão;
Mas se estão muito frouxas, as cordas emudecem,
E muito tensas, rompem-se em duas.

Médico: (*a Girish*): “É uma canção original?”

Girish: “Não, é uma adaptação de Edwin Arnold.”

Ramtaram cantou da peça, *A Vida de Buda*:

Ansiamos por descanso, ai! Mas jamais poderemos encontrá-lo;
Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos.
Uma ou outra vez caminhamos nesta roda de sorrisos e lágrimas;
Em vão nos esforçamos para saber aonde nosso caminho nos conduz.
E porque representamos este papel vazio.

Dormimos, embora despertados, como que enfeitiçados;
Será que a escuridão jamais se transforma na luz da aurora?
Inquieta como o vento, a vida move-se sem cessar;
Não sabemos quem somos, nem de onde viemos;
Não sabemos porque viemos, nem para onde nos leva a corrente;
Aspectos inimigos surgem de todos os lados.

Quantos flutuam, ora alegres, ora mergulhados em pranto!
Num momento existem para em seguida, não mais existirem.
Não sabemos porque viemos, nem quais foram nossos atos.
Nem em nossas vidas passadas, como representamos bem nossos papéis;
Como água numa correnteza, não podemos ficar parados;
Em frente fluímos para sempre.

Ó Tu que estás desperto! Que quebras as barras de nosso sono.
Por quanto tempo temos que ficar imersos em sonhos estéreis?
Estás realmente desperto? Então não durmas mais!
Pesada é para Ti a tristeza da disputa com um milhão de inimigos.

Levanta, sonhador do seu sonho e não durmas novamente!
 Resplandece, Ó Brilhante, e com Teus dardos de luz
 Mata a obscuridade que cega! Tu, nosso único Salvador
 A Teus pés buscamos liberação.

Ao ouvir a canção, Shri Ramakrishna entrou em samadhi.
 Ramtaram cantou novamente:

Sopra, tempestade! Brame e ruge! ...

Quando a canção terminou, Shri Ramakrishna disse ao cantor: “O que é isto?
 Por que esta cocção de folhas amargas de neem, depois do arroz doce? Quando você cantou:

Resplandece, Ó Brilhante, e com Teus dardos de luz
 Mais a obscuridade que cega.

Tive uma visão do Sol. À medida que Ele se levantava, a escuridão desvanecia-se e
 todos os homens refugiavam-se a Seus pés.”

Ramtaram cantou outra vez:

Ó Mãe Salvadora dos desesperançados, Tu, a Destruidora do pecado!
 Em Ti moram os três gunas – sattva, rajas e tamas.
 Tu crias o mundo, Tu o susténs e destróis.
 Ligando-Te com atributos, contudo, Tu os transcendes;
 Porque Tu, Ó Mãe, és o Todo.
 Kali Tu és, e Tara, a Prakriti Última.
 Tu és Peixe, a Tartaruga, o Javali e todos os outros Avatares:
 Terra, água, ar e fogo são Tu, Tu pés o céu,
 Ó Mãe do Absoluto!

Samkhya, Patanjala, Mimamsaka e Nyaya
 Para sempre procuram sondar-Te e conhecer Tua natureza mais interior.
 Vedanta e Vaisheshika estão buscando-Te
 Mas nenhuma delas Te encontrou.
 Embora livre de limitações, sem princípio e sem fim,
 Pelo bem de Teus amados bhaktas, Tu apareces sob diversas formas.
 Os terrores deste mundo Tu removes, e Tu habitas
 Da mesma forma no presente, passado e futuro.

Tu apareces com forma, diante daquele que Te ama como uma Pessoa.
 Tu és o Absoluto, para aquele que adora a Verdade sem forma.
 Há alguns que falam somente de Brahman brilhante;
 Mesmo isto, Ó Mãe abençoada, nada mais é do que Tu!
 Cada homem, segundo sua medida, cria sua imagem da verdade.
 Chamando-a o mais Elevado Brahman.
 Para além brilha Turya, o Indescritível;
 Ó Mãe de todas as coisas, que penetras o universo.
 Cada uma delas és Tu!

Logo cantou:

Caro amigo, minha religião e piedade chegaram ao fim:
 Não mais posso adorar a Mãe Shyama, minha mente resiste a todo controle.
 Ó, que vergonha para mim! Amarga vergonha!
 Procuo meditar na Mãe com a espada na mão.
 Usando Sua grinalda de cabeças humanas;
 Mas é sempre o Escuro¹, usando Sua grinalda de flores silvestres
 E com a flauta em Seus lábios tentadores,

¹ Krishna

Que brilha diante de meus olhos.

Penso na Mãe com Seus três olhos, mas meu Deus” Vejo-O
Sozinho com os olhos arqueados e esqueço tudo o mais!
Ó que vergonha para mim! Amarga vergonha!
Tanto oferecer flores perfumadas aos pés da Mãe.
Mas o pensamento arrebatador de Sua forma graciosa perturba minha mente inquie-

ta.

Em todas as meditações na Desnuda² são afastadas
Ao ver Teu cachecol amarelo.

Enquanto ouvia a canção Shri Ramakrishna entrou em êxtase.
O músico voltou a cantar:

Ó Mãe, quem ofereceu estes hibiscos vermelhos a Teus pés?
Eu Te peço, Ó Mãe, que coloques um ou dois sobre minha cabeça.
Então gritarei para Ti, em voz bem alta, “Ó Mãe! Mãe!”
E dançarei ao redor de Ti e baterei palmas de alegria,
E Tu olharás para mim e rirás, e prenderás flores em meu cabelo.

As canções terminaram. Muitos devotos estavam em êxtase. Reinava um profundo silêncio no aposento. Naren mais jovem estava absorvido em meditação, imóvel. Mostrando-o ao médico, Shri Ramakrishna disse, “Uma alma muito pura, não maculada pelo mais leve toque de mundanismo.”

Manomohan (*ao médico*): “Ele (*apontando para o Mestre*) diz de seu filho, ‘Não me importo com o pai, se tenho o filho.’ ”

Médico: “Ah, vejam! É por isso que digo que esquecemos todo o resto quando temos o ‘Filho’.”³

Mestre (*sorrindo*): “Não estou dizendo que não quero o Pai.”

Médico: “Sim, compreendo o senhor. Como pode salvar seu prestígio se não disser algumas coisas como esta?”

Mestre: “Seu filho é muito puro. Um dia o rosto de Sambhu ficou vermelho quando disse, ‘Deus certamente ouvirá a oração de um homem, se orar com sinceridade.’

“Por que gosto tanto dos rapazes? São como leite não adulterado, uma pequena fervura é suficiente. Além disso pode ser oferecido à Divindade, mas o leite adulterado com água necessita de muita fervura. Consome grande quantidade de combustível.

“Os rapazes são como potes de barro, potes de boa qualidade onde se pode guardar leite sem qualquer receio. A instrução espiritual desperta em pouco tempo a sua consciência interior, mas isso não ocorre com as pessoas de mentalidade mundana. Fica-se temeroso de guardar leite num pote que foi usado para a coalhada. O leite pode azedar.

“Seu filho, contudo, está livre do mundanismo, não tocado por ‘mulher e ouro’.”

Médico: “É porque vive às expensas do pai. Gostaria de ver até que ponto ficaria livre do mundanismo se tivesse que ganhar a vida.”

Mestre: “Sim, sim, é verdade, mas Deus está longe, muito longe das pessoas de mentalidade mundana. Para aqueles que renunciaram o mundo, Ele está na palma da mão.

(*Ao Dr. Sarkar e Dr. Dukari*): “Mas a renúncia a ‘mulher e ouro’ não é para os senhores. Podem renunciar a isto mentalmente. Foi por esta razão que disse aos goswamis, ‘Por que falam de renúncia? Não é para os senhores. Tem que atender à adoração diária a Shyama-sundar.’

“Renúncia total é para os sannyasis. Não devem olhar sequer para o retrato de uma mulher. Para eles a mulher é um veneno. Devem manter pelo menos dez cúbitos distantes dela; se isso não for possível, pelo menos um cúbito. E não devem conversar muito com uma mulher, por mais devota que ela seja. Além disso, devem escolher sua moradia num lugar onde nunca, ou muito raramente, possam ver o rosto de uma mulher.

² Shyama.

³ Uma pessoa esquece-se de Deus, o Pai, envolvendo-se com o Filho, o Avatar ou Encarnação.

“O dinheiro, também, é um veneno para o sannyasi. Se guarda o dinheiro sobrevem preocupações, orgulho, ira e desejo de comodidades materiais. O dinheiro inflama seu rajas, que por sua vez, engendra tamas. Por isso um sannyasi não deve tocar em ‘ouro’. ‘Mulher e ouro’ fazem-no esquecer-se de Deus.

“Para os chefes de família, dinheiro é um meio de conseguir alimento, roupas e moradia, adorar a Divindade e servir os santos e devotos.

É inútil tentar acumular dinheiro. Com grande trabalho as abelhas constroem a colméia, mas o homem a destrói e retira o mel.”

Médico: “Para quem vamos acumular? – Talvez para um filho mau.”

Mestre: “Não é somente para um filho mau. Talvez a esposa seja infiel, pode ter um amante secreto. Talvez lhe dê seu relógio com a corrente!”

“Não devem renunciar completamente à mulher. Não é prejudicial para um chefe de família viver com a esposa, mas depois do nascimento de um ou dois filhos, devem viver como irmão e irmã.

“É o apego a ‘mulher e ouro’ que ocasiona o orgulho da erudição, do dinheiro e orgulho da posição social.

“Não se pode alcançar conhecimento divino enquanto não se livrar do orgulho. A água permanece no alto de uma colina, mas flui em torrentes para todos os lados nas terras baixas.”

Médico: “Mas a água que corre para as terras baixas de todos os lados, contém água boa e água ruim, água barrenta e a das valas. Também há depressões nos cumes das montanhas, como em Nainital e Manosoravar. Elas contêm somente água pura do céu.”

Mestre: “Somente água pura do céu – que bom!”

Médico: “Além disso, de uma elevação, a água pode distribuir-se para todos os lados.”

Mestre (*sorrindo*): “Certo homem conseguiu um siddha mantra ⁴. Dirigia-se ao topo de uma colina e gritava, ‘Repitam este mantra e realizarão Deus.’ ”

Médico: “Sim.”

Mestre: “Mas devem lembrar-se de uma coisa. Quando a alma sentir-se desassossegada por Deus, o homem esquece a diferença entre água boa e água da vala. Para conhecer Deus, às vezes ele recorre a homens bons, às vezes a homens imperfeitos. A água suja não pode fazer mal a um aspirante, se a graça de Deus desce sobre ele. Quando Deus concede Conhecimento, revela ao aspirante o que é bom e o que é mau.

“Pode haver buracos no cume de uma colina, mas não pode existir na colina de um ‘ego mau’. A água pura do céu pode juntar-se no topo da colina somente se for um ‘ego do Conhecimento’ ou um ‘ego de bhakti’.

“É verdade que a água do topo da montanha pode correr em todas as direções, mas isto é unicamente possível da colina do ‘ego do Conhecimento’.

“Não se pode ensinar os homens sem mandato de Deus. Depois de alcançar Conhecimento, Shankaracharya reteve o ‘ego do Conhecimento’ a fim de ensinar a humanidade, mas dar palestras sem haver realizado Deus! Que bem isto fará?

“Fui ao Nandanbagan Brahma Samaj. Depois do culto o pregador fez do púlpito, uma palestra que ele escrevera em casa. Enquanto lia o manuscrito, olhava a seu redor. Enquanto meditava abria os olhos de vez em quando para olhar as pessoas.

“A instrução de um homem que não viu Deus não produz o efeito desejado. Pode dizer uma coisa corretamente, mas ficará confuso em seguida.

Samadhyayi deu uma conferência e disse, ‘Deus está além das palavras e da mente. Ele é seco, adore-O por meio da felicidade de seu amor e devoção.’ Veja, assim ele descreveu Deus, cuja natureza verdadeira é Alegria e Felicidade! O que esta conferência fará? Pode ensinar alguma coisa às pessoas? Esse conferencista parece-se com aquele homem que dizia, ‘O curral de meu tio está cheio de cavalos.’ Cavalos num lugar destinado a vacas! (*Todos riem*) Disso pode-se deduzir que não havia cavalo algum.”

Médico (*sorrindo*): “Nem vacas!” (*Todos riem*).

⁴ Palavra sagrada com a repetição da qual se alcança a perfeição.

Nesse íterim os devotos que estiveram em êxtase, retomaram ao seu estado normal. O médico interessou-se muito por eles e fez a M. perguntas a seu respeito. M. apresentou-lhe Paltu, Naren mais jovem, Bhupati, Sarat, Sashi e outros rapazes. Sobre Sashi, M. disse, “Ele vai apresentar-se para o vestibular de Bacharel em Artes.”

O médico estava um pouco distraído.

Mestre (*ao médico*): “Escute o que ele está dizendo.”

O médico ouviu o que M. lhe dizia a respeito de Sashi.

Mestre (*ao médico, apontando para M.*): “É professor.”

Médico: “Já ouvi falar.”

Mestre: “Sou um iletrado, mas mesmo assim pessoas instruídas vêm aqui. Que impressionante! O senhor tem que admitir que se trata do jogo de Deus.”

Eram nove horas da noite. O médico desde seis horas observava tudo.

Girish (*ao médico*): “Bem, senhor, já aconteceu alguma vez que, apesar de não ter intenção de vir aqui, sentia-se como que arrastado por uma força sutil? Sinto-me desta maneira e é por esta razão que estou lhe perguntando isso.”

Médico: “Não sei se sinto isso. Somente o coração conhece os chamados do coração. (*A Shri Ramakrishna*) Além do mais não há muita utilidade em falar a este respeito.”

24 de outubro de 1885

Era aproximadamente uma hora da tarde, Shri Ramakrishna estava sentado no segundo andar da casa em Shyampukur. O Dr. Sarkar, Narendra, Mahimacharan, M. e outros devotos encontravam-se no quarto. Referindo-se à homeopatia, o Mestre disse ao Dr. Sarkar, “Seu tratamento é muito bom.”

Médico: “De acordo com a homeopatia, o médico tem que comparar os sintomas da doença com o livro de medicina. É como música ocidental. O cantor segue a partitura.

“Onde está Girish Ghosh? Não importa. Não o incomode porque a noite passada ele não dormiu.”

Mestre: “Bem, quando entrou em samadhi sinto-me embriagado como se estivesse bebido siddhi. O que tem a dizer a esse respeito?”

Médico (*a M.*): “Nesse estado os nervos centrais cessam de funcionar. Por isso os membros ficam dormentes. Assim também as pernas cambaleiam porque toda a energia corre para o cérebro. A vida é constituída pelo sistema nervoso. Há um nervo central na base do pescoço chamada medula oblongata. Se for danificada, a pessoa pode morrer.”

Mahima Chakavarty começou a descrever a Kundalini. Disse, ‘O nervo Sushumna corre através da espinha dorsal numa forma sutil. Ninguém pode vê-lo. É o que Shiva diz.’

Médico: “Shiva examinou o homem somente em sua maturidade, mas os europeus examinaram o homem em todas as etapas de sua vida, desde a fase embrionária até a maturidade. É bom conhecer a história comparativa. Da história dos Sonthals conhece-se que Kali foi uma Sonthal, uma valente guerreira. (*Todos riem*).

“Não riem, por favor. Permita-me contar-lhes como o estudo de uma anatomia comparada tem beneficiado os homens. A diferença entre as ações do suco pancreático e o da bile era inicialmente desconhecida. Mais tarde Claude Bernard examinou o estômago, fígado e outras partes do coelho e demonstrou que a ação da bile é diferente da ação do suco pancreático. Por isso é racional que devamos observar os animais inferiores. Não basta estudar somente o homem.

“Assim também, o estudo da religião comparativa é altamente benéfico.

“Por que as palavras do Mestre chegam diretamente aos nossos corações? Ele experimentou as verdades das diferentes religiões. Praticou as disciplinas das religiões hindu, cristã, muçulmana, shakta e vaishnava. As abelhas podem produzir bom mel somente se colherem néctar de flores diferentes.

M. (*ao Dr. Sarkar*): “Ele (*apontando para Mahimacharan*) estudou muito a ciência.”

Médico (*sorrindo*): “Que ciência? Refere-se à *Ciência da Religião* de Max Müller?”

Mahima (*ao Mestre*): “O senhor está doente, mas o que o médico pode fazer? Quando soube de sua enfermidade, pensei que o senhor iria bajular o orgulho do médico.”

Mestre (*apontando para o Dr. Sarkar*): “Mas ele é um médico muito bom, e também, muito instruído.”

Mahima: “Sim, senhor. Ele é um navio e nós somos apenas pequenos botes.”

O Dr. Sarkar juntou as mãos em sinal de humildade.

Mahima: “Mas aqui na presença do Mestre somos todos iguais.”

Shri Ramakrishna pediu a Narendra para cantar. Narendra cantou:

Eu Te fiz, Ó Senhor, a Estrela guia de minha vida:
Nunca mais perderei meu caminho neste mar sem fim do mundo. ...

Logo cantou:

Sempre louco de orgulho estou e muitos são os anseios do meu coração! ...

Também cantou:

Este universo, maravilhoso e infinito,
Ó Senhor, é Teu artesanato;
E o mundo inteiro é o tesouro
Da Tua beleza e graça. ...

Narendra prosseguiu:

Ó Pai do Universo, sobre Teu excelso trono,
Tu desfrutas a música dos mundos.
Como as loas de Tua criação suavemente cantam.
Repare que eu também, embora nascido da terra, cheguei com a voz fraca
Diante do portal de Tua casa.

Busco sozinho Tua visão, Senhor! Não anseio por outra graça.
Aqui cheguei para cantar minha canção para Ti:
De um longínquo canto da imensa multidão
Onde o sol e a lua cantam hinos a Ti, eu também cantarei Tuas loas.
Esta é a prece de teu humilde servo.

Logo cantou uma outra canção:

Ó Rei dos Reis, revela-Te a mim!
Anseio por Tua misericórdia. Lança-me Teu olhar!
Aos Teus queridos pés dedico minha vida.
Queimada no forno ardente deste mundo.

Meu coração Ó, está profundamente manchado pelo pecado;
Envolvido por maya, estou totalmente morto.
Senhor misericordioso! Revive minha alma que desfalece.
Com o néctar vivificante de Tua graça.

Novamente:

Fique embriagada, Ó mente com o Vinho da Felicidade Celestial!
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari! ...

Mestre: “Cante aquela – ‘Tudo o que existe és Tu’.”

Médico: “Ah!”

Narendra cantou:

Uni meu coração a Ti; tudo o que existe és Tu;
Somente a Ti encontrei, porque Tu és tudo o que existe. ...

A canção terminou. Dr. Sarkar sentou-se, deslumbrado. Depois de algum tempo, de mãos postas, disse a Shri Ramakrishna, com humildade, “Permita-me despedir-me do senhor agora. Voltarei amanhã.”

Mestre: “Fique mais um pouco. Girish Ghosh foi chamado. (*Mostrando Mahima*) É um erudito, contudo, dança em nome de Hari. Não tem orgulho. Foi a Konnagar somente porque estávamos lá. É rico, livre, não serve a ninguém. (*Referindo-se a Narendra*) O que o senhor pensa dele?”

Médico: “Maravilhoso!”

Mestre (*apontando para um devoto*): “E ele?”

Médico: “Formidável!”

Mahima: “Não se pode dizer de modo algum que alguém conhece filosofia a não ser que tenha lido filosofia hindu. Os filósofos europeus desconhecem os vinte e quatro princípios cósmicos da filosofia Samkhya, nem podem entendê-los.”

Mestre (*sorrindo*): “Quais são os três caminhos dos quais está falando?”

Mahima: “O caminho de Sat, que é o caminho do Conhecimento. Em seguida, o caminho de Chit, da yoga, da karma yoga que inclui os deveres e as funções dos quatro estágios da vida. Finalmente o caminho de Ananda, o caminho da devoção e do amor espiritual. O senhor é um adepto nos três caminhos, pode falar deles com autoridade.

Shri Ramakrishna riu.

Dr. Sarkar despediu-se. Era noite, a primeira da lua cheia. Shri Ramakrishna pôs-se de pé, perdido em samadhi. Nityagopal permaneceu a seu lado, em atitude reverente.

Shri Ramakrishna sentou-se. Nityagopal fazia massagem em seus pés. Devendra, Kalipada e muitos devotos estavam sentados a seu lado.

Mestre (*aos devotos*): “Minha mente diz-me que o atual estado mental de Nityagopal sofrerá uma mudança. Sua mente inteira se concentrará em mim – n’Aquele que habita em mim. Não estão vendo como a mente de Narendra sente-se atraída para mim?”

Muitos devotos começaram a se despedir. Shri Ramakrishna levantou-se. Referindo-se à japa, disse a um devoto, “Japa significa repetir silenciosamente o nome de Deus em solidão. Quando alguém canta Seu nome com pura devoção, pode ver a forma de Deus e realizá-Lo. Suponhamos que haja um pedaço de madeira na água do Ganges preso à margem com uma corrente. Uma pessoa começa a seguir elo por elo, segurando a corrente, e mergulha na água seguindo a corrente. Finalmente pode chegar até a madeira. Da mesma maneira, repetindo o nome de Deus fica-se absorvido n’Ele, por fim realizando-O

Kalipada (*sorrindo, aos devotos*): “O nosso é um grande instrutor! Não nos pede que pratiquemos meditação, austeridade e outras disciplinas.”

Subitamente Shri Ramakrishna disse, “Isto está me perturbando.” Sua garganta doía muito. Devendra disse, “Suas palavras não podem nos enganar mais.” Pensava que o Mestre fingia estar doente para enganar os devotos.

A maioria dos devotos partiu. Ficou combinado que uns rapazes ficariam para tomar conta do Mestre, em turnos. M. ia também passar a noite lá.

Domingo, 25 de outubro de 1885

Eram mais ou menos sete e meia da manhã quando M. chegou em Shyampukur e perguntou a Shri Ramakrishna sobre sua saúde. Ia à casa do Dr. Sarkar para informá-lo sobre o estado do Mestre. O Mestre disse a M., “Diga ao médico que de madrugada minha boca fica cheia d’água e tenho tosse. Pergunte-lhe, também, se posso tomar banho.”

Depois das sete horas M. chegou à casa do Dr. Sarkar e informou-o sobre o estado do Mestre. O antigo professor do médico e um ou dois amigos estavam no quarto. Dr. Saekar disse a seu professor, “Senhor, tenho pensado no Paramahansa ⁵ desde as três horas da manhã. Não pude dormir, mesmo agora ele não sai da minha cabeça.”

Um dos amigos do médico disse, “Senhor, ouvi dizer que alguns referem-se ao Paramahansa como uma Encarnação de Deus. O senhor o vê todos os dias. O que acha?”

Médico: “Tenho a maior consideração por ele, como homem.”

⁵ Referindo-se a Shri Ramakrishna.

M. (*ao amigo do médico*): “É muita bondade do Dr. Sarkar tratar dele.”

Médico: “Bondade? O que quer dizer?”

M.: “Não em relação a ele, mas em relação a nós.”

Médico: “Veja, não sabem o que estou perdendo por causa do Paramahamsa. Todos os dias deixo de visitar dois ou três pacientes. Quando no dia seguinte os visito, por minha conta, não posso aceitar os honorários porque fui vê-los sem ter sido chamado. Como posso cobrar-lhes a visita?”

A conversa voltou-se para Mahima Chakravarty que estivera presente no sábado anterior, quando o Dr. Sarkar visitou o Mestre. Referindo-se ao médico, Mahima dissera a Shri Ramakrishna, “O senhor mesmo criou esta enfermidade a fim de satisfazer o orgulho do médico.”

M. (*ao médico*): “Mahima Chakravarty tinha o hábito de ir às suas conferências sobre medicina.”

Médico: “É mesmo? Como está cheio de *tamas*! Não reparou que o saudei como o ‘Terceiro abaixo de Deus’. Em Deus há *sattva*, *rajas* e *tamas*. *Tamas* é a terceira qualidade e inferior. Não ouviu ele dizendo do Paramahamsa, ‘O senhor criou esta doença para satisfazer o orgulho do médico?’ ”

M.: “Mahima Chakravarty acha que o Paramahamsa pode curar-se se quiser,”

Médico: “O quê? Ele mesmo curar sua doença? Será isso possível? Somos médicos e sabemos o que é o câncer. Não podemos curá-lo, e ele curar-se! Ora, ele não conhece nada a respeito de câncer (*A seus amigos*) A doença é sem dúvida incurável, mas estes senhores o estão servindo com muita devoção.”

M. pediu ao médico que visitasse Shri Ramakrishna e voltou para casa.

À tarde mais ou menos às três horas, M. visitou o Mestre e contou-lhe a conversa que tivera com o Dr. Sarkar. Disse, “Hoje o médico me fez sentir envergonhado.”

Mestre: “O que houve?”

M.: “Ontem ele ouviu dizer aqui, que o senhor mesmo inventou esta doença a fim de satisfazer o orgulho do médico.”

Mestre: “Quem fez este comentário?”

M.: “Mahima Chakravarty.”

Mestre: “O que o médico disse?”

M.: “Descreveu Mahima Chakravarty como o ‘Terceiro Abaixo de Deus’. Agora ele admite que todas as qualidades – *sattva*, *rajas* e *tamas* – existem em Deus. (*O Mestre riu*). Disse-me que havia acordado às três horas da manhã e que desde então, vinha pensando no senhor. Quando o vi eram oito horas. Disse-me, ‘Mesmo agora o Paramahamsa está em minha mente.’ ”

Mestre (*rindo*): “Veja, ele estudou inglês. Não posso pedir-lhe para meditar em mim, já vem fazendo isto todo o tempo, por sua espontânea vontade.”

M.: “Ele também disse a respeito do senhor, ‘Tenho por ele, como homem, a maior consideração.’ ”

Mestre: “Falaram de algo mais?”

M.: “Perguntei-lhe, ‘Qual a sugestão hoje, a respeito do paciente?’ Respondeu, ‘Sugestão? Pare! Tenho que ir vê-lo. O que outra coisa vou sugerir?’ (*Shri Ramakrishna ri*). Depois disse, ‘Não sabem quanto dinheiro estou perdendo diariamente; deixo de atender a duas ou três chamadas.’ ”

Havia muitos devotos no quarto, inclusive Narendranath, Vijaykrishna Goswami chegou e respeitosamente tomou a poeira dos pés do Mestre. Diversos devotos Brahmos vieram com ele. Vijay se desligara do Brahma Samaj e estava praticando disciplina espiritual sozinho. Shri Ramakrishna gostava muito dele devido à sua piedade e devoção. Apesar de não ser um discípulo do Mestre. Vijay o tinha na mais alta consideração. Havia vivido durante muito tempo em Dacca. Recentemente visitara muitos lugares sagrados no norte da Índia.

Mahima Chakravarty (*a Vijay*): “O senhor visitou muitos lugares sagrados e novas regiões. Conte-nos suas experiências, por favor.”

Vijay: “O que direi? Compreendo que tudo está aqui, onde estamos sentados agora. Essa peregrinação é inútil. Em outros lugares vi, no máximo dois, cinco, dez ou vinte e cinco

por cento dele [referindo-se ao Mestre]. Somente aqui encontro plenamente, os cem por cento da manifestação de Deus.”

Mahima: “Tem razão, senhor. Também é o Mestre que nos faz peregrinar ou permanecer num mesmo lugar.”

Mestre (*a Narendra*): “Veja que mudança ocorreu na mente de Vijay. É uma pessoa totalmente diferente. É como leite espesso que perdeu a água ao ser fervido. Veja, posso reconhecer um paramahansa pelo pescoço e testa. Sim, posso reconhecer um paramahansa.”

Mahima (*a Vijay*): “Senhor, parece que está comendo menos agora. Não é verdade?”

Vijay: “Talvez esteja certo. (*Ao Mestre*) Ouvei falar de sua doença, e por isso vim vê-lo, como em Dacca – ”

Mestre: “O que houve em Dacca?”

Vijay não respondeu e ficou em silêncio por um momento.

Vijay: “É difícil compreender o Mestre a não ser que revele. Somente aqui encontramos cem por cento de manifestação de Deus.”

Mestre: “Kedar disse no outro dia, ‘Em outros lugares não conseguimos nada para comer, mas aqui enchemos o estômago!’ ”

Mahima: “Por que encher o estômago? Vai ficar empanturrado.”

Vijay (*ao Mestre, de mãos postas*): “Agora compreendi quem o senhor é. Não precisa me dizer.”

Mestre (*em êxtase*): “Se assim é, então que o seja!”

Ao dizer, “Sim, compreendi”, Vijay prosternou-se diante do Mestre. Levou os pés do Mestre até o peito e agarrou-se a eles. O Mestre estava em samadhi profundo, imóvel como um quadro. Os devotos sentiam-se tomados por esta visão. Alguns choravam e outros cantavam hinos sagrados. Todos os olhos estavam fixos em Shri Ramakrishna. Viam-no de diferentes modos, segundo seu desenvolvimento espiritual: uns como um grande devoto, uns como um santo, uns como Deus Encarnado.

Mahimacharan cantou, com lágrimas nos olhos, “Contemplem, contemplem a personificação do Amor Divino!”

De vez em quando cantava como se desfrutasse de um vislumbre de Brahman:

O Transcendental, além do Uno e do múltiplo, Existência-Conhecimento; Bem-aventurança Absolutos.

Navagopal chorava. Bhupati cantou:

Santificado seja Brahman, o Absoluto, o Infinito, o Insondável!
 Mais elevado do que o mais elevado, mais profundo do que as maiores profundidades!
 Tu és a Luz da Verdade, a Fonte do Amor, a Morada da Felicidade!
 Esse universo com todos os seus modos múltiplos e abençoados,
 É somente o poema encantador de Teu pensamento inesgotável;
 Sua beleza transborda para todos os lados.

Ó Tu Poeta, grande e primordial, no ritmo de Teu pensamento
 O sol e a lua despertam e movem-se para seu poente.
 As estrelas, brilhando como pequenitas pedras preciosas, são os signos maravilhosos.
 Nas quais Tua canção é escrita através da expansão azul do céu.
 O ano, com suas seis estações, em harmonia com a terra feliz.
 Proclama Tua glória até o fim dos tempos.

As cores das flores revelam Tua beleza soberana,
 As águas em sua quietude, Tua profunda Serenidade,
 O trovão revela para nós o terror de Tua lei.
 Profunda é Tua essência, em verdade; como pode uma mente tola percebê-la?

Maravilhada ela medita em Tua forma do começo ao fim de cada yuga;
 Milhões e milhões de sóis, luas e estrelas
 Inclina-se diante de Ti, Ó Senhor, em temor arrebatador!

Contemplando Tua criação, homens e mulheres e milhares choram de alegria;
Os deuses e anjos Te adoram, Ó Presença que em Tudo penetra!
Ó Tu, Fonte de Bondade,
Concede-nos Teu Conhecimento devoção, puro amor e paz perfeita;
E dá-nos refúgio a Teus Pés sagrados!

Bhupati cantou novamente:

No Mar de Consciência Bem aventurada levantam-se ondas de amor divino;
Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!
Ó, quão maravilhoso! ...

Cantou uma terceira canção:

Aqui desvanecem meu temor e minha ilusão, minha piedade, os rituais e as boas obras;
Aqui desvanece-se meu orgulho de raça e casta! Onde estou? Onde estás Tu, Ó Hari?
Roubaste minha vida e minha alma, e agora, Ó Amigo, me abandonas;
Ah, que tolo fui em vir aqui à praia deste Mar de Amor!
Cheia até a borda está de felicidade celestial, esta minha pequena alma.
Prendas diz: Escutem todos! Este na verdade é o caminho de Deus!

Depois de muito tempo Shri Ramakrishna retomou a consciência do mundo.

Mestre (*a M.*): “Algo me sucede nesse estado de intoxicação. Agora sinto-me envergonhado até de mim mesmo. Naquele estado sinto-me como que possuído por um espírito. Deixo de ser eu mesmo. Quando volto daquele estado não posso contar corretamente. Tentando fazê-lo digo, ‘Um, sete, oito’, ou qualquer coisa assim.”

Narendra: “É porque tudo é um.”

Mestre: “Não, está além de um e dois.”

Mahima: “O senhor está certo. ‘Não é nem um nem dois.’ ”

Mestre: “Aí a razão desaparece. Deus não pode ser realizado pela erudição. Está além das escrituras – dos Vedas, Puranas e Tantras. Se vejo um homem com apenas um livro nas mãos, chamo-o rajarshi⁶ embora ele seja um jnani, mas um brahmarshi⁷ não tem qualquer sinal exterior.

“Sabe qual a utilidade das escrituras? Uma vez alguém escreveu a um parente pedindo-lhe cinco medidas de doces e uma roupa. O parente recebeu a carta, leu-a e anotou os pedidos. Em seguida, jogou a carta fora. Que utilidade ela ainda tinha?”

Vijay: “Vejo que os doces foram enviados.”

Mestre: “Deus encarna-Se na terra com um corpo humano. Sem dúvida Ele está presente em todas as partes e em todos os seres, mas o anseio do homem não fica satisfeito a não ser que veja Deus numa forma humana. A necessidade do homem não fica satisfeita sem a Encarnação Divina. Sabe como é? Tocando em qualquer parte da vaca, sem dúvida toca-se na própria vaca. Mesmo tocando os chifres, toca-se na vaca, mas o leite flui pelo úbere da vaca.”

Mahima: “Se um homem quiser leite deve colocar sua boca no úbere. O que conseguirá se chupar os chifres?” (*Todos riem*).

Vijay: “Mas um bezerro no início lambe as outras partes da vaca.”

Mestre (*sorrindo*): “É verdade, mas ao ver o bezerro fazer isso alguém talvez coloque sua boca no úbere.” (*Todos riem*).

A conversa desenrolava desta maneira quando o Dr. Sarkar entrou e sentou-se, dizendo ao Mestre, “Acordei às três horas da manhã muito preocupado pensando que o senhor pudesse ter-se resfriado. Ó pensei muitas coisas a seu respeito.”

Mestre: “Tenho tossido e minha garganta está inflamada. Nas primeiras horas da manhã e minha boca encheu-se de água. Todo o corpo dói.”

Médico: “Sim, informaram-me de tudo esta manhã.”

⁶ Um rishi ou vidente, que aparece com esplendor exterior como um rei.

⁷ Um vidente que mora constantemente na Consciência de Brahman.

Mahimacharan falou de sua viagem a diversas partes do país e disse que no Ceilão ninguém ri. Dr. Sarkar disse, ‘Pode ser, mas tenho que averiguar.’ (*Todos riem*).

A conversa voltou-se para os deveres da vida.

Mestre (*ao médico*): “Muitos pensam que o dever de um médico é nobre. O médico é sem dúvida um homem nobre se tratar gratuitamente por compaixão e tocado pelo sofrimento. Então seu trabalho pode ser considerado muito edificante, mas um médico torna-se cruel e duro se exerce sua profissão por dinheiro. É muito mesquinho fazer coisas como exame de urina e fezes para ganhar dinheiro, como um homem de negócios, exercendo seu comércio.”

Médico: “O senhor tem razão. Sem dúvida é errado um médico cumprir seus deveres com esse espírito, mas não gosto de me gabar diante do senhor.”

Mestre: “Mas a profissão de médico é certamente muito nobre se dedicar-se ao bem-estar dos outros com desapego.

“Qualquer que seja a profissão de um chefe de família, é necessário que ele viva de vez em quando na companhia dos sábios. Se um homem ama Deus, ele mesmo buscará a companhia de pessoas santas. Dou o exemplo do fumante de cânhamo que adora a companhia de outro fumante. Quando vê uma pessoa que não fuma, afasta-se cabisbaixo e desvia o olhar ou esconde-se num canto, mas sua alegria não tem limites se encontra um adicto de cânhamo. Talvez se abracem. (*Todos riem*). Da mesma maneira, um abutre ama a companhia de outro abutre.”

Médico: “Mas também já foi notado que um abutre foge de medo de um corvo. Na minha opinião deve-se servir a todos os seres, não somente aos homens. Muitas vezes alimento os pardais com farinha. Jogo-lhes pequenas bolinhas de pão e eles chegam aos bandos. Adoram comê-las.”

Mestre: “Bravo! É muito bom. Os santos devem alimentar outras criaturas. Alimentam formigas com açúcar.”

Médico: “Não haverá canto hoje?”

Mestre (*a Narendra*): “Por que não canta algo?”

Narendra cantou com acompanhamento de tanpura e outros instrumentos:

Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!
Cai como o mais doce néctar em nossos ouvidos
E nos conforta, Bem-amado de nossas almas!
Somente o inapreciável tesouro de Teu nome
É a morada da Imortalidade.
E aquele que canta Teu nome torna-se imortal.
Caindo em nossos ouvidos, Teu nome sagrado
Imediatamente mata a angústia de nosso coração.
Tu, Alma de nossas almas, e enche nossos corações de felicidade!

Narendra cantou novamente:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão!
Embriaga-me com o Vinho do Teu Amor;
Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,
Afoga-me profundamente no Mar de Teu amor!
Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,
Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.
Jesus, Buda, Moisés, Gauranga.
Todos bêbados com o Vinho do Teu amor,
Ó Mãe, quando serei abençoado
Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada?

Uma estranha transformação operou-se nos devotos. Todos ficaram loucos com o êxtase. O pundit levantou-se, esquecendo-se do orgulho de sua erudição, gritou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?

Vijay foi o primeiro a cair a seus pés, tomado de divina embriaguez. Logo Shri Ramakrishna levantou-se, esquecendo toda sua doença dolorosa e fatal. O médico que estivera sentado defronte dele, também levantou-se. Tanto o paciente como o médico esqueceram-se de si mesmo ante a magia criada pela música de Narendra. Naren mais jovem e Latu entraram em samadhi profundo. A atmosfera do aposento tornou-se eletrizante. Todos sentiam a presença de Deus. Dr. Sarkar, eminente cientista como era, ficou sem respiração, observando a estranha cena. Viu que os devotos que entraram em samadhi, estavam totalmente inconscientes do mundo exterior. Todos estavam imóveis e transfigurados. Depois de algum tempo ao descer um pouco do plano ao plano relativo, alguns riam e outros choravam. Um estranho se entrasse no quarto pensaria que um grupo de bêbados estavam reunidos ali.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna retornou sua conversa: os devotos tomaram seu lugar. Eram mais ou menos oito horas da noite.

Mestre: “O senhor acabou de ver o efeito do êxtase divino. O que sua ‘ciência’ diz a esse respeito? Pensa que se trata de uma simples simulação?”

Médico (*ao médico*): “Devo dizer que é tudo natural, uma vez que muitas pessoas experimentaram-no. Não pode ser uma simulação (*A Narendra*) Quando você cantou os versos:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento e razão?

Mal pude controlar-me. Estava a ponto de dar um salto. Com muita dificuldade controlei minha emoção. Disse a mim mesmo, ‘Não, não devo demonstrar meus sentimentos.’ ”

Mestre (*com um sorriso, ao médico*): “O senhor é imperturbável e imóvel como o Monte Sumeru. É uma alma profunda. Ninguém podia perceber a emoção profunda de Rupa e Sanatana. Se um elefante entra num pequeno lago, há espadanar de água em todos os lados, mas isto não ocorre quando entra num grande lago, dificilmente alguém percebe. Uma vez Radha disse à sua companheira, ‘Amiga, você chora muito com nossa separação com Krishna, mas olhe para mim. Como meu coração está petrificado! Não há uma só lágrima em meus olhos.’ Brinde, sua amiga, respondeu, ‘Sim, Seus olhos estão secos, mas há um profundo significado nisso. Um fogo de dor está bramindo em seu coração por causa da separação de Krishna. Mal as lágrimas surgem nos olhos, secam-se com o calor daquele fogo.’ ”

Médico: “Ninguém pode derrotá-lo no debate!” (*Risada*).

A conversa voltou-se para outras coisas. Shri Ramakrishna descreveu para o médico seus êxtases em Dakshineswar. Disse-lhe como controlar a raiva, luxúria e outras paixões.

Médico: “Soube que o senhor estava deitado no chão inconsciente em samadhi, quando um homem deu-lhe pontapés.”

Mestre: “O senhor ouviu isto de M. O homem era Chandra Haldar, um sacerdote do templo de Kali em Kalighat, que ia com frequência à casa de Mathur Babu. Um dia eu estava deitado no chão em êxtase. O quarto estava escuro. Chandra Haldar pensou que eu estava fingindo aquele estado para obter favores de Mathur. Entrou e deu-me vários pontapés que deixaram marcas escuras. Todos queriam contar a Mathur Babu mas os proibi.”

Médico: “Também é a vontade de Deus. Assim o senhor ensinou as pessoas a controlar a raiva e perdoar.”

Nesse meio tempo Vijay começou a conversar com os outros devotos.

Vijay: “Sinto como se alguém estivesse sempre andando ao meu lado. Mostra-me o que está acontecendo mesmo à longa distância.”

Narendra: “Como um anjo da guarda.”

Vijay: “Vi o Mestre em Dacca. Até toquei em seu corpo.”

Mestre (*com um sorriso*): “Deve ter sido outra pessoa.”

Narendra: “Eu também o vi diversas vezes, (*A Vijay*) Como vou dizer que não acredito em suas palavras?”



CAPÍTULO XLVII

O MESTRE TREINANDO SEUS DISCÍPULOS

Segunda-feira, 26 de outubro de 1885

ERAM MAIS OU MENOS dez horas da manhã quando M. chegou à casa de Shyampukur a caminho do consultório do Dr. Sarkar, para informá-lo sobre o estado do Mestre. Dr. Sarkar havia declarado a doença incurável. Suas palavras jogaram tristeza na mente dos devotos e dos discípulos do Mestre. Com devoção infatigável e zelo cuidavam do paciente – seu instrutor, guia, filósofo e amigo. Um grupo de jovens discípulos, liberados por Narendra, estava se preparando para renunciar ao mundo e dedicar suas vidas à realização de Deus e servir à humanidade. As pessoas acudiam o Mestre dia e noite. Apesar da dor cruciante da garganta, ele os acolhia com um sorriso bondoso. Parecia não haver limite à sua solicitude com o seu bem-estar. O rosto brilhava quando lhes falava de Deus. Dr. Sarkar, observando que conversar agravava a doença, proibiu-o de falar com as pessoas. “Não deve falar com as pessoas”, dissera ao Mestre, “mas pode fazer uma exceção no meu caso.” O médico tinha o hábito de passar seis a sete horas na companhia de Shri Ramakrishna, bebendo cada palavra que saía de seus lábios.

Mestre: “Estou me sentindo muito aliviado. Estou muito bem hoje. É por causa do remédio? Por que não continuamos com ele?”

M.: “Irei ver o médico e contar-lhe tudo. Ele dirá o que é melhor.”

Mestre: “Há dois ou três dias que não vejo Purna. Estou preocupado com ele.”

M. (*a Kali*): “Por que não procura Purna e lhe pede para vir?”

Kali: “Irei imediatamente.”

Mestre (*a M.*): “O filho do médico é um ótimo rapaz. Por favor peça-lhe para vir.”

M. chegou à casa do Dr. Sarkar que estava com dois ou três amigos.

Médico (*a M.*): “Estava falando de você há apenas um minuto atrás. Disse que viria às dez horas. Há uma hora e meia estou esperando. Sua demora fez-me ficar preocupado com o Mestre.

(*A um amigo*): “Por favor cante.

O amigo começou:

Proclama a glória do nome de Deus enquanto houver vida em ti;
O esplendor deslumbrante de Seu brilho inunda o universo!
Seu amor ilimitado flui como o néctar, enchendo de alegria o coração dos homens.
O simples pensamento de Sua compaixão estremece cada membro!
Como se pode descrevê-lo de maneira correta? Por Sua graça abundante,
Os amargos pesares desta vida são todos esquecidos por um instante.

Em cada lado – na terra abaixo, acima no céu, sob os mares:
Em cada região desta terra – os homens O procuram incansáveis.
Enquanto O procuram sempre perguntam: Onde está Seu limite, onde está Seu fim?
A verdadeira Morada da Sabedoria é Ele, o Elixir da Vida Eterna,
Ele é Aquele sem sono, o Olho sempre desperto, o Uno Puro e Imaculado.
A visão de Seu rosto retira todo vestígio de pesar de nossos corações.

Médico (*a M.*): “Não é uma bela canção? Gostou deste verso? ‘Onde está Seu limite, onde está Seu fim?’ ”

M.: “Sim, é muito lindo. Enche a mente com a idéia de Infinito.”

Médico (*com carinho a M.*): “Já é tarde. Já almoçou? Termina o meu almoço antes das dez e logo inicio minhas consultas, caso contrário não me sinto bem. Escute-me, tenho pensado um dia desses, em dar uma festa para todos vocês [referindo-se aos devotos de Shri Ramakrishna].

M.: “Seria muito bom, senhor.”

Médico.: “Onde poderia ser? Aqui ou em Shyampukur? Como acharem melhor.”

M.: “Não importa onde quer que seja, será um prazer jantar com o senhor.”

A conversa voltou para Kali, a Mãe Divina.

Médico: “Kali é uma bruxa dos Sonthals.”

M. caiu na gargalhada e perguntou, “De onde o senhor tirou isto?”

Médico: “Ó, ouvi qualquer coisa nesse sentido.” (*M. ri*).

Começaram a falar sobre o êxtase que Vijay e outros haviam experimentado no dia anterior, no quarto do Mestre. Naquele dia o médico também estava presente.

Médico: “Sim, presenciei esse êxtase, mas será que muito êxtase é bom para uma pessoa?”

M.: “O Mestre diz que o excesso de êxtase não prejudica ninguém, se o resultado é a contemplação de Deus. Diz ainda que o brilho de uma pedra preciosa dá luz e tranquilidade ao corpo, mas não queima.”

Médico: “O brilho de uma pedra preciosa? É somente uma luz refletida.”

M.: “Diz também que um homem não morre se mergulhar no Lago da Imortalidade. Deus é esse lago. Um mergulho naquele Lago não fere ninguém, ao contrário, torna-o imortal. Claro, se tornará imortal somente se tiver fé em Deus.”

Médico: “Sim, é verdade.”

O médico levou M. em sua carruagem. Tinha que visitar alguns pacientes a caminho de Shyampukur. Continuaram a conversar na carruagem. Dr. Sarkar referiu-se ao orgulho de Mahima Chakravarty.

M.: “Ele visita o Mestre, mas mesmo que seja orgulhoso será por pouco tempo. Se alguém sentar-se na presença do Mestre, mesmo que seja por pouco tempo, o orgulho fica em pedaços. Isto é porque o próprio Mestre está completamente livre de egoísmo. O orgulho não pode existir na presença da humildade. Um homem importante como o Pundit Iswar Vidyasagar mostrou muita modéstia e humildade na presença do Mestre. O Paramahansa visitou-o em sua casa. Às nove horas da noite o Mestre despediu-se. Vidyasagar acompanhou-o desde sua biblioteca até o portão, para se despedir dele. Ele mesmo segurou a tocha para iluminar o caminho. Vidyasagar permaneceu ali, de mãos postas, até que a carruagem desapareceu na estrada.”

Médico: “Bem, o que Vidyasagar pensa dele?”

M.: “Nesse dia mostrou grande respeito pelo Mestre, mas quando mais tarde conversei com ele, descobri que não dava grande importância àquilo que os vaishnavas chamam de emoção ou êxtase. Nesses assuntos tem os mesmos os pontos de vista do senhor.”

Médico: “Não me importo muito com qualquer demonstração de emoção como mãos postas ou tocar os pés dos outros com a cabeça. Para mim a cabeça é o mesmo que os pés, mas se um homem pensa de forma diferente dos pés, que ele faça o que quiser.”

M.: “Sabemos que não gosta da demonstração de sentimentos. Talvez se recorde que o Mestre de vez em quando refere-se ao senhor como uma ‘alma profunda’. Ontem eu lhe disse que quando um elefante mergulha num pequeno lago, há um grande espadanar, mas quando entra num grande lago dificilmente vê-se uma marola. O elefante da emoção não pode produzir efeito algum numa alma profunda. O Mestre diz que o senhor é uma ‘alma profunda’.”

Médico.: “Não mereço o cumprimento. Afinal de contas, o que é bhava? É apenas um sentimento. Há outros aspectos no sentimento com o por exemplo, bhakti. Quando chega ao excesso, alguns podem dominá-lo, outros não.”

M.: “O êxtase divino pode ou não ser explicável mas não se pode negar que o êxtase ou amor de Deus é algo peculiar. Vi em sua biblioteca o livro de Stebbing sobre o Darwinismo. Segundo Stebbing a mente humana é maravilhosa, quer seja resultado de evolução ou de criação especial. Dá uma ilustração linda, partindo da teoria da luz. ‘A luz é maravilhosa, conheçamos ou não sua teoria ondulatória.’ ”

Médico: “Sim, reparou também que Stebbing aceita tanto Darwin como Deus?”

A conversa voltou-se para Shri Ramakrishna.

Médico: “Acho que é um adorador da Deusa Kali.”

M.: “Mas para ele, o significado de Kali é diferente. O que os Vedas chamam Brahman Supremo, ele chama Kali. O que os muçulmanos chamam Alá e os cristãos chamam

Deus, ele chama Kali. Não vê muitos deuses, vê somente um Deus. O que os Brahmajnanis chamam Brahman, o que os yogis chamam Atman e os bhaktis Bhagavan, ele chama Kali.

“Em Shri Ramakrishna encontramos todas as atitudes e ideais religiosos. É por isso que pessoas de todas as seitas e credos desfrutam de paz e felicidade em sua presença. Quem pode penetrar em seus sentimentos e nos contar a profundidade de sua experiência interior?”

Médico: “ ‘Todas as coisas para todos os homens.’ Não aprovo isto apesar de São Paulo dizê-lo.”

M.: “Quem pode compreender o estado de sua mente? Ouvimo-lo dizer que a não ser que se esteja no ramo de linhas, não se pode distinguir a diferença entre a de nº 40 e 41. Somente um pintor pode apreciar outro pintor. A mente de um santo é muito profunda. Não se pode compreender todos os aspectos de Cristo a menos que se seja semelhante a Ele. Talvez a profunda realização do Mestre seja o que Cristo tenha querido dizer, quando falou: ‘Sejam perfeitos como seu Pai nos Céus é perfeito.’ ”

Médico: “Que medidas tomaram para cuidar dele?”

M.: “No momento está designado diariamente um de seus devotos mais antigos para cuidar dele. Pode ser Girish Babu ou Ram Babu ou Balaram ou Suresh Babu ou Navagopal ou Kali Babu.”

Era mais ou menos uma hora da tarde quando o médico e M. entraram no quarto do Mestre, no segundo andar. Shri Ramakrishna estava, como sempre, sorrindo, totalmente alheio à doença fatal que lhe consumia a vida. Entre os muitos devotos presentes no quarto estavam Girish, Naren mais jovem e Sarat. Às vezes permaneciam imóveis como a serpente diante do encantador, e às vezes mostravam grande alegria, como os amigos com o noivo. O médico e M. inclinaram-se profundamente ante o Mestre e sentaram-se no chão. À vista do médico, o Mestre disse, sorrindo, “Hoje estou me sentindo muito bem.” Deu prosseguimento à conversa.

Mestre: “O que a simples erudição conseguirá sem discriminação e renúncia? Entro num estado estranho quando penso nos Pés de Lótus de Deus. Minha roupa cai no chão e sinto algo subindo dos pés à cabeça. Nesse estado vejo todos como simples palha. Se vejo um pundit sem discriminação e sem amor e devoção a Deus, considero-o simplesmente um pedacinho de palha.

“Um dia o Dr. Ramnarayan esteve discutindo comigo, quando subitamente entrei nesse estado. Disse-lhe, ‘O que o senhor está dizendo? O que pode o senhor entender de Deus pelo raciocínio? Quão pouco o senhor pode compreender de Sua criação! Que pena! O senhor tem a mente pequenina de um tecelão!’ Vendo meu estado mental começou a chorar e gentilmente acariciou meus pés.”

Médico: “Ramnarayan agiu assim porque é um hindu. Além disso gosta de flores e pasta de sândalo. É um hindu ortodoxo.”

M. (*a si mesmo*): “O Dr. Sarkar diz que ele não tem nada a ver com gongo e conchas!”¹

Mestre: “Bankim² é um de seus pundits. Certa vez estive com ele. Perguntei-lhe, ‘Qual é o dever de um homem?’ Teve a petulância de responder, ‘Comer, dormir e prazer sexual.’ Essas palavras produziram em mim um sentimento de forte aversão. Eu disse, ‘O que o senhor está dizendo? É muito mesquinho de sua parte. Aquilo em que se pensa dia e noite, e o que se faz todo o tempo, sai pelos seus lábios. Se um homem come rabanete, arrota rabanete.’ Em seguida falamos muito sobre Deus. Havia, também, muita música religiosa no quarto e começamos a dançar. Bankim disse-me, ‘Senhor, por favor venha à nossa casa um dia.’ ‘Isto depende da vontade de Deus’, respondi. ‘Ali também’, disse, ‘o senhor encontrará devotos de Deus.’ Ri e disse, ‘Que espécie de devotos são? São como aqueles que dizem ‘Gopal! Gopal?’ ”

Médico: “Que história é esta de ‘Gopal! Gopal!’ ”

Mestre (*com um sorriso*): “Havia um ourives que tinha uma joalheria. Parecia ser um grande devoto, um verdadeiro vaishnava, com contas ao redor do pescoço, rosário na mão e marcas na testa. Naturalmente as pessoas confiavam nele e vinham à sua loja a negócios.

¹ Estes são usados pelos hindus no templo, para adoração da Divindade.

² Bankim Chandra Chatterji, o conhecido escritor de Bengala.

Pensavam que sendo um homem tão piedoso, nunca os enganaria. Cada vez que um grupo de fregueses entrava na loja, ouvia um dos artesãos dizer, ‘Keshava! Keshava!’ Pouco tempo depois, um outro dizia, ‘Gopal! Gopal!’ Logo um terceiro homem murmurava ‘Hari! Hari!’ Por fim alguém dizia, ‘Hara! Hara!’ Ora, como o senhor sabe, estes são nomes diferentes de Deus. Ouvindo cantar assim os nomes de Deus, os fregueses naturalmente pensavam que esse ourives deveria ser uma pessoa muito elevada. Mas o senhor pode imaginar a verdadeira intenção do ourives? O homem que dizia ‘Keshava! Keshava!’³ perguntava ‘*Quem são eles?*’ – ‘Quem são estes fregueses?’ O homem que dizia ‘Gopal! Gopal!’ transmitia a idéia de que os fregueses eram simplesmente uma *manada de vacas*. Essa era a opinião que ele fazia deles, depois da troca de poucas palavras. O homem que dizia ‘Hari! Hari!’ perguntava, ‘Uma vez que não são melhores que uma manada de vacas, então, *podemos roubá-los?*’ Aquele que dizia ‘Hara! Hara!’ dava seu consentimento, significando estas palavras, ‘*Roube-os de qualquer jeito, já que são simples vacas!*’ (*Todos riem*).

“Uma vez fui a um certo lugar com Mathur Babu. Muitos pundits vieram discutir comigo. Vocês sabem que sou um tolo. (*Todos riem*). Os pundits notaram este meu modo estranho. Quando a conversa terminou, disseram-me, ‘Senhor, depois de ouvir suas palavras, tudo o que estudamos anteriormente, nosso conhecimento e erudição provaram ser simplesmente nada. Agora compreendemos que não falta sabedoria a um homem se tiver a graça de Deus. O tolo torna-se sábio e o mundo eloqüente!’ Por isso digo que um homem não se torna erudito pelo mero estudo de livros.

“Sim, certo! Como pode um homem que tem a graça de Deus ter falta de conhecimento? Olhem para mim. Sou um tolo, não sei nada. Quem é, então, aquele que pronuncia estas palavras? O reservatório do Conhecimento de Deus é inesgotável. Em Kamarpukur há negociantes de grãos. Quando vendem o arroz, um homem pesa-os na balança e um outro empurra os grãos para ele e o supre com nova pilha. A tarefa do segundo é a de manter um suprimento constante de grãos na balança, empurrando-os de uma grande pilha. Ocorre o mesmo com minhas palavras. Quando estão a ponto de esgotarem a Mãe Divina envia novo suprimento do Seu estoque inesgotável de Conhecimento.

“Na minha infância Deus manifestou-Se em mim. Tinha então onze anos. Um dia enquanto caminhava por um arrozal, vi algo. Mais tarde soube que havia estado inconsciente e meu corpo completamente imóvel. Desde esse dia tornei-me uma pessoa completamente diferente. Comecei a ver uma outra pessoa dentro de mim. Quando fazia o culto no templo, minha mão, em vez de ir em direção à Divindade, muitas vezes vinha em direção à minha cabeça, colocando flores sobre ela. Um rapaz que vivia comigo, não se atrevia a aproximar-se de mim. Dizia, ‘Vejo uma luz em seu rosto. Tenho medo de chegar muito perto.’

“O senhor sabe que sou um tolo. Nada sei. Quem é que diz todas essas coisas? Digo à Mãe Divina, ‘Ó Mãe, sou a máquina e Tu és a Operadora. Sou a casa e Tu és a Moradora. Sou a carruagem e Tu és a Condutora. Faço o que me fazes fazer; falo como Tu me fazes falar; movo-me como Tu me fazes mover. Não sou eu! Não sou eu! Tudo és Tu!’ Dela é a glória, somos somente Seus instrumentos. Uma vez Radha, para provar sua castidade, carregou na cabeça um jarro cheio de água. O jarro continha cem buracos, mas nenhuma gota de água saía. As pessoas começaram a louvá-la, dizendo, ‘O mundo jamais verá uma mulher tão casta!’ Então Radha disse-lhes, ‘Por que me louvam? Digam, “Glória a Krishna! Salve Krishna! Sou somente Sua ajudante”.’

“Uma vez neste estado estranho coloquei meu pé no peito de Vijay. O senhor sabe o quanto o respeito – e coloquei o pé em seu corpo! O que me diz disso?”

Médico: “Mas agora o senhor deve tomar cuidado.”

Mestre (*de mãos postas*): “O que posso fazer? Fico completamente inconsciente naquele estado. Não sei, então, o que estou fazendo.”

Médico: “O senhor deve ter cuidado. Não adianta agora ficar de mãos postas e mostrar arrependimento!”

Mestre: “Posso fazer alguma coisa nesse estado? O que o senhor pensa deste estado? Se pensa que é simulação, então direi que seu estudo da ‘ciência’ e tudo isso não vale nada.”

³ Esses nomes de Deus em bengali têm duplo sentido. O segundo significado de cada palavra está dado em letras itálicas.

Médico: “Escute, senhor! Será que eu viria vê-lo com tanta frequência se pensasse que era simulação? O senhor sabe que deixo de lado meus compromissos para vir aqui. Não posso visitar muitos pacientes, porque passo seis ou sete horas seguidas aqui.”

Mestre: “Uma vez disse a Mathur Babu, ‘Não pense que alcancei meu objetivo porque você, um homem rico, me respeita. Importa-me muito pouco se você se obedece ou não.’ Naturalmente o senhor deve recordar-se que um simples homem não pode fazer nada. É somente Deus quem faz uma pessoa obedecer a outra. O homem é palha e poeira diante de Deus.”

Médico: “O senhor pensa que o obedeço porque um certo pescador ⁴ o obedece? ... Sem dúvida o respeito; respeito-o como homem.”

Mestre: “Eu lhe peço para me respeitar?”

Girish: “Ele pede para respeitá-lo?”

Médico (*ao Mestre*): “O que o senhor está dizendo? Diz que isto é a vontade de Deus?”

Mestre: “O que mais pode ser? O que um homem pode fazer diante da vontade de Deus? Arjuna disse a Shri Krishna no campo de batalha de Kurukshetra, ‘Não lutarei. É impossível para mim matar meus próprios parentes.’ Shri Krishna respondeu, ‘Arjuna, você terá que lutar. Sua própria natureza o fará lutar.’ Então Shri Krishna revelou a Arjuna que todos os homens no campo de batalha já estavam mortos ⁵.

“Uma vez alguns Shikhs foram ao templo de Kali em Dakshineswar. Disseram, ‘Veja, as folhas da árvore ashattha estão balançando.

Isto também é devido à vontade de Deus.’ Sem Sua vontade nem mesmo uma folha pode mover-se.”

Médico: “Se tudo é feito pela vontade de Deus, então por que o senhor conversa? Por que o senhor fala tanto de levar conhecimento aos outros?”

Mestre: “Ele me faz falar, por isso falo, ‘Sou a máquina e Ele o Operador.’”

Médico: “O senhor diz que é a máquina. Está muito bem, ou então fique quieto, sabendo que tudo é Deus.”

Girish (*ao doutor*): “O que quer que o senhor pense, a verdade é que agimos porque Ele nos faz agir. Pode alguém dar um simples passo contra a vontade de Todo Poderoso?”

Médico: “Mas Deus também nos deu livre arbítrio. Posso ou não pensar em Deus como eu preferir.”

Girish: “O senhor pensa em Deus ou faz alguma coisa boa porque gosta. Na realidade não é o senhor que faz essas coisas, mas o seu gosto de fazê-las o leva a fazê-las.”

Médico: “Por que deve ser assim? Faça essas coisas como dever.”

Girish: “Mesmo assim é porque o senhor gosta de cumprir com seu dever.”

Médico: “Suponhamos que uma criança está se queimando. Devido ao sentido de dever corro para salvá-la.”

Girish: “O senhor sente-se feito salvando a criança; por isso corre para o fogo. É sua felicidade que o leva à ação. Um homem toma ópio sendo tentado por tais gostos como arroz empapado ou batatas fritas.” (*Risada*).

Mestre: “Um homem deve ter alguma espécie de fé antes de empreender um trabalho. Além disso sente-se feliz quando pensa nele. Somente então está pronto para executar o trabalho. Suponhamos que um jarro deve ter fé que o jarro com moedas de ouro está ali. Sente alegria somente ao pensar no jarro. Então começa a cavar. Enquanto retira a terra ouve o som metálico. Isto aumenta sua alegria. Logo vê a beirada do jarro. Isso lhe dá mais alegria. Assim sua alegria está sempre crescendo. No pórtico do templo de Kali, observei os ascetas acendendo o cânhamo para fumar. Vi suas faces brilhando com a antecipação de fumar.”

Médico: “Tome o caso do fogo. Tanto dá calor quanto luz. A luz em dúvida, ilumina os objetos mas o calor queima o corpo. Da mesma maneira, não é somente pura satisfação que se colhe do cumprimento do dever. O dever tem seu lado doloroso, também.”

M. (*Girish*): “Como diz o provérbio, ‘Se o estômago enche, então as costas podem suportar uns poucos golpes do anfitrião,’ Há, também, alegria na tristeza.”

⁴ Alusão a Mathur Babu que pertencia à casta inferior dos pescadores.

⁵ Referindo-se ao décimo capítulo do *Gita*.

Girish (*ao médico*): “O dever é árido”.

Médico: “Por que?”

Girish: “Então é agradável.” (*Todos riem*).

M.: “Assim chegamos ao ponto de que se gosta do ópio pelo gosto das delícias que são servidas com ele.”

Girish (*ao médico*): “O trabalho deve ser agradável, senão por que o faz?”

Médico: “A mente é dirigida nesse sentido.”

M. (*a Girish*): “Esta má inclinação puxa a mente. Se não fala de um poder que impulsiona esta inclinação, então, onde está o livre arbítrio?”

Médico: “Não digo que a vontade seja completamente livre. Suponhamos que uma vaca esteja presa com uma corda. É livre dentro da extensão da corda, mas quando sente o puxão da corda – “

Mestre: “Jadu Mallick também deu esta ilustração. (*Ao Naren mais jovem*) Está mencionado em algum livro inglês?

(*Ao médico*) “Escute. Se um homem verdadeiramente crê que somente Deus faz tudo, que Ele é o Operador e o homem a máquina, é certamente liberado em vida. ‘Tu fazes Teu trabalho, os homens o consideram seu.’ Sabe como é? A filosofia Vedanta dá um exemplo. Suponhamos que o senhor esteja cozinhando arroz numa panela, com batatas, beringela e outros legumes. Depois de algum tempo as batatas, beringelas, arroz e o restante, começam a pular dentro da panela. Parecem dizer com orgulho, ‘Estamos pulando! Estamos pulando!’ As crianças vêem e pensam que as batatas, beringelas e o arroz estão vivos e por isso, pulam, mas os mais velhos, que sabem, explicam a elas, que os legumes e o arroz não estão vivos; não pulam por si mesmos, mas por causa do fogo que está debaixo da panela, e que se o senhor retirar a madeira que está queimando do forno, não mais se moverão. Assim também o orgulho do homem de que ele é aquele que faz, surge da ignorância. Os homens são poderosos por causa do poder de Deus. Tudo fica quieto quando aquela madeira que está queimando, seja retirada. As marionetes dançam bem no palco quando manejadas por um arame, mas não podem mover-se quando o arame escapa.

“Um homem abrigará a ilusão de que é aquele que faz, até que não tenha tido a visão de Deus, até que não tenha sido tocado pela Pedra Filosofal. Enquanto isso fará distinção entre suas ações boas e más. Esta consciência da distinção é devida à maya de Deus e é necessária para o propósito de dirigir Seu mundo ilusório, mas um homem pode atingir Deus se tomar refúgio em Sua vidyamaya e seguir o caminho da retidão. Aquele que realmente conhece Deus e O vê, é capaz de ir além de maya. Aquele que crê firmemente que somente Deus é o que faz e que ele é um simples instrumento, é um jivanmukta, uma alma livre, embora viva num corpo. Falei disso com Keshab Chandra Sen.”

Girish (*ao médico*): “Como o senhor sabe que existe o livre arbítrio?”

Médico: “Não pelo raciocínio, eu o sinto.”

Girish: “Neste caso posso dizer que eu e os outros sentem o contrário. Sentimos que somos controlados por outra pessoa.” (*Todos riem*).

Médico: “Há dois elementos no dever: primeiro, a sensação de obrigação de um dever, a felicidade que vem como efeito posterior, mas no estágio inicial esta felicidade não é motivo, imperioso. Na infância eu observava a grande preocupação do sacerdote ao ver as formigas nos doces oferecidos à Divindade. No primeiro instante ele não sentia em pensar nos doces. Ficava preocupado com eles.”

M. (*a si mesmo*): “É difícil dizer se uma pessoa sente-se feliz enquanto cumpre o dever ou depois. Onde está o livre arbítrio de um homem se ele executa uma ação, impelido por um sentimento de felicidade?”

Mestre: “O que o senhor falou é chamado amor sem qualquer motivo egoísta. Não quero nada do Dr. Mahendra Sarkar; não necessito nada dele, mas mesmo assim gosto de vê-lo. Isto é amor pelo próprio amor, mas suponhamos que eu consiga um pouco de alegria com isto, o que posso fazer?”

“Ahalya uma vez disse a Rama, ‘Ó Rama, não faço objeção de nascer até como porco, mas por favor conceda-me a graça que eu possa ter puro smor por Teus Pés de Lótus. Nada mais desejo.’”

“Narada foi a Ayodhya para lembrar a Rama que Ele devia matar Ravana. Ao ver Rama e Sita começou a cantar Suas glórias. Satisfeito com a devoção de Narada, Rama disse, ‘Narada, estou satisfeito com sua oração. Peça-me uma graça.’ Narada respondeu, ‘Ó Rama, se Tu tens que me conceder uma graça, conceda-me que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus, e que não possa ser iludido por Tua maya sedutora.’ Rama disse, ‘Peça-me algo mais.’ ‘Não, Rama’, respondeu Narada. ‘Nada mais quero, somente puro amor por Teus Pés de Lótus, um amor que não pede retorno.’

“Esta é a atitude do Dr. Sarkar. É como buscar somente Deus, não Lhe pedindo riqueza, fama, comodidades ou qualquer outra coisa. Isso se chama puro amor.

“Há, sem dúvida, um elemento de felicidade nisso, mas não se trata de felicidade mundana; é a alegria de bhakti e prema, devoção a Deus, amor a Ele. Eu costumava ir à casa de Sambhu Mallick. Uma vez ele me disse, ‘O senhor vem aqui com frequência. Sim, o senhor vem porque sente-se feliz conversando comigo.’ Sim, há esse tipo de felicidade.

“Mas há um estado mais elevado do que este. Quando um homem o alcança, anda sem rumo como uma criança. Enquanto a criança caminha, talvez encontre um grilo e o apanhe. O homem nesse estado exaltado também não tem um objetivo definido.

(*Aos devotos*): “Não compreendem o sentimento interior do médico? É a oração de um devoto a Deus, visando um bom propósito, a fim de não ter alguma inclinação para coisas más.

“Eu também passei por esse estado. É chamado dasya, a atitude de um servo para com seu amo. Costumava chorar tão amargamente com o nome da Mãe Divina nos lábios, que as pessoas juntavam-se à minha volta. Quando me encontrava naquele estado, alguém para me testar e para me curar daquele loucura, trouxe uma prostituta ao meu quarto. Era linda, com olhos maravilhosos. Chorei, ‘Ó Mãe! Ó Mãe!’ e precipitei-me para fora do quarto. Corri para Haladhar e disse, ‘Irmão, veja quem entrou em meu quarto!’. Falei a Haladhari e a todos sobre aquela mulher. Enquanto me encontrava naquele estado costumava chorar com o nome da Mãe em meus lábios. Chorando, dizia-Lhe, ‘Ó Mãe, proteja-me! Por favor torna-me puro. Por favor cuide que minha mente não se desvie do Real para o irreal’. (*Ao médico*) Esta sua atitude é também muito boa. É a atitude de um devoto que olha Deus como seu Mestre.

“Quando um homem desenvolve puro sattva, pensa somente em Deus. Não gosta de mais nada. Alguns nascem com puro sattva como resultado de seu prarabdha karma. Por meio do trabalho desapegado uma pessoa, por fim adquire puro sattva. Sattva misturado com rajas desvia a mente para diversos objetos. Disso nasce o conceito de fazer o bem ao mundo. Fazer bem ao mundo é extremamente difícil para um ser tão insignificante como o homem, mas não há mal em fazer bem aos outros com desapego. Isto é chamado ação desinteressada. É altamente benéfico para uma pessoa tentar praticar uma tal ação, mas em hipótese alguma todos são bem-sucedidos, porque é muito difícil. Todos devem trabalhar, mas somente um ou dois podem renunciar à ação. Raramente o senhor encontra alguém que tenha desenvolvido puro sattva. Por meio da ação desinteressada, sattva misturada com rajas gradualmente se converte em puro sattva.

“Logo que um homem desenvolve puro sattva realiza Deus, por Sua graça.

“Pessoas comuns não podem compreender puro sattva. Hem uma vez disse-me, ‘Bem, sacerdote! A meta da vida humana é conquistar nome e fama. Não é?’

Terça-feira, 27 de outubro de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado em seu quarto. Narendra e outros devotos estavam presentes. O Mestre conversava com eles. Eram mais ou menos dez horas da manhã.

Narendra: “Como o médico se portou de maneira estranha ontem!”

Um devoto: “Sim, o peixe engoliu o anzol mas a linha partiu-se.”

Mestre (*sorrindo*): “Mas o anzol está na boca do peixe. Este morrerá e flutuará.”

Narendra saiu por um momento. Shri Ramakrishna conversava com M. sobre Purna.

Mestre: “O devoto que se considera Prakriti gosta de abraçar e beijar Deus, a quem considera Purusha. Estou dizendo isto somente a você. Pessoas comuns não devem ouvir estas coisas.”

M. “Deus diverte-se de diversas maneiras. Mesmo esta sua enfermidade é um de Seus jogos. Por causa da doença, novos devotos estão chegando.”

Mestre (*sorrindo*): “Bhupati diz, ‘O que teriam as pessoas pensado do senhor se tivesse alugado uma casa sem estar doente?’ Bem, o que aconteceu ao médico?”

M. “No que diz respeito a Deus, ele aceita para si a atitude de um servo. Diz, ‘Tu és o Mestre e eu sou Teu servo’, mas logo me pergunta. Por que você aplica a idéia de Deus a um homem?’ ”

Mestre “Ora! Você irá vê-lo hoje?”

M.: Vou vê-lo se for necessário informá-lo sobre seu estado.”

Mestre: “O que acha desse rapaz Bankim? Se ele não puder vir aqui, você pode dar-lhe instrução. Isto despertará sua consciência espiritual.”

Narendra entrou no quarto e sentou-se próximo de Shri Ramakrishna. Desde a morte de seu pai estivera muito preocupado com a situação financeira da família. Agora tinha que sustentar a mãe e os irmãos. Além disso, estava preparando-se para o vestibular de Direito. Recentemente trabalhara como professor na Vidyasagar School em Bowbazar. Queria resolver os problemas da família e livrar-se assim de todas as preocupações. Shri Ramakrishna sabia de tudo. Olhava com carinho para Narendra.

Mestre (*a M.*): “ ‘Eu disse a Keshab, ‘Deve-se ficar satisfeito com o que vem sem ser esperado.’ O filho de um aristocrata não se preocupa com o que comer, e com o que beber. Tem sua mesada mensal. Narendra também pertence a um plano superior. Por que então, encontra-se nesta situação tão premente? Deus certamente provê todo homem que se entrega por completo a Ele.’ ”

M.: “Narendra também será provido. Não é tarde demais para ele.”

Mestre: “Mas um homem que sente internamente uma intensa renúncia, não pensa assim. Não diz para si, ‘Primeiro farei alguma coisa para minha família e depois, praticarei sadhana.’ Não, não sente assim, se desenvolveu intenso desapego. Um goswami, no curso de sua pregação, disse, ‘Se um homem tem dez mil rupias pode viver de renda e assim, livre de preocupações, pode orar a Deus.’ ”

“Keshab Sen também disse algo parecido. Disse-me, ‘Senhor, suponhamos que um homem queira, em primeiro lugar, organizar de forma conveniente suas propriedades, para em seguida, pensar em Deus, será bom proceder assim? Há algum mal nisso?’ Disse-lhe, ‘Quando um homem sente intenso desapego, considera o mundo um poço profundo e seus parentes, cobras venenosas. Ele não pode pensar em economizar dinheiro e acertar suas propriedades.’ Somente Deus é real e tudo o mais ilusório. Pensar no mundo em vez de pensar em Deus!

“Uma mulher foi tomada de intenso pesar. Primeiro prendeu a argola no nariz num canto da roupa e em seguida, atirou-se ao chão, dizendo, ‘Ó amigos, que desgraça caiu sobre mim!’ mas teve muito cuidado para não partir a argola do nariz.”

Todos riram. A essas palavras Narendra sentiu-se como que atingido por uma flecha e deitou-se no chão. M. compreendeu o que estava se passando na mente de Narendra e disse com um sorriso: “O que há? Por que está no chão?”

O Mestre disse a M., sorrindo, “Você me faz lembrar uma mulher que sentiu-se envergonhada por ter dormido com o cunhado, e que não podia compreender a conduta daquelas mulheres que viviam como amantes de estranhos. Assim, para se desculpar disse, ‘Afinal, cunhado é da família. Mas mesmo isso me mata de vergonha. Como essas mulheres se atrevem a viver com estranhos?’ ”

O próprio M. levava uma vida mundana. Em vez de ficar envergonhado com sua conduta, sorriu para Narendra. Por isso Shri Ramakrishna referiu-se ao comportamento da mulher que criticava a conduta de mulheres imorais, embora ela mesma mantivesse um amor ilícito com seu cunhado.

Um menestrel vaishnava cantava no andar térreo. Shri Ramakrishna apreciara seu canto e pediu que alguém lhe desse algum dinheiro. Um devoto desceu. O Mestre perguntou-lhe: “Quanto deu para o cantor?” Quando soube que dera somente dois pice, disse, “Só isto? Este dinheiro é fruto de seu servilismo. Como teve que adular seu patrão e sofrer para ganhá-lo! Pensei que lhe tivesse dado pelo menos quatro annas.”

Naren mais jovem mostrou a Shri Ramakrishna, como prometera, a natureza da electricidade com um instrumento.

Eram mais ou menos duas horas. Shri Ramakrishna e os devotos estavam sentados no quarto. Atul trouxera um amigo oficial de justiça. Bagchi, famoso pintor de Shikdarpara chegou. Mostrou a Shri Ramakrishna diversas pinturas, que ele examinou atentamente, com grande alegria.

Bagchi tinha cabelos compridos como os de uma mulher. Shri Ramakrishna disse, “Há muitos dias atrás, um sannyasi, com um cabelo de nove cúbitos de comprimento, chegou a Dakshineswar. Com muita sinceridade cantava o nome de Radha. Era um grande devoto.”

Pouco tempo depois Narendra começou a cantar. A idéia de renúncia dominava todas suas canções. Cantou:

Ó Senhor, devem meus dias passar tão completamente em vão?
Descendo o caminho da esperança, olho lamentando, dia e noite. ...

Em seguida cantou:

Ó Mãe, Tu és meu Guia interior, sempre desperta dentro do meu coração;
Dia e noite Tu me carregas em Teu colo.

Então cantou:

Ó Senhor misericordioso, se como uma abelha
Minha alma não puder pousar
Profundamente no Lótus de Teus Pés,
Que alegria posso encontrar na vida?
O que posso ganhar com riqueza incontável,
Se descuido de Ti, a Riqueza suprema?

Não tenho qualquer prazer na visão
Do rosto infantil mais adorável
Se todo esse amor não revela
Qualquer traço de Tua fisionomia tão querida.
O luar não tem significado para mim.
Como a mais escura noite, se a lua de Teu amor
Não se levanta no firmamento de minha alma.
O mais puro amor imaculado da esposa
É maculado se nele não for colocada
A pedra preciosa inestimável do amor divino.

Ó Senhor, sempre que dúvidas sobre Ti,
Nascida do erro crasso e da negligência
Assaltaram minha mente, eu me contorço de dor
Como picado pelos comilhos de uma serpente venenosa
O que mais, Ó Mestre direi?
Tu és a mais preciosa Jóia do meu coração,
A Morada da Alegria Duradura.

Eram cinco e meia da tarde quando o Dr. Sarkar chegou ao quarto do Mestre em Shyampukur, tomou seu pulso e receitou o remédio adequado. Muitos devotos estavam presentes incluindo Narendra, Girish, Dr. Dukati, Naren mais jovem, Rakhil, M., Sarat e Shyam Basu.

O Dr. Sarkar falou um pouco sobre a doença do Mestre e observou-o enquanto tomava a primeira dose do remédio. Shri Ramakrishna começou a conversar com Shyam Basu. Dr. Sarkar levantou-se para ir embora, dizendo, “Agora que o senhor está conversando com Shyam Basu, vou dizer-lhe adeus.”

O Mestre e um devoto perguntaram ao médico se queria ouvir algumas canções.

Dr. Sarkar (*ao Mestre*): “Gostaria muito, mas a música o torna travesso como uma criança, fazendo todos os tipos de cabriolas. O senhor tem que reprimir sua emoção.”

Dr. Sarkar voltou a se sentar e Narendra começou a cantar com voz doce, acompanhado do tanpura e mridanga.

Este universo, maravilhoso e infinito.
Ó Senhor é Tua arte;
O mundo inteiro é o tesouro
Pleno de Tua beleza e graça...

Novamente cantou:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece.
Por isso os yogis meditam numa escura caverna da montanha.
No colo do escuro infinito, nas grandes ondas de Mahanirvana,
A paz flui serena e inesgotável.
Tomando a forma do Vazio, agasalhada no manto da escuridão.
Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?
Do Lótus de Teus Pés que afugentam o medo, brilham os relâmpagos de Teu amor.
O Rosto de Teu Espírito resplandece com uma gargalhada terrível e estrondosa!

Dr. Sarkar disse a M., “Esta canção é perigosa para ele”, Shri Ramakrishna perguntou a M. o que o médico dissera. M. respondeu, “O doutor receia que esta canção possa levar sua mente ao samadhi.”

Nesse meio tempo o Mestre perdera parcialmente a consciência do mundo exterior. Olhando para o médico, disse de mãos postas, “Não, não. Por que vou entrar em samadhi?” Mal havia pronunciado estas palavras entrou em êxtase profundo. O corpo ficou imóvel, os olhos fixos, a língua muda. Permaneceu como uma estátua, talhada em pedra, completamente inconsciente do mundo exterior. A mente, ego e todos os órgãos de percepção haviam se interiorizados. Parecia outra pessoa completamente diferente.

Narendra continuou suas canções, despejando nelas todo seu coração e alma.

Que beleza sem par! Que rosto sedutor contemplo!
O Soberano de minha alma entrou em minha humilde cabana.
As fontes de meu amor estão surgindo por toda a parte.
Diz-me então, meu Bem-Amado! Tu, Senhor de meu coração!
Que tesouro depositarei diante de Teus Pés de Lótus?
Toda minha vida, minha alma, o que mais posso oferecer?
Toma tudo o que é meu. Digna-Te aceitar tudo o que é meu.

Narendra continuou:

Ó Senhor misericordioso, se como uma abelha
Minha alma não pode pousar
Profundamente no Lótus de Teus Pés,
Que alegria posso encontrar na vida? ...

Assim que o médico ouviu as palavras, “O amor imaculado da esposa mais pura”, os olhos encheram-se de lágrimas. “Ai de mim. Ai de mim!”

Narendra cantou novamente:

Ó quando raiará para mim aquele dia abençoado
Em que o Amor despertará em meu coração.
Quando minhas lágrimas cairão sem controle.
Enquanto repito o nome do Senhor Hari,
E todo meu anelo for atendido? ...

No meio do kirtan Shri Ramakrishna recobrou a consciência do mundo exterior. Quando Narendra terminou a canção, o Mestre continuou conversando, deixando todos fasci-

nados. Os devotos, maravilhados, olhavam para seu rosto. Não apresentava o mais leve vestígio do intenso sofrimento ocasionado pela enfermidade. O rosto tinha o brilho da felicidade celestial.

Dirigindo-se ao médico, o Mestre disse, “Abandone sua falsa modéstia. Por que o senhor se envergonharia de cantar o nome de Deus? O provérbio diz muito bem, ‘Não se pode realizar Deus enquanto tiver vergonha, ódio ou medo.’ Abandone os conceitos tolos como, ‘Sou um grande homem. Devo dançar chorando o nome de Deus? O que pensarão de mim outros grandes homens ao saberem disso? Poderão dizer que o médico, pobre homem, dançou pronunciando o nome de Hari, e assim, terem pena de mim.’ Abandone todos esses conceitos tolos.”

Médico: “Jamais me preocupo com o que as pessoas dizem. Não me importo absolutamente com suas opiniões.”

Mestre: “Sim, conheço sua idéia firme a esse respeito.” (*Todos riem*).

“Vá além de conhecimento e ignorância, somente então poderá realizar Deus. Saber muitas coisas é ignorância. O orgulho da erudição é, também, ignorância. A convicção inabalável de que somente Deus mora em todos os seres é jnana, conhecimento. Conhecê-Lo intimamente é vijnana, um Conhecimento mais profundo. Se um espinho entrar em seu pé, necessitará de um segundo espinho para retirar o primeiro. Quando ele for retirado, jogará fora ambos. O senhor tem que conseguir o espinho do conhecimento para remover o espinho da ignorância. Em seguida terá que abandonar ambos: conhecimento e ignorância. Deus está além do conhecimento e da ignorância.

Uma vez Lakshmana disse a Rama, ‘Irmão é impressionante que um sábio como Vashishtha chore profundamente pela morte de seus filhos!’ Rama disse, ‘Irmão, aquele que tem conhecimento deve ter ignorância.. Aquele que tem conhecimento de uma coisa, deve também ter conhecimento de muitas coisas. Aquele que está consciente da luz é consciente da escuridão. Brahman está além do conhecimento e ignorância, virtude e vício, mérito e demérito, limpeza e sujeira.”

Shri Ramakrishna recitou a seguinte canção de Ramprasad:

Venha, vamos dar um passeio, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os Desejos.
E ali, embaixo d’Ela, colher os quatro frutos da vida ...
Quando vai aprender a permanecer, Ó mente, na morada da Bem-aventurança?
Com Pureza e Corrupção de cada lado?
Somente quando tiver encontrado o caminho
Para manter essas duas esposas harmoniosamente sob o mesmo teto,
Verá a incomparável forma da Mãe Shyama. ...

Shyam Babu: “Senhor, o que fica depois que se joga fora ambos os espinhos?”

Mestre: “*Nityashuddhabodharupan* – a Consciência Eterna é Sempre Pura,. Como posso lhe explicar? Suponhamos que um homem que nunca tenha provado ghee lhe pergunte, ‘Qual o gosto de ghee?’ Ora, como pode lhe explicar isto? No máximo pode dizer, ‘Como é ghee? É ghee!’ Uma jovem perguntou à amiga, ‘Querida, seu marido está aqui. Que tipo de prazer experimenta com ele?’ A amiga respondeu, ‘Minha querida, você saberá quando tiver um marido. Como posso lhe explicar?’

“Está dito nos Puranas que Bhagavati, a Mãe Divina, uma vez nasceu como filha do rei Himalaya. Após seu nascimento, mostrou ao pai Suas muitas formas. O Senhor das montanhas, depois de desfrutar todas essas visões, disse à Mãe Divina, ‘Gostaria de poder ter a visão de Brahman como está descrito nos Vedas!’ Então a Mãe Divina respondeu, ‘Pai, se o senhor quiser ter a visão de Brahman, deve viver na companhia dos homens santos.’

“O que Brahman é, não pode ser descrito em palavras. Alguém uma vez disse que tudo no mundo tornou-se impuro, como acontece com o alimento tocado pela língua, mas que somente Brahman permanece sem mácula. O significado é que todas as escrituras e livros sagrados – os Vedas, os Puranas, os Tantras e outros – podem ser considerados contaminados porque seus conteúdos foram pronunciados pela língua, mas o que Brahman é, nenhuma língua até hoje foi capaz de descrever. Por isso Brahman ainda não foi contaminado. Não se pode descrever com palavras a felicidade do jogo e comunhão com Satchidananda. Somente a conhece, aquele que a realizou.”

Dirigindo-se ao Dr. Sarkar, Shri Ramakrishna continuou, “Escute-me. Não se pode alcançar Conhecimento, a não ser que se esteja livre de egoísmo. Há um dito:

Quando serei livre?
Quando o ‘eu’ cessar de ser.

‘eu’ e ‘meu’ – isto é ignorância. ‘Tu’ e ‘Teu’ – isto é Conhecimento. Um verdadeiro devoto diz, ‘Ó Deus, Tu és Aquele que faz; Tu somente fazes tudo. Tudo o que há no mundo – riqueza, possessões, enfim, o próprio universo – pertence a Ti. Esta casa e estes parentes são somente Teus, não meus. Sou Teu servo, somente tenho o direito de servir-Te de acordo com Teu comando.’

“Aqueles que leram poucos livros, não podem livrar-se de orgulho. Uma vez tive uma conversa com Kalikrishna Tagore a respeito de Deus. Imediatamente ele disse, ‘Conheço tudo sobre isso’, disse. Respondi, ‘Pode um homem que visitou Delhi gabar-se disso? Um cavalheiro sai dizendo a todos que é um cavalheiro?’ ”

Shyam: “Mas Kalikrishna Tagore tem um grande respeito pelo senhor.”

Mestre: “Ó, como a vaidade transtorna a cabeça de uma pessoa! Havia uma mulher que recolhia o lixo do templo de Dakshineswar. Ah! o orgulho dela! Tudo por causa de umas poucas jóias que possuía. Um dia alguns homens passaram perto dela, e ela gritou-lhes, ‘Ei, vocês! saiam do caminho! Se uma pessoa tão humilde podia falar daquela maneira, o que se pode dizer da vaidade dos outros?’”

Shyam: “Senhor, se Deus é o único que faz tudo, como é que um homem é castigado por seus pecados?”

Mestre: “Você fala como um ferreiro!”

Narendra: “Em outras palavras, Shyam Babu tem uma mente calculista, como o de um ferreiro que pesa as coisas em sua balança de precisão.”

Mestre: “Digo, meu tolo rapaz, coma as mangas e seja feliz. Qual a utilidade que há em se calcular quantas centenas de árvores, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas há no pomar? Veio ao pomar para comer mangas. Coma-as e fique satisfeito.

(A *Shyam*): “Você nasceu como ser humano para adorar a Deus, por isso trate de adquirir amor por Seus Pés de Lótus. Por que se preocupa em conhecer uma centena de outras coisas? O que ganhará em discutir ‘filosofia’? Veja, um pouco de bebida alcoólica é suficiente para intoxicá-lo. De que serve saber quantos galões de bebidas alcoólicas há na taverna?”

Médico: “Exatamente, e o que é mais, o Vinho da Taverna de Deus está além de toda medida. Não há limite para Ele.”

Mestre (a *Shyam*): “Por que não dá procuração a Deus? Coloque todas as suas responsabilidades sobre Ele. Se depositar todas as responsabilidades num homem honesto, ele fará mau uso do poder que tem sobre você? Somente Deus sabe se Ele castigará você ou não, por seus pecados.”

Médico: “Somente Deus sabe o que há em Sua mente. Como pode um homem saber disso? Deus está além de todos os nossos cálculos.”

Mestre (a *Shyam*): “Isto é o que vocês, habitantes de Calcutá, pensam. Todos dizem, ‘Deus está manchado pelo mal da desigualdade’, porque Ele fez algumas pessoas felizes e outras, desgraçadas. Aquilo que esses miseráveis vêem em si mesmos, vêem também em Deus.

“Hem tinha o hábito de vir ao templo de Dakshineswar. Sempre que me encontrava, dizia, ‘Bem, sacerdote, há somente uma coisa que vale a pena neste mundo, que é a honra. Não é assim?’ Poucos consideram que o propósito da vida humana é o amor e a realização de Deus.”

Shyam: “Ouvimos falar muito a respeito do corpo sutil. Pode alguém mostrá-lo a nós? Pode alguém demonstrar que o corpo sutil, quando morre, deixa o corpo denso e vai embora?”

Mestre: “Os verdadeiros devotos não se importam em demonstrar estas coisas. O que a eles importa se algum tolo importante os respeite ou não? O desejo de ter um homem importante sob seu controle jamais passa por sua mente.”

Shyam: “Qual a diferença entre o corpo denso e o sutil?”

Mestre: “O corpo formado dos cinco elementos densos é chamado corpo denso. O corpo sutil é formado da mente, ego, faculdade discriminativa e do estofamento mental. Há, também, o corpo causal, por meio do qual uma pessoa desfruta a Felicidade de Deus e comunga com Ele. Os Tantras chamam-no Bhagavati Tanu, o Corpo Divino. Além desses está o Mahakarana, a Grande Causa. Esse plano também não pode ser expresso em palavras.

“Qual a utilidade de simplesmente ouvir? Faça alguma coisa! O que se ganhará repetindo a palavra ‘siddhi’? Irá isto intoxicá-lo? Não se ficará intoxicado mesmo se fizer uma pasta de siddhi e esfregá-la em todo o corpo. Tem-se que comer um pouco. Como pode um homem reconhecer os fios de números diferentes, tais como os números quarenta e quarenta e um, a não ser que trabalhe neste negócio? Aqueles que negociam com linhas, não têm nenhuma dificuldade em distinguir uma de outra. Por isso digo, pratique um pouco de disciplina espiritual e conhecerá tudo – o denso, o sutil, o causal e a Grande Causa. Quando orar a Deus, peça somente puro amor por Seus Pés de Lótus.

“Quando Rama redimiu Ahalya⁶ da maldição, disse-lhe, ‘Peça-Me uma graça.’ Ahalya respondeu, ‘Rama, se Tu Te dignas conceder-me uma graça, então satisfaz meu desejo de que eu possa sempre meditar nos Teus Pés de Lótus, mesmo que nasça no corpo de um porco.’

“Eu orava à Mãe Divina somente por amor. Oferecia flores a Seus Pés de Lótus e dizia de mãos postas, ‘Ó Mãe, aqui está Tua ignorância e aqui está Teu Conhecimento; toma ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua impiedade, toma-as e dá-me puro amor por Ti. Aqui está Tua virtude e aqui está Teu erro; aqui está Teu bem e aqui está Teu mal; toma-os e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está meu dharma e aqui está Teu adharma; toma-os e dá-me somente puro amor por Ti.’

“Dharma significa boas ações, como dar em caridade. Se alguém aceita dharma, tem que aceitar adharma também. Se aceita a virtude, deve aceitar o pecado. Se aceita o conhecimento, deve aceitar a ignorância. Se aceita a santidade, deve aceitar a impiedade. É como um homem que é consciente da luz, é também consciente da escuridão. Se um homem for consciente de um, é também consciente de muitos. Se estiver consciente do bem, também estará consciente do mal.

“Abençoado é o homem que mantém seu amor aos Pés de Lótus de Deus, mesmo que coma carne de porco, mas se uma pessoa estiver apegada ao mundo, mesmo que viva de verduras cozidas e cereais, então –“

Médico: “É um fracasso, mas permita-me interrompê-lo aqui e dizer algo. Buda uma vez comeu carne de porco e como resultado, teve cólicas. Para curar-se da dor teve que tomar ópio e por isso ficou inconsciente. O senhor conhece o significado de Nirvana? Buda ficou entorpecido depois de tomar ópio. Perdeu a consciência do mundo exterior. Isto é o que eles chamam Nirvana!”

Todos riram ao ouvir esta nova interpretação de Nirvana. A conversa prosseguiu.

Mestre (*a Shyam*): ‘Não há mal em levar a vida de um chefe de família. Faça suas obrigações com desapego, mas mantenha a mente fixa nos Pés de Lótus de Deus. Já deve ter notado que um homem com um furúnculo nas costas conversa com as pessoas normalmente e, talvez mesmo atenda às suas obrigações diárias, mas sua mente está o tempo todo na dor do furúnculo.

“Viva no mundo como uma mulher de vida livre. Embora faça suas obrigações domésticas, a mente está fixa no amante. (*Ao médico*) Compreendeu?”

Médico: “Como posso compreender se jamais tive esta experiência?”

Shyam: “Ó, sim! O senhor compreende um pouco. (*Todos riem*).

Mestre: “Além disso ele teve uma larga experiência neste ramo. Não é assim? (*Todos riem*).

Shyam: “Senhor, o que pensa da Teosofia?”

Mestre: “Em resumo, todos aqueles que andam por aí fazendo discípulos, pertencem a um nível muito baixo. O mesmo ocorre com aqueles que buscam poderes ocultos para caminhar sobre o Ganges, relatar o que uma pessoa diz num país distante e assim por diante. É muito difícil para elas ter puro amor por Deus.”

⁶ Ver nota 6 ao pé da pág. 36, Capítulo XXXVI

Shyam: “Mas os teosofistas vêm tentando restabelecer a religião hindu.”

Mestre: “Não conheço muito sobre eles.

Shyam: “Mas pode-se saber da Teosofia, onde a alma vai depois da morte – se para a esfera lunar, estelar ou qualquer outra região.”

Mestre: “Isto é verdade, mas vou lhes dizer qual é a minha atitude. Uma vez um homem perguntou a Hanuman, ‘Que dia da quinzena lunar é?’ Hanuman respondeu, ‘Não conheço nada a respeito dos dias da semana, dos dias da quinzena lunar, da posição das estrelas no céu ou coisas semelhantes. Quero somente meditar em Rama.’ Esta é também a minha atitude.”

Shyam: “Os teosofistas acreditam na existência de mahatmas. O senhor crê neles?”

Mestre: “Se acredita em minhas palavras, digo que sim, mas por favor deixe esses assuntos para lá. Volte aqui novamente, quando eu melhorar. Será encontrada uma maneira pela qual você consiga paz de espírito, se tiver fé em mim. Já deve ter notado que não aceito qualquer doação em dinheiro ou roupa. Não fazemos coletas aqui. Por isso muitas pessoas vêm aqui. (*Risada*).

(*Ao médico*) “Se o senhor não se ofender, vou dizer algo mais. É isso; o senhor já teve muitas coisas como dinheiro, honras, conferências etc. Agora por uns dias direcione sua mente para Deus e venha de vez em quando. Seu sentimento espiritual se acenderá, escutando palavras sobre Deus.”

Depois de algum tempo, como o médico se levantara para se despedir, Girish, Chandra Ghosh entrou no quarto e inclinou-se profundamente diante do Mestre. O Dr. Sarkar ficou contente em vê-lo e sentou-se novamente.

Médico (*apontando para Girish*): “Naturalmente ele não viria enquanto eu estivesse aqui, portanto decidi sair, e ele entrou no quarto.”

Girish e Dr. Sarkar começaram a conversar sobre a Science Association, fundada pelo último.

Mestre: “Pode levar-me lá uns dias destes?”

Médico: “Se o senhor for, perderá toda consciência ao ver os trabalhos maravilhosos de Deus.”

Mestre: “Ó, certamente!”

Médico (*a Girish*): “Por favor não o adore como Deus, está virando a cabeça deste bom homem.”

Girish: “Que outra coisa posso fazer? Ó, de que outro modo olharei uma pessoa que me levou através deste oceano do mundo, e o que é mais, do oceano da dúvida? Não há nada nele que eu não considere sagrado. Posso alguma vez considerar, mesmo que sejam suas fezes, como sujas?”

Médico: “Esta questão de fezes não me perturba, não tenho repugnância. Uma vez o filho de um dono de um armazém foi ao meu consultório para exame. Seus intestinos funcionaram. Todos cobriram o nariz com um pano, mas eu sentei-me a seu lado durante meia hora sem colocar o lenço no nariz. Não posso tapar o nariz quando o lixeiro passa por mim com a tina na cabeça. Não, não posso fazer isto. Sei muito bem que não há diferença entre o lixeiro e mim. Por que haveria de menosprezá-lo? Não posso tomar a poeira de seus pés? [referindo-se a Shri Ramakrishna]? Olhe!”

O médico saudou Shri Ramakrishna e tocou os pés do Mestre com a testa.

Girish: “Ó, os anjos estão dizendo, ‘Abençoado seja este momento auspicioso!’ ”

Médico: “O que há de extraordinário em tomar a poeira dos pés de um homem? Posso tomar a poeira dos pés de qualquer um. Dêem-me, todos vocês, a poeira de seus pés.”

O médico tocou os pés de todos os devotos.

Narendra (*ao médico*): “Consideramos o Mestre um Deus. Sabe, senhor, como é? Há um ponto entre a criação vegetal e a criação animal, onde é muito difícil determinar se uma determinada coisa é um vegetal ou um animal. Também há um estágio entre o mundo do humano e o mundo de Deus, onde é extremamente difícil dizer se uma pessoa é homem ou Deus.”

Médico: “Bem, meu caro amigo, não se pode aplicar analogias às coisas divinas.”

Narendra: “Não digo que ele é Deus. Digo que é como um homem com atributos divinos.”

Médico: “Deve-se reprimir seus sentimentos neste assunto. É mal dar livre curso a eles. Ninguém compreende meus sentimentos. Até meu melhor amigo pensa de mim como duro e cruel. Até pessoas como o senhor talvez um dia me jogarão na rua depois de me bater com seus sapatos.”

Mestre: “Não diga uma coisa dessas! As pessoas o amam tanto! Ficam esperando o senhor chegar, como as noivas esperam a chegada do noivo, na câmara nupcial.”

Girish: “Todos têm o maior respeito pelo senhor.”

Médico: “Meu filho e mesmo minha esposa consideram-me uma pessoa de coração duro, mas meu único crime é que não consigo demonstrar meus sentimentos.”

Girish: “Neste caso seria mais prudente para o senhor, abrir a porta de seu coração, pelo menos por compaixão a seus amigos, já que acha que de outra maneira eles não podem compreendê-lo.”

Médico: “O senhor acredita em mim quando digo que meus sentimentos trabalham mais do que os seus? (*A Narendra*) Derramo lágrimas em solidão.

(*A Shri Ramakrishna*) Posso dizer algo? Quando está em êxtase, põe o pé no corpo dos outros. Não é bom.”

Mestre: “O senhor pensa que naquele momento, sei que estou tocando uma outra pessoa com o pé?”

Médico: “O senhor sente que não é correto fazê-lo, não é?”

Mestre: “Como posso lhe explicar o que sinto em samadhi? Depois de descer daquele estado, às vezes, penso que minha doença é devida ao samadhi. O que ocorre é que o pensamento de Deus me enlouquece. Tudo resulta de minha loucura divina. Como vou resolver este problema?”

Médico: “Agora ele aceita meu ponto de vista. Expressa pesar pelo que faz. Está consciente de que o ato é incorreto.”

Mestre (*a Narendra*): “Você é muito inteligente. Por que não responde? Explique tudo isso ao médico.”

Girish (*ao médico*): “O senhor está equivocado. Ele não está expressando pesar por tocar os corpos de seus devotos, durante o samadhi. Seu próprio corpo é puro, imaculado. Se toca os outros desta maneira é somente para o próprio bem deles. Às vezes imagina que pode ter contraído esta enfermidade pelo fato de ter tomado os erros dos outros sobre seus ombros.”

“Pense em seu próprio caso. Uma vez o senhor estava com cólica. Não lamentou naquele momento ter sentado e ficado lendo até altas horas da noite? Será que isto prova que ler até altas horas da noite é, em si mesmo, uma coisa má? Shri Ramakrishna pode lamentar estar doente, mas isto não o faz sentir que seja errado de sua parte, tocar os outros para o bem deles.”

Dr. Sarkar sentiu-se um tanto embaraçado e disse a Girish: “Confesso minha derrota. Dê-me a poeira de seus pés.” Saudou Girish.

Médico (*a Narendra*): “Qualquer coisa a mais que se possa dizer a respeito de Girish, tem-se que admitir seus poderes intelectuais.”

Narendra (*ao médico*): “O senhor tem que olhar o problema de outro ponto de vista. Pode dedicar sua vida à pesquisa científica, sem pensar em si e em confortos materiais, mas a ciência de Deus é a maior de todas. Não é natural que se ponha a saúde a risco para realizá-Lo?”

Médico: “Todos os reformadores religiosos, incluindo Jesus, Chaitanya, Buda Maomé etc., na verdade foram egoístas. Todos disseram, ‘Somente tudo o que digo é verdadeiro.’ Que atitude chocante!”

Girish (*ao médico*): “Agora o senhor está cometendo o mesmo erro. Acusa todos de serem egoístas, encontrando defeitos neles. Por esta razão pode, também, ser acusado de egoísmo.”

Dr. Sarkar permaneceu em silêncio.

Narendra (*ao médico*): “Nós lhe oferecemos adoração como é a um ser divino.”

A estas palavras o Mestre riu como uma criança.